

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Faculdade de Ciências e Letras
Campus Araraquara – São Paulo

MARCUS GARCIA DE SENE

A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade:

efeitos da duração de /s/ e
do *pitch* médio



ARARAQUARA – SP

2022

MARCUS GARCIA DE SENE

A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do *pitch* médio

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciência e Letras da UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Dra. Gladis Massini-Cagliari

Coorientador: Dr. Ronald Beline Mendes

Bolsa: CAPES

S475p

Sene, Marcus Garcia de

A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade : efeitos da duração de /s/ e do pitch médio / Marcus Garcia de Sene. -- Araraquara, 2022

214 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Gladis Massini-Cagliari

Coorientadora: Ronald Beline Mendes

1. Percepção sociolinguística. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4. Linguagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARCUS GARCIA DE SENE

A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade:

efeitos da duração de /s/ e
do *pitch* médio

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciência e Letras da UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientadora: Dra. Gladis Massini-Cagliari

Coorientador: Dr. Ronald Beline Mendes

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 26/05/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: **Dra. Gladis Massini-Cagliari**
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Membro Titular: **Dra. Elisa Battisti**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Membro Titular: **Dr. Paul O'Neill**
University of Sheffield – Inglaterra

Membro Titular: **Dra. Rosane de Andrade Berlinck**
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Membro Titular: **Dra. Juliana Bertucci Barbosa**
Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico esta Tese à minha Mãe, mulher guerreira e cheia de coragem; e que nunca desistiu da vida mesmo diante de tantas adversidades.

Também a dedico ao meu Pai, que me ensinou a ser Homem, ter garra e coragem.

Agradecimentos

Aos leitores, início esse agradecimento me desculpando por me alongar nessa parte, mas há muito a se agradecer e eu não poderia deixar de registrar palavras especiais para todos aqueles que fizeram desse sonho realidade.

Esta tese é resultado de um longo percurso, de muito amadurecimento e apoio incomensurável de muitas pessoas. Primeiramente, agradeço à minha mãe, Sandra Regina, por me ensinar a nunca desistir, por ter lutado sempre pelos seus sonhos e me inspirar a buscar por aquilo que almejo. Mesmo nos momentos mais difíceis que passamos nesses quatro anos, você nunca deixou de me incentivar, obrigado. Ao meu pai, José Manoel, um agradecimento especial, o Senhor também é responsável por esta jornada, me ensinou a lidar sabiamente com os meus problemas e se tornou um exemplo para mim de caráter e generosidade. Ao Bernardo, meu padrasto, obrigado por ser sempre tão gentil e me apoiar nos caminhos que busquei trilhar. Você é um grande homem, de quem gosto e a quem respeito muito. Também queria deixar meu agradecimento à Patricia, minha madrasta, sem o apoio dela com o meu pai, nos momentos mais difíceis desses quatro anos, esta tese não se finalizaria. Serei sempre grato a tudo que você já fez pelo bem-estar do meu pai.

Ao meu irmão Matheus, meu gêmeo, obrigado por ser minha outra metade, por ser tão dedicado aos seus propósitos; sua força de vontade é um exemplo para mim. Amo você incondicionalmente. À minha irmã, Iara: sinto tanto orgulho de você, tão jovem, tão sábia, tão generosa; às vezes me pego aprendendo com você; sua simplicidade é admirável. Obrigado por me trazer tanto entretenimento nos momentos em que eu só precisava descansar e relaxar. À Larissa, minha irmã pequerrucha: você ainda é muito pequena para entender que seu sorriso é remédio para qualquer coração partido. Eu mesmo já fui recarregado várias vezes com o seu sorriso. Receber seus vídeos, quando eu estava longe, era momento de muita diversão e carinho.

Ao Neto Veloso, meu companheiro, pelo amor cotidiano e por ser minha luz e fonte de equilíbrio quando tudo parecia escuro demais. Agradeço por sempre me apoiar e por horas a fio ficar sentado comigo, tentando entender tudo que estou fazendo; obrigado por fingir ser plateia e me ouvir falar sobre assuntos que às vezes soavam tão complexos, mas que seu otimismo sempre me fazia superar. Obrigado também por ser tão apaixonado por aquilo que eu faço; sua admiração pelas coisas que eu faço me dá força para continuar.

À Leleia, minha melhor amiga, a quem tenho muito a agradecer, especialmente por valorizar e cultivar nossa amizade que perdura há mais de vinte anos. Com você aprendo, cotidianamente, que o verdadeiro amor de uma amizade perdura independente do tempo ou da distância. Te amo. Ao Johny Matos, por ser meu melhor amigo, mesmo eu estando sempre tão distante; obrigado por tentar me ajudar sempre com as adversidades da minha pesquisa, por ser um bom ouvido quando preciso conversar, além da generosidade de sempre fazer qualquer coisa que está ao seu alcance para me ajudar. Você é incrível e faz parte desta história. À Bruna, que, da graduação para vida, tem sido alguém com quem compartilhei muitos sorrisos e lágrimas. Obrigado por ser tão especial, caridosa, e fazer sempre questão de estar presente em todos os momentos especiais da minha vida. Nossa conexão é algo que vou manter para sempre, você é luz. À Juliana Minaré, minha irmã de outra encarnação, obrigado por tudo, pelo tempo em que moramos juntos, pelo amor incondicional, pelas longas horas de conversa entre um café e um bolo. Obrigado por compartilhar o peso dessa vida adulta e a vida da pós-graduação, que não é fácil.

Também agradeço ao Caio, que, mesmo após o mestrado, mantém um carinho especial pela nossa amizade e tem feito o que sabe fazer de melhor: compartilhar conhecimento. Obrigado por ser esse professor inspiração. Fico cheio de orgulho de você! À Carol Biazolli, meu par de vaso, que só floresce, cheio de vida e carinho. Agradeço muito pela atenção especial que você tem comigo, pela paciência em me guiar pelos caminhos das pedras, além de toda risada. Agradeço por ter me dado a chance de compartilhar os bons momentos dessa vida acadêmica com você, sem contar de todos os *tours* gastronômicos que você já me oportunizou nessa trajetória. À Milena, que, da pós-graduação, levarei para toda a vida, com muito carinho; obrigado por ter sempre paciência com meus atrasos e estar sempre disposta a me ajudar com as demandas acadêmicas. Também registro meu agradecimento especial à Silvia Brandão, parceira acadêmica, que me acolheu em Araraquara e que está sempre ao meu lado, topando todas as aventuras acadêmicas, das mais ousadas às mais prazerosas. Não posso deixar de registrar meus agradecimentos ao Eliabe Procópio, que se tornou um grande parceiro de pesquisa e um excelente interlocutor, com quem tenho aprendido muito sobre a carreira acadêmica, mas também sobre o valor da amizade. Vocês todos são amigos especiais para mim.

À professora Gladis, minha orientadora, obrigado por ser um modelo a ser seguido. Sem a sua generosidade e humildade, eu jamais conseguiria ter feito esta tese. Obrigado por sempre me incentivar, por ter topado entrar nessa empreitada comigo, mesmo quando a minha ideia do que poderia ser esta tese ainda era permeada de incerteza. Obrigado por transformar a relação orientador-aluno em tão prazerosa e cheia de palavras de afeto.

Ao Ronald, obrigado por topar coorientar essa tese; sua diligência foi fundamental e me ensinou muitas coisas, não só sobre a pesquisa em si, mas sobre o meu desenvolvimento pessoal. Obrigado por toda a força.

Agradeço aos professores de Linguística da UNESP, em especial à professora Rosane, que se tornou uma parceria importante na minha trajetória acadêmica. Obrigado por compartilhar comigo o seu amor pela sociolinguística e o seu amor por Labov. Obrigado por me incluir sempre em todas as instâncias, como se eu também fosse seu orientando. Esse carinho, ao longo desta trajetória, faz toda a diferença. Também registro meus agradecimentos especiais à professora Livia Oushiro, pelos ensinamentos de estatística e por toda a gentileza acadêmica. Você é um exemplo a ser seguido, sua generosidade com os colegas é louvável. Muito obrigado por toda a sua disponibilidade. Agradeço também o professor Leônidas, pelos inúmeros áudios em que compartilhava comigo todo seu conhecimento sobre fonética. Sem sua ajuda esta tese, certamente, não poderia ter sido defendida.

Aos membros do Grupo de Pesquisa em Sociolinguística de Araraquara (SoLAR) obrigado por toda parceria ao longo desses anos. Obrigado por sempre acolherem minhas ideias e me ouvir falar sobre linguística e sociolinguística. Compartilhar momentos com vocês é o que faz a pós-graduação e o trabalho em equipe ter sentido.

Aos membros da banca, Elisa, Paul, Rosane e Juliana, obrigado por toparem participar deste momento tão importante para a minha formação. Tenho certeza de que as contribuições serão todas valiosas e devidamente incorporadas na versão final deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Esta tese é resultado de uma pesquisa sociolinguística que trata do efeito de duas variáveis linguísticas – a duração de /s/ em coda final e o *pitch* médio – na percepção de quão masculino soa um determinado homem. Em outras palavras, o objetivo é verificar se perceber um homem como alguém que soa menos masculino está correlacionado a percebê-lo como um homem que soa mais gay. Trata-se, portanto, de uma tese que se insere no campo das relações entre linguagem, gênero e sexualidade. Para o atendimento do objetivo proposto, desenvolveram-se experimentos, com base na técnica de *matched-guise* (LAMBERT *et. al.*, 1960), a fim de compreender de que modo a alteração do *pitch* médio (de original – F^0 mais baixo, para voz mais aguda - F^0 mais alto) e da duração de /s/ (de original para mais longo) afeta a percepção de vozes masculinas, em termos de gênero e sexualidade.

Primeiramente, as variáveis aludidas foram testadas isoladamente, ou seja, cada uma em um experimento diferente; após isso, foram combinadas no mesmo experimento, com o objetivo de avaliar se elas se potencializam mutuamente na indiciação do soar (mais ou menos) gay/masculino, ou se elas têm efeitos que são independentes. No tocante ao experimento da duração de /s/ em posição de coda final, os estímulos foram criados no *Praat* (BOERSMA, WEENINK, 2015), e duas versões do mesmo trecho foram geradas: uma em que todos os *tokens* de /s/ permaneceram originais (0.07 a 0.13 milissegundos) e outra em que a duração de /s/ de todos os *tokens* foi digitalmente alongada para 0.27 a 0.32ms. Os resultados gerais mostram que a duração de /s/ em posição de coda final tem efeito na percepção de quão masculino e quão gay soam os falantes que foram recrutados para participar da pesquisa. Em outras palavras, quando os falantes eram ouvidos em seu disfarce cuja duração de /s/ foi alongada digitalmente, todos eles foram percebidos como homens que soam mais gays e menos masculinos.

De igual modo, em relação à variável *pitch* médio, criaram-se dois disfarces: um com o valor do *pitch* original e outro com o valor alterado em +30Hz. Sete dos oito falantes recrutados para o experimento tiveram sua percepção alterada quando ouvidos em seu disfarce em +30Hz, o que significa dizer que eles foram percebidos como homens que soam mais gays e menos masculinos.

No experimento em que ambas as variáveis foram combinadas, os resultados gerais atestaram que, quando combinado *pitch* médio +30Hz e duração de /s/ alongada digitalmente, a percepção de gênero e sexualidade é potencializada. Do ponto de vista estatístico, o tamanho do efeito (\hat{r}) é maior quando essas variáveis são ouvidas em conjunto. Sendo assim, todos os oito falantes utilizados nesse experimento soaram mais gays e menos masculinos diante dos disfarces em que as variáveis foram combinadas. Esses resultados apontam para uma coesão social dos participantes da pesquisa no modo como eles avaliam as variáveis em questão. Nesse sentido, é possível concluir que essas variáveis estão ligadas a um certo esquema ideológico, sendo-lhes conferido significados sociais, significados esses que as tornam socialmente identificáveis.

Palavras-chave: Percepção sociolinguística; gênero; sexualidade; linguagem

Abstract

This thesis is the result of a sociolinguistic research that deals with the effect of two linguistic variables - the duration of /s/ in final coda position and the average *pitch* - on the perception of how masculine a man can sound. In other words, the objective is to examine whether perceiving a man as someone who sounds less masculine is correlated to perceiving him as a man who sounds gayer. It is, therefore, a thesis that is inserted in the field of relations between language, gender, and sexuality. To meet the proposed objective, experiments were developed, based on the *matched-guise* technique (LAMBERT *et. al.*, 1960), in order to understand how changes in *pitch* (from original – lower F^0 , for higher voice - F^0 higher) and duration of /s/ (from original to longer) affect the perception of male voices, in terms of gender and sexuality.

First, the mentioned variables were tested separately, that is, each one in a different experiment; after that, they were combined in the same experiment, with the objective of evaluating if they are mutually potentiated in the indexicality of sounding (more or less) gay/masculine, or if they have effects that are independent. Regarding the experiment of duration of /s/ in final coda position, stimuli were created in Praat (BOERSMA, WEENINK, 2015), and two versions of the same passage were generated: one in which all tokens of /s/ remained original (0.07 to 0.13 milliseconds) and another where the duration of /s/ of all tokens was digitally lengthened to 0.27 to 0.32ms. Overall results show that the duration of /s/ in final coda position influences the perception of how masculine and how gay the speakers who were recruited to participate in the research sounded. In other words, when speakers were heard in their disguise whose /s/ duration was digitally lengthened, they were all perceived as more gay-sounding, less masculine-sounding men.

Likewise, in relation to the average pitch variable, two guises were created: one with the original *pitch* value and another with the value changed by +30Hz. Seven of the eight speakers recruited for the experiment had their perception altered when heard in their guise at +30hz, which is equivalent to say that they were perceived as more gay-sounding and less masculine men.

In the experiment in which both variables were combined, the general results attested that, when combined +30Hz average pitch and digitally lengthened /s/ duration, the perception of gender and sexuality is enhanced. From a statistical point of view, the effect size (\hat{r}) is larger when these variables are heard together. Thus, all eight speakers used in this experiment sounded more gay and less masculine in the face of the disguises in which the variables were combined.

These results point to a social cohesion of the research participants in the way they evaluate the variables in question. In this sense, it is possible to conclude that these variables are linked to a certain ideological scheme in a way that gives them a high symbolic value, a value that makes the variables socially identifiable.

Keywords: Sociolinguistic perception; gender; sexuality; language

Lista de Figuras

0.1	Discursos metalinguísticos sobre “soar gay”	18
1.1	Texto desenvolvido para o estudo de reação subjetiva	31
1.2	Campo indicial de (-r) em São Paulo	43
1.3	Campo indicial da soltura de /t/ em inglês americano	48
2.1	Apresentação dos estímulos por ordem	77
3.1	Diagrama esquemático da consoante fricativa alveolar	85
3.2	Exemplo da fricativa /s/ em posição final manipulada, sendo (a) /s/ original e (b) /s/ manipulado	90
3.3	Escalas de diferenciais semânticos	94
3.4	Estereótipos envolvendo o ‘timbre’ das vozes femininas e a sua relação com autoridade/sucesso profissional	98
3.5	Página inicial do teste de percepção	99
3.6	Gráfico de frequência dos participantes por sexo	100
3.7	Histograma ilustrativo da variação etária	100
3.8	Gráfico de frequência dos participantes por escolaridade.....	101
3.9	Dispersão geral dos dados	102
3.10	Screepplot do PCA das respostas dadas pelos ouvintes.....	103
3.11	Gráfico da direção da correlação	104
3.12	Dispersão das respostas dos participantes por falante de acordo com o estímulo ouvido	107
3.13	Dispersão das respostas de Homens e Mulheres agrupadas por estímulo ouvido	111
3.14	Dispersão das respostas da variável orientação sexual por estímulo ouvido	112
3.15	Dispersão das respostas da variável ‘se tem amigos gays’ sexual por estímulo ouvido	113
4.1	Diagrama da seleção dos informantes	117
4.2	Tela do PRAAT com exemplo do mapeamento do segmento auditivo	122
4.3	Boxplot com os valores da f^0 por falante	124
4.4	Síntese das respostas dadas à escala “quão agudo ou grave soa determinada voz”	126
4.5	Nuvem de palavras associada à pergunta “qual a possível origem geográfica dos falantes?”	127
4.6	Boxplot dos valores de f^0 dos falantes selecionados	128
4.7	Janela de Manipulação do PRAAT	130
4.8	Informações gerais sobre a tarefa a ser realizada	135
4.9	Nuvem de palavras associada à pergunta “o que você é capaz de ‘dizer’ sobre essa pessoa (características físicas e sociais) apenas ouvindo esse trecho da gravação?”	136
4.10	Escalas de diferenciais semânticos do experimento sobre o <i>pitch</i> médio	137
4.11	Caixa de seleção com características sociais	138

4.12	Tela inicial do experimento	139
4.13	Dispersão geral das respostas da CE 1 e da CE 2 nas escalas de gênero e sexualidade	140
4.14	<i>Screeplots</i> dos PCAs das duas condições experimentais	142
4.15	Gráfico da direção da correlação das condições experimentais 1 e 2	144
4.16	Dispersão das respostas dos participantes por falante de acordo com o estímulo ouvido	147
4.17	Dispersão das respostas de homens e mulheres agrupadas por estímulo ouvido	152
4.18	Dispersão das respostas da variável Escolaridade agrupadas por estímulo ouvido	153
4.19	Dispersão das respostas da variável Orientação Sexual agrupadas por estímulo ouvido	154
4.20	Dispersão das respostas da variável Estado agrupadas por estímulo ouvido	157
4.21	– Dispersão das respostas da variável Amigos Gays agrupadas por estímulo ouvido	159
4.22	– Dispersão das respostas da variável Amigos Gays agrupadas por estímulo ouvido	159
5.1	- Diagramas composicionais das personae “doutor zeloso” e “diva gay” construídas por Heath em duas situações – no consultório médico em que atende pacientes e num churrasco com amigos, respectivamente (adaptado de Podesva 2007b com tradução proposta por Mendes 2018)	163
5.2	– Tela do site de coleta das respostas.....	172
5.3	– Exemplo da coleta de tempos e quantidade de vezes que o estímulo foi ouvido....	173
5.4	– Tempo em segundos para responder a cada estímulo.....	174
5.5	– Quantidade de vezes que os estímulos foram ouvidos.....	175
5.6	– Questionário.....	176
5.7	– Dispersão das respostas dos participantes por falantes de acordo com o estímulo ouvido.....	180
5.8	– Dispersão das respostas sobre a voz do Neto	185
5.9	– Dispersão das respostas no tocante ao sexo dos respondentes.....	187
5.10	– Dispersão das respostas no tocante à orientação sexual dos falantes.....	190

Lista de Tabelas

3.1	Correlações entre as respostas nas sete escalas	106
3.2	Resultados do Modelo de Regressão de Efeitos Mistos para o CP Gênero/Sexualidade com inclusão de variáveis sociais	110
4.1	Perfil social dos respondentes do questionário	145
4.2	Componentes Principais das respostas dadas pelos ouvintes ao experimento (variação Promax)	146
4.3	Resultados do Modelo de Regressão de Efeitos Mistos para o CP Gênero/Sexualidade com inclusão de variáveis sociais	150
5.1	Perfil social dos respondentes do questionário	177
5.2	Componentes Principais das respostas dadas pelos ouvintes ao experimento (variação Promax)	178
5.3	Resultados do Modelo de Regressão de Efeitos Mistos	185

Lista de Quadros

1.1	Distribuição dos estímulos de (-r) em dois grupos	43
2.1	Estímulos criados por Levon (2006, 2007)	77
2.2	Estímulos elaborados por Mendes (2020)	82
2.3	Organização dos estímulos elaborados por Mendes (2020)	83
3.1	Estímulos selecionados para manipulação no <i>Praat</i>	92
3.2	Organização dos estímulos	92
4.1	Trechos manipulados	131
4.2	Design do experimento do <i>pitch</i> médio	134
5.1	Desenho experimental	165
5.2	Trechos Manipulados	169

Sumário

Introdução	16
1 Percepção sociolinguística	26
1.1 Por que estudar a percepção sociolinguística?	33
1.2 Indicialidade e registro	40
1.3 Resumo da seção	52
2 Linguagem, gênero e sexualidade	53
2.1 “Percebendo” gênero e sexualidade	64
2.2 Resumo da seção	84
3 Efeitos da duração de /s/ na percepção de gênero e sexualidade	85
2.1 O experimento	88
2.2 Resultados	102
2.3 Síntese.....	115
4 Efeitos do <i>pitch</i> médio na percepção de gênero e sexualidade	117
4.1 Passo pré-experimento.....	122
4.2 A preparação do experimento	128
4.3 O questionário	135
4.4 Modelagem do experimento	139
4.5 Resultados	146
4.6 Síntese	160
5 Combinando variáveis: <i>pitch</i> médio e duração de /s/	162
5.1 O desenho do experimento	165
5.2 A preparação dos estímulos	167
5.3 A plataforma de coleta.....	176
5.4 Perfil geral dos respondentes	178
5.5 Resultados	179
5.6 Síntese	193
6 Conclusão	194
Referências	201

Introdução

A presente tese de doutorado é o resultado de uma pesquisa sociolinguística sobre o efeito de duas variáveis linguísticas – a duração de /s/ em coda final e o *pitch* médio - na percepção de quão masculino soa um determinado homem. Considerando que trabalhos anteriores (LEVON, 2006, 2007; PODESVA, 2011; CAMPBELL-KIBLER, 2011,) verificaram que “soar menos masculino” pode equiparar-se a “soar gay”, trata-se de uma tese que se insere no campo das relações entre linguagem, gênero e sexualidade. Assim, o interesse central aqui não é explorar se homens gays e heterossexuais teriam vozes “essencialmente” diferentes (“homem gay fala de um jeito *porque é gay*; homem heterossexual fala de outro jeito *porque não é gay*”). Tal proposta estaria equivocada em virtude do estereótipo essencialista sobre a linguagem: a variação linguística na fala de um indivíduo não é um reflexo passivo de sua categorização social (não só com base em gênero e sexualidade, mas também em classe socioeconômica, origens regionais, escolaridade, idade, etc.). Diferentemente, nosso objetivo é verificar se a duração de /s/ final e o *pitch* médio estão entre as variáveis linguísticas que se correlacionam à percepção de que um homem soa mais ou menos masculino, mais ou menos gay. De fato, interessa também verificar se perceber que um homem soa menos masculino está correlacionado a percebê-lo como um homem que soa mais gay. Ainda que tal correlação já tenha sido verificada em outros trabalhos de outras línguas como o inglês, tal como já se mencionou anteriormente, convém analisá-la à luz das variáveis linguísticas em questão, com dados do português.

Nesse sentido, desenvolveram-se experimentos a fim de compreender de que modo a alteração do *pitch* médio (de original – F^0 mais baixo, para voz mais aguda – F^0 mais alto) e da duração de /s/ final (de

original para mais longo) afeta a percepção de vozes masculinas, em termos de gênero e sexualidade. Primeiramente, essas variáveis foram testadas isoladamente e, depois, combinadas em um mesmo experimento, com o objetivo de avaliar se elas se potencializam mutuamente na indicação do soar (mais ou menos) gay/masculino, ou se elas têm efeitos independentes. A combinação dessas duas variáveis em um mesmo experimento de percepção se justifica, por exemplo, por perguntas como esta: diante de um valor alto de F^0 (voz mais aguda), um homem soaria mais gay/menos masculino independentemente da duração de /s/? Além disso, Eckert (2016) (entre outros) reforça que a significação social da variação linguística não se constrói por meio de variantes de variáveis isoladas; assim, além de verificar, isoladamente, o efeito do pitch médio e da duração de /s/ na percepção de vozes masculinas, um experimento cujos estímulos auditivos são definidos por ambas as variáveis permite discutir se e como elas interagem na indicação de gênero/sexualidade.

Uma das motivações para o trabalho de percepção com essas duas variáveis vem dos trabalhos em que sociolinguistas e sociofoneticistas verificaram que elas funcionam como índices de gênero e sexualidade (GAUDIO, 1994; LINVILLE, 1998, ROGERS; HENRY; SMYTH, 2003, MUNSON; MCDONALD; DEBOE; WHITE, 2006, LEVON, 2006, 2007, PODESVA, 2011, CAMPBELL-KIBLER, 2011, TRACY; BAINTER; SANTARIANO, 2016). Entretanto, a grande maioria dessas pesquisas foram realizadas em países anglófonos, ao passo que esse tipo de investigação ainda não havia sido desenvolvido no Brasil, com estímulos em português.

Adicionalmente, avaliações estereotípicas sobre como soa ou “deve soar” um homem também constituem o ímpeto para o presente trabalho. A Figura 1 traz trechos de comentários metalinguísticos que se referem à pronúncia de /s/ e *pitch*, no que toca a percepções acerca de gênero e sexualidade.

Figura 0.1 – Discursos metalinguísticos sobre “soar gay”

The figure displays four screenshots of questions and answers from Yahoo Respostas, all related to the topic of 'soar gay' (sounding gay).

- Top Left:** A question by user 'tuco' asking 'porque os Gays Homens falam querendo afinar a voz?' (why do gay men talk wanting to tune their voice?). The answer explains that many gay men talk with a higher pitch or use the word 'BICHANDO' to sound more feminine.
- Top Right:** A question by an anonymous user asking 'Por que a maioria dos gays falam a letra s das palavra chiando?' (Why do most gays talk with the letter s in words sounding gay?). The answer is 'No entendo...' (I don't understand...).
- Bottom Left:** A question by an anonymous user asking 'Minha voz é fina significa q sou gay?' (My voice is thin means I am gay?).
- Bottom Right:** A question by an anonymous user asking 'Por que alguns gays dá mais atenção pro s: meninosssss, passsssadaaa?' (Why do some gays pay more attention to the s: boysssss, passsssadaaa?). The answer explains that many people use a 'sotaque' (accent) with a long 's' sound, which is a stereotype.

Fonte: Yahoo Respostas

Nesses trechos de comentários metalinguísticos, desenvolvidos por usuários da Internet, notam-se tentativas de definir, linguisticamente, o que é “ser gay” ou “soar gay”. Nesta introdução, não vamos discutir a diferença entre “ser” e “soar” (cf., contudo, vejam-se Mendes (2018) e a seção 1 a seguir). Aqui, interessa ilustrar que a pronúncia da coda /s/ e a variação no *pitch* médio fazem parte dos discursos e estereótipos sociolinguísticos sobre gênero e sexualidade em português.

Com vistas à delimitação da pesquisa, não integram seu escopo nem “/s/ chiado” nem /s/ alongado no ataque silábico (respectivamente sugeridos por “letra s chiando” e “passsssada”, em dois dos comentários na Figura 0.1); em termos de duração de /s/, os estímulos definidos por essa variável limitam-se ao contexto final de palavras (“meninosssss”) – tal como já mencionamos anteriormente e tal como as seções 3 e 5 descrevem.

Se, por um lado, esses discursos metalinguísticos nos fornecem pistas para a pesquisa sobre percepção de vozes masculinas no que toca a gênero e sexualidade, por outro, deve se considerar, com Labov (1966 [2006] p. 266), que o atual desafio é levar nosso falante/ouvinte a um

comportamento avaliativo que se possa analisar quantitativamente, uma vez que os ouvintes nem sempre apresentam um “vocabulário de termos socialmente significativos com os quais nossos informantes possam avaliar a fala para nós.” LABOV, 1966 [2006], p. 266)[tradução própria]¹.

Desse modo, ao testar o efeito de elementos linguísticos específicos na percepção de quão gay e masculino soa um determinado homem, esta tese não só quantifica o comportamento avaliativo dos respondentes, como também acessa suas reações subjetivas de maneira sistemática, para então cotejá-las aos discursos metalinguísticos exemplificados na Figura 1. Também segundo Levon (2006), “a única maneira de determinar quais características ou combinações de características indiciam [gênero e sexualidade] para os ouvintes é continuar conduzindo experimentos que se dedicam a variáveis linguísticas específicas” (LEVON, 2006, p. 69)[tradução própria]².

Muitas das crenças e associações relacionadas a fatos linguísticos, como os mencionados acima, vêm sendo explorados de um ponto de vista experimental, mas não foi sempre assim. Labov (2006 [1966]) é um dos primeiros pesquisadores que parte de intuições populares para a investigação empírica (não experimental) e legitima a investigação de tais intuições, já que, em *Language in the Inner City* (1975), busca avaliar problemas relacionados à leitura e suas implicações teóricas³.

Neste ponto, vale lembrar que a consciência acerca de variáveis linguísticas não é o que garante a associação de significado social a elas. Muito embora os falantes possam identificar elementos linguísticos na fala de homens que contribuem para que eles sejam avaliados como homens

¹ Trecho original: *There is no vocabulary of socially meaningful terms with which our informants can evaluate speech for us.* (LABOV, 1966 [2006], p. 266)

² Trecho original: *“the only way to determine which features and combinations of features come together to index gayness for listeners is to continue conducting experiments that isolate specific linguistic variables”* (LEVON, 2006, p. 69)

³ Essa investigação se deu a partir de discursos linguísticos populares de que os falantes negros (da variedade *African American Vernacular English*) “não poderiam/saberiam falar o inglês padrão” e/ou “que existia uma suposta deficiência linguística só pelo fato de serem negros”.

que soam gay, isso não depende necessariamente da consciência acerca desses elementos linguísticos, mas envolve (i) as crenças sobre como os homens devem soar quando falam e (ii) o registro (*enregistrement*) (AGHA, 2003) desses fenômenos. No que se refere ao primeiro aspecto, a visão do que é 'ser homem', no ocidente, é uma *doxa*⁴, em termos de Bourdieu (2002), uma vez que se tornou um conhecimento 'naturalizado' na sociedade, pré-moldado e, sobretudo, herdado inconscientemente.

Esse conhecimento reflete o que se conhece como o modelo hegemônico do que é 'ser homem' (CONNEL, 1995), de acordo com o qual o homem deve ser uma figura de poder, virilidade, força e inflexível, enquanto a mulher é frágil, doce, delicada e flexível. Ainda na configuração do *default* do que é 'ser homem', encontra-se a dimensão da masculinidade que precisa ser mantida e assegurada a partir de práticas como 'não chorar', 'falar grosso', 'ser ativo', 'ser autoritário' etc. Todos esses aspectos são responsáveis, portanto, pela criação da expectativa de como um homem deve soar quando fala, além de atuar como um modelo regulador das práticas de socialização do homem, o que consequentemente contribui para a sustentação da *doxa* (BOURDIEU, 2002). À medida em que se desenvolve uma crença sobre como um determinado homem deve soar ao falar, vários elementos linguísticos podem aparecer como potenciais formas de soar masculino, inclusive elementos que distinguem os homens das mulheres, como é o caso da variação da frequência fundamental (F^0) – aqui estudada pelo seu correlato perceptual, o *pitch*.

À medida que relações indiciais começam a ser reconhecidas e reproduzidas por meio de discursos metalinguísticos, como é o caso da

⁴ *Doxa* é usada em Bourdieu em sua descrição e explicação das práticas, atitudes e conceitos que são naturalizados nas sociedades tradicionais a partir de uma perspectiva fenomenológica. *Doxa* refere-se ao conhecimento intuitivo pré-reflexivo moldado pela experiência e herdado inconscientemente; é "um conjunto de crenças fundamentais que nem precisa ser afirmado na forma de um dogma explícito e autoconsciente" (BOURDIEU, 2002, p. 16). Trata-se de conhecimentos estabelecidos por meio de crenças ou opiniões aparentemente naturais que, calcadas em relações de dominação não abertamente reconhecidas na sociedade e, portanto, reproduzidas pelas práticas sociais cotidianas.

relação indicial entre o tom de voz (F^0) e a percepção de soar gay e menos masculino, este uso linguístico se torna um registro, nos termos de Agha (2003). Para o autor, trata-se de um “processo pelo qual um repertório linguístico (ou uma forma linguística) passa a ser diferenciável dentro de uma língua como um registro de formas reconhecidas socialmente” (AGHA, 2003, p. 231)[tradução própria]⁵. Esse registro corresponde, então, a um repertório linguístico associado a práticas sociais particulares que podem ou não ser associadas às pessoas que se engajam nessas práticas.

Dessa forma, a investigação do significado social das variantes de uma certa variável não depende de que ocorram comentários que façam alusão a usos linguísticos específicos. Do mesmo modo que os estudos de produção sociolinguística não podem ser tomados como “evidências diretas na compreensão do significado social de um determinado fenômeno” (MENDES, 2018, p. 50), os discursos metalinguísticos, embora forneçam um apoio para a investigação do complexo sistema sociossemiótico da significação social da variação linguística, não são condição *sine qua non* para o mapeamento de tal sistema.

Ao analisar o efeito da duração de /s/ final e do *pitch* médio na percepção de vozes masculinas, esta pesquisa também ajuda a responder uma pergunta mais abrangente que, de certo modo, circunscreve a área: “que elementos linguísticos contribuem para avaliação de que um certo homem soa gay?”. Junta-se, assim, a outros trabalhos, que se dedicaram a essa empreitada à luz de variáveis sociolinguísticas, tais como: a concordância nominal (MENDES, 2007; 2018), a pronúncia de /e/ nasal (MENDES, 2018), a duração das vogais orais tônicas /a/, /ε/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/ (BARBUIO, 2016), o *pitch* médio (GAUDIO, 1994, ROGERS; HENRY; SMYTH, 2003, LEVON, 2007) e a duração de /s/ (MUNSON, 2007).

As pesquisas variacionistas mais recentes estão adicionando novas formas de interpretar a variação linguística e, entre elas, destacam-se os métodos experimentais, com o objetivo de sistematizar a relação indicial

⁵ Trecho original: “processes through which a linguistic repertoire becomes differentiable within a language as a socially recognized register of forms” (AGHA, 2003, p. 231)

entre uma forma linguística e significados sociais potenciais. Contudo, esta não é uma exclusividade das tendências atuais da sociolinguística, dado que os estudos clássicos já reconheciam a importância da percepção e das ideologias acerca da linguagem. Um exemplo é o próprio estudo de Labov (2006 [1966]) sobre Martha's Vineyard, que examinou as atitudes/ideologias locais dos moradores da ilha no sentido de explicar a centralização dos ditongos como em 'house' /aʊ/ e /right /ay/. No entanto, o número de estudos sociolinguísticos que tomaram a significação social da variação como um ponto central de investigação é bem menor do que o número de estudos acerca da produção linguística em comunidades urbanas. Isso também se observa na sociolinguística brasileira, conhecida pela sua "operacionalização de bancos de dados linguísticos" (FREITAG, 2016).

Mais recentemente, os pesquisadores passaram a valorizar os estudos de percepção por eles serem capazes, também, de identificar quais pistas linguísticas os ouvintes usam para identificar os falantes (CLOOPER; PISONI, 2004); quais elementos linguísticos levam a julgamentos sociais específicos (LEVON, 2006, 2007); como os ouvintes armazenam informações sociais na mente (SUMNER; SAMUEL, 2009) e até de que modo e por quê a mudança linguística ocorre (HAY; DRAGER; WARREN, 2010). No presente trabalho, parte-se da hipótese de que certos elementos presentes no sinal linguístico, em estímulos sonoros experimentalmente organizados, podem afetar a percepção sociolinguística de ouvintes acerca da pessoa que fala (CAMPBELL-KIBLER, 2006; LEVON, 2006, 2007; MENDES, 2018). Assim, este estudo também contribui para a pesquisa de percepção sociolinguística, na medida em que investiga a relação entre formas linguísticas e significados sociais potenciais, além de sistematizar significados sociais para os quais tais formas podem apontar, "ainda que os falantes/ouvintes não tenham consciência de tais significados" (MENDES, 2018, p. 37), no momento da aplicação do experimento.

Ainda à guisa de introdução, convém esclarecer que o termo “percepção sociolinguística”, no sentido que acabamos de definir, não exclui procedimentos avaliativos nem atitudes e crenças linguísticas. Os termos “percepção” e “avaliação” podem ser empregados indistintamente, mas, aqui, quando se emprega o primeiro, faz-se referência à correlação entre a audição de um certo estímulo previamente preparado para fins experimentais e a imagem de pessoa que um ouvinte voluntário cria a partir de tal estímulo. Tal como vamos ver mais adiante, se um conjunto de ouvintes tende a criar uma certa imagem da pessoa que fala (mais masculino, menos gay, etc.) a partir da audição de um certo estímulo (definido por uma certa variável linguística ou um conjunto de variáveis), podemos afirmar que há uma correlação entre esta e aquela. É claro que, no momento da participação no experimento, o ouvinte faz avaliações (o falante soou mais ou menos masculino? Soou mais ou menos escolarizado? Parece uma pessoa alta ou baixa? – e assim por diante). Entretanto, estamos empregando o termo “percepção” de uma maneira específica. Outro exemplo de como “percepção” e “avaliação” podem ser empregados como termos que fazem referência a noções distintas pode ser visto em Oushiro (2015), que utiliza o segundo para se referir a respostas que falantes entrevistados oferecem quando o entrevistador lhes faz perguntas diretas sobre determinadas variantes linguísticas (por exemplo: “o que você acha desse jeito de falar: meu, você tá entendendo o que eu tô dizendo?”) (OUSHIRO, 2015, p. 63).

Esta tese se organiza em 5 seções. A primeira, a seguir, discute conceitos fundamentais acerca da percepção sociolinguística. A começar pela própria definição, a partir de Campbell-Kibler (2006; 2009), do que se entende por percepção, passa pela definição de significado social da variação linguística, indicialidade (SILVERSTEIN, 2003), campos indiciais (ECKERT, 2008) e registro (AGHA, 2003).

A seção 2 se concentra na discussão que envolve linguagem, gênero e sexualidade, definindo, primeiramente, o que se entende por gênero e sexualidade, além de explicitar de que modo eles se articulam e se

confundem na sociedade atual. Discutir esses aspectos é relevante para compreender por que incluir, conjuntamente, gênero e sexualidade como eixos de análise nos experimentos de percepção desenvolvidos. Apresenta-se também uma revisão sistemática dos trabalhos em linguística que tomaram gênero e sexualidade como objeto de suas investigações. Após essa revisão, o foco recai sobre os estudos de percepção de gênero e sexualidade, com uma breve revisão dos primeiros trabalhos que se debruçaram na investigação do tema até os mais atuais.

A seção 3 apresenta os resultados do experimento de percepção em que se manipula a duração de /s/ em posição de coda final, em trechos da fala de quatro homens (Carlos, Lucas, Robson e Jaime⁶). Estes trechos são extraídos de entrevistas sociolinguísticas coletadas pelo Projeto SP2010 (MENDES, 2011). Foram criadas duas versões desses trechos: uma na qual a duração de /s/ se mantém inalterada e outra com a duração de /s/ alongada. Esses estímulos foram avaliados por meio de algumas escalas de diferenciais semânticos (OSGOOD; SUCI; TANNENBAUM, 1957), entre as quais duas que correspondem à dimensão de gênero e sexualidade.

A seção 4, na mesma direção, apresenta os resultados de outro experimento sociolinguístico em que se manipula o *pitch* médio em trechos da fala de 8 falantes (Carlos, Lucas, Ricardo, Neto, Fred, Matheus, Johny e Vitor). Diferentemente do experimento anterior, cujos trechos para a criação dos estímulos foram extraídos do *corpus* SP2010, estes falantes foram contactados para a gravação de novos estímulos: um cujo *pitch* médio original seria mantido e outro cujo *pitch* médio foi alterado em +30Hz. Neste, os respondentes também avaliaram as vozes por meio de escalas de diferenciais semânticos e a descrição dos resultados contempla, tal como no anterior, as escalas de gênero e sexualidade. As diferenças no *design* desses experimentos serão descritas na seção 4.

A seção 5 apresenta o desenvolvimento e discute os resultados do

⁶ Pseudônimos estabelecidos pelo Projeto SP2010 (MENDES, 2013).

experimento de percepção em que se combinam as variáveis *pitch* e duração de /s/. Os falantes cujas vozes se utilizaram nesse experimento são os mesmos daquele reportado na seção 4. Para verificar se o efeito das variáveis nas respostas dos ouvintes são independentes ou se elas se potencializam mutuamente, criaram-se dois conjuntos de estímulos: um, no qual o *pitch* é original, mas em que os estímulos diferem na duração de /s/ (original e longo); e outro, no qual todos os estímulos têm *pitch* +30Hz. Ou seja, o design é intra-sujeito para a duração de /s/ e inter-sujeito para *pitch*. Os participantes deste experimento preencheram o mesmo tipo de formulário utilizado naquele que focalizou *pitch* médio (seção 4).

Ao final, a conclusão sumariza e discute os resultados principais desses experimentos, bem como o que eles representam para os estudos nessa área.

1

Percepção sociolinguística

Imagine que você ouviu um locutor novo em um programa de rádio ou que recebeu um telefonema de alguém desconhecido. Nos dois casos, você não tem acesso à aparência da pessoa que fala. Você apenas ouve suas vozes e, em ambos os casos, elas não só o convidam a processar o que é dito (informação linguística), mas também como se diz (paralinguística) e quem diz (extralinguística). Uma voz permite não só identificar o sexo de quem fala, mas também possibilita perceber algumas informações (socio)geográficas, como de onde ela é, se é estrangeira ou não, qual sua possível idade, etc. Além disso, informações sobre o estado emocional ou psicológico do falante (se soa nervoso, ansioso, animado, por exemplo), também podem ser captadas. Não se trata de identificar “corretamente” essas informações. Trata-se de considerar quais informações, além daquelas que são especificamente referenciais, são veiculadas pela voz de quem fala.

O processamento de informações como a região “de onde a pessoa é” só é possível graças a mecanismos cognitivos acionados a partir do reconhecimento de um ou mais elementos linguísticos. Mais concretamente, em todas as conversas, marcas de variação (socio)linguística aparecem na fala e, a partir delas, somos capazes de inferir informações, como, por exemplo, de que região o falante é ou parece ser. De fato, a experiência dos falantes com variantes linguísticas é diária, e isto inclui categorização social (região dialetal, classe social, sexo, gênero e classe social); assim, pode-se dizer que as representações mentais de variantes linguísticas trazem consigo informações de natureza social.

Com vistas a nos orientar em meio a tanta informação veiculada pelas variantes linguísticas, necessitamos de uma estruturação dos *inputs*

auditivos e, sobretudo, nos concentrarmos naqueles *inputs* que têm mais informações, sejam elas referenciais ou não (JEKOSCH, 2005). Uma vez que fonemas são abstrações linguísticas e não entidades físicas (CLEARY; PISONI, 2001, p. 508), a interpretação deles ultrapassa nossa capacidade de ouvir, afinal, envolve, também, nossa “bagagem do que já foi experienciado, aprendido e reconhecido” (JEKOSCH, 2005, p. 55)[tradução própria]⁷. A compreensão do papel da percepção no processamento de informação tem sido um esforço multidisciplinar que inclui áreas como a psicolinguística, a sociolinguística, a psicofísica e a inteligência artificial. Na sociolinguística, o termo “percepção” é frequentemente usado para fazer referência a crenças ou ideologias que as pessoas detêm acerca de um determinado tópico (CAMPBELL-KIBLER, 2010a). Na Dialetoлогия Perceptual (PRESTON, 1989), por exemplo, o uso do termo “percepção” tem esse sentido, uma vez que interessa aos pesquisadores de tal área investigar/acessar as ideologias que perpassam os falantes na compreensão da variedade linguística regional.

Muito embora a dimensão das ideologias linguísticas seja crucial para a sociolinguística, o termo “percepção”, na presente tese, é empregado, tal como começamos a ver na introdução, no sentido de processos envolvidos quando os falantes/ouvintes são expostos a estímulos linguísticos dos quais extraem informações sociais como gênero, raça, classe etc. – como o que ocorre quando traçamos informações sociais ao ouvir alguém por telefone ou em um programa de rádio, por exemplo.

Embora o número de trabalhos sobre percepção no Brasil, da perspectiva sociolinguística variacionista, seja consideravelmente menor (se comparado ao número de trabalhos sobre produção linguística), já existe um campo bem formado, composto por estudos como os de Oushiro (2015), Mendes (2016, 2018, 2019), Battisti e Oliveira (2016), Sene (2019b, 2020, 2021), Melo e Gomes (2019), Santos (2020), Barcellos (2020) – entre outros. Sobre este aspecto, Lopes (2012) declara que:

⁷ Trecho original: “background of what has already been experienced, learnt and recognized.” (JEKOSCH, 2005, p. 55)

A percepção é um tema central na psicologia social e tem sido inserido paulatinamente no estudo da variação linguística. Isso pode ser justificado pelo fato de que todas as construções sociais passam pelo conhecimento acumulado a partir da percepção. (LOPES, 2012, p. 41)

Dentro do campo da psicologia social, os pesquisadores abordam o tema da percepção a partir da perspectiva tanto do ouvinte quanto do falante. Isso porque, para os estudos da psicologia (e também da sociolinguística), é determinante a compreensão da dimensão dos efeitos da “língua/sotaque” no julgamento social no processo de comunicação. Aqui o termo “língua” está sendo empregado de maneira genérica, de modo a contemplar o fato de que, inicialmente, os psicólogos sociais avaliavam se diferenças entre línguas e sotaques influenciam o julgamento social dos ouvintes quando, por exemplo, vão decidir se um determinado candidato está apto a um emprego (GILES, BILLINGS, 2004). Tal aspecto avaliativo decorre do fato de que “a língua é uma força social poderosa que faz mais do que transmitir intencionalmente informações referenciais” (CARGILE et al., 1994, p. 211) [tradução própria]⁸.

As primeiras pesquisas empíricas em que se busca a dimensão avaliativa da linguagem (percepção) começam na psicologia social, com o trabalho de Pear (1931), na década de 1930. Neste estudo, o pesquisador examinou os efeitos de diferentes variedades do inglês britânico e do convívio social na atribuição de perfis de personalidades a locutores de rádio da BBC na Grã-Bretanha. Para isso, Pear (1931) utilizou estímulos produzidos por diferentes locutores e os ouvintes que participaram da pesquisa julgavam socialmente o que ouviam. As respostas daqueles que estavam relativamente familiarizados com os locutores divergiram das daqueles que não tinham a referida rádio em seu convívio social. No entanto, os julgamentos sociais se basearam, para ambos os grupos de

⁸ Trecho original: “*language is a powerful social force that does more than convey intended referential information*” (CARGILE et al., 1994, p. 211)

ouvintes, em noções estereotípicas. A partir de então, uma série de pesquisas interessadas em julgamentos sociais a partir de estímulos auditivos se desenvolveu a partir de 1960.

Embora vários métodos tenham sido utilizados nessas pesquisas, a maior parte delas situa-se dentro do “paradigma de avaliação do falante” (GILES, BILLINGS, 2004). É a partir deste paradigma que Lambert *et al.* (1960) introduzem a técnica *matched-guise*, que veio a se tornar extremamente útil para os sociolinguistas. Sua proposta vem da pergunta sobre se as reações abertas e públicas das pessoas (como quando se lhes perguntam diretamente sobre o que pensam de um fato linguístico) refletem verdadeiramente suas opiniões privadas. Sendo assim, o objetivo geral dessa técnica é eliciar reações subjetivas e encobertas dos ouvintes, acerca de diferentes línguas (ou variedades e variantes linguísticas). Comparam-se, então, reações de diferentes grupos de ouvintes a estímulos que diferem em alguma dimensão – seja esta a língua propriamente ou um determinado elemento linguístico.

Lambert *et al.* (1960) estavam especificamente interessados em atitudes interétnicas em Montreal: buscavam compreender como os francófonos e anglófonos canadenses percebiam-se uns aos outros e a si mesmos. Para isso, falantes bilíngues foram gravados lendo uma passagem de texto em prosa, em francês e em inglês padrão. Os pesquisadores gravaram, então, o mesmo falante lendo as duas passagens de um texto filosófico, com vistas a amenizar características prosódicas e paralinguísticas (como tom, qualidade de voz e velocidade de fala). Dessa forma, tem-se dois estímulos produzidos por um mesmo falante – um inglês e outro em francês. Esses dois trechos criados a partir de um mesmo falante são os chamados *guises* (ou disfarces).

Com esses estímulos, 130 ouvintes foram convidados a avaliá-los e a preencher então um formulário de percepção, composto de 14 escalas de diferenças semânticas de seis pontos como altura, boa aparência física, liderança, senso de humor, inteligência, religiosidade, autoconfiança, confiabilidade, jovialidade, bondade, ambição, sociabilidade, caráter e

simpatia. Esses ouvintes avaliadores, por vezes, são chamados de “juízes”. O ponto central da técnica *matched-guise* está na consideração de que, caso haja divergência entre os julgamentos dos ouvintes de acordo com os pares de estímulos ouvidos (um mesmo falante, falando inglês ou francês), essa diferença se deve ao item que os define – neste caso, a língua. Afinal, alguns aspectos, como o conteúdo informacional e pistas paralinguísticas, foram controladas, o que diminui as chances de que as diferenças nos julgamentos estejam associadas a esses outros elementos.

Os dados de percepção coletados com esse experimento mostram que os canadenses anglófonos avaliaram os estímulos em inglês (consequentemente, seus falantes) de forma positiva em sete características (altura, boa aparência, inteligência, confiabilidade, bondade, ambição e caráter); os francófonos, em contrapartida, julgaram mais favoravelmente os estímulos em inglês do que aqueles em francês (10 das 14 escalas foram positivamente avaliadas por este grupo). O principal interesse desse estudo está no fato de que, com ele, desenvolve-se um método rigoroso para acessar reações encobertas e demonstra-se o papel da língua na formação de impressões pessoais.

Como uma das consequências dessa técnica inovadora, Labov (1966) é influenciado no desenvolvimento do seu próprio instrumento de reação subjetiva. Para o considerado “pai” da sociolinguística variacionista, o estudo de Lambert *et al.* (1960) é de extrema relevância para a pesquisa sociolinguística, na medida em que possibilita a investigação de reações subjetivas dos ouvintes de maneira inconsciente – o que, para Labov (1966), pode ser considerada “a questão mais obscura e difícil” (LABOV, 2006 [1966], p. 265) da empreitada variacionista. Ao incorporar a referida técnica aos seus estudos, Labov (2006 [1966]), pela primeira vez, desloca o interesse mais geral do estudo da percepção, na medida em que sua investigação não recai sobre línguas ou variedades linguísticas (THOMAS, 2002; OUSHIRO, 2015), mas sim sobre o papel de determinadas variantes na formação de impressões sociais.

Após a conclusão do estudo de produção linguística das cinco variáveis fonológicas que investigou na estratificação social do inglês falado em Nova Iorque (*r*, *oh*, *æh*, *th* e *dh*), Labov (2006 [1966]) se debruça sobre as reações subjetivas, com vistas a acessar comportamentos avaliativos que fossem sensíveis à influência dessas variáveis. No estudo de produção, o autor conclui que as variáveis analisadas seguem um padrão de variação social (ligada a classe social) e de variação estilística (devido ao grau de formalidade); estes padrões se ajustam intimamente: uma variante que é usada pela maioria dos nova-iorquinos em estilos formais também é utilizada em todos os estilos por falantes que são classificados como de classe socioeconômica mais alta (LABOV, 2006 [1966]).

Reconhecendo que perguntas diretas sobre a avaliação social dessas variáveis seriam pouco produtivas, Labov construiu um experimento de percepção a partir da leitura feita por cinco mulheres cujas vozes foram gravadas em entrevistas exploratórias. O texto era composto de cinco parágrafos: (i) o primeiro identificado como sentença zero não possuía nenhuma das variáveis em questão; (ii) o segundo foi construído com vistas a concentrar usos de (*oh*); (iii) o terceiro, usos de (*æh*); (iv), o quarto, (*r*); o último, (*th*) e (*dh*) (ver figura 1.1).

Figura 1.1 – Texto desenvolvido para o estudo de reação subjetiva

Zero	When I was nine or ten, I had a lot of friends who used to come over to my house to play. I remember a kid named Henry who had very big feet, and I remember a boy named Billy who had no neck, or at least none to look at. He was a funny kid, all right.
(oh)	We <u>al</u> ways had <u>ch</u> ocolate milk and <u>c</u> offee cake around four o'clock. My <u>d</u> og used to give us an <u>aw</u> ful lot of trouble: he jumped <u>all</u> over us when he saw the <u>c</u> offee cake. We <u>ca</u> lled him Hungry <u>Sa</u> m.
(th)	<u>Th</u> ere's <u>so</u> me <u>th</u> ing strange about <u>th</u> at—how I can remember <u>ev</u> ery <u>th</u> ing he did: <u>th</u> is <u>th</u> ing, <u>th</u> at <u>th</u> ing, and <u>th</u> e <u>oth</u> er <u>th</u> ing. He
(dh)	used to carry <u>th</u> ree newspapers in his <u>mo</u> uth at <u>th</u> e same time. I suppose it's <u>th</u> e same <u>th</u> ing <u>w</u> ith most of us: your first dog is like your first girl. She's more trouble <u>th</u> an she's <u>w</u> orth, but you can't seem to forget her.

- (eh) We used to play Kick-the-can. One man is “IT”: you run past the man as fast as you can, and you kick a tin can so he can't tag you. Sammy used to grab the can and dash down the street – we'd chase him with a baseball bat, and yell, “Bad boy! Bad! Bad!” But he was too fast. Only my aunt could catch him. She had him do tricks, too: she even taught him to ask for a glass of milk, and jump into a paper bag.
- (r) I remember where he was run over, not far from our corner. He darted out about four feet before a car, and he got hit hard. We didn't have the heart to play ball or cards all morning. We didn't know we cared so much for him until he was hurt.

Fonte: Labov (2006 [1966], p. 417)

O pesquisador solicitou então a 122 nova-iorquinos que se colocassem na situação de gerente de uma grande empresa que iria contratar um novo funcionário. Os participantes da pesquisa ouviram os estímulos em ordem aleatória e, na sequência, deveriam preencher o cargo que julgassem adequado para cada uma: secretária executiva, personalidade televisiva, recepcionista, vendedora, operadora de telefone, operária de fábrica ou nenhuma das alternativas anteriores. Nas palavras de Oushiro (2015, p. 269), os resultados gerais desse estudo se resumem da seguinte forma:

Os resultados indicaram que as variantes favorecidas pelas classes sociais mais privilegiadas recebem julgamentos mais altos na escala de adequação ocupacional do que as variantes favorecidas pelos falantes de status socioeconômico mais baixo. Tal correlação se replica em todas as classes sociais e grupos étnicos.

A partir desses resultados, Labov (2006 [1966]) apreende normas avaliativas que refletem as estruturas complexas e regulares anteriormente encontradas no estudo de produção. Além disso, foi o primeiro a fazer uma adaptação da técnica desenvolvida por Lambert *et al.* (1960), com vistas ao interesse de verificar que variantes de que variáveis têm efeito nas percepções (ou seja, nos julgamentos avaliativos) que os ouvintes participantes desenvolvem.

2.1 Por que estudar a percepção sociolinguística?

A compreensão da variação linguística como um fenômeno parte da compreensão da língua em uso, mas não apenas do modo como as pessoas ‘falam’; é preciso incluir o modo como as pessoas percebem e interpretam o que está sendo dito (CAMPBELL-KIBLER, 2006; OUSHIRO, 2015; MENDES, 2018; BERLINCK, BRANDÃO, SENE, 2020). É primordial levar em conta tanto os aspectos da produção linguística quanto a percepção de como diferentes variantes são processadas pelos membros de uma determinada comunidade (CAMPBELL-KIBLER, 2006).

Nesse sentido, o interesse da sociolinguística pelos estudos de percepção e avaliação subjetiva não é recente, como fica claro com o estudo de Labov (1966) citado anteriormente; de fato, sempre esteve no cerne da área, mas o interesse por esses estudos não se traduziu na mesma quantidade de trabalhos como os sobre as investigações acerca da produção sociolinguística com vistas a estabelecer uma fotografia de comunidades de fala urbanas – como é o caso de Labov (1966) e Trudgill (1972). Esses estudos se ocuparam de explorar o uso da língua em grandes centros urbanos, em busca de padrões de variação, por meio da comparação dos usos por falantes de diferentes grupos sociais em diferentes estilos de fala, além da difusão da mudança linguística. Os falantes são então agrupados em categorias sociais amplas e estabelecidas *a priori*, como homens da classe trabalhadora, homens da classe média, mulheres da classe trabalhadora e assim por diante.

Os resultados desses estudos refletem generalizações linguísticas também amplas, além de deixar o indicativo de que a variação linguística é definida parcialmente pela produção. Apenas a sistematização dos fatores que regulam interna e externamente a variação não dá conta de explicar todas as nuances de um fenômeno em variação. Destaca-se ainda que a sociolinguística deve, portanto, “ser integrada a uma compreensão mais abrangente da linguagem como prática social” (ECKERT, 2008, p. 453,

tradução própria)⁹. O próprio Labov (2002, p. 283) sugere que “as grandes mudanças em cadeia que varrem a América do Norte são mais como correntes oceânicas do que jogos locais” [tradução própria]¹⁰, o que significa dizer que aspectos indiciais locais que os falantes mobilizam com o auxílio da variação é diminuído em importância devido ao funcionamento interno do grande sistema linguístico. Uma vez que são numerosos os trabalhos que sistematizam o funcionamento da variação em uma dada comunidade de fala, definindo os contextos sintáticos, fonológicos, morfológicos que favorecem uma variante ou outra, os aspectos da dimensão social, em geral, acabaram sendo interpretados por meio das tais categorias fixas (classe média, homem, jovem, trabalhador), fomentando o significado social como um objeto de especulação casual, mas não como o ponto central a ser investigado dentro da área (ECKERT, 2008).

Com vistas a verificar a importância de ampliar os modos de interpretação da dinâmica da variação para além da produção linguística, apresentam-se algumas generalizações advindas dos primeiros estudos da sociolinguística. É recorrente a generalização a respeito de que as mulheres usam mais frequentemente variantes padrão/prestigiadas relativamente aos homens; nos estudos de Labov (2006 [1966]) e Trudgill (1972) é possível constatar tal aspecto, visto que, em ambos, o uso da variante velar [iŋ] – padrão – é mais recorrente na fala das mulheres do que na dos homens em estilos mais casuais – ou seja, mulheres favorecem o uso da forma padrão.

No entanto, ao empregar tal variante, mulheres não estão necessariamente afirmando “eu sou uma mulher” quando usam uma variante padrão, bem como não estão dizendo “eu não sou uma mulher” quando deixam de empregá-la (ECKERT, 2008). A generalização de que as mulheres lideram uma mudança sonora particular é produto “de um resultado estatístico geral pelo qual, no conjunto, as mulheres usam

⁹ Trecho original: “*be integrated into a more comprehensive understanding of language as social practice*” (ECKERT, 2008, p. 453)

¹⁰ Trecho original: “[t]he great chain shifts sweeping across North America are more like ocean currents than local games” (LABOV, 2002, p. 283)

variantes avançadas mais do que os homens” (ECKERT, 2008, p. 455, tradução própria)¹¹. Esses resultados, frutos de generalizações quantitativas robustas, são importantes para a fotografia sociolinguística de uma determinada comunidade de fala, mas, para explorar a significação social da variação, é importante que se examine o que está por trás dessas generalizações (ECKERT, 2008).

No caso da ampla interpretação do modo de falar das mulheres, pode-se por vezes observar uma espécie de efeito cascata. Quando Freitag (2015) se propõe a rediscutir sexo/gênero na sociolinguística, por exemplo, apresenta alguns estudos, como o de Brandão (2009), a fim de ilustrar de que modo as referidas generalizações se formulam como explicações circulares:

[...] são as mulheres quem mais usam a variante palatalizada “certamente pelo fato de ser esta uma variante de prestígio” [...] “os informantes tenderam a utilizar com mais frequência a palatal, talvez pelo fato de ser esta uma variante de prestígio em território fluminense, o que é corroborado pela maior adesão das mulheres ao seu uso. (BRANDÃO, 2009, p. 38)

Freitag (2015) entende que a conclusão de Brandão (2009) a respeito da palatalização do /s/ em coda na fala do Rio de Janeiro configura uma explicação circular que se desdobra em, pelo menos, duas perguntas: (i) mulheres usam determinadas variáveis porque elas têm prestígio ou as variáveis têm prestígio porque as mulheres as usam? e (ii) O fato de constatar que as mulheres aderem a uma variante implica generalizar que a variante tem prestígio? (FREITAG, 2015, p. 38). A rigor, esse tipo de generalização dos dados não diz muito sobre as ideologias que estão por trás desses padrões de estratificação; também não diz respeito ao uso da linguagem e o gênero na vida cotidiana (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1999, ECKERT, 2008). Essa circularidade no modo como alguns fenômenos em variação são interpretados acabam indicando a limitação da

¹¹ Trecho original: “*general statistical result by which, in the aggregate, women use advanced variants more than men*” (ECKERT, 2008, p. 455)

interpretação da dinâmica da variação, quando pensada apenas em termos de produção linguística; afinal, evitar o uso de formas estigmatizadas ou adotar formas prestigiadas não é a única forma de ‘agência’¹² dentro da variação (ECKERT, 2005); a compreensão mais detalhada da dinâmica local interna das categorias sociodemográficas (como sexo/gênero, por exemplo) é um dos caminhos para esclarecer o papel de uma determinada variável no condicionamento da variação.

Por essa razão, é importante ter atenção especial ao agregar os falantes, no estudo da produção linguística, de acordo com sexo e classe socioeconômica, por exemplo, tendo em vista que essa prática tende a “a homogeneizar uma ampla gama de usos, mascarando usos extremos, em qualquer uma das extremidades do espectro da variação (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 1999, p. 194)[tradução própria]¹³. Essa homogeneização, embora necessária para o estudo da variação, não é o suficiente para o desvelamento do significado social.

Sobre isso, destaca-se que, do mesmo modo que o mapa da cidade de São Paulo não mostra como são as ruas ou como é andar sobre elas, os padrões macrosociológicos de variação não revelam o que os falantes, em diferentes lugares da hierarquia socioeconômica ou que desempenham diferentes papéis sociais, estão fazendo socialmente com determinados usos e recursos linguísticos. Para uma compreensão mais completa desse aspecto, é preciso considerar que o uso da língua, pelos falantes, não é um subproduto do fato de que eles fazem parte desse ou daquele grupo e, para o que nos interessa mais de perto nesta tese, o estudo experimental da percepção sociolinguística têm papel crucial na interpretação da variação.

¹² Do inglês “agency”. Duranti (2004), a respeito desse conceito, esclarece que agência é aqui entendida como propriedade daquelas entidades (i) que possuem algum grau de controle sobre seu próprio comportamento, (ii) cujas ações no mundo afetam outras entidades (e às vezes a sua própria), e (iii) cujas ações são objeto de avaliação (por exemplo, em termos de sua responsabilidade por um determinado resultado).

¹³ No original: ‘[...] tends homogenize a broad range of uses, masking extreme uses at either end of the variation spectrum’ (ECKERT, MCCONNELL-GINET, 1999, p. 194)

Os estudos de percepção começam a ganhar destaque por pelo menos três motivos: (i) a retomada do significado social da variação linguística, reajustando o foco de interesse da pesquisa sociolinguística – da estrutura linguística para as práticas sociolinguísticas (ECKERT, 2005; 2012), (ii) para que a investigação sociolinguística ultrapasse o “eixo estigma-prestígio” (OUSHIRO, 2019, p. 306) e (iii) o fato de que a percepção pode fornecer subsídios importantes para os trabalhos de produção.

Sobre o entendimento do que é o significado social, Campbell-Kibler (2009) afirma:

o significado social pode ser simplesmente definido como todo o conteúdo social ligado, na mente de qualquer falante ou ouvinte, a um determinado comportamento linguístico. (CAMPBELL-KIBLER, 2009, p. 136)[tradução própria]¹⁴

Tendo isso em vista, a investigação do significado social não deve ser dada aprioristicamente pelo pesquisador, mas, por exemplo, acessada por meio de experimentos sociolinguísticos, de modo a apreender quais significados sociais estão disponíveis para uma dada variável. Na sociolinguística variacionista, os mecanismos cognitivos pelos quais os falantes armazenam e mapeiam as variantes linguísticas de acordo com informações sociais têm sido de crescente interesse na última década (CAMPBELL-KIBLER, 2010a, 2010b; LABOV et al. 2011), abrindo espaço, assim, para os trabalhos que perpassam a produção e empenham-se na percepção.

No que se refere ao estudo da percepção, a tese de doutorado de Campbell-Kibler (2006) acaba se tornando um marco para a área, uma vez que adiciona não só a percepção como cerne do estudo, mas endossa o papel do ouvinte como integrante da dimensão sociolinguística. Além de ser um sistema formal e social, a variação linguística é também um sistema cognitivo, pois duas variantes ou mais podem compartilhar significados referenciais idênticos, mas transmitir significados sociais diferentes. Sobre

¹⁴ Trecho original: “*Social meaning, could simply be defined as all the social content tied in the minds of any given speaker or hearer to a particular piece of linguistic behaviour*”

isso, Campbell-Kibler (2006) investiga os significados sociais associados à variável (-ING), a partir de um experimento sociolinguístico que modifica a técnica *matched-guise* (LAMBERT *et. al* 1960). Em vez de ter um mesmo falante produzindo dois estímulos/disfarces diferentes (como fizeram Lambert *et al.* (1960), os estímulos foram criados a partir de gravações idênticas. A variável em questão foi manipulada digitalmente no PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2004) para criar os pares em que variavam apenas no que diz respeito à pronúncia de (-ING) – ora com a versão alveolar, ora com a velar. Com isso, a pesquisadora atesta que os ouvintes fazem uso da variação linguística para fazer julgamentos sobre as características sociais dos falantes. Por exemplo, a variante alveolar foi associada a uma fala mais casual, menos educada, enquanto a variante velar foi percebida como própria de uma fala mais formal, mais educada e articulada. Além disso, a pesquisadora encontrou uma interação entre o uso da variante e a região do falante: os estímulos na versão alveolar evocavam que os falantes falavam ‘com sotaque’, mas apenas se os ouvintes percebessem os referidos falantes como oriundos da região sul dos Estados Unidos.

Esse exemplo evidencia os avanços da área, que vêm demonstrando, pesquisa após pesquisa, que as estruturas linguísticas não transmitem apenas significados referencias; a língua não denota apenas ideias ou entidades existentes no mundo biossocial, mas também aponta para significados sociais potenciais. Sobre este aspecto, Eckert (2012) propõe que:

A variação constitui um sistema semiótico social capaz de expressar toda a gama de preocupações sociais de uma comunidade. E como essas preocupações mudam continuamente, as variáveis não podem ser marcadores consensuais de significados fixos; pelo contrário, sua propriedade central deve ser mutabilidade indicial. (ECKERT, 2012, p. 94, tradução própria)¹⁵

¹⁵ Trecho original: “*Variation constitutes a social semiotic system capable of expressing the full range of a community’s social concerns. And as these concerns continually change, variables cannot be consensual markers of fixed meanings; on the contrary, their central property must be indexical mutability.*” (ECKERT, 2012, p. 94).

As palavras de Eckert (2012) anunciam um importante ajuste teórico da sociolinguística variacionista; ao invés de refletir características sociais macrosociológicas diretamente, a variação linguística é composta de uma mutabilidade indicial – que se explora adiante, em 2.2. Em vez de meramente refletir o mundo social, transmitir tipos particulares de significado que impactam uma situação social, a variação é, na realidade, o motor de construção da nossa paisagem social. Assim, as identidades sociais que compõem o mundo social (raça, gênero ou classe, por exemplo) não existem simplesmente como qualidades inerentes aos falantes, “mas, ao contrário disso, são co-construídas conforme elas interagem umas com as outras” (CAMPBELL-KIBLER, 2006, p. 5)[tradução própria]¹⁶.

Para entender este processo de co-construção, o trabalho com a percepção é muito profícuo. Um exemplo da relevância da percepção encontra-se no fato de que um item linguístico que é fortemente estigmatizado, como é o caso do [in] (alveolar) (ECKERT, 2005), não esteja ligado, de forma direta, a uma categoria social – como a questão do status socioeconômico inferior (LABOV, 1966 [2006]; TRUDGILL, 1972; ECKERT, 2005). Em vez disso, estudos de percepção têm mostrado que determinados traços linguísticos estão conectados indiretamente a determinados significados sociais, atividades ou posturas (*stances*, em inglês) que, por sua vez, são considerados características de um determinado grupo. Assim, as variantes indiciam indiretamente as categorias sociais por meio de sua associação a alguma ideologia ou constructos sociolinguísticos mais gerais.

Eckert (2005, p. 23) argumenta que a pronúncia alveolar de *-ing*, em inglês, em vez de ser interpretada prontamente como algo que remete a um status socioeconômico inferior, deve ser considerada como um índice de ‘casualidade’¹⁷. Esse item linguístico se vincularia a categorias de gênero ou classe devido à sua associação com o tipo de postura e atividade em que os indivíduos de diferentes agrupamentos comunitários se engajam na

¹⁶ Trecho original: “[...] are co-constructed as people interact with one another” (CAMPBELL-KIBLER, 2006, p. 5).

¹⁷ No original, “casualness” (ECKERT, 2005)

construção de sua própria ‘identidade’. Da mesma forma, é possível considerar, então, que as mulheres não usam mais frequentemente variantes que são prestigiadas diretamente no sentido de parecer femininas, mas sim porque essas variantes podem ser índices de uma posição socialmente mais poderosa e de níveis mais altos de formalidade.

2.2 Indicialidade e registro

O mecanismo pelo qual se relacionam uma forma linguística e significados sociais é formalizado pela teoria da indicialidade (SILVERSTEIN, 1993, 2003; OCHS, 1992, ECKERT, 2008). Um princípio fundamental desta teoria é que uma determinada forma linguística pode ter uma gama de significados sociais que estão associados a ela de maneira indicial. A origem da discussão sobre indicialidade começa com a Teoria dos Signos de Charles Peirce. Para o autor, o índice é algum signo que está conectado a um dado significante por alguma associação abstrata ou mesmo uma conexão casual – sustentada pelo princípio da contiguidade (PIERCE, 2005). O trovão é contíguo à tempestade: um trovão é um índice de tempestade (onde ocorre um, comumente ocorre a outra).

A esse respeito, Johnstone (2016) amplia que “um signo (uma palavra, um gesto, um olhar, um penteado ou qualquer outra coisa que possa ter significado) é indicial se estiver relacionado ao seu significado em virtude de co-ocorrer com o que isso significa” (JOHNSTONE, 2016 p. 633)[tradução própria]¹⁸. Do ponto de vista linguístico, quando ouvimos uma forma linguística como “cafezim”, por exemplo, podemos associar a apócope da forma diminutiva (*zinho* > *zim*) como um índice de “ser mineiro”. Ou seja, o uso do sufixo em sua forma reduzida aponta para um determinado significado social. Isso ocorre devido ao princípio da contiguidade, uma vez que um índice se constitui por “virtude de

¹⁸ Trecho original: “A sign (a word, a gesture, a glance, a hairstyle, or anything else that can be meaningful) is indexical if it is related to its meaning by virtue of co-occurring with what it is taken to mean.” (JOHNSTONE, 2016 p. 633)

coocorrência, como em “onda há fumaça, há fogo”, fumaça não é fogo, mas a ocorrência de um indicia (ou indica) a ocorrência do outro” (MENDES, 2018, p. 5). Desse modo, não existe nada essencialmente “mineiro” no uso do recurso linguístico em questão, o que existe, por força de coocorrência, é a ligação semiótica de um significado não referencial a uma forma linguística.

Silverstein (2003) expande a noção de indicialidade quando propõe que a relação indicial pode ocorrer em “ordens de indicialidade” teoricamente infinitas, já que a indicialidade de ordem n (ou primeira ordem) pode sempre dar lugar à indicialidade na ordem $n + 1$ (de segunda ordem) (SILVERSTEIN, 2003). Quando uma variante linguística indicia (aponta para) uma região específica ou até uma etnia, dá-se o nome de *índice de primeira ordem* (SILVERSTEIN, 2003). A pesquisa de Pinto (2022), por exemplo, ao investigar localmente os significados sociais das formas ‘nói’ x ‘a gente’, conclui que a variante ‘nói’ indicia a região do falante, neste caso se o falante era de Muzambinho ou Cabo Verde. Essa mesma variante ‘nói’ também pode funcionar como um *índice de segunda ordem* (SILVERSTEIN, 2003) quando reflete o resultado da avaliação social dos falantes, ou seja, quando eles a associam a noções como ‘ruralidade’ e ‘baixa escolaridade’.

Em seu trabalho sobre as ordens indiciais, Silverstein (2003, 2009) refina e amplia o conceito de indicialidade de Pierce:

A indicialidade é apenas o princípio da contextualização dos signos linguísticos e outros em uso, vistos como um componente do significado das formas de signos que ocorrem. A indicialidade se revela na maneira como, gradativamente, os signos linguísticos e outros apontam os usuários desses signos para as condições envolventes específicas em que os utilizam. (SILVERSTEIN, 2009, p. 756)[tradução própria]¹⁹

¹⁹ Trecho original: “Indexicality is just the principle of contextualization of linguistic and other signs-in-use, seen as a component of the meaning of the occurring sign-forms. Indexicality is revealed in the way that, by degrees, linguistic and other signs point the users of these signs to the specific enveloping conditions in which they use them.” (SILVERSTEIN, 2009, p. 756)

Assim, a teoria indicial permite-nos examinar os recursos linguísticos para além de seu significado referencial. Em outras palavras, o significado de uma forma linguística particular pode não estar apenas em sua semântica denotacional; ao elemento linguístico é atribuído significado pela associação da forma com os contextos nos quais ele é usado (não denotacional). Nesse sentido, para a sociolinguística e em especial para os estudos de percepção, a noção de indicialidade é necessária “para nos mostrar como se relacionam os aspectos microssociais aos macrossociais de análise de qualquer fenômeno sociolinguístico” (SILVERSTEIN, 2003, p. 193)[tradução própria]²⁰.

Um exemplo dessa relação entre o macro e o microssocial pode ser observado a partir do estudo de Oushiro (2015), que objetiva discutir os mecanismos pelos quais certos significados sociais vêm a se associar às variantes de (-r) em São Paulo. Para isso, ela desenvolve um experimento de percepção para examinar as reações encobertas de ouvintes paulistanos e não paulistanos residentes em São Paulo acerca das pronúncias tepe e retroflexa na cidade. Na produção linguística, a variável em questão apresenta forte estratificação social quanto à região de residência, classe social e sexo/gênero dos falantes. Para o estudo de percepção, a pesquisadora gravou quatro falantes paulistanos: dois homens e duas mulheres, todos com cerca de 30 anos de idade, com nível superior de escolaridade e residentes na Zona Oeste da cidade de São Paulo.

A partir dessas quatro gravações, Oushiro (2015) desenvolveu oito estímulos com base na técnica *matched-guise*. Estes estímulos eram idênticos em todos os aspectos, exceto pela pronúncia da coda (-r), que foi digitalmente manipulada com auxílio do PRAAT (BOERSMA, WEENINK, 2012); os disfarces foram separados em dois grupos, conforme ilustra o quadro abaixo.

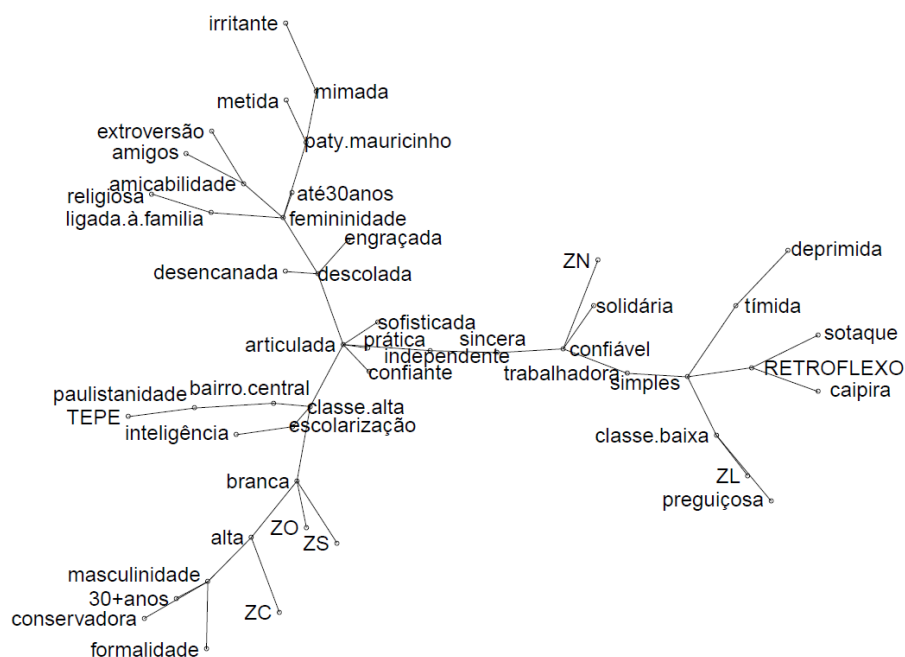
²⁰ Trecho original: “*Indexicality is necessary for showing us how to relate the micro-social to the macro-social frames of analysis of any sociolinguistic phenomenon*” (SILVERSTEIN, 2003, p. 193)

Quadro 1.1 – Distribuição dos estímulos de (-r) em dois grupos

	Grupo A	Grupo B
Falante 1 (M)	tepe (1.t)	retroflexo (1.r)
Falante 2 (F)	retroflexo (2.r)	tepe (2.t)
Falante 3 (M)	retroflexo (3.r)	tepe (3.t)
Falante 4 (F)	tepe (4.t)	retroflexo (4.r)

Fonte: Oushiro (2015, p. 276)

O questionário foi aplicado a 185 ouvintes residentes na cidade de São Paulo e continha 10 variáveis contínuas/quantitativas, em escalas de diferenciais semânticos de cinco pontos, 04 variáveis discretas/qualitativas e 30 caixas de seleção com características pessoais. Os resultados mais gerais modelados por Oushiro (2015) em um campo indicial (Figura 1.2) mostram que a variante tepe indicia “paulistanidade”, “bairro mais central” e “classe alta”; relacionados a classe, outros significados sociais coocorrem frequentemente no julgamento social dos participantes que ouviram os disfarces em que a variante era o tepe, a saber: “escolarização” e “inteligência”.

Figura 1.2 - Campo indicial de (-r) em São Paulo

Fonte: Oushiro (2015, p. 213)

Por outro lado, a variante retroflexa indicia noções como “sotaque”, “caipira” e “simples”, além de estar associado a “trabalhador” e “classe baixa”. Em outras palavras, o retroflexo leva a julgamentos sociais mais negativos, que se referem ao *status* dos falantes (classe social, nível de escolaridade, formalidade, centralidade do bairro, articulação e sofisticação) (OUSHIRO, 2015, p. 320) e julgamentos positivos em dimensões associadas a solidariedade e dinamismo (trabalho, simplicidade, sinceridade, solidariedade) (OUSHIRO, 2015, p. 320). Este é, portanto, um exemplo de como aspectos microssociais (caipira, simples, de bairro mais central x periférico) podem ser relacionados aos aspectos macrossociais mais abrangentes como Classe e Região.

A apresentação, aqui, dessas constatações, não visa sugerir que as variáveis linguísticas, na percepção, estarão sempre relacionadas às dimensões macrossociológicas investigadas nos estudos de produção. Em vez disso, o exemplo do estudo de Oushiro (2015) ilustra o fato de que as variáveis sociolinguísticas podem estar relacionadas a características macrossociais, mas representam muito mais do que isso. O cerne da indicialidade, tal como se mencionou anteriormente, está na consideração de que uma forma linguística pode ser usada no sentido de apontar para significados sociais potenciais, ou seja, tais significados não só não estão vinculados diretamente à forma linguística, mas também não são inerentes a elas.

Isso pode ficar claro quando se observa, por exemplo, que uma pesquisa sociolinguística pode verificar uma correlação em que mulheres são relativamente mais propensas a usar a palavra “por favor” do que os homens. Associar este uso às mulheres de forma direta seria um equívoco (OCHS, 1996), pois outro estudo poderia averiguar que (certos) homens também podem usar a mesma expressão frequentemente sem tentar soar como uma mulher ou na tentativa de serem percebidos como femininos ou efeminados. Em vez disso, “por favor” pode estar indiciando mais diretamente a noção de polidez, que, por sua vez, pode ser relacionada,

indiretamente e em certos contextos (em sentido amplo) e culturas a dimensões de feminilidade. De acordo com Ochs (1992), são muito poucos os elementos linguísticos que indiciam gênero de maneira direta. Apenas uma perspectiva semiótica ligada a indicialidade pode explicar a complexidade da relação entre o uso da linguagem e do gênero, afinal:

O conhecimento de como a linguagem se relaciona com o gênero não é um catálogo de correlações entre formas linguísticas particulares e sexo dos falantes, referentes, destinatários e semelhantes. Em vez disso, tal conhecimento envolve a compreensão tácita de (1) como determinadas formas linguísticas podem ser usadas para realizar um trabalho pragmático específico (como a transmissão de postura e ação social) e (2) normas, preferências e expectativas referentes à distribuição desse trabalho no que se refere a identidades sociais particulares de falantes, referentes e ouvintes. Discutir a relação entre linguagem e gênero nesses termos é muito mais revelador do que simplesmente identificar características como marcando diretamente a fala de homens ou de mulheres (OCHS, 1992, p. 342)[tradução própria]²¹

A maioria das investigações sobre usos linguísticos, interessadas em questões de gênero e realizadas ao longo da tradição da pesquisa sociolinguística, mostram que os usos são realizados tanto por homens quanto por mulheres, embora talvez em proporções diferentes, afinal “a relação entre linguagem e gênero é distribucional e probabilística” (OCHS, 1992, p. 340). A autora argumenta que não é a observação de que as mulheres usam alguma característica linguística mais do que os homens que é o ponto empírico mais importante na compreensão da indicialidade da linguagem. As formas linguísticas são usadas principalmente para fazer ‘outras coisas’, como tomar posições, assumir posturas, realizar atos de fala, etc.

²¹ Trecho original: “*Knowledge of how language relates to gender is not a catalogue of correlations between particular linguistic forms and sex of speakers, referents, addressees, and the like. Rather, such knowledge entails tacit understanding of (1) how particular linguistic forms can be used to perform particular pragmatic work (such as conveying stance and social action) and (2) norms, preferences, and expectations regarding the distribution of this work vis--vis particular social identities of speakers, referents, and addressees. To discuss the relation of language to gender in these terms is far more revealing than simply identifying features as directly marking men’s or women’s speech.*” (OCHS, 1992, p. 342)

Convém ainda reiterar que as variantes de variáveis linguísticas são capazes de apontar para mais de um significado social. Essa capacidade de indiciar múltiplos significados sociais pode ser observada a partir da variável *pitch*, um dos focos da presente tese. Pode parecer difícil dissociar um *pitch* médio mais alto (uma voz aguda) de “voz efeminada”, “voz menos masculina” (considerando um homem que fala), como se a referida variável apontasse apenas para significados sociais relacionados a gênero. No entanto, esse não é o único significado disponível para essa variável; esses significados são mutáveis e definidos a partir de um contexto específico.

Mendes (2018), por exemplo, ao analisar alguns trechos da entrevista sociolinguística de um dos falantes contactados pelo Projeto SP2010, cujo pseudônimo é Carlos, depara-se não só com casos de ditongação de [ejn] (um dos focos de sua investigação), mas também com diferentes picos de *pitch*, que se alternam na medida em que o referido informante responde à pergunta sobre o que ele acha da aprovação do casamento gay. Mendes (2018) observa que as sentenças declarativas de Carlos são enunciadas a partir de picos variados de *pitch* que, na sua interpretação, não funcionam como índice de feminilidade, mas sim como coadjuvantes na expressão de significados sociais como “empático”, “ponderado” e “esmerado” que, em conjunto, podem ser interpretados indiretamente como associados a gênero, no contexto da resposta às questões que foram apresentadas ao entrevistado.

A indicialidade de uma forma linguística é ideologicamente mediada e, dessa forma, está sempre aberta a reinterpretações, a depender de seu uso situado. Por essa razão, Eckert (2008) propõe um modelo mais dinâmico e complexo em que os significados sociais da variação estão relacionados ideologicamente dentro de um campo indicial.

[...] os significados das variáveis não são precisos ou fixos, mas constituem um campo de significados potenciais – um campo indicial, ou constelação de significados ideologicamente relacionados, qualquer um dos quais pode ser ativado no uso situado da variável. O campo é fluido, e cada nova ativação tem o potencial de mudá-lo ao ampliar as ligações ideológicas. Assim, a variação constitui um

sistema indicial que incorpora a ideologia na linguagem e que é, por sua vez, parte essencial da construção da ideologia. (ECKERT, 2008, p. 454)[tradução própria]²²

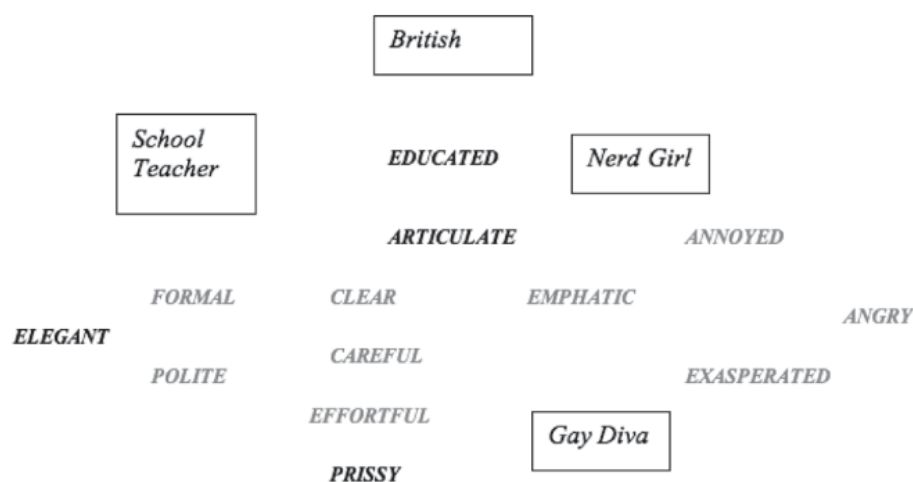
Os elos entre as formas linguísticas e os significados sociais são semelhantes aos elos entre formas linguísticas e os significados referenciais – eles são quase sempre arbitrários. Assim como nenhuma propriedade linguística da palavra “gato” se associada inerentemente ao conceito de felino peludo, a conexão entre a variável *pitch* médio e noções de masculinidade não é inerente. Tal aspecto nos chama a lembrar que os significados sociais de uma forma linguística são co-construídos por falantes e ouvintes e, como destacou Eckert (2008), estão vinculados entre si a partir de um campo indicial de significados sociais potenciais.

Isso equivale a dizer que, quando os falantes usam uma variante específica, eles não estão simplesmente invocando um valor indicial pré-existente da forma linguística ou que estão aderindo a uma categoria macrossocial pré-estabelecida. Em vez disso, o significado social de uma forma linguística vai depender de diferentes movimentos ideológicos que os falantes fazem a depender da interação, do lugar, do contexto etc. Isso pode ser observado a partir da variável soltura de /t/, que é uma característica linguística que, a rigor, está associada ao inglês britânico (FOULKES; DOCHERTY, 1999) e que contrasta com o /r/ *flapping* do inglês americano. No entanto, tanto a soltura de /t/ quanto o /r/ *flapping* podem ser encontrados em vários locais tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos. Embora esta variável não esteja relacionada a uma característica regional, socialmente estratificada e até proeminente na oposição padrão-vernáculo (ECKERT, 2008), ela é particularmente interessante devido ao seu potencial de indiciar significados sociais que, embora diferentes, podem estar

²² Trecho original: “[...] *the meanings of variables are not precise or fixed but rather constitute a field of potential meanings – an indexical field, or constellation of ideologically related meanings, any one of which can be activated in the situated use of the variable. The field is fluid, and each new activation has the potential to change the field by building on ideological connections. Thus variation constitutes an indexical system that embeds ideology in language and that is in turn part and parcel of the construction of ideology.*” (ECKERT, 2008, p. 454)

relacionados ideologicamente. Esse aspecto pode ser visualizado a partir do campo indicial da variável soltura de /t/ desenvolvido por Eckert (2008, p. 469).

Figura 1.3 – Campo indicial da soltura de /t/ em inglês americano



Fonte: Eckert (2008, p. 469)

Essa gama de significados que compõem o referido campo pode ser ativada no uso situado da variável. Embora a construção do campo indicial acima seja mais especulativa, o campo em questão não existe no vácuo, mas faz sim parte de um vasto sistema ideológico (ECKERT, 2008, p. 470). A esse respeito, Eckert (2008) esclarece que as palavras em cinza representam posturas; aquelas em preto representam qualidades permanentes e aquelas em caixas representam tipos sociais. Por exemplo, em um estudo etnográfico de uma escola de ensino médio do Norte da Califórnia, Bucholtz (2001, 2010) observou o uso da soltura de /t/, onde normalmente não se esperaria o uso da referida variante no inglês americano, na fala de um grupo de meninas que se autodescreviam como ‘nerds’. Conforme esclarece a autora, essas garotas viam a si mesmas como ‘intelectuais dissidentes’ (*maverick intellectuals*, termo usado por Bucholtz, 2001), que significa não ser exatamente as melhores alunas da sala, mas sim ser mais espertas que seus

professores. Nesse sentido, as meninas usavam um estilo linguístico mais proeminente no tocante à soltura de /t/ e, naquela ocasião, a referida variante auxiliava no processo de indiciar intelectualidade.

A referida variante também está associada a um ‘modo de falar’ judeu e, particularmente, como ortodoxo. Na pesquisa de Benor (2001), por exemplo, ao analisar uma comunidade ortodoxa na Califórnia, descobre que, no tocante à soltura de /t/, os meninos usavam essa variante mais frequentemente do que as meninas, especialmente aqueles que haviam estudado formalmente os ensinamentos judaicos antigos (Talmud) em uma escola rabínica. A pesquisadora também observou que o uso mais recorrente da soltura de /t/, ao invés do /t/ *flapping*, se dava em momentos em que os estudantes participavam de debates intelectuais. Com isso, a referida variante, para esse grupo de alunos, evocava noções de ‘formalidade’ e ‘polidez’.

O potencial indicial da variável em questão também pode ser observada nos estudos de Podesva (2004, 2006, 2007a) sobre a ‘fala gay’. Em seu estudo, com o médico Heath, Podesva (2006) observou que, na clínica médica, ele precisava se apresentar como um profissional competente, educado e articulado, enquanto no churrasco, Heath estava com os amigos com os quais tinha o hábito de se projetar como uma ‘diva gay’ – por ser extravagante, consciente de seu estilo e bastante crítico. Com isso, o uso da soltura de /t/ foi significativamente maior na clínica do que no churrasco e isso pode estar relacionado ao fato de que esta variante está associada, estereotipicamente, a um padrão de clareza e meticulosidade (ECKERT, 2008). Por fim, a referida variante também aponta para um estereótipo acerca da ‘fala gay’. Na pesquisa de Podesva, Roberts e Campbell-Kibler (2002), ao estudarem a fala de dois advogados que debatiam sobre a exclusão do público gay da comunidade de escoteiros, verificou-se que o advogado que representava ‘os héteros’ usava menos a soltura de /t/, enquanto o advogado da comunidade gay, identificada como a Liga Lambda, usou deliberadamente mais esse traço linguístico. Embora a orientação sexual dos advogados não tenha sido especificada no debate,

cada um deles pode ser visto como representante oficial de um grupo que se definia, nessa ocasião, a partir de sua orientação sexual (ECKERT, 2008).

Tendo isso em vista, o que torna essa variante 'nerd', 'ortodoxa', 'meticulosa' e 'gay' é a sua participação em três estilos bem diferentes. Em outras palavras, o uso da soltura de /t/, quando produzido por meninas adolescentes que se autodescrevem como nerds para os amigos na escola (BUCHOLTZ, 2001, 2010) terá um significado indicial diferente daquele produzido por um aluno da escola judaica, de um médico quando está em seu consultório (PODESVA, 2006) e até de advogados em debates a respeito da exclusão do público gay da comunidade de escoteiros (PODESVA, ROBERTS, CAMPBELL-KIBLER, 2002), mas em todos os casos os significados em questão podem ser conectados pelas qualidades permanentes que, no campo indicial da figura 1.3, é representado pela dimensão de 'articulação', 'ênfase' e 'clareza', que poderia ser reinterpretada na direção de outros significados sociais por esses falantes ou seus interlocutores em diferentes contextos.

Os estudos apresentados anteriormente reforçam a importância de a pesquisa sociolinguística compreender os esquemas ideológicos e os diferentes contextos estilísticos como ferramenta para explicar a diferenciação linguística e, sobretudo, compreender o fato de que os significados sociais não são fixos, mas estão interrelacionados. Para a compreensão da variação linguística para além de seu aspecto sistemático e regular, é preciso localizá-la, igualmente, em seu contexto ideológico. Irvine e Gal (2000), a esse respeito, explicam que os construtos ideológicos que perpassam a variação linguística são "ideias com as quais os participantes e observadores enquadram sua compreensão das variedades linguísticas e mapeiam essas compreensões em pessoas, eventos e atividades que são significativas para eles" (IRVINE; GAL, 2000, p. 35)[tradução própria]²³. São essas ideologias, portanto, que permitem que os falantes façam a identificação da diferenciação linguística, associem

²³ Trecho original: "*the ideas with which participants and observers frame their understanding onto people, events and activities that are significant to them.*" (IRVINE; GAL, 2000, p. 35)

formas linguísticas particulares (como o caso da soltura de /t/) a grupos sociais ou identidades sociais particulares.

Tendo isso em vista, algumas formas linguísticas se ligam a certos esquemas ideológicos de maneira que lhes conferem diferentes significados sociais. Como consequência disso, uma série de relações indiciais entre a forma linguística e o significado social começam a ser vistas como socialmente identificáveis (ou reconhecidas), independentemente do contexto de interação, quase como atributos sociais inerentes de um falante. A esse caso, dá-se o nome de *enregisterment* (registro) (Agha, 2003), que são “processos por meio dos quais um repertório linguístico se torna diferenciável dentro de uma língua como um registro de formas socialmente reconhecida” (AGHA, 2003, p. 231)[tradução própria]²⁴. Em outras palavras, quando uma forma linguística ou uma variante é percebida (explicitamente ou não) ou está associada a um significado socialmente identificável, pode-se dizer, seguindo Agha (2003), que o processo de “registro” ocorreu.

Esse processo só é possível quando uma variante particular se liga a um esquema ideológico ou é compartilhada situacionalmente por meio de práticas “metapragmáticas” (SILVERSTEIN, 1993) às quais os falantes fazem a alusão nos usos linguísticos e o que eles potencialmente podem significar, como é o caso dos discursos metalinguísticos apresentados na seção de introdução deste trabalho. Nesse sentido, Agha (2003) orienta que os registros só parecem se estabilizar quando os falantes se orientam para um conjunto particular de formas linguísticas em certos contextos, por certas razões. A esse respeito, o pesquisador completa que “um registro existe como um objeto limitado apenas em um grau estabelecido por processos sócio-históricos de registro, processos pelos quais suas formas e valores se tornam diferenciáveis do resto da linguagem... para uma dada

²⁴ Trecho original: “processes through which a linguistic repertoire becomes differentiable within a language as a socially recognized register of forms” (AGHA, 2003, p. 231)

população de falantes” (AGHA, 2003, p. 168)[tradução própria]²⁵. Sendo assim, um registro é, então, como um ‘modo de falar’ (HYMES, 1989), um conjunto de formas linguísticas ligadas e constitutivas de um contexto.

1.3 Resumo da seção

Esta seção apresenta uma discussão a respeito da percepção sociolinguística. O ponto de partida é a sinalização do que se entende, nesta tese, sobre o termo percepção, além de explorar, de forma breve, a gênese desses estudos a partir da psicologia social. Na sequência, trata-se da justificativa do porquê incluir, na agenda de investigação sociolinguística, o estudo da percepção, defendendo a importância desse tipo de investigação para a análise da variação linguística e, também, do significado social associado às formas linguísticas. Por fim, os conceitos centrais aos estudos de percepção como indicialidade e registro foram apresentados com atenção especial em “como” ocorre a associação entre um significado social ou múltiplos significados e variante linguística. Esses conceitos se tornam lentes produtivas de investigação para a sociolinguística uma vez que a busca pelos significados sociais associados a formas linguísticas a que os ouvintes chegam, através de experimentos, são estabelecidos por meio da indicialidade e do registro. Além disso, vale destacar que, embora todas as formas linguísticas tenham o potencial de associar-se a significados sociais, uma forma só o faz quando nosso sistema de ideias e crenças cria um vínculo entre a forma e um tipo de significado social (como postura, persona ou tipo social).

²⁵ Trecho original: “A register exists as a bounded object only to a degree set by sociohistorical processes of enregisterment, processes whereby its forms and values become differentiable from the rest of language ... for a given population of speakers” (AGHA, 2003, p. 168)

2

Linguagem, gênero e sexualidade

A relação entre gênero, sexualidade e linguagem há muito tempo é uma questão de grande interesse para o público em geral, bem como para pesquisadores em campos que vão dos estudos culturais à psicologia, à neurologia e, é claro, à sociolinguística. Também se destaca o fato de que questões de gênero e sexualidade estão presentes e expressas em vários aspectos da vida social como no humor, no conflito, nos estilos de vestimentas, na língua/linguagem e até nas preferências alimentares. Como as conceituações acadêmicas e populares sobre as dimensões aqui estudadas (gênero e sexualidade) podem ser amplamente divergentes, é importante definir como nesta tese esses termos devem ser entendidos e, sobretudo, como eles serão mobilizados nos experimentos sociolinguísticos reportados nas seções 3, 4 e 5.

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, a dimensão de gênero, sexo e sexualidade sempre esteve imbricada em várias práticas sociais, sendo até difícil definir quando se trata de uma coisa ou outra. Tal aspecto fica claro quando se observa que as práticas de 'generificação' (BORBA, 2016), entendida como um processo complexo de socialização pelo qual as pessoas se tornam pertencentes a um sexo/gênero específico, começam a ser manifestadas desde quando um bebê é apenas um feto dentro da barriga da mãe. Isso fica claro quando se observa que, na medida em que se anuncia que uma vida está por vir, este pronunciamento é, em geral, seguido da explicação de que se trata de uma menina ou de um menino.

Para Butler (2003), enunciados como “é uma menina” ou “é um menino” não descrevem um estado de coisa (apenas o sexo da criança); ao contrário disso, fazem com que o corpo ao qual se dirigem entre em um processo de alinhamento à matriz de inteligibilidade de gênero. Em outras palavras, o gênero não é “pré-existente à linguagem” (constativo), mas sim algo que se materializa/realiza na/pela linguagem (formativo), o que equivale a dizer que, quando se anuncia o sexo do bebê, diversos processos implícitos atuam na regulação do ‘corpo’ desse bebê, de modo a encaixá-lo em uma matriz identificável de gênero. Com efeito, a generificação se completa a partir de enunciados como “não diga palavrões”, “cruze as pernas ao sentar”, “não pratique esportes agressivos” (BORBA, 2016, p. 462), para quando se trata das meninas, e “não chore”, “seja forte”, “abra suas pernas ao sentar”, “fale grosso”, etc. (BORBA, 2016, p. 462), quando se refere aos meninos.

A necessidade de incluir as pessoas dentro de uma matriz de inteligibilidade de gênero está relacionada ao modo como a sociedade sedimenta e dá sentido à vida em sociedade e, nas palavras de Butler (2003, p. 37), “as pessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero”. A esse respeito, a pesquisadora completa que: “gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo [sexualidade]” (BUTLER, 2003, p. 38). E todo esse processo seria dificultado se não houvesse a linguagem que, a rigor, auxilia a estabelecer, por meio de usos linguísticos e outras práticas semióticas, a conformidade entre um corpo e as normas de coerência e continuidade supracitadas.

Essa discussão inicial é importante para sinalizar que os conceitos de gênero, sexo e sexualidade nem sempre são claros. Por essa razão, antes de apresentar mais atentamente questões relacionadas a linguagem, gênero e sexualidade, é preciso explicitar o que se entende, nesta tese, sobre cada um desses conceitos, além de esclarecer por que nesta pesquisa trabalha-se com sexualidade e não sexo. No segundo parágrafo desta

seção, já é possível observar que, em certa medida, sexo e gênero parecem se cruzar, dado que enunciados que remontam às dimensões da masculinidade e da feminilidade só aparecem seguidos do conhecimento explícito do sexo dos bebês.

No entanto, o fato desses elementos se cruzarem não é porque gênero e sexo são a mesma coisa ou necessariamente complementares, mas sim devido ao conceito acima apontado sobre a matriz de inteligibilidade de gênero (BUTLER, 2003). Sobre esse conceito, completa-se que essa matriz pode ser explicada como um sistema de coerência no interior do qual sentidos particulares são construídos e solidificados. É a partir dessa matriz que um tipo de modelo explicativo é articulado a sistemas de classificação que dão ordem e organizam o entendimento do mundo, das pessoas e da vida social. A título de exemplo, verifica-se que, na sociedade ocidental, um determinado homem (modelo explicativo) só é considerado como tal se as normas de coerência de sexo (ter um órgão sexual masculino), gênero (performar masculinidade por meio de práticas como ‘não chorar’, ‘não cruzar as pernas’, ‘falar grosso’) e sexualidade (ser heterossexual) [sistemas de classificação] forem atendidas.

Sendo assim, os conceitos de gênero, sexo e sexualidade são fundamentais para problematizar o *mainstream* e mostrar que é possível performar masculinidade, sem ser do sexo masculino e vice-versa. Também é possível ser homossexual (sexualidade) e não ser efeminado (gênero). Isso porque, de acordo com Scott (2007), o gênero é uma categoria historicamente determinada que não apenas se constrói sobre a diferença entre os sexos, mas, sobretudo, uma categoria de análise que auxilia a ‘dar sentido’ a esta diferença:

“Por gênero”, eu me refiro ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social

poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos”. (SCOTT, 2007, p. 15)

Em outras palavras, o gênero é a organização social da diferença sexual. Isso significa dizer que o gênero não reflete ou produz diferenças físicas fixas e naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, é por meio desse conceito que é possível desnaturalizar e desconstruir que o sujeito não é definido pelo sexo em si, mas pelas relações e práticas sociais (socialização) que o circunscrevem. A categoria gênero permite, então, depreender que aquilo que um indivíduo é não se configura apenas como um reflexo do aparelho biológico, mas sim é fruto da educação e da socialização que recebe, das pessoas com quem convive, das relações que estabelece e, inclusive, da cultura da qual faz parte.

Embora o gênero se constitua com ou sobre corpos sexuados, este conceito não é dependente de fatores biológicos para sua solidificação. O gênero é determinado como uma categoria sociológica que traz novas possibilidade para se pensar a questão do homem e da mulher (mas não somente), articulando às relações sujeito e sociedade (CONNELL, 1995; LOURO, 2004, SCOTT, 2007). Isso é explicado por Butler (2003), que ao tratar do gênero como algo performativo, esclarece que:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (BUTLER, 2013, p.25)

Com isso, o gênero se torna um processo, algo que está aberto a intervenções e a múltiplas matrizes de significações inteligíveis, que “pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo e nem determina a sexualidade” (SCOTT, 2007, p. 54). Considerando que o gênero é uma construção social que define o que significa **ser de um sexo** ou de outro em uma dada sociedade (HARDY, JIMENEZ, 2001), nesta investigação trabalha-se com a **noção de masculinidade** e não com a noção de **ser masculino**; isso porque a masculinidade é uma dimensão também

sociocultural que o gênero deve denotar, enquanto o “ser masculino” correlaciona-se à biologia do sexo.

A esse respeito, vale lembrar que masculinidade e feminilidade não são um conjunto de características típicas de homens e mulheres; antes disso essas dimensões atuam como “metáforas de poder” (ALMEIDA, 1996, p. 1) e podem ser acessadas por ambos os sexos quando necessário. A esse respeito, Costa (1998, p. 17) completa que “a masculinidade não pode ser vista como a mera reformulação cultural de um dado natural, uma vez que ela é marcada por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais ou menos masculino)”. Sendo assim, a masculinidade é um projeto tanto coletivo quanto individual, alinhado àquilo que de fato se faz (em termos performativos), sendo moldada na esfera da socialização e da linguagem.

Diferentemente da dimensão social e cultural do gênero e da masculinidade, na outra ponta, tem-se o sexo, que é uma categoria biológica “utilizada para diferenciar homens e mulheres e essa diferença é determinada exclusivamente pela anatomia e fisiologia do corpo humano – pelos caracteres sexuais primários e secundários” (BOTTON *et al.*, 2019, p. 666). A distinção das duas coisas - sexo de um lado e gênero do outro - parece aparentemente fácil, dado que o primeiro está para o plano **natural**, enquanto o segundo está para o plano **social e cultural**.

Porém, a natureza “não existe em estado puro e a **cultura**, ao se apropriar da **natureza**, embaralha o sexo/gênero [...] **biologizando o cultural e culturalizando o biológico**” (ALVES, 2005, p. 236)[grifo nosso]. Tendo isso em vista, a partir do momento em que aspectos culturais começam a se fundir com a biologia, confusões começam aparecer, como é o caso das mulheres, nos Estados Unidos, que, ao trabalharem como policiais, geralmente são tratadas como ‘sir’ (“senhor”) e ocasionalmente descobrem que outras pessoas tendem a associá-las como sendo mulheres lésbicas, independentemente de qualquer outra informação que tenham visto/percebido (MCELHINNY, 2014). Essa associação imprecisa se dá

devido ao tipo de trabalho que realizam e a aspectos culturais que envolvem esta percepção.

A cultura geral tende a associar profissões 'perigosas', como a profissão da polícia, à dimensão de força, robustez e, indiretamente, à masculinidade. Por isso, na medida em que as pessoas do sexo feminino começam a atuar nessas profissões, a elas se atribuem características que se aproximam àquelas atribuídas aos homens. Com isso, o que se nota é a culturalização da biologia, dado que o aspecto do estereótipo cultural está direcionado ao biológico. No exemplo em questão, supostamente estamos diante de uma pessoa do sexo feminino 'desviante' de sua norma social, que seria atuar em trabalhos que mobilizassem dimensões de delicadeza, praticidade, inteligência e feminilidade e, por essa razão, está sendo apontada como sendo uma mulher lésbica. Em termos de estereótipos preconceituosos e de uma visão essencialista, as mulheres lésbicas seriam aquelas que renunciam à dimensão da sutileza e feminilidade e buscam aderir a aspectos da dimensão da masculinidade.

A partir dessa exemplificação, é possível observar que sexo e sexualidade também são dois conceitos que acabam se confundindo e, novamente, natureza e cultura começam a se embaralhar. A categoria "sexo" tem a ver com a constituição biológica humana (cromossomos XX/XY), ou seja, é algo supostamente fixo em que as diferenças não se explicam apenas pela presença de um tipo de cromossomo ou de outro. É claro que há diferença entre homens e mulheres: as 'fêmeas' (para usar o termo da biologia) têm dois cromossomos 'X', enquanto os machos têm um 'X' e um 'Y', esta é uma diferença genética crucial e nenhum geneticista consideraria essa diferença sem importância.

Outras diferenças anatômicas e fisiológicas que vale a pena mencionar é que, em geral, as 'fêmeas' apresentam mais gordura e menos músculos do que os 'machos' (ROCHA, 1996), não são tão fortes e pesam menos; além de amadurecerem mais rápido e viverem mais tempo. Outra diferença própria da biologia é o fato de que a voz feminina geralmente tem características diferentes da voz masculina e, nesse sentido, homens

possuem tratos vocais mais longos e, também, câmaras de ressonâncias mais volumosas (KENT, READ, 2015). No entanto, mesmo sabendo de todas essas diferenças biológicas, elas nem sempre explicam as práticas sociais e linguísticas de falantes em uma dada comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]). Muitas das diferenças que encontramos entre 'homens' e 'mulheres' resultam de diferentes práticas de socialização (ver Philips; Steele; Tanz, 1987) e não de processos biológicos.

Um exemplo é que as mulheres podem viver mais do que os homens, não por causa de seus cromossomos ou anatomia, mas sim porque desempenham papéis diferentes na sociedade, além dos diferentes empregos que tendem a ocupar na sociedade. O mesmo ocorre com a questão da voz; a diferença na qualidade de voz ou na produção de alguma pista acústica específica pode ser acentuada pela sexualidade dos homens (GAUDIO, 1994; CRIST, 1997; SMYTH; ROGERS; JACOBS, 2003; STUART-SMITH, TIMMINS, WRENCH, 2003) e por crenças sobre como homens e mulheres devem soar quando falam. Tal aspecto reflete, então, que a sexualidade, tal como o gênero, sublinha a ideia de que estamos lidando com um fenômeno cultural e não puramente natural. Por ser cultural, é imperioso destacar que as práticas de socialização medeiam a construção do conhecimento e a percepção social dos seres humanos.

A sexualidade tem vários sentidos e interpretações (FRY, 1982), afinal antes de ser uma condição da natureza humana, é uma construção social com caráter histórico. Ao longo dos anos, o conceito em questão passou por muitas polêmicas e controvérsias, a começar pelos estudos de ordem religiosa e da antiguidade em que a sexualidade era resumida como a prática do ato sexual com vistas à procriação (SALLES, CECCARELLI, 2010). A partir do século XII, a prática sexual foi taxada como um mal em si mesma e esta era a forma de controle sistemático dos prazeres da carne e, a partir disso, o meio pelo qual a ordem religiosa acresce mais um pecado capital: a luxúria.

No entanto, a sexualidade é muito mais do que o ato sexual, é um aspecto central da vida das pessoas e envolve a prática sexual, papéis

sexuais, orientação sexual, erotismo/prazer, envolvimento emocional, amor e reprodução. Para este trabalho, utilizar-se-á a ideia de sexualidade por ser ela tanto histórica quanto culturalmente variável. Isso porque, devido à uma visão construcionista social, o comportamento humano nunca é apenas questão da natureza ou instinto – tal como seria idealmente a categoria sexo. Nesse sentido, a categoria da sexualidade se torna relevante, na medida em que todos possuem sexualidade e, a partir dela, grande parte das pessoas define suas ‘identidades’ em torno de sua sexualidade (CAMERON, KULICK, 2003).

Essas definições se baseiam na orientação sexual, uma vez que afirmações definidoras emergem a partir de enunciados como ‘sou homossexual, lésbica, *gay*, *queer*, *bi*, etc’. Expressar uma orientação sexual não heterossexual e não reprodutiva não é apenas se posicionar contra a heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2003), mas sim reconhecer que estão dentro do campo da ‘anormalidade’ do ponto de vista social. Aliado a esse reconhecimento, encontra-se o fato de que o modo como se pensa e se organiza dentro do tecido social é deliberadamente diferente dos heterossexuais que se mantêm dentro de sua matriz de inteligibilidade. Tendo isso em vista, traços das ‘identidades’ acabam incorporando essa transgressão ao *mainstream* e, sobretudo, criam perfis sociais contrastantes entre, por exemplo, um homem *gay* e um homem não *gay*.

Em todas as sociedades, mas com especial destaque para as ocidentais, a orientação sexual é alvo de normas morais, religiosas ou científicas, isso porque ser homossexual, por exemplo, fere, além da conduta religiosa que apregoa que o exercício da sexualidade deve se basear na procriação, a ordem médica que, durante muito tempo, prevê o modelo do sexo único, em que a morfologia corporal masculina está alinhada para atender a morfologia corporal feminina. Por essa razão, a definição de sexualidade como uma “expressão socialmente construída do desejo erótico” (CAMERON, KULICK, 2003, p. 4)[tradução própria]²⁶ acaba reduzida ao

²⁶ Trecho original: “*the socially constructed expression of erotic desire*” (CAMERON, KULICK, 2003, p. 4)

entendimento mais comum do termo ligado a ‘preferência sexual’ entre pessoas do mesmo sexo (homossexual) *versus* o outro sexo (heterossexual).

Feitos os devidos esclarecimentos das categorias em questão, é relevante fazer duas constatações: (i) embora os conceitos tenham sido aqui mobilizados separadamente, com pontos que mostram um contraste entre as duas dimensões²⁷, sabe-se que a relação entre gênero e sexualidade é incontestável e (ii) gênero e sexualidade são categorias amplas que permeiam vários aspectos da vida social; por isso, nesta pesquisa, a dimensão de gênero é examinada sob a luz da masculinidade, enquanto a sexualidade é investigada a partir da orientação sexual, ou melhor, da homossexualidade. Considerando que esta tese é sobre percepção sociolinguística, o objetivo é verificar se duas variáveis linguísticas (*pitch* médio e duração de /s/ em posição de coda final) têm efeito sobre a percepção de gênero e de sexualidade.

Nesse sentido, as variáveis em questão não serão observadas de forma situacional ou como resultado das diferentes quantidades de atenção que os falantes prestam à sua fala, mas sim com vistas a atestar se *pitch* médio e duração de /s/ final evocam (apontam para) significados sociais relacionados a gênero e sexualidade. Para isso, os estudos de percepção, em especial aqueles de base experimental, constroem escalas de diferenciais semânticos, que são utilizadas para avaliar a formação do significado (tanto denotativo, quanto conotativo) e às atitudes dos indivíduos em relação a um dado objeto. Em outras palavras, esse tipo de escala possibilita, portanto, mensurar a reação afetiva das pessoas expostas a estímulos auditivos, palavras, situações objetivas e subjetivas do cotidiano, etc. Essas escalas são construídas a partir de adjetivos dispostos em uma escala em que cada extremo é representado por um polo positivo e outro negativo.

²⁷ De um lado, a categoria sociológica, que investiga a possibilidade para se pensar o que é ser homem e o que é ser mulher, articulando essa discussão a relações de sujeito, sociedade e poder (gênero); do outro, a categoria também sociológica, em que a expressão do desejo erótico é materializada (sexualidade).

Tendo isso em vista, os experimentos sociolinguísticos construídos nesta tese trabalham com os eixos da masculinidade (representado na escala como sendo nada masculino x muito masculino) e o de ‘soar gay’ (representado como nada gay x muito gay)²⁸. Portanto, um dos motivos pelo quais se trabalha conjuntamente ‘masculinidade’ e ‘gayness’ (soar gay) no mesmo experimento é por que ambas constituem eixos de diferenciação social (GAL, 2016) que, ao mesmo tempo que se completam se contrastam, uma vez que são ‘qualidades’²⁹ que se definem uma em relação à outra a partir de um imaginário sócio-histórico ocidental. Em outras palavras, um lado do contraste é ideologicamente definido como o que o outro não é; logo, aquilo que soa muito masculino, no imaginário sócio-histórico ocidental, soa menos gay. Sendo assim, as imagens construídas a partir de tais agrupamentos, como colocam Irvine e Gal (2019), são estereótipos, que, segundo as autoras, correspondem a “formas de conhecimento dentro de uma estrutura ideológica” [tradução própria]³⁰ (IRVINE, GAL, 2019, p. 118).

Outra razão pela qual gênero e sexualidade devem ser tratados juntos é sucintamente apresentada por Bucholtz e Hall (2004, p. 488) quando escrevem que: “se os pesquisadores insistem que a sexualidade [ou o gênero] seja analisada isoladamente [...], eles correm o risco de interpretá-la por lentes teóricas que podem ser apenas parcialmente reveladoras, na melhor das hipóteses.” [tradução própria]³¹. Essa tendência em incorporar conjuntamente gênero e sexualidade – mas também outras características sociais – é motivada por investigações sociolinguísticas atuais que procuram questionar análises de categorias unitárias isoladamente, afinal

²⁸ Mais informações sobre a construção do experimento e as demais escalas que compõem o questionário são explicadas nas seções 3, 4 e 5.

²⁹ Termo utilizado por Gal (2016) para nomear as categorias abstratas que compõem um sistema ideológico.

³⁰ Do original: “*forms of knowledge within an ideological framework*”

³¹ Do original: “*If researchers insist that sexuality be analyzed in isolation [...] they run the risk of reading it through a theoretical lens that may be only partially revealing, at best.*” (Bucholtz; Hall, 2004, p. 488)

a compreensão da variação linguística e das identidades sociais deve pressupor uma investigação multidimensional.

Tais características começam a aparecer na pesquisa sociolinguísticas pelo menos nos últimos 20 anos (LEVON, 2015), uma vez que um uso cada vez mais sofisticado de uma teoria social tem permitido, como resultado, a “compreensão mais sutil da relação entre indivíduos, sociedade e padrões de variação e mudança linguística” [tradução própria]³² (LEVON, 2015, p. 295). Embora a sociolinguística já tenha alcançado resultados significativos de como formas linguísticas específicas indiciam significados de gênero, idade ou raça, ainda é preciso nos debruçar mais atentamente ao fato de que aqueles significados de gênero, idade e raça são simultaneamente recrutados e, portanto, os falantes, quando em interação, recorrem a todos esses significados sociais subjacentes de forma conjunta. A esse respeito, Levon (2015) completa que a compreensão do significado social da variação tem sido, por vezes, compartimentada, dado que o foco recobria ou gênero ou sexualidade, ou raça ou etnia, ou classe ou região.

Nesse sentido, para evitar então a compartimentação desses significados, adota-se, nesta tese, uma visão da interseccionalidade (CRENSHAW, 1989, 1991), a qual defende que nenhuma categoria sozinha é suficiente para exemplificar as experiências ou práticas linguísticas de um dado indivíduo. Nas palavras de Levon (2011, p. 70), “[a] força da análise interseccional está em sua capacidade de teorizar a complexidade da formação da identidade ao desestabilizar binários categóricos simplistas, como homem *versus* mulher, gay *versus* hetero” [tradução própria]³³.

³² Trecho original: “*the development of a more nuanced understanding of the relationship between individuals, society, and observed patterns of language variation and change*”. (LEVON, 2015, p. 295)

³³ Trecho original: “*The strength of intersectional analysis lies in its ability to theorize the complexity of identity formation by destabilizing simplistic categorical binaries, such as man versus women, gay versus straight.*” Levon (2011, p. 70)

2.1 “Percebendo” gênero e sexualidade

Como já apontado na seção 1, a fala, além de variável e sistemática, transmite paralelamente informações que perpassam o significado referencial de uma dada frase. Essas informações se conectam às formas linguísticas de maneira indicial (SILVERSTEIN, 2003; ECKERT, 2008), ou seja, os significados sociais sobre os quais uma forma linguística pode apontar não se conectam a ele diretamente, sendo co-construídos por falantes e ouvintes. Por exemplo, um certo traço linguístico não vai indicar masculinidade apenas porque foi dito por um homem; a dimensão da masculinidade pode ser alterada a depender do contexto em que esse mesmo traço linguístico é empregado. Tendo isso em vista, a fala é um dos meios pelos quais os indivíduos podem transmitir, mesmo que inconscientemente, sua participação ou filiação a um determinado grupo social. Essas informações, que vão além do conteúdo denotacional, podem ser apreendidas tanto do ponto de vista da produção, quanto da percepção. Para esta seção, apresentam-se resultados de estudos de percepção sociolinguística que contaram com a investigação da dimensão de gênero e sexualidade.

No que se refere à percepção, os pesquisadores há alguns anos já estão investigando fenômenos linguísticos específicos que indiciam gênero e sexualidade. Dentro desse domínio, grande parte desses estudos recobrem a investigação de variáveis linguísticas (fonéticas ou não) que se associam à masculinidade e à orientação sexual. Em termos perceptuais, o trabalho com a voz masculina perdura na literatura por muitos tempo e isso pode ser evidenciado a partir do momento em que se observa a voz masculina sendo analisada do ponto de vista perceptual em Dinamarquês (PHARAO *et al.*, 2014), Africanês e no inglês sul-africano (BEKKER, LEVON, 2017), Húngaro (RÁCZ, PAPP, 2015), Espanhol (CHAPPELL, 2016; MACK, 2010a, 2010b, 2015; WALKER *et al.*, 2014), Português brasileiro (MENDES, 2015a, 2015b, 2016, 2018, 2019; SENE, 2019a, 2019b, 2020), etc.

O precursor dessas investigações é Rudolph Gaudio, que, em 1994, testou a validade da intuição popular de que os gays falavam com um tom de voz (F^0) mais 'fino' relativo aos homens heterossexuais. Para isso, o pesquisador gravou 4 falantes que se autodeclaravam homens gays e 4 falantes que se autodeclaravam como 'não gays' – terminologia usada pelo autor. Todos os participantes que foram gravados eram falantes nativos do inglês americano e estudantes de pós-graduação com idade que variava entre 21 e 31 anos. Duas passagens diferentes foram selecionadas para que eles fizessem a gravação: a primeira era sobre um texto contábil, enquanto a segunda era retirada de um monólogo dramático de um personagem gay da peça *Torch Song Trilogy*, de Harvey Fierstein (1983).

Após as gravações, duas amostras de 15 segundos de cada um dos falantes foram selecionadas e utilizadas na análise acústica e perceptual. Na análise de percepção, o pesquisador selecionou 13 estudantes (10 mulheres e 3 homens), destas sete mulheres e dois homens se declaram heterossexuais, enquanto uma mulher era bissexual e um homem era homossexual. Duas mulheres não revelaram sua sexualidade. Todos os participantes escutaram as amostras de fala e julgaram as vozes dos palestrantes com base nas quatro escalas a seguir: *straight x gay* (hétero x gay), *effeminate x masculine* (efeminado x masculino), *reserved x emotional* (reservado x emocional), *affected x ordinary* (afetado x ordinário). As escalas eram compostas por 7 pontos, que variavam entre 1 (extremamente gay) x 4 (neutro) x 7 (extremamente hétero).

Os resultados mostraram que os participantes da pesquisa foram capazes de julgar corretamente a sexualidade dos informantes. Os homens gays foram percebidos como tal, e os homens heterossexuais também. No teste estatístico executado no estudo, a chance de que esse resultado tenha ocorrido por acaso é de 2%. Ainda, os respondentes avaliaram os homens gays como 'efeminados' para ambas as passagens (contábil e peça teatral), 'emocional' apenas para a segunda leitura e 'afetado' (*affected*) para a primeira. Os não-gays, em vez disso, foram julgados como "masculinos" (para ambas as leituras), "reservados" (para a segunda leitura) e "comuns"

(para a primeira leitura). Além do objetivo de verificar se os ouvintes são capazes de corretamente acertar a sexualidade dos falantes, Gaudio (1994) analisou as passagens de um ponto de vista acústico, verificando se haveria diferença estatisticamente significativa na variabilidade de *pitch* de homens gays e heterossexuais. No entanto, as análises indicaram que os falantes gays e os não gays não apresentavam diferença do ponto de vista estatístico, o que implica dizer que não foi possível, de um ponto de vista da produção, correlacionar as medidas do *pitch* à percepção dos ouvintes.

Em resumo, os ouvintes da pesquisa de Gaudio (1994) foram capazes de identificar com precisão os falantes como gays ou heterossexuais, embora seus falantes gays não usassem um *pitch* mais alto do que os heterossexuais. A questão em aberto do trabalho do pesquisador é que, se o *pitch* teve efeito no modo como os ouvintes julgaram as passagens de leitura ouvida, certamente isso não estava relacionado às medidas brutas realizadas pelo pesquisador.

No mesmo caminho, Linville (1998) realiza o seu estudo de percepção de vozes masculinas em Milwaukee. A pesquisadora detalha dois objetivos: (i) se os ouvintes serão capazes de julgar com precisão a orientação sexual de um grupo de falantes do sexo masculino a partir de trechos de suas falas; e (ii) se as medidas acústicas relacionadas a duração de /s/, pico de frequência de /s/, f^0 e velocidade de fala estão associadas com a orientação sexual real ou percebida. A essa altura, vale esclarecer que, no trabalho de Linville (1998), foram recrutados nove homens, sendo cinco gays e quatro heterossexuais, todos falantes de inglês americano e, como coloca a pesquisadora, sem evidência de uma fala regionalmente marcada. Os falantes gays tinham idade entre 30 e 41 anos (média = 35,8) e vivam abertamente como gays (LINVILLE, 1998). Os falantes heterossexuais tinham idades entre 24 e 43 anos (média = 33,3 anos).

As amostras de fala foram recolhidas em uma Clínica de Fonoaudiologia da Universidade de Marquette. Nenhum dos participantes sabia o real objetivo do estudo, apenas tinham sido

convidados a participar de um estudo cujo foco era a percepção de voz masculina. Tal como em Gaudio (1994), a pesquisadora solicitou aos informantes a leitura de um monólogo proferido por um homem gay da peça *Torch Song Trilogy*. Para Linville (1998), o uso da peça é importante, dado que esse gênero textual é feito para ser falado e não essencialmente lido. Tendo isso em vista, nas palavras da pesquisadora, “um monólogo se aproxima mais da fala espontânea do que seria uma passagem de uma leitura” (LINVILLE, 1998, p. 39)[tradução própria]³⁴. Feita a gravação de todos os nove homens, um trecho de aproximadamente 1 min e 30 segundos foi recolhido para as análises acústicas e, também, para ser apresentado aos ouvintes por meio de um experimento perceptual. No que se refere ao teste de percepção, uma fita contendo a leitura do monólogo de cada um dos nove falantes foi criada, em que a leitura de um mesmo falante aparecia duas vezes para análises de “teste-reteste de confiabilidade” (LINVILLE, 1998, p.41).

Ao todo, 25 ouvintes participaram do teste de percepção, todas mulheres jovens, de idade entre 19 a 30 anos. Os trechos de leitura foram apresentados aos ouvintes em pequenos grupos. A tarefa solicitada às ouvintes era de que, ao apresentar o trecho de leitura do monólogo, as ouvintes deveriam, automaticamente, indicar em uma folha se o falante era gay ou heterossexual. Para as análises dos resultados, a variável dependente do estudo de percepção foram as respostas dos ouvintes à tarefa perceptual. De modo geral, 79,6% dos ouvintes foram capazes de identificar precisamente (ou de forma correta) a orientação sexual dos falantes. As taxas de identificação correta da orientação sexual real dos ouvintes foram significativamente maiores para os falantes héteros (93,5 %) do que para os falantes gay (68,4 %). Linville (1998) também esclarece que os ouvintes mantiveram a mesma resposta dada tanto na primeira vez quanto na segunda vez em que ouviam o trecho de fala de um mesmo falante.

³⁴ Trecho original: “a monologue more nearly approximates spontaneous speech than would a reading passage”. (LINVILLE, 1998, p. 39)

Os resultados da investigação de Linville (1998) sugerem que os ouvintes são capazes de fazer julgamentos precisos sobre a orientação sexual dos falantes do sexo masculino a partir de amostras de fala. Esses resultados se alinham ao do estudo de Gaudio (1994), que também conclui que os ouvintes concordam em seus julgamentos sobre o que ele chama de percepção da ‘fala gay’. Além disso, o pesquisador destaca a capacidade dos ouvintes em serem corretos no que diz respeito à identificação de uma determinada voz masculina como pertencente a um falante gay ou heterossexual.

Outro estudo que parte da mesma direção de investigação, pressupondo, então, que os ouvintes são capazes de acertar corretamente a orientação sexual dos falantes, é o de Pierrehumbert *et al.* (2004). Esse estudo, de igual modo aos anteriores, busca validar a existência de uma coesão social da comunidade na identificação de que homens gays podem ser identificados a partir de suas vozes, uma vez que falariam diferentemente dos homens heterossexuais. Para esses estudos, há uma pressuposição de que a ‘fala gay’ exista e de que ela pode ser reconhecida do ponto de vista da produção e da percepção. O estudo de Pierrehumbert *et al.* (2004), diferentemente dos demais, recruta 102 falantes, todos de Chicago, e os divide da seguinte forma: 26 homens heterossexuais, 29 gays, 16 mulheres heterossexuais, 15 lésbicas, 16 mulheres bissexuais. Todas as vozes dos participantes foram gravadas enquanto liam um “conjunto padrão de frases foneticamente equilibradas³⁵” (PIERREHUMBERT *et al.* 2004, p. 1906)[tradução própria]³⁶.

O estudo de Pierrehumbert *et al.* (2004) conta com uma análise de produção, em que medidas acústicas foram extraídas de cada uma das falas para comparação entre as cinco vogais /ae/, /i/, /e/, /u/ e /a/. Essas vogais foram selecionadas com base em um estudo anterior de Bailey

³⁵ As sentenças gravadas foram: *It's easy to tell the depth of a well; Help the woman get back to her feet; Four hours of steady work faced us; and The soft cushion broke the man's fall!*

³⁶ Trecho original: “*standard set of phonetically balanced sentences*” (PIERREHUMBERT *et al.* 2004, p. 1906).

(2003), por terem sido apontadas como pistas acústicas indicativas para determinar a sexualidade de um falante. Também foi realizado um estudo de percepção, que testou o estereótipo de que gays e lésbicas ‘imitam’ a fala do seu sexo oposto, logo gays falariam como mulheres e lésbicas como homens. Em relação ao estudo de percepção, 80 ouvintes (sobre os quais nenhuma informação é dada no artigo³⁷) participaram da pesquisa e precisaram avaliar as vozes em uma escala que variava de 1 a 7, em que 1 significa soar totalmente heterossexual e 7 soar totalmente gay/lésbica (PIERREHUMBERT *et al.* 2004, p. 1906). O experimento foi executado em um laboratório da Universidade da Califórnia. Os resultados gerais apontaram que os ouvintes eram capazes de ‘acertar’ a sexualidade dos falantes, a partir das frases que ouviam. Com base nos valores da escala, os autores concluíram que os homens gays foram considerados como mais gays (média de 4,6) do que os homens heterossexuais (média de 3,2), enquanto as mulheres lésbicas e as bissexuais foram associadas como mais lésbicas (média de 4,3) do que as mulheres também heterossexuais. Essas diferenças foram, conforme verificaram os autores, estatisticamente significativas ($p < 0.05$). Sendo assim, esses resultados apoiam ‘fortemente’ – palavra utilizada pelos autores – a afirmação de que as pistas de fala podem efetivamente indiciar a orientação sexual de muitos “gays, lésbicas e bissexuais, mesmo em uma situação de comunicação muito neutra” (PIERREHUMBERT *et al.* 2004, p. 1909)[tradução própria]³⁸.

Os três trabalhos anteriormente apresentados, Gaudio (1994), Linville (1998) e Pierrehumbert (2004), apresentam algumas características em comum. Por exemplo, em todos eles a ideia de identidade social – que é criada por variáveis sociais específicas (região, classe, idade, etc.) – existe antes da linguagem – que muda de acordo com o contexto socio-estilístico. Logo, essa visão acaba apontando para o fato de que a linguagem é

³⁷ O artigo em questão conta com apenas 4 páginas. É um texto extremamente curto sobre o qual os autores apenas apresentam informações superficiais sobre o estudo.

³⁸ Trecho original: “gay, lesbian, and bisexual adults, even in a very neutral communication situation.” (PIERREHUMBERT *et al.* 2004, p. 1909)

previsivelmente um reflexo da identidade social. No entanto, esse tipo de abordagem não reflete a melhor forma de investigar a relação entre linguagem, gênero e sexualidade. Isso porque o fato de os gays, por exemplo, usarem uma determinada forma linguística (seja ela foneticamente marcada ou não) não faz com que a referida forma seja equacionada à homossexualidade. Além disso, esse tipo de abordagem não leva em consideração que um gay pode soar gay apenas em situações particulares e específicas, o mesmo podendo ocorrer com os heterossexuais, que, a depender do repertório linguístico, do contexto socioestilístico, também podem soar gay. Isso significa dizer que as variáveis como o *pitch* (GAUDIO, 1994), a duração de /s/ (LINVILLE, 1998) e as vogais (PIERREHUMBERT et al. 2004) podem, então, ter vários significados sociais para os quais elas apontam, mas que não são significados intrínsecos e essenciais a elas.

Esse tipo de abordagem de estudos da linguagem, sexualidade e gênero ficou conhecida como a abordagem correlacional (ECKERT, 2012). Essa abordagem engloba os estudos que empregavam métodos perceptuais, por exemplo, na tentativa de correlacionar as habilidades de ouvintes em identificar corretamente a orientação sexual de um falante ao ouvir um determinado trecho de fala. Sobre essa abordagem, Levon e Mendes (2016) completam que:

[...] ela assume que uma estrutura social subjacente é a causa de uma prática linguística distinta, o que significa que nós, como pesquisadores, podemos explicar quaisquer práticas observadas correlacionando-as com a estrutura social da qual elas supostamente emergem” (LEVON, MENDES, 2016, p. 4) [tradução própria]³⁹

Essa correlação das práticas observadas e da estrutura social ignora o fato de que uma dada forma linguística pode ser observada em um

³⁹ Trecho original: *It assumes that an underlying social structure is the cause of distinctive linguistic practice, meaning that we as researchers can account for any practices observed by correlating them with the social structure from which they purportedly emerge.* (LEVON, MENDES, 2016, p. 4)

determinado contexto e estar associada a um significado social, mas isso não impede de que esta mesma forma esteja associada, ou melhor, aponte para outros significados sociais potenciais que se conectam ideologicamente por meio de um campo indicial (ECKERT, 2008). Além disso, no caso da dimensão de 'feminilidade' e 'masculinidade', mobilizadas nos trabalhos de percepção de gênero e sexualidade, é preciso compreender que essas dimensões não constituem o que somos, nem traços que temos, "mas efeitos que produzimos por meio de coisas particulares que fazemos." (CAMERON, 1997, p. 49)[tradução própria]⁴⁰.

A partir desse pensamento, a abordagem correlacional (linguagem reflete a identidade) começa a ser desafiada, recusando-se a assumir aprioristicamente a existência de uma comunidade gay, por exemplo. A partir dos anos 90, uma confluência de desenvolvimentos na teoria linguística e social desafiou os fundamentos teóricos do modelo correlacional; o mais proeminente, como colocam Levon e Mendes (2016), é o advento da teoria *queer* (BUTLER, 1990, 1993), que desestabilizou "a própria noção de identidade e sua conexão com a participação em grupos"[tradução própria]⁴¹. Essa nova abordagem, conhecida como construcionista (ECKERT, 2012), promoveu grandes mudanças nas pesquisas de linguagem, gênero e sexualidade. Nela, a identidade não é assumida como a causa do comportamento observado, mais sim seu resultado. De acordo com essa abordagem, é fundamental o mapeamento de como traços linguísticos podem se associar a certas posturas, atos, atividades particulares e significados sociais. Sendo assim, ao contrário dos trabalhos anteriores, os que serão apresentados em seguida consideram investigar quais formas linguísticas são associadas a gênero e sexualidade, independentemente das orientações sexuais dos falantes e

⁴⁰ Trecho original: "*effects we produce by way of particular things we do*" (CAMERON, 1997, p. 49)

⁴¹ Trecho original: "*notion of identity and its connection to group membership*" (LEVON, MENDES, 2016, p. 4)

sem construir uma conexão essencialista entre o uso de uma forma linguística e uma identidade social.

O primeiro representante dessa abordagem é o trabalho de Smyth, Jacobs e Rogers (2003) que conduziram uma série de estudos sobre vozes masculinas publicados em diversos artigos, como em Jacobs, Smyth e Rogers (2000) e Rogers e Smyth (2003). O seu artigo principal é o “*Male voices and perceived sexual orientation: An experimental and theoretical approach*”, publicado na *Language and Society*, que reúne os resultados dos dois estudos anteriores e representa uma tentativa mais completa de investigar a percepção de gênero e sexualidade em vozes masculinas. Para esse estudo, diferente dos demais, a investigação baseava-se em compreender o porquê a voz de um homem poderia ser descrita como soando gay ou heterossexual, em vez de investigar se os ouvintes eram capazes de identificar corretamente a sexualidade dos falantes apenas ouvindo suas vozes.

No artigo em questão, os pesquisadores relatavam que o objetivo é descrever o desenvolvimento de um banco de dados com 25 vozes masculinas que variam, de acordo com as classificações dos ouvintes, entre vozes que soam gays e outras que soam heterossexuais. A pesquisa contou com duas partes, uma de produção e outra de percepção. No que se refere à de produção, 25 vozes masculinas de falantes nativos do inglês canadense foram gravadas; desses, 17 se identificavam como gays e 8 como heterossexuais. Muito embora tenha-se a identificação dos falantes em gay ou heterossexual, os pesquisadores não estavam interessados em construir uma amostra balanceada entre homens gays e heterossexuais, justamente porque não tinham o interesse em explorar se gays e heterossexuais têm vozes diferentes, mas sim que propriedades da voz de um determinado homem fazem os ouvintes apontarem aquela voz como potencialmente gay ou heterossexual, independentemente de sua orientação sexual.

Ainda sobre o estudo de produção, foi solicitado aos falantes que gravassem uma leitura de um parágrafo científico, elaborado por

Fairbanks (1966), cujo objetivo era obter uma passagem foneticamente equilibrada. Solicitou-se, também, a leitura de um parágrafo de um texto dramático, criado por Crist (1997), para investigar o uso do fonema /s/ como um estereótipo de que os homens usam /s/ de forma mais duradoura para fazer suas vozes soarem mais gays. Por fim, uma pergunta aberta foi realizada a cada um dos falantes, de modo “a desviar a atenção do falante e obter uma amostra de fala mais espontânea” (SMYTH, ROGERS, JACOBS, 2003, p. 333)[tradução própria]⁴². Feita a gravação, os trechos foram preparados para a tarefa de percepção. Para as leituras científica e dramática, foram extraídas três frases do meio, para cada uma das 25 vozes gravadas. Elas eram idênticas para cada um dos 25 falantes e a duração aproximada foi de 30 segundos por amostra. Para as amostras de fala espontânea, os trechos têm duração de 30 segundos para cada falante e seguiram o cuidado de não coletar conteúdo e passagem que revelassem explicitamente a identidade sexual do falante – por exemplo, a preferência sexual de parceiros ou até temas estereotipados como, por exemplo, a falta da familiaridade com os esportes.

Para a tarefa de percepção, Smyth, Rogers e Jacobs (2003) recrutaram 46 ouvintes, 14 dos quais foram explicitamente identificados como homens gays, enquanto os demais formaram um grupo bastante heterogêneo, a saber: 13 homens e 19 mulheres heterossexuais, todos recrutados na Universidade de Toronto. Os ouvintes interagiram primeiramente com a passagem científica; eles foram instruídos a ouvir cada uma das amostras de voz e, durante os cinco segundos de pausa entre um trecho e outro, precisariam indicar se aquela voz soava gay ou hétero. Os pesquisadores esclarecem que esse tipo de tarefa é de escolha forçada; por esta razão, a seguir, os participantes deveriam marcar numa escala a confiança em seu julgamento. A referida escala indicava se os falantes estavam dando um “palpite total” (ponto 0 da escala) até “100% positivo”

⁴² Trecho original: “divert the speaker’s attention from the tape-recorder and to elicit a more spontaneous speech sample”. (SMYTH, JACOBS; ROGERS, 2003, p. 333)

(ponto 6 na escala). O mesmo processo foi seguido, tanto na passagem dramática, quanto no trecho de fala espontânea.

Os resultados gerais indicaram que (em média para as três passagens) os ouvintes tinham uma ideia clara (ou seja, indicaram alta confiança em seus próprios julgamentos) e concordavam sobre quais vozes soavam gays, quais soavam heterossexuais e quais não apresentavam concordância entre os respondentes. Curiosamente, a voz que os ouvintes classificaram como a mais hétero pertencia a um homem gay. Além disso, a voz de outro homem gay foi julgada, em terceiro lugar, como a que soava mais hétero. Outro resultado relevante foi que os homens heterossexuais foram percebidos como mais alegres na leitura científica do que nas passagens dramática e de fala espontânea. Os autores sinalizaram que esse resultado pode ser movido pela escolha do tema do texto científico. Ainda com esses mesmos trechos, Smyth, Rogers e Jacobs (2003) investigaram que o construto 'gay ou heterossexual' daria ou não resultados diferentes de outros construtos semelhantes a estes, no caso masculino e feminino. De acordo com a crença popular, os homens gays são femininos, enquanto os homens heterossexuais são masculinos.

Para verificar esse aspecto, os autores elaboraram um novo experimento, com 16 novos ouvintes (oito mulheres e oito homens, todos estudantes universitários), que ouviram os mesmos trechos de fala do experimento principal. No entanto, desta vez os ouvintes deveriam classificar as vozes como 'masculinas' ou 'femininas' e, tal como no estudo anterior, indicar sua confiança: se era um palpite ou se estava confiante de sua resposta. Os resultados sugeriram que os construtos "soar gay ou heterossexual" e "soar masculino ou feminino" são altamente correlacionados em termos de julgamento dos ouvintes. No entanto, as classificações 'masculino/feminino' foram, em média, inferiores às classificações 'hétero/gay'. Para justificar esse resultado, Smyth, Rogers e Jacobs (2003) apontaram que o *pitch* pode ser o fator envolvido. Com isso, eles observaram que os ouvintes não mostraram resistência em classificar uma voz aguda como gay, mas hesitaram em julgá-la como feminina. Isso

talvez esteja relacionado ao fato de que uma voz masculina, a rigor, não soa necessariamente feminina, mas efeminada ou menos masculina. Os referidos autores não foram felizes ao construir, em seu segundo experimento, uma escala que variasse entre soar masculino e soar feminino, ao invés de soar muito masculino e nada masculino – como é o caso desta tese (ver seções 3, 4 e 5).

Embora o trabalho de Smyth, Jacobs e Rogers (2003) não se enquadre na abordagem correlacional, tal como os de Gaudio (1994), Linville (1998) e Pierrehumbert (2004), eles ainda apresentam um fator em comum. Todos fizeram análises linguística *post hoc*, ou seja, depois que os resultados de percepção eram coletados e analisados, e só de posse dos resultados que os pesquisadores em questão se indagavam sobre qual traço linguístico poderia ter sido responsável pela percepção que acabaram de acessar por meio do experimento. Em outras palavras, em nenhum desses estudos pôde-se concluir, com precisão, quais características linguísticas foram potencialmente avaliadas pelos ouvintes, isso porque, mesmo que eles tenham extraído medidas de *pitch* e duração de /s/, por exemplo, os trechos de fala apresentados aos ouvintes não manipulavam adequadamente as variáveis para saber se uma ou outra (talvez as duas) era responsável pelos resultados encontrados.

Para ficar mais claro, imagine que um ouvinte é apresentado a um trecho de fala de um homem específico e, em seguida, é solicitado que faça a avaliação se o determinado homem soa gay ou heterossexual. Em seguida, o mesmo ouvinte é apresentado a outro trecho de fala e solicitado a fazer o mesmo julgamento social. Caso ele tenha identificado o primeiro como heterossexual e o segundo como gay, como justificar essas respostas? O que o ouvinte efetivamente percebeu para realizar esse julgamento social? Essas e outras perguntas acabam aparecendo quando não se tem uma metodologia que controla a variação entre os estímulos.

Para contornar essas questões, Levon (2006, 2007) desenvolve um experimento sociolinguístico para investigar, a partir de um controle rigoroso de variáveis específicas, a percepção de homossexualidade em

falantes do sexo masculino. Em outras palavras, o pesquisador buscou manipular duas variáveis linguísticas (*pitch range* e duração das sibilantes /s/ e /z/) e verificar de que modo a percepção dos falantes se altera, a depender do estímulo ouvido. Para isso, Levon (2006, 2007) grava dois falantes do sexo masculino; ambos eram brancos e suas idades variavam entre 20 e 30 e poucos anos. Ambos leram uma passagem de uma narrativa neutra sobre um tópico típico da cidade de Nova York, ou seja, uma plataforma de metrô lotada em Manhattan. Essa passagem foi projetada de modo a controlar o número e a posição das sibilantes: (i) a fricativa alveolar surda /s/, (ii) a fricativa alveolar sonora /z/ e a (iii) fricativa palato-alveolar surda /ʃ/. Essa leitura gravada foi apresentada a um grupo pré-teste de 10 ouvintes, que precisavam classificar a gravação original nas escalas de: hétero/gay e afeminado/masculino. Conforme destaca Levon (2006, 2007), esse grupo era composto por estudantes de linguística da Universidade de Nova York, que conheciam o tópico da pesquisa, mas desconheciam os falantes gravados. No que se refere à primeira leitura, todos os ouvintes a classificaram como uma voz que soa “extremamente gay” e “extremamente efeminada”, enquanto a segunda leitura foi rotulada como o oposto, “extremamente hétero” e “extremamente masculino”.

De posse das gravações, o pesquisador manipulou os segmentos auditivos de modo a criar quatro estímulos derivados da gravação de fala do falante ‘identificado como gay’ e quatro estímulos do falante ‘identificado como hétero’. O uso das aspas é importante para esclarecer que, em nenhum momento da pesquisa de Levon (2006, 2007), foi perguntado sobre a sexualidade dos falantes; essas identificações foram feitas pelo grupo supracitado. A manipulação dos estímulos foi realizada na seguinte direção: para a voz associada como aquela que soa ‘gay’, o *pitch range* é reduzido em 25% e a duração da sibilância também é reduzida em 17%; para a voz que soa ‘heterossexual’, a diferença é contrária: aumenta-se a amplitude do *pitch* em 25% e a duração da sibilância em 15%

- os estímulos foram organizados no quadro 2.1. Todos as manipulações dos estímulos foram realizadas com auxílio do PRAAT 4.1.15.

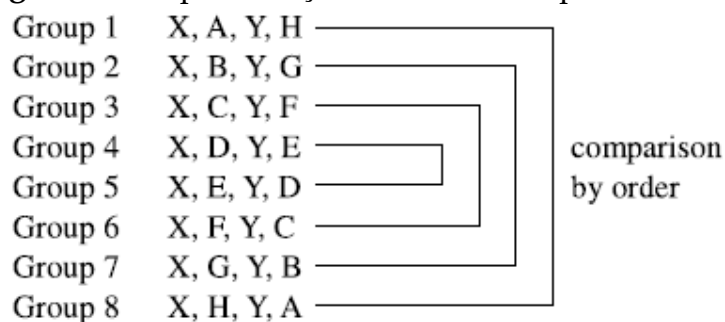
Quadro 2.1 – Estímulos criados por Levon (2006, 2007)

Falante	Estímulo	Pitch range	Sibilante
'gay'	A	Original	Original
'gay'	B	Redução em 25% da amplitude do pitch	Original
'gay'	C	Original	Duração das sibilantes reduzida em 17%.
'gay'	D	Redução em 25% da amplitude do pitch	Duração das sibilantes reduzida em 17%.
'hétero'	H	Original	Original
'hétero'	G	Original	Duração das sibilantes aumentada em 17%.
'hétero'	F	Ampliação em 25% da amplitude do pitch	Original
'hétero'	E	Ampliação em 25% da amplitude do pitch	Duração das sibilantes aumentada em 17%.

Fonte: elaborado a partir de Levon (2006, 2007)

Os estímulos, após preparados, foram apresentados a 123 ouvintes de graduação da cidade de Nova York. A idade dos participantes variou entre 18 a 45 anos, sendo composta, então, por aproximadamente 65% de mulheres e 35% de homens. Esses ouvintes foram separados em oito grupos, cada um deles ouviu quatro dos oito estímulos preparados. A apresentação dos estímulos se deu da seguinte maneira (figura 2.1):

Figura 2.1 – Apresentação dos estímulos por ordem



Fonte: Levon (2007, p. 542)

Note que os estímulos foram organizados de modo a conter um trecho de fala derivado da voz 'identificada como gay' (A, B, C ou D) e outro da voz 'identificada como hétero' (E, F, G, H), além de dois distratores (X e Y), que se mantiveram constantes durante todo o processo. Os distratores foram criados a partir da gravação de um homem branco e foram inseridos ao experimento com vistas a diminuir a probabilidade de chances de os ouvintes descobrirem, ao ouvir os trechos, quais variáveis linguísticas foram manipuladas. Para as análises, Levon (2006, 2007) esclarece que, embora os estímulos tivessem sido apresentados em oito grupos, no momento das análises dos dados, os grupos que continham os mesmos estímulos, mas em ordens diferentes, foram amalgamados. Por exemplo, os grupos 1 e 8 apresentam os mesmos trechos de fala, com a diferença de que o estímulo A foi ouvido na segunda posição no grupo 1, enquanto no grupo 8 foi na quarta posição. A junção dos grupos exige, então, que Levon (2006, 2007) inclua a ordem do experimento como uma variável a ser analisada.

Levon (2006, 2007) decide apresentar, primeiramente, os resultados da análise quantitativa das avaliações afetivas dos ouvintes a partir dos estímulos cuja voz foi 'identificada' como 'gay'. De modo geral, em relação ao efeito do estímulo sobre a percepção dos ouvintes, foi possível observar semelhança no modo como ouvintes avaliaram as escalas de efeminado x masculino e gay x hétero. Em outras palavras, na medida em se que avaliava um estímulo como soando efeminado, também era avaliado como soando gay. Esse resultado é testado estatisticamente por Levon (2006, 2007), que confirma a existência de uma correlação das avaliações dos ouvintes nessas duas escalas ($r = -0.487$, $p < 0.001$). Mesmo atestando essa correlação a partir dos estímulos 'identificados' como aqueles que soam 'gay', o autor não analisa as escalas conjuntamente. Essa análise conjunta seria importante para considerar, no mesmo eixo, a escala de dimensão de gênero (efeminado x masculino) e sexualidade (gay x

heterossexual). Como dito anteriormente, analisar essas duas escalas isoladamente pode trazer uma interpretação parcial do dado analisado (BUCHOLTZ, HALL, 2004), não reconhecendo, apropriadamente, que sexo e gênero são dois eixos de diferenciação social complementares. Do ponto de vista estatístico, esse tipo de análise, que avalia conjuntamente as duas escalas, poderia ter sido realizada por meio de uma Análise de Componentes Principais (PCA, do inglês), que verificaria o número de fatores que respondem pela máxima variância dos dados, sendo tais fatores, então, chamados de componentes principais (MALHOTRA, 2010) – para mais informações sobre esse procedimento analítico, ver seção 3.

Considerando esse aspecto, sumariza-se que tanto o *pitch range* quanto a duração da sibilante mostraram afetar significativamente os julgamentos de gênero e sexualidade dos ouvintes. Para a escala de efeminidade x masculino, destaca-se que o *pitch range* teve efeito sobre a percepção dos ouvintes apenas quando combinada com a duração curta da sibilante, e a duração da sibilante só foi eficaz quando associada com redução em 25% da amplitude do *pitch range*. Esse resultado é revelador, na medida em que evidencia que a interdependência das duas variáveis “apoia a compreensão gestáltica da indicialidade” (LEVON, 2007, p. 546)[tradução própria]⁴³. Isso equivale dizer que as características linguísticas não são salientes (ou indiciam significados sociais) por conta própria, em geral elas ‘trabalham’ em grupo para apontar para significados sócio-indiciais. Ainda sobre a combinação de estímulos ‘identificados como gay’, para a escala de gay x hétero, o *pitch range* funciona sozinho para alterar os julgamentos dos ouvintes sobre a sexualidade do falante e, portanto, serve para destacar o fato de que “a indicialidade linguística pode operar de várias e múltiplas maneiras” (LEVON, 2007, p. 546)[tradução própria]⁴⁴.

⁴³ Trecho original: “[...] *support of a gestalt-like understanding of indexicality*” (LEVON, 2007, p. 546)

⁴⁴ Trecho original: “[...] *linguistic indexicality may operate in various and multiple ways.*” (LEVON, 2006, p. 546)

Em relação aos estímulos ‘identificados’ como aqueles que soam ‘hétero’, eles não produziram resultados significativos com relação aos julgamentos dos ouvintes, tanto na escala de ‘efeminado’ x ‘masculino’, como quanto na escala de ‘gay’ x ‘hétero’. Esse resultado é independente da manipulação tanto do *pitch range* quanto da duração da sibilante. Esse resultado, embora contrastante ao anteriormente apresentado, ajuda-nos a compreender que, conforme dito acima, os significados sociais raramente operam sozinhos, afinal a indicialidade linguística em si não é um fenômeno isolado através do qual um traço linguístico liga-se diretamente a um significado social. Em vez disso, os dados do Levon (2006, 2007) sugerem uma compreensão da indicialidade como um fenômeno mediado, em que os índices linguísticos são inseparáveis do contexto em que são ouvidos (OCHS, 1990, 1992).

Adiante, Mendes (2018), em sua tese de Livre Docência, apresenta três experimentos que mostram avanços significativos para a investigação da percepção sociolinguística de gênero. Para este trabalho, apresenta-se apenas a discussão no que se refere ao primeiro experimento realizado pelo pesquisador. Um dos primeiros diferenciais desse experimento está na variável selecionada para a investigação, enquanto os trabalhos anteriores se debruçaram na investigação de variáveis fonéticas e seus efeitos na percepção de gênero e sexualidade. Mendes (2018), em contrapartida, opta pela investigação de uma variável sintática: concordância nominal padrão (CNp). A motivação pela escolha da variável vem, em parte, de um trabalho realizado pelo pesquisador em 2007, quando convidou 106 pessoas a avaliar a leitura gravada de um mesmo texto por 5 homens. O julgamento social foi realizado a partir de uma nota que variava de 1 a 5, de acordo com quão gay o trecho de leitura ouvida soava. Após a atribuição das notas, os ouvintes foram convidados a justificá-las: “por que você deu a nota X para essa leitura?”.

Muitos dos respondentes, ao justificar as leituras que soavam gay, faziam comentários acerca do “tom da voz”, da “entoação”, do uso de diminutivos, “do alongamento de vogais” e, por fim, o fato de que “gay

fala certinho” – dando exemplos de palavras com concordância nominal. Vale destacar que em nenhum trecho da leitura gravada havia, por exemplo, palavras no diminutivo e erros potenciais de concordância nominal. Nas palavras de Mendes (2018), os “ouvintes trouxeram essas formas [diminutivo e concordância nominal] consigo, como elementos simbólicos que devem fazer parte do conjunto de imagens que, por sua vez, caracterizam os estereótipos que eles (re)produzem nas suas experiências de vida” (MENDES, 2020, p. 4). Tendo isso em vista, o pesquisador se propôs, anos depois, a testar experimentalmente o efeito dessa variável sobre a percepção de gênero.

Para a elaboração do instrumento de percepção, o pesquisador define a pergunta central que vai guiar a construção do experimento: seria um homem percebido como alguém que soa menos masculino diante de concordância nominal padrão (CNp)? Para isso, Mendes (2018) seleciona quatro falantes - Carlos, Robson, Jaime e Lucas -, que se voluntariaram a conceder entrevistas ao Projeto SP2010 (MENDES, 2013). A essa altura, já é possível observar outra inovação trazida para esse estudo, quando comparado aos demais apresentados anteriormente. Seguindo a orientação de Campbell-Kibler (2006), o pesquisador trabalha com falas naturais, extraídas de entrevistas sociolinguísticas, ao invés de leitura de algum trecho específico. De cada uma das entrevistas, Mendes (2018) selecionou dois trechos das falas dos rapazes, que contivessem pelo menos três ocorrências de sintagmas nominais plurais, constituídos de dois elementos (como em “meus pais”).

Com base na técnica de *matched-guise* (LAMBERT et al. 1960), os trechos com as ocorrências de CNp foram manipulados no PRAAT (BOERSMA, WEENINK, 2015), com vistas a construir duas versões de cada trecho: uma em que todos os sintagmas nominais plurais estão na versão padrão da concordância, ou seja, com concordância nominal padrão, enquanto na outra versão só há ocorrências sem concordância nominal padrão (CN \emptyset). Em outras palavras, foi necessário “cortar” a

marca de plural dos elementos à direita em palavras como 'amigos' > 'amigo'.

Quadro 2.2 – Estímulos elaborador por Mendes (2018)

Carlos	Jaime
<p>a. <i>os meus amigo(s/∅) do outro prédio nem tenho tanto convívio mais al/ alguns pouco(s/∅) de vez em quando ao telefone às vezes quando... eu faço alguma coisa aqui em casa eu chamo eles vêm mas os meus amigo(s/∅) mesmo são os amigo(s/∅) do colégio né que também são (xxx)... até por causa da escola né o pessoal acaba escolhendo escolas próxima(s/∅) né então o pessoal mora tudo na região também...</i></p> <p>b. <i>o pessoal costuma fazer alguns evento(s/∅) (por exemplo) tem festa junina tem... eh almoço do dia das mãe(s/∅) almoço do dia dos pai(s/∅) então... até porque tem um restaurante aqui então eles costumam promover esses evento(s/∅) até pra... pra lógico pra eles é interessante porque pra comercialmente também... mas até pra... promover essa integração entre os condômino(s/∅) assim então aqui costuma ter mais</i></p>	<p>a. <i>bom a minha família assim eu meu pai e minha irmã... e minha sobrinha meu cunhado... isso a gente se encontra sempre eu faço todas as refeições com meus pai(s/∅) porque eles moram aqui do lado eu não tenho nem fogão não sei cozinhar... eh e assim dias dos pai(s/∅) dia das mãe(s/∅) Natal essas coisa(s/∅) a gente sempre está junto mesmo...</i></p> <p>b. <i>é o que falo até com meus amigo(s/∅) a gente é de uma geração muito privilegiada porque a gente viveu... o analógico e agora o digital... pra lembrar as brincadeira(s/∅) que não tinha internet não tinha computador não tinha nada e agora a gente vive plenamente a questão de do da informática... então é uma/ eu acho bem legal assim a gente viu os dois mundo(s/∅) e é e é bem louco porque foi uma mudança muito rápida né...</i></p>
Lucas	Robson
<p>a. <i>às vezes eu vou nos bairro(s/∅) assim nas casa(s/∅) de amigos meu(s/∅) que são em bairros tanto de zona Leste quanto a zona Sul enfim qualquer... zona co/ eu conheço muita gente assim por São Paulo inteiro entendeu conheço... bastante São Paulo todas as zonas(s/∅) ... e e aí eu chego às vezes naqueles bairro(s/∅) que são tudo casas assim que você vê que não é aquela realmente aquele essa muvuca que tem no Centro meu eu falo "ai que delícia" né...</i></p> <p>b. <i>you perde no mínimo duas hora(s/∅) do seu dia... assim isso eu estou falando o mínimo... porque no meu trabalho tinha pessoas que acordavam quatro hora(s/∅) da manhã pra estar no trabalho às oito... então perdem duas hora(s/∅) pra ir duas hora(s/∅) pra voltar se você multiplicar isso no dia já são quatro hora(s/∅) ... se você multiplicar isso vezes cinco dia(s/∅) da semana s/ quatro vezes cinco vinte já são eh vinte hora(s/∅) ...</i></p>	<p>a. <i>os cara(s/∅) tem lá o centro de treinamento tipo... uma rampona de madeira... uns esqui(s/∅) uns capacete(s/∅) e tal o cara desce a rampona e cai num monte de esponja faz umas manobra(s/∅) umas coisa(s/∅) simples de fazer.</i></p> <p>b. <i>eu tenho que pagar minhas conta(s/∅) e quem está me ajudando são/ o meu pai de set/ que fez setenta ano(s/∅) ontem... e eu já fui um cara que tive empresa cinco funcionário(s/∅) pagava tudo pros meus amigo(s/∅) não tinha... eh um cara independente tinha minha casa tudo...</i></p>

Fonte: elaborado a partir de Mendes (2018, p. 60)

Esses estímulos foram organizados, então, em quatro conjuntos – conforme indica o quadro 2.3. No conjunto identificado como A1 e A2, o mesmo trecho (*a*) foi utilizado, com a diferença que, em A1, o falante Carlos foi ouvido na versão com concordância nominal padrão, enquanto que, no conjunto A2, o mesmo trecho foi apresentado sem a referida concordância. O mesmo acontece com o conjunto B1 e B2: o mesmo trecho (*b*) é apresentado com CNp e sem a concordância. Com isso, o procedimento é o mesmo para todos os falantes, tanto no par A1/A2 quanto no par B1/B2: se um falante apareceu numa versão no primeiro conjunto, apareceu em outra versão no segundo.

Quadro 2.3 – Organização dos estímulos elaborados por Mendes (2018)

A1	A2	B1	B2
Carlos a-s	Carlos a-∅	Carlos b-s	Carlos b-∅
Jaime a-∅	Jaime a-s	Jaime b-∅	Jaime b-s
Lucas a-s	Lucas a-∅	Lucas b-s	Lucas b-∅
Robson a-∅	Robson a-s	Robson b-∅	Robson b-s

Fonte: Mendes (2018, p. 61)

Mendes (2018) explica que a coleta de dados foi realizada, em sua maioria, presencialmente no Aeroporto de Guarulhos e cada conjunto de estímulos foi ouvido por 25 participantes. Para cada estímulo ouvido, os participantes da pesquisa precisaram preencher um formulário que contava com sete escalas de diferenciais semânticos (escolaridade, amigabilidade, efeminidade, formalidade, inteligência e classe) e uma caixa de seleção que continha uma gama de adjetivos para caracterização do estímulo ouvido. Dentre as escalas presentes no questionário, o interesse era compreender a escala de ‘efeminidade’, mas as demais também foram investigadas, uma vez que percepções de efeminidade na fala masculina podem estar ligadas a outros elementos perceptuais, como o fato de ser amigável ou não. Ao todo, 400 formulários foram

preenchidos, isso porque em cada um dos conjuntos de 25 participantes respondia a quatro estímulos, o que totaliza 100 formulários por conjunto de ouvintes. Ao multiplicar esse número por 4 conjuntos (A1, A2, B1, B2), tem-se o total de 400 formulários.

Os principais resultados do experimento apresentaram fortes evidências de que a variável concordância nominal indicia significados baseados em gênero. A partir de análises de regressão, foi possível verificar que, na escala de efeminidade, todos os quatro homens foram percebidos como homens que soam mais efeminados diante de CNp e menos efeminados diante de CNØ. Mendes (2018) também investigou a quantidade de vezes em que a característica 'gay' foi assinalada na caixa de seleção. Para todos os quatro falantes, a referida característica foi marcada menos vezes diante de CNØ e mais vezes diante de CNp, independentemente se os participantes do experimento eram do sexo masculino ou feminino.

2.1 Resumo da seção

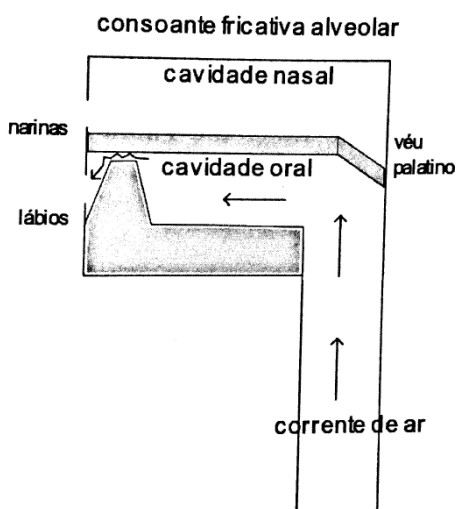
Esta seção apresentou uma discussão em relação à dimensão de gênero e sexualidade, justificando como esses dois conceitos são interpretados nessa tese e, além disso, explicitando o porquê trabalha-se com elas conjuntamente. Feito isso, alguns trabalhos sobre percepção de gênero e sexualidade foram apresentados seguindo uma relação lógica entre aqueles que se relacionam a uma abordagem correlacional (GAUDIO, 1994; LINVILLE, 1998; PIERREHUMBERT *et al.*, 2004) e aqueles que estão relacionados com uma visão mais construcionista (SMYTH, JACOBS, ROGERS, 2003; LEVON, 2006; 2007; MENDES, 2018). Ainda, é com base na profusão de trabalhos e os avanços metodológicos que foram apresentados de uma pesquisa para a outra que esta tese elaborou os experimentos reportados nos próximos capítulos.

3

Efeitos da duração de /s/ na percepção de gênero e sexualidade

Os movimentos dos órgãos da fala produzem sinais sonoros que são percebidos pelos ouvintes; estes conhecidos como sinais acústicos que, quando captados, permitem a compreensão da fala. Dentre os segmentos produzidos no trato vocal, há as fricativas, que, do ponto de vista da produção articulatória, são realizadas por meio da passagem da corrente de ar por um estreitamento no trato oral, gerando, portanto, um ruído (ou também conhecido como fricção) (CAGLIARI, 2007). Essa produção é capaz de gerar, conforme lembra Biasibetti (2018), fricativas que são sibilantes ou não. O /s/, sendo uma fricativa sibilante, é caracterizado, então, pelo choque “da corrente de ar egressiva contra um obstáculo localizado após o ponto de constrição, isto é, após o ponto em que o articulador ativo e o articulador passivo se aproximam formando o estreitamento” (BIASIBETTI, 2018, p. 20).

Figura 3.1 – Diagrama esquemático da consoante fricativa alveolar



Fonte: CRISTÓFARO-SILVA, *et al.* 2019, p. 129

Como mostra o diagrama, a pressão exercida em determinado ponto é o que origina o efeito de turbulência e, a partir de uma pequena abertura, permite a passagem de ar, produzindo o som fricativo. Entre os parâmetros acústicos que são mais relevantes para caracterização da fricativa /s/, estão os picos espectrais, momentos espectrais e duração (relativa e absoluta) (HAUPT, 2007; OLIVEIRA, 2011; BASSI, SEARA, 2017). Esses parâmetros são responsáveis pela distinção entre as fricativas alveolares /s/ e /z/ e palato-alveolares /ʃ/ e /ʒ/. Para além dessa diferenciação, a variabilidade acústica existente nesses parâmetros pode ser explicada por meio de condicionadores como a coarticulação, bem como condicionadores não linguísticos, como é o caso da noção de estilo e gênero.

Outro fato que vale destacar é a questão anatômica, uma vez que os homens tendem, numa média geral, a serem mais altos do que as mulheres (HEFFERNAN, 2004; BIASIBETTI, 2018) e, por essa razão, os homens geralmente possuem tratos vocais mais longos e, também, câmaras de ressonâncias mais volumosas (KENT, READ, 2015). Para a produção de alguns aspectos fonéticos, isso ocasiona uma frequência mais baixa para os homens e mais alta para as mulheres, como é o caso das vogais e da frequência fundamental (f_0). Essa diferença anatômica se encontra na porção mais posterior do trato (BIASIBETTI, 2018) e nem sempre é a responsável por explicar a variação de alguns detalhes fonéticos.

No trabalho seminal de Crist (1997), a duração de /s/ foi estudada na fala de seis homens falantes do inglês americano; desses, dois eram autodeclarados heterossexuais e os outros, homossexuais. O pesquisador constatou que a duração da fricção (como usa Crist, 1997) era mais longa naqueles que se identificavam como gays. Algo semelhante ocorre no estudo de Smyth, Jacobs e Rogers (2003), que observaram que a duração de /s/ e /z/ e o pico de frequência eram maiores quando os homens **soavam** gays; diferentemente do estudo anterior, neste a sexualidade dos

informantes não era autodeclarada.

O artigo de Stuart-Smith, Timmins e Wrench (2003) também é importante na medida em que mostra que a fricativa /s/ oferece uma distinção clara e consistente no tocante ao sexo/gênero dos falantes, além de interações com idade e classe social. No estudo, as mulheres tiveram médias gerais e picos mais altos da produção da referida variável – ambas as medições são baseadas na frequência do ponto médio da curva espectral. Destaca-se, ainda, que os valores de média e do mínimo da realização de /s/, pelas mulheres, diferiram entre aquelas que se alinhavam mais com o estilo da classe trabalhadora de Glasgow em contraponto à classe média. Outro fato observado é que as medidas extraídas do sexo feminino de classe trabalhadora se aproximavam dos informantes homens que também são da mesma classe. A pesquisa coloca sob o holofote o fato de que, se os falantes do grupo feminino, de classe trabalhadora, estão apresentando indícios de identidade, particularmente interseccionando classe e gênero, é plausível que outros grupos também possam usar os mesmos recursos estilísticos na construção de *personae*⁴⁵.

Não é por caso que o estudo de /s/ tem sido a pedra angular da pesquisa em sexualidade e gênero dentro da linguística; afinal os estudos supracitados já mostraram que o detalhe fonético não se explica apenas pela produção e sua diferenciação anatômica, por exemplo. A variável /s/ é fonética e socialmente complexa, uma vez que conteúdos não-linguísticos se associam a este elemento, o que, do ponto de vista da percepção, pode ser explicado em função de vieses cognitivos (associações implícitas entre estereótipos e variantes fonéticas, por exemplo), vieses estes que se originam da experiência linguística dos falantes/ouvintes e que pressupõem, portanto, a sensibilidade deles ao detalhe fonético e aos

⁴⁵ Para Eckert (2005, p. 17) “*personae in turn are particular social types that are quite explicitly located in the social order*” (*personae*, por sua vez, são tipos sociais particulares que estão explicitamente localizados na ordem social). Complementarmente, é possível pensar este conceito como sendo a denominação das possíveis identidades que o mesmo falante pode performar (ou dispor) em diferentes ou em semelhantes contextos de interação comunicativa. Todas essas manifestações são realizadas por meio da variação estilística.

conteúdos indiciais.

Nesse sentido, a fala carrega mais do que a mensagem linguística e o propósito da interação verbal; paralelamente a essas informações é possível apreender uma série de características indiciais. Enquanto ouvintes, todos são capazes de captar informações que estão sendo transmitidas por meios das ‘palavras/frases’, mas também são capazes de perceberem informações sobre gênero, idade, variedade dialetal, orientação sexual etc. Isso porque as variáveis linguísticas são capazes de indiciar significados sociais localmente construídos. Para entender como esses significados estão disponíveis e, de certo modo, ligados ao espaço social é requerida a compreensão tanto de como as pessoas usam a língua (produção) quanto também de como elas percebem esse uso (CAMPBELL-KIBLER, 2006; SENE, 2019; BERLINCK, BRANDÃO, SENE, 2020). Sendo assim, o primeiro experimento que aqui se apresenta objetiva avaliar se a variável duração de /s/ tem efeito na percepção de como soa um determinado homem.

3.1 O experimento

É preciso esclarecer que, embora este experimento trate da variável duração de /s/, este não se filia à noção de variável sociolinguística como um **dispositivo heurístico** (LABOV, 1978), uma vez que o interesse não está em duas formas distintas, porém intercambiáveis, de dizer a mesma coisa (equivalência referencial). A noção de variável com que se alinha esta tese é a proposta pela terceira onda da sociolinguística (ECKERT, 2008; CAMPBELL-KIBLER, 2010a) que a define como a unidade da estrutura linguística que indicia o significado social (ECKERT, 2008; CAMPBELL-KIBLER, 2009); ou seja, como formas linguísticas que são interpretadas como práticas sociais em si, semelhantes a práticas sociais não linguísticas, como o uso de roupas específicas, por exemplo.

A justificativa pela escolha da duração de /s/ se deve, em parte, aos discursos metalinguísticos anteriormente apresentados (ver figura 0.1),

mas também a outros estudos em outras línguas como o inglês, por exemplo, que já verificaram que há correlação entre soar mais ou menos masculino (bem como a soar gay) e a realização do segmento fricativo /s/ (SMYTH; JACOBS; ROGERS, 2003; LINVILLE, 1998; MUSON; JEFFERSON, McDONALD, 2006, LEVON 2006; MACK, MUSON, 2012; PHARAO *et al.* 2014). Para a execução do experimento, selecionaram-se quatro falantes, Carlos, Robson, Jaime e Lucas, que são os pseudônimos dos informantes no *corpus* SP2010 (MENDES, 2013). Dos 30 homens que compõem a amostra, Carlos e Robson soam particularmente masculinos, enquanto Jaime e Lucas soam efeminados, de acordo com a opinião dos documentadores que participaram da construção do *corpus* (MENDES, 2018, p. 57). Essa informação se torna potencialmente interessante para este experimento, dado que, tal como em Mendes (2018), o objetivo não é examinar se os falantes são capazes de acertar a orientação sexual dos quatro rapazes; em vez disso, interessa avaliar, particularmente, se as percepções de gênero e sexualidade podem ser afetadas a partir da manipulação da duração de /s/ e, ainda, compreender, mais atentamente, a indicialidade das variantes da variável examinada.

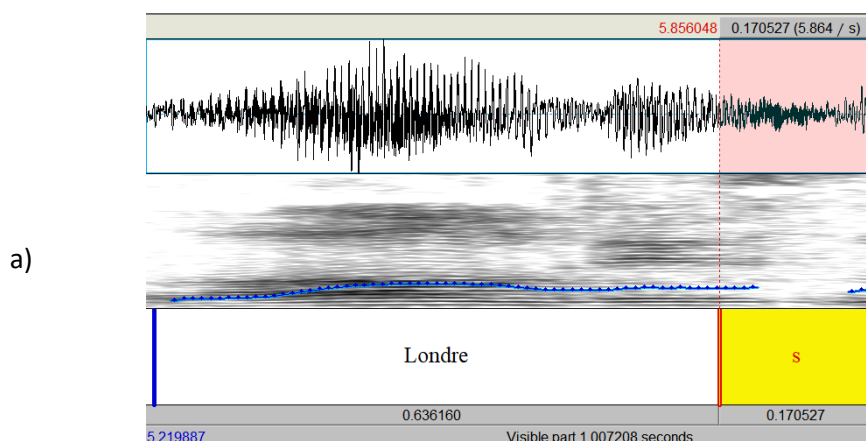
Para compor os estímulos (ou disfarces), selecionaram-se trechos, na entrevista sociolinguística, de cada um dos falantes. Desde a pesquisa de Campbell-Kibler (2006), que propôs inovações para o estudo de percepção, o uso de fala natural tem sido a predileção dos pesquisadores, já que a fala natural em vez de leitura “tem a vantagem de criar impressões mais ricas nos ouvintes, que percebem os falantes como ‘pessoas reais’, dotadas de história e personalidade própria” (OUSHIRO, 2015, p. 274). Sendo assim, com a entrevista dos quatro falantes ‘em mãos’, priorizaram-se os trechos em que houvesse, pelo menos, dois *tokens* de /s/ em posição de coda final e, ainda, que não estivessem seguidos de vogais, já que esse é um contexto fonético favorecedor de sândi externo (BISOL, 1992)⁴⁶, como é o caso do

⁴⁶ Para Bisol (1992), o sândi externo no português do Brasil se desenvolve em torno de duas ideias: “a de que o ponto de partida para o sândi externo é um processo de ressilabação

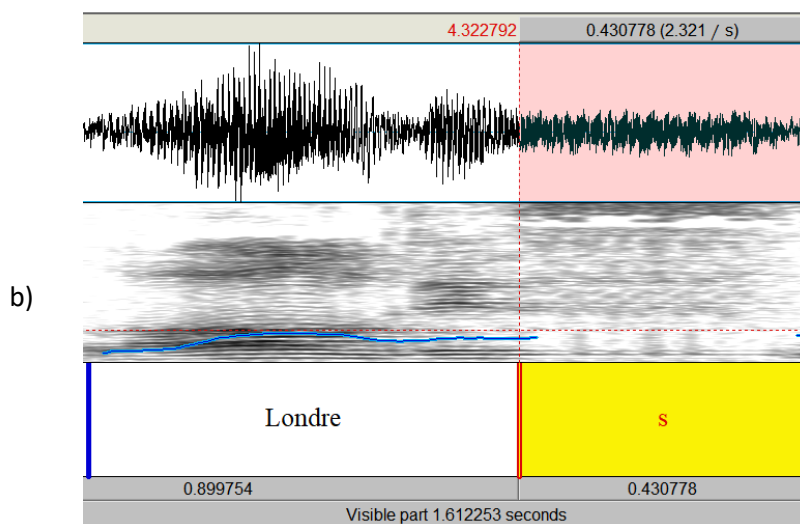
trecho ‘dois amigos’ que, em geral, é ouvida como ‘doi[z]amigos’. Essa junção ocorre devido ao vozeamento mais a ressilabação de /s/ em coda silábica o que, portanto, inviabilizaria a manipulação da duração do segmento aludido.

Após a seleção dos trechos, estes foram manipulados no *Praat* (BOERSMA, WEENINK, 2015), com objetivo de aumentar a duração da fricativa criando, alternadamente, duas versões de cada trecho: aqueles em que todos os *tokens* de /s/ permaneceram originais – duração variável entre 0.07 a 0.13 milissegundos (figura 3.2.a), mas que, conseqüentemente, têm uma duração menor, e aqueles em que a duração dos *tokens* da fricativa foi aumentada digitalmente para 0.27 a 0.32 ms. (figura 3.2.b).

Figura 3.2 – Exemplo da fricativa /s/ em posição final manipulada, sendo (a) /s/ original e (b) /s/ manipulado



que envolve duas palavras sob o domínio do mesmo enunciado e a de que, quando essas palavras se encontram e a sequência VV se delinea, independente do resultado que venha a provocar, degeminação ou elisão, a sílaba que se forma é incorporada à pauta prosódica do vocábulo seguinte” (BISOL, 1992, p. 1)



Fonte: elaboração própria

Essa manipulação dos trechos de forma alternada é o que constitui a técnica de *matched-guise* (LAMBERT et al. 1960). Esse método consiste na elaboração de estímulos que diferem, minimamente, em apenas uma dimensão – neste caso, a duração de /s/ em posição de coda final. O ponto principal desta técnica é que, se os ouvintes diferem em seus ‘julgamentos’ dos trechos ouvidos, essa diferença na percepção é atribuída à diferença do elemento linguístico nos *guises* (estímulos).

A transcrição ortográfica dos trechos que foram manipulados encontra-se sublinhados no quadro abaixo.

Quadro 3.1 – Estímulos selecionados para manipulação no *Praat*

FALANTE	TRECHO
Carlos	Falam que aqui é Alto do Boa Vista que é um lugar <u>mais</u> nobre ... aqui para cima então é um bairro <u>mais</u> ... popular
Jaime	Estados Unidos eu não sei por que não conheço, Nova York é uma cidade que me apetece um pouco, eu acho <u>Londres</u> <u>mas</u> eu amo São Paulo
Lucas	Eu passei lá e estava meio assim: “ <u>nós</u> ... trabalhamos para ganhar um dinheiro e gastar com coisa que não são <u>importantes</u> ”
Robson	Eu era muito aloprado perto dos <u>mais</u> velho, eu sempre fui uma criança que tacava o terror <u>mais</u> ... que ao mesmo tempo era muito bonzinho, inocente.

Fonte: elaboração própria

Esses estímulos foram organizados em duas condições experimentais diferentes, tal como indica o quadro 3.2. Tomando Lucas, como exemplo, o mesmo trecho compõe os dois conjuntos, mas em versões diferentes. Então o respondente que ouvir os áudios da Condição Experimental 1 (CE1) ouvirá Lucas no disfarce de /s/ original, mas não o ouvirá no disfarce com o /s/ de maior duração (daqui em diante, utiliza-se o termo ‘longo’ para os estímulos com maior duração de /s/).

Quadro 3.2 – Organização dos estímulos

C1	C2
Lucas - /s/ original	Lucas - /s/ longo
Carlos - /s/ longo	Carlos - /s/ original
Jaime - /s/ original	Jaime - /s/ longo
Robson - /s/ longo	Robson - /s/ original

Fonte: elaboração própria

Esse tipo de design experimental em que o ouvinte interage apenas com uma das duas condições experimentais é conhecido como design *between-subject* ou intersujeito, que tem sido utilizado em boa parte dos trabalhos de percepção sociolinguística realizados no Brasil e no mundo (SMYTH, ROGERS, 2008; CAMPELL-KIBLER, 2006; PODESVA *et al.*, 2015; OUSHIRO, 2015; MENDES, 2018; SANTOS, 2020), por, pelo menos, duas razões: (i) caso a opção fosse colocar os ouvintes para interagir com os 8 estímulos (design conhecido como intrasujeito ou *within-subject*), é certo que eles reconheceriam as vozes dos falantes (principalmente em um experimento como este, em que há apenas quatro vozes diferentes) e (ii) o tempo gasto para cumprir a tarefa experimental é significativamente menor quando são menos numerosos os estímulos - o que facilita o recrutar de participantes para a pesquisa. Também vale destacar que os estímulos são sempre apresentados na mesma ordem, já que isso facilita no controle do efeito de preparação (ou *priming*). O *priming* é definido como um processo no qual o contato prévio com 'algo' (uma forma linguística/significado) pode influenciar, de algum modo, o processamento linguístico subsequente (McDONOUGH; TROFIMOVICH, 2008). Esse controle permite-nos, então, não incluir a 'ordem de apresentação' como uma variável que possa ser examinada no experimento.

O instrumento elaborado para a coleta da percepção dos ouvintes é uma replicação parcial do questionário utilizado por Mendes (2018), dado que este instrumento conta com a presença de 7 escalas de diferenciais semânticos, das quais 5 são as mesmas utilizadas pelo pesquisador (ver Figura 3.3). Em seu experimento sobre a CN, o pesquisador inclui uma escala de masculinidade, além da escala de efeminidade - para verificar, por meio de uma Análise de Componentes Principais, se elas se correlacionariam negativamente (MENDES, 2018, p. 67). Considerando o objetivo deste estudo que é verificar a percepção de gênero e sexualidade, adotando-se a sugestão do pesquisador, optou-se por substituir a escala de 'efeminidade' por 'soar masculino' (a fim de contemplar a dimensão do

gênero) e adicionou-se a escala de 'soar gay', correspondente, aproximadamente, à dimensão da sexualidade.

Como explicitado na seção 2, para este experimento, entende-se que o gênero se refere aos significados socialmente construídos, como “uma maneira de indicar as construções sociais, a construção inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres” (SCOTT, 2007, p. 3). Com isso, quando se trabalha com “a qualidade de soar masculino” com vistas a atender a essa dimensão social, a expectativa é avaliar como essas construções sociais podem ser ‘afetadas’ pela manipulação da pista linguística alvo deste estudo. Afinal, dentro do que se espera sobre o que é soar masculino, inclui-se uma variação espacial (de uma cultura para outra), temporal (através do tempo) e, por fim, longitudinal (no curso da vida de cada indivíduo). No entanto, é fulcral lembrar que, mesmo que plural, a dimensão masculina frequentemente ostentada é, de forma usual, observada ou concebida, no senso comum, como condutas que advêm, intrinsecamente, da dimensão “natural” inscrita em seus corpos. Isso acaba construindo aquilo que Scott (2007) chama de forma hegemônica de masculinidade, à qual outras se subordinam. Esse papel hegemônico da masculinidade, pelo menos no ocidente⁴⁷, é o que sustenta um modelo de relações de gênero e reitera dimensões estereotipadas como: ‘os homens são superiores às mulheres’, ‘provedores da família’, ‘homens são viris’, ‘homens falam grosso’, ‘homens não choram’.

No que diz respeito à sexualidade, reitera-se que este é um conceito contemporâneo (cunhado no século XVIII), comumente empregado para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos (GROSSI, 1995). A sexualidade não é uma entidade autônoma em que se orienta o desejo por outros sexos; pelo contrário, o recurso do seu uso explicativo está atrelado ao contexto cultural e, quase

⁴⁷ Destaca-se que, dentro do território brasileiro, a representação da masculinidade e as práticas sociais masculinas podem ser distintas, a depender de diferentes fatores e grupos sociais.



Fonte: elaboração própria

Embora o interesse esteja centrado nas escalas de ‘soar gay’ e ‘soar masculino’, as outras são importantes para este experimento na medida em que percepção de gênero e sexualidade podem estar ligadas, tal como lembra Mendes (2018), a outros significados sociais. Um exemplo é a discussão promovida por Kiesling (2008), que sinaliza que uma voz grave (com F^0 baixo) pode ser um indicativo de masculinidade, mas encontra-se, também, que o mesmo tipo de voz, conforme atesta o pesquisador, ofereça conotações de autoridade, mesmo para mulheres. Isso mostra, portanto, que não bastaria apenas compreender se uma voz mais grave indicaria (apontaria para) dimensões da masculinidade, já que, para além disso, o *pitch* baixo (voz grave) pode indicar autoridade, o que, de certa forma, correlaciona-se com masculinidade. O próprio experimento de Mendes (2018), acerca da concordância nominal (CN), mostra efeitos para além da efeminidade percebida através dos estímulos elaborados. As análises do pesquisador mostram que os rapazes soam mais competentes (entende-se como ‘mais competentes’ a escala de soar escolarizado, formal, e de classe social mais alta) e mais efeminados quando usam a concordância nominal padrão (CNp). Isso reforça a questão de que as associações indiciais são mutáveis e dinâmicas (ECKERT, 2008), o que implica dizer que o fato de

uma determinada variável, como é o caso da CNp, ser percebida como mais efeminada, não equivale dizer que para soar gay é preciso usar esta variável ou que o uso de CNp é ‘coisa de gay’ (MENDES, 2018) e não significa que o uso de CNp vai sempre estar associado ao que o pesquisador chamou de ‘Competência’, isso por que as variáveis/variantes linguísticas possuem uma constelação de significados que são correlacionados direta e indiretamente e podem ser associados ou não a depender das práticas comunicativas – conforme explicitado na seção 1.

Esse aspecto é bem discutido por Eckert (2012) e Mendes (2018), quando ambos esclarecem que os significados sociais de uma forma linguística são reverberados no espaço social e, ainda, esses significados podem todos não estar correlacionados diretamente, mas eles não são idiossincráticos, pois pertencem ao que Eckert (2008) intitula como ‘campo indicial’. Um outro exemplo que atesta a dimensão desse campo é sobre o uso do *pitch*, como apontado no parágrafo anterior. Tal traço linguístico pode estar associado à masculinidade, mas não somente. Mulheres usam esse tom de voz, por exemplo, para parecerem autoritárias (KIESLING, 2008) e não necessariamente masculinas (ver Figura 3.4). Com isso, embora nem sempre a masculinidade e a autoridade se correlacionem diretamente, parece factual que autoridade e masculinidade flutuem dentro do mesmo ‘campo indicial’. Isso porque constructos sociolinguísticos se desenvolvem a partir do registo de modelos culturais (no sentido de Agha, 2003) que, por vezes, associam um determinado repertório linguístico a dimensões da cultura, das práticas sociais e a efeitos pragmáticos encenáveis. Esse é o caso, então, da noção de que para ser autoritário ‘tem que falar grosso’ (fazendo uma clara referência ao tom de voz), do mesmo modo que há estereótipos que sinalizam que, para ser homem, tem que falar ‘firme/grosso’ – Esses estereótipos podem ser observados, por exemplo, na figura 3.4.

Figura 3.4 – Estereótipos envolvendo o ‘timbre’ das vozes femininas e a sua relação com autoridade/sucesso profissional

MULHERES AINDA PRECISAM “FALAR GROSSO” PARA SEREM OUVIDAS NAS EMPRESAS

08/03/2017

Fonte: *Época Negócios* – 8/3/2017

Aquela frase antiga de que para vencer na vida “a mulher tem que falar grosso” perdeu espaço nas empresas competitivas, muito mais interessadas em resultados. Mas não deixou de ser verdade para as profissionais que buscam se destacar nas grandes corporações – e percebem, cedo ou tarde, que ter uma “voz fininha” não ajuda a ganhar uma negociação. “As vozes mais graves são associadas ao sucesso”, afirma Mara Behlau, fonoaudióloga e professora de comunicação para negócios e relações interpessoais do Insper. “Nas organizações, ela provoca uma percepção de maior competência, persuasão, confiança e segurança.”

Especializada no estudo e uso da voz como ferramenta de comunicação nas organizações, ela aponta que mulheres em posição de liderança, como a chanceler alemã Angela Merkel e a ex-secretária de Estado americana Hillary Clinton possuem uma voz mais grave. A ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, que tinha um tom mais agudo (combinado a um sotaque que destoava da alta classe do país), passou por treinamento antes de se tornar a figura de comando que fez história. Da mesma forma, muitas profissionais estão assumindo um tom mais grave para captar a atenção de seus interlocutores. Isso é possível com técnicas que ensinam como modular a voz e conduzir uma comunicação efetiva, tendo consciência de que a voz é uma ferramenta que pode ser “aprendida” como qualquer outra. “Não há uma relação entre uma voz grossa e ter sucesso, não há estudos para mulheres porque não havia um número significativo em posições de CEO”, diz Mara Behlau, que admite não ter encontrado até agora um caso de mulher em posição de liderança que tenha uma voz aguda. “O que nós percebemos é que mulheres com voz mais grave conseguem dominar melhor o ambiente no qual estão.”

Fonte: Insper⁴⁸

Além das escalas de diferenciais semânticos, o instrumento de pesquisa contou com uma ficha de perfil social, na qual se pediram aos respondentes informações sobre sexo, escolaridade, orientação sexual, se têm amigos gays, etc. Por fim, antes de finalizar o questionário, os respondentes foram convidados a compartilhar suas visões sobre o próprio experimento; mais especificamente, pediu-se a eles que dissessem o que acharam da pesquisa e, particularmente, o que lhes chamou a atenção nos áudios que haviam acabado de ouvir. O instrumento de percepção foi criado na plataforma *Google Forms* e, para evitar que o mesmo ouvinte interagisse com as duas condições experimentais, bem como para garantir que os conjuntos fossem distribuídos aleatoriamente aos ouvintes, utilizou-se a ferramenta de Caixa Suspensa, para que eles

⁴⁸ Link da matéria: <https://www.insper.edu.br/noticias/mulheres-ainda-precisam-falar-grosso-para-serem-ouvidas-nas-empresas/>

pudessem escolher, sem saber, com qual conjunto (C1 ou C2) iriam interagir. Para suavizar essa decisão, decidiu-se por utilizar uma referência da cultura pop do filme Matrix de 1999, em que o personagem central se vê diante da escolha entre a pílula azul e a vermelha e essa escolha implica a forma com que ele experienciará o mundo - o mesmo aconteceu aqui; optar pela azul ou pela vermelha levou o participante a condições experimentais diferentes, sem que soubesse o objetivo.

Figura 3.5 – Página inicial do teste de percepção

Pesquisa

Por gentileza, antes de iniciar o teste, leia com atenção as informações a seguir:

1. Utilize fones de ouvido e aumente o volume de seu notebook ou aparelho celular
2. O teste todo leva no máximo 10 minutos. Por favor, o realize em local calmo, de modo que possa prestar atenção aos áudios e às perguntas.
3. Você irá ouvir a 4 áudios e responder a rápidos questionários referentes a estes áudios. Você pode reproduzir os áudios quantas vezes quiser.
4. Antes das informações pessoais como idade, sexo e escolaridade, haverá uma pergunta aberta que pode ser respondida de forma breve.

:: IMPORTANTE ::

-> Este teste será utilizado exclusivamente para fins de pesquisa acadêmica. Todos os dados pessoais fornecidos serão mantidos em sigilo. Seu nome não será solicitado para garantia do anonimato, você será identificado por um código.

*Obrigatório

Como no filme Matrix, escolha entre a pílula: *

Escolher

Azul

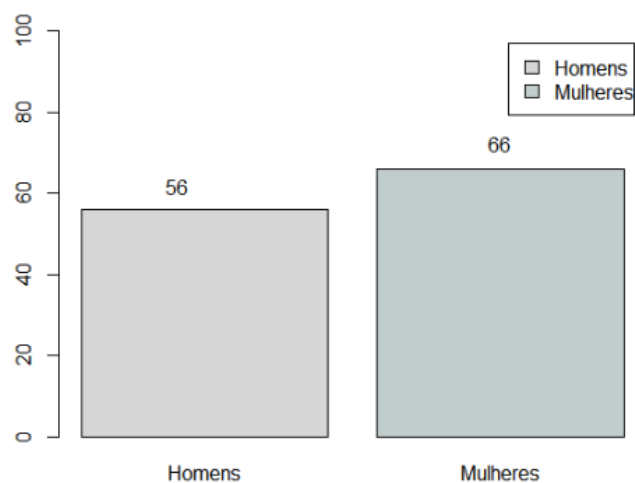
Vermelha

Página 1 de 6

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

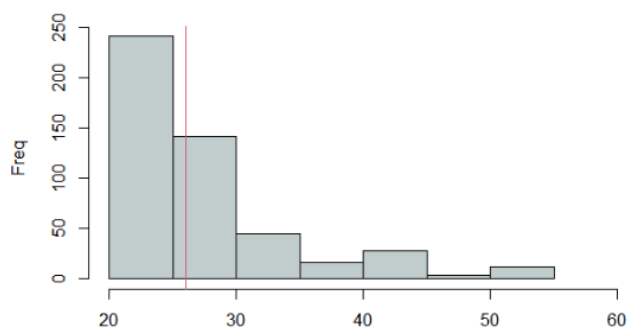
Fonte: elaboração própria

Com o experimento pronto, foram utilizadas as redes sociais para a divulgação da pesquisa, que contou com a participação de 122 ouvintes (62 para C1 e 60 para C2). Para cada estímulo auditivo, o participante preencheu o formulário da figura 3.5, o que gerou, portanto, 248 formulários preenchidos para a C1 e 240 para a C2. O perfil social dos participantes é, conforme mostra o gráfico da figura 3.6, equilibrado no tocante ao seu sexo.

Figura 3.6 – Gráfico de frequência dos participantes por sexo

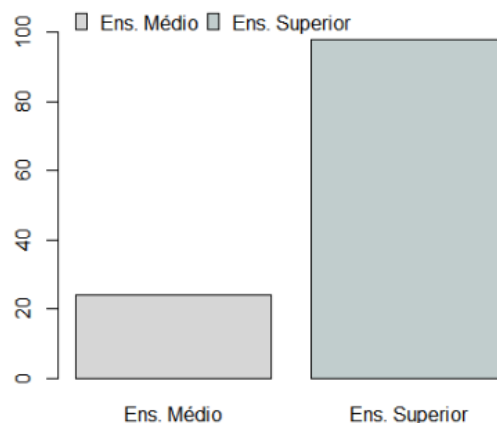
Fonte: elaboração própria

Em relação à variação etária dos respondentes, representada na Figura 3.7, a maioria deles é jovem (média de 27 anos); dado o fato de haver variação pequena nas idades, as respostas não foram agrupadas em faixas etárias. Quanto à escolaridade, destaca-se que a esmagadora maioria dos ouvintes possui Ensino Superior Completo, enquanto uma parcela muito pequena tem apenas o Ensino Médio (figura 3.8). Quanto à região de origem dos respondentes, participaram da pesquisa apenas informantes do interior do estado de São Paulo.

Figura 3.7 – Histograma ilustrativo da variação etária

Fonte: elaboração própria

Figura 3.8 – Gráfico de frequência dos participantes por escolaridade



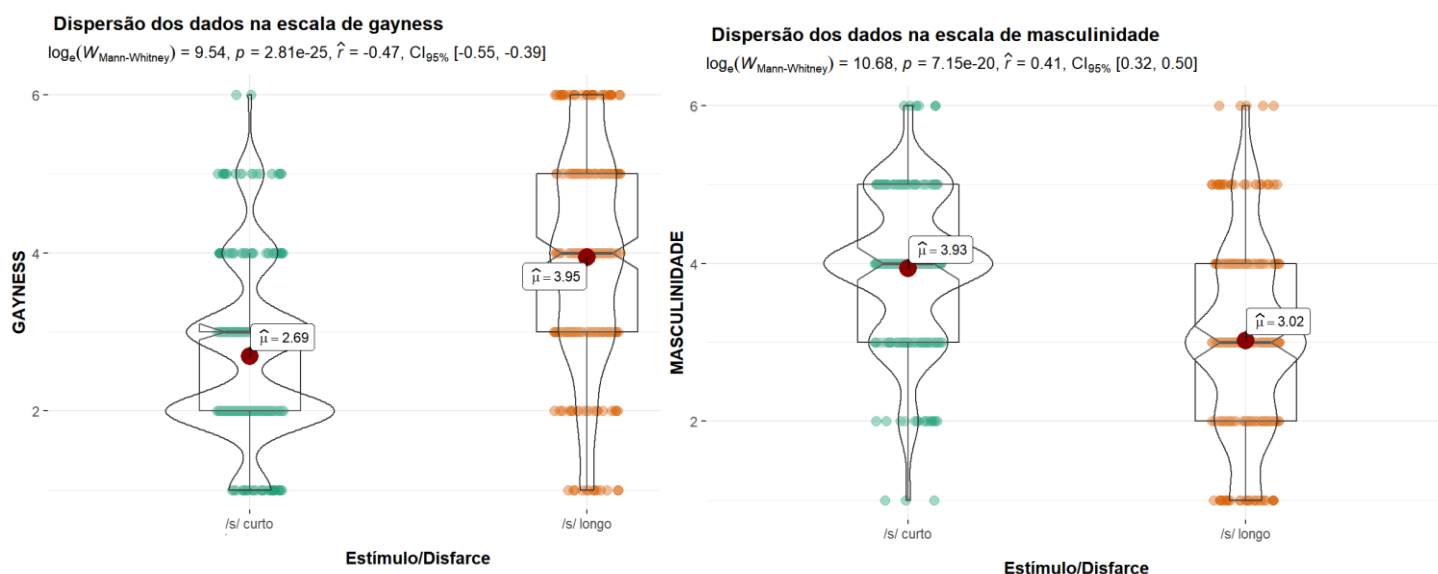
Fonte: elaboração própria

Idade e Escolaridade são variáveis relevantes para a sociolinguística variacionista *stricto sensu*, já que estão diretamente relacionadas com a estratificação social dos falantes, sem mencionar que se relacionam, também, com discussões que envolvem a mudança linguística e a estigmatização de usos não padrão. No entanto, para este estudo, o objetivo é examinar se ‘gerações’ diferentes teriam percepções diferentes acerca de como soa um determinado homem. No que se refere à escolaridade, interessa verificar se os respondentes com mais escolaridade apresentariam menos concordância ao avaliar as respostas em comparação aos demais níveis de escolaridade. A hipótese aqui é que o acesso ao ensino superior não só amplia o modo como interpretamos as relações sociais e o mundo, bem como direciona nossa visão de mundo a depender da área de formação. Sendo assim, é esperado que as respostas para os participantes do ensino superior variem mais do que aqueles cuja formação é o ensino médio. Porém, devido ao fato de os dados não estarem distribuídos de maneira equilibrada, optou-se por não apresentá-los na análise.

3.3 Resultados

Os dados foram analisados no programa R (CORE TEAM, 2019) e o pacote utilizado para a criação dos gráficos e testes estatísticos é o *ggstatsplot* (PATIL, 2018), que é baseado em gráficos e detalhes estatísticos. O primeiro passo é verificar a dispersão geral das respostas.

Figura 3.9 – Dispersão geral dos dados



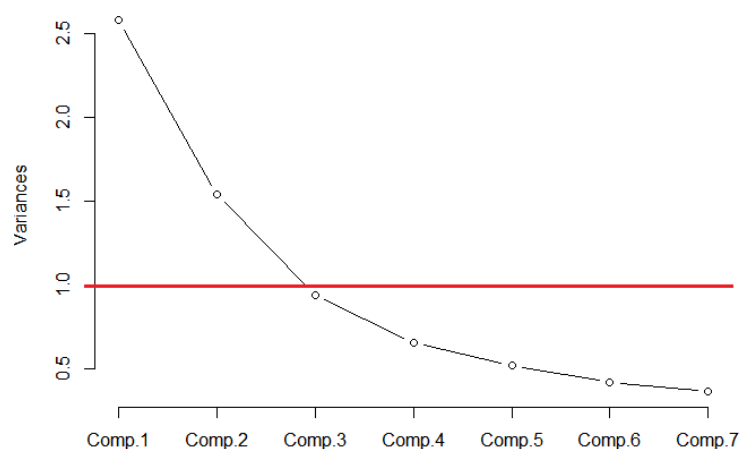
Fonte: elaboração própria

Nos gráficos da figura 3.9, é possível observar que há uma diferença entre ouvir os disfarces com o /s/ original e o /s/ longo. Quando o estímulo ouvido continha /s/ longo, as respostas foram direcionadas ao eixo de 'mais gay' e 'menos masculino'. O oposto disso ocorre com o estímulo original: nesse disfarce, os falantes, no conjunto, foram ouvidos como homens que soam 'menos gay' e 'mais masculinos'. Essa diferença está apresentada no gráfico de violinos, e também é informada pelo resultado do teste estatístico, abaixo do título do gráfico. O teste de *Mann-Whitney* é a versão não paramétrica do teste *T de Student* e recomendado quando as amostras são independentes ou advindas de designs experimentais *between-subject*, como é o caso deste experimento. O resultado indica um *p*

< 0.05 , o que atesta que há uma diferença estatisticamente significativa na comparação das amostras, evidenciando que, embora independentes, elas apresentam comportamentos semelhantes.

Essa primeira inspeção dos dados também nos permite examinar que os gráficos são inversamente proporcionais, ou seja, quanto mais X menos Y. Para /s/ longo, quanto mais gay, menos masculino – o que sugere que as respostas dadas pelos participantes nessas duas escalas parecem estar correlacionadas – negativamente – entre si. No intuito de verificar, do ponto de vista estatístico, se há correlação entre as respostas dadas nas escalas, opta-se por realizar, também no R (CORE TEAM, 2019), uma Análise de Componentes Principais (PCA, no inglês); a utilização desta técnica é recomendada para determinar o número de fatores que respondem pela máxima variância dos dados, sendo tais fatores, então, chamados de componentes principais (MALHOTRA, 2010). Outra vantagem desta técnica é evitar análises redundantes dos dados, já que, quando atestada a correlação entre os itens, a análise em questão gera um componente que integra os itens correlacionados. Feito o PCA, o número de componentes indicados para explicar a variação das respostas é 2, conforme mostra o *scree plot*:

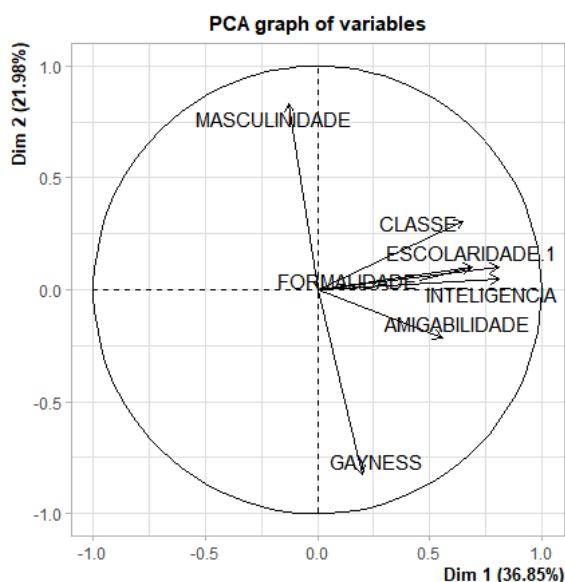
Figura 3.10 – *Scree plot* do PCA das respostas dadas pelos ouvintes



Fonte: elaboração própria

A figura 3.10 plota os autovalores que representam a quantidade de variância associada ao fator (MALHOTRA, 2010) e, para que os componentes sejam criados, devem-se observar apenas os fatores cuja variância é maior do que 1 e, ainda, que apresentem uma determinada inclinação que mostre uma suavização dos outros fatores. No *scree plot* (fig. 10), isso acontece a partir do componente 2, o que equivale dizer que não são necessárias as 7 escalas para explicar a máxima variação nas respostas dadas pelos ouvintes que participaram do experimento. Na sequência, o PCA apresenta o gráfico que exhibe quais são os componentes que se correlacionam, bem como a direção das correlações.

Figura 3.11 – Gráfico da direção da correlação⁴⁹



Fonte: elaboração própria

As respostas à escala de masculinidade estão correlacionadas negativamente àquelas da escala “soar gay”, enquanto as demais parecem correlacionar-se na mesma direção. O fato de que existe uma correlação negativa entre soar gay e soar masculino era o esperado, uma vez que no estudo de Levon (2006, 2007), embora não tenha analisado essas escalas

⁴⁹ O gráfico foi desenvolvido por meio da função *graph()* disponível no pacote FactoMineR (LE, JOSSE, HUSSON, 2008).

conjuntamente, ele identificou uma correlação estatisticamente significativa ($r = -0.487$, $p < 0.001$) entre as escalas de efeminado x masculino e gay x hétero. Em outras palavras, na medida em se que avaliava um estímulo como soando efeminado, também o avaliava como soando gay. Mendes (2018) também sugeriu, em seu estudo de percepção, que teria sido importante adicionar, além da escala de efeminidade, a escala de 'soar gay', para verificar se elas se correlacionariam de forma negativa ou não.

Tendo isso em vista, nesta tese, o trabalho em conjunto com essas duas escalas está relacionado à importância de interseccionar essas duas 'categorias', ou seja, gênero e sexualidade não são significados recrutados individualmente; quando em interação com a sociedade, os falantes recorrem a mais de um significado conjuntamente. Isso porque nenhuma categoria sozinha é suficiente para exemplificar as experiências ou práticas linguísticas de um indivíduo. Sendo assim, o resultado encontrado na correlação entre a escala de 'soar gay' e 'soar masculino' indica, portanto, o que se apontou sobre os significados sociais serem recrutados conjuntamente e também se explica devido à matriz de inteligibilidade de gênero. Isso porque as pessoas só se tornam inteligíveis quando "instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo [sexualidade]" (BUTLER, 2003, p. 38).

Tabela 3.1 – Correlações entre as respostas nas sete escalas
(Análise de Componentes Principais com rotação *Promax*⁵⁰)

	CP1 COMPETÊNCIA	CP2 GÊNERO/SEXUALIDADE
Escolarizado	0.82	0.04
Amigável	0.50	0.31
Gayness	0.05	0.85
Formalidade	0.70	0.02
Inteligência	0.81	0.10
Classe	0.69	-0.19
Masculinidade	0.02	-0.84
Eigenvalue	2.55	1.57
% Variância	0.36	0.59
% Acumulativa	0.62	0.38

Fonte: elaboração própria

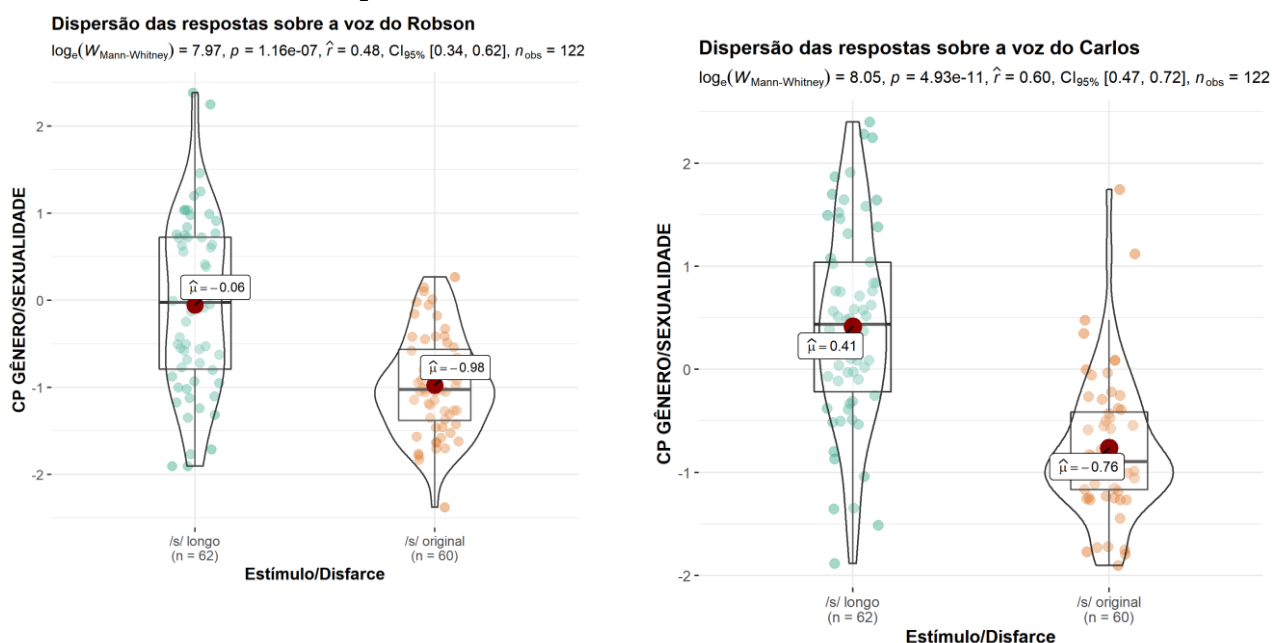
A tabela exhibe os scores gerados pelo PCA e os dois componentes necessários para explicar a máxima variação dos dados. Para fazer parte de um componente principal (CP), recomenda-se que os scores estejam acima de 0.70 (MALHOTRA, 2010; CANENVER, 2017; MENDES, 2018; SENE, 2019c; SANTOS, 2020; BARCELLOS, 2020); scores mais baixos indicam que as respostas às escalas correspondentes não integram o componente principal. O primeiro dele é aqui nomeado ‘Competência’, tal como em Mendes (2018), já que ele é integrado pelas escalas de: escolaridade, inteligência e formalidade. Essa correlação mostra, então, que os ouvintes que ‘julgaram’ os falantes como pessoas que soam mais escolarizadas, também os perceberam como pessoas mais inteligentes e formais. O segundo CP é constituído pelas escalas de ‘sexualidade’ (soar gay) e ‘gênero’ (soar masculino) e estas, tal como ilustra a figura 3.11,

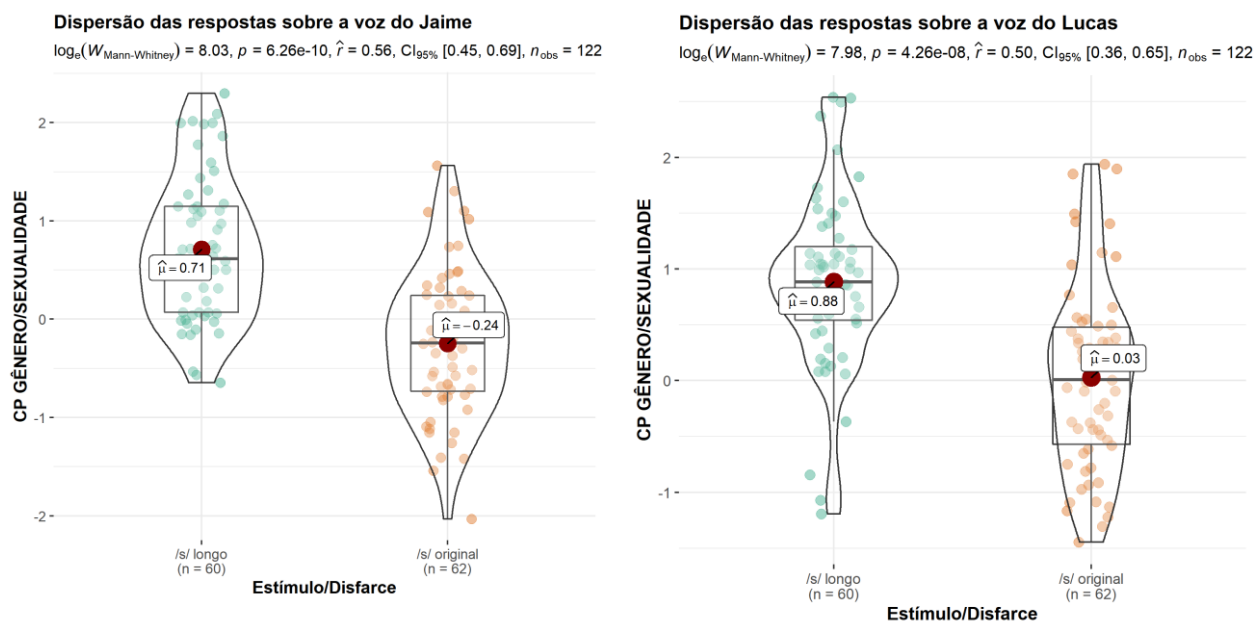
⁵⁰ Promax é um método de rotação oblíquo do qual o pressuposto de independência entre os fatores é retirado, permitindo que os mesmos rodem livremente de maneira a simplificar-se a sua interpretação (HAIR *et al.*, 2006).

apresentam correlação negativa.

Após o PCA, os scores gerados para um dos componentes são tomados como variável dependente, com a qual podem se correlacionar as demais variáveis do experimento (MENDES, 2018, SENE, 2019b, SANTOS, 2020). Considerando que este experimento tem como objetivo principal a análise do efeito da variável duração de /s/ na percepção de gênero e sexualidade, o único CP aqui analisado é o segundo. A essa altura, vale mencionar que, para esta tese, as demais escalas foram inseridas como distratoras, de modo que o foco não recaísse integralmente sobre a dimensão de gênero e sexualidade. Feito esse esclarecimento, o primeiro passo é verificar se as respostas baseadas em cada falante do experimento variam, a depender do estímulo ouvido.

Figura 3.12– Dispersão das respostas dos participantes por falante de acordo com o estímulo ouvido





Fonte: elaboração própria

Os gráficos em questão são gerados a partir dos *scores* do PCA. Desse modo, o eixo y (CP GÊNERO/SEXUALIDADE) não tem valores de 1 a 6 (conforme indicava o formulário de percepção), mas sim *scores* que variam de -2 a +2. A partir deles, é possível constatar que as respostas para cada falante variaram de acordo com o estímulo que o participante ouvia. As respostas estimuladas por /s/ longo, por exemplo, estão mais para cima no gráfico, o que significa dizer que os quatro rapazes soaram mais gay e menos masculinos nesse disfarce. Observa-se o oposto disso, quando o estímulo contém /s/ original: os falantes soam menos gay e mais masculinos. Essas diferenças não são apenas atestadas por meio dos gráficos de violino, como também pelo teste estatístico abaixo dos títulos, que confirma que a variação das respostas por falantes é estatisticamente significativa ($p < 0.005$). Isso significa que a variável linguística em foco tem efeito na percepção de gênero e sexualidade.

Esse efeito pode ser atestado nos gráficos que mostram que os quatro homens soam mais gays e menos masculinos diante do disfarce de /s/ longo. Destaca-se, então, que quaisquer que sejam as intuições dos falantes acerca de “como um homem deve falar” (MENDES, 2018, p. 58), elas parecem atuar na percepção geral do experimento, dado que o /s/

alongado digitalmente alterou a percepção sobre como soam os homens do experimento. Também é importante salientar que Jaime e Lucas são percebidos como homens que soam mais gays e menos masculinos diante do disfarce de /s/ mais longo. As medianas para esses falantes, $\hat{\mu} = 0.71$ e $\hat{\mu} = 0.88$, respectivamente, são as maiores em comparação a Carlos ($\hat{\mu} = 0.41$) e Robson ($\hat{\mu} = -0.06$). Isso equivale a dizer que, muito embora estes últimos apresentem diferenças estatisticamente significativas sobre como soam, a depender do disfarce, são percebidos, na versão /s/ original, como aqueles que soam menos gays e mais masculinos. Esses resultados se equiparam, então, às opiniões dos documentadores do Projeto SP2010, conforme descreveu Mendes (2018). Outro detalhe interessante encontra-se no tamanho do efeito reportado pelo teste *Mann-Whitney*, dado que o aumento da duração de /s/ em posição de coda final tem um efeito maior na percepção de gênero e sexualidade de Carlos ($\hat{r} = -0.60$) e Jaime ($\hat{r} = -0.56$), do que de Robson ($\hat{r} = -0.48$) e Lucas ($\hat{r} = -0.50$). Isso quer dizer que as respostas para Robson e Lucas, para o /s/ longo, variaram menos comparativamente a Carlos e Jaime. Esse resultado é interessante na medida em que, conforme as opiniões dos documentadores do projeto SP2010, Robson soa mais masculino do que Carlos, e Lucas mais efeminado do que Jaime. Logo, o que esses resultados parecem sinalizar é que quanto mais 'masculino ou efeminado' soa um determinado falante em sua voz original, mais haverá concordância no modo como os ouvintes avaliam seus estímulos.

Após verificar o efeito da variável, examinou-se se outras variáveis sociais teriam efeito nas respostas que compõem o CP gênero/sexualidade. Para isso, modelos de regressão linear múltipla com efeitos mistos foram testados; as variáveis previsoras incluídas são: sexo, orientação sexual e se tem amigos gays - todas informações fornecidas pelos ouvintes. Reitera-se que outras variáveis como faixa etária e escolaridade não foram adicionadas ao modelo, já que, conforme apontado anteriormente, estão muito desproporcionais, o que prejudicaria a interpretação do modelo.

Tabela 3.2 – Resultados do Modelo de Regressão de Efeitos Mistos para o CP Gênero/Sexualidade com inclusão de variáveis sociais

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	<i>p</i>
<i>Intercept</i>	-0.697	0.122	-5.683	< 0.001 ***
/s/ longo	1.240	0.173	7.358	< 0.001 ***
Sexo-Feminino	0.145	0.119	0.430	0.222
Homossexual	0.186	0.120	1.556	0.120
Poucos amigos gays	0.169	0.137	1.367	0.172
/s/ longo : Sexo Mulher	-0.098	0.166	-0.591	0.554
/s/ longo : Homossexual	-0.312	0.168	-1.856	0.064
/s/ longo : Poucos amigos gays	-0.264	0.173	-1.523	0.128

Fórmula: CP (gênero/sexualidade) ~ duração./s/*Sexo + duração./s/*O.S + duração./s/*amigos.gays + (1 | Participante), data = PCA.S)

Intercept: /s/ original; Homem; Heterossexual; Muitos amigos gays

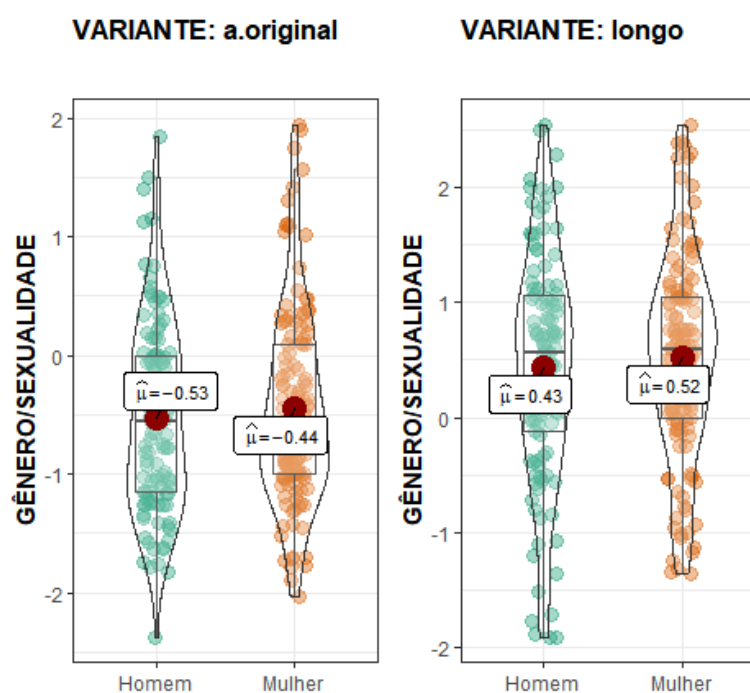
Fonte: elaboração própria

Para a compreensão deste modelo, vale destacar que a variável aleatória nele incluída é o Participante da pesquisa. A importância disto está no fato de que as respostas podem variar muito de ouvinte para ouvinte e, ainda, caso novos ouvintes fossem recrutados aleatoriamente, eles não seriam os mesmos desta amostra (OUSHIRO, 2017; MENDES, 2018; BARCELLOS, 2020). Controlar esse aspecto é importante no sentido de que os resultados do modelo não sejam frutos de idiosincrasia, mas sim padrões regulares dentro da amostra. Para a interpretação dos resultados, vale destacar que o *Intercept* concentra o conjunto de variantes tomadas como referência. Sendo assim, para este modelo, o *intercept* é o **/s/ original** para as respostas dos ouvintes do **sexo masculino heterossexuais** e que possuem **muitos amigos gays**. Os valores da Estimativa são definidos a partir da diferença entre o valor do *Intercept* e das outras variantes na sequência da tabela. Nesse sentido, a diferença na estimativa

do *Intercept* (/s/ original) entre o /s/ longo é de 1.240, o que equivale a dizer, então, que os valores dos *scores* para /s/ longo, quando comparados ao /s/ original, aumentam em 1.240. Em outras palavras, isso equivale a dizer que, no disfarce /s/ longo, os falantes soam mais gay e menos masculinos. Essa diferença é estatisticamente significativa, como indica o valor $p < 0.001$. Esse valor indica, então, a probabilidade de se obter os mesmos resultados (em termos de distribuição das variantes das variáveis em foco) (BARCELLOS, 2020), caso a hipótese nula fosse verdadeira (ou seja, caso não houvesse correlação entre cada uma das variáveis predictoras e da variável resposta) (OUSHIRO, 2017).

Em relação à variável predictoras Sexo dos participantes, o modelo estima que não há diferença significativa nas respostas dadas por homens (*intercept*) e mulheres.

Figura 3.13– Dispersão das respostas de Homens e Mulheres agrupadas por estímulo ouvido

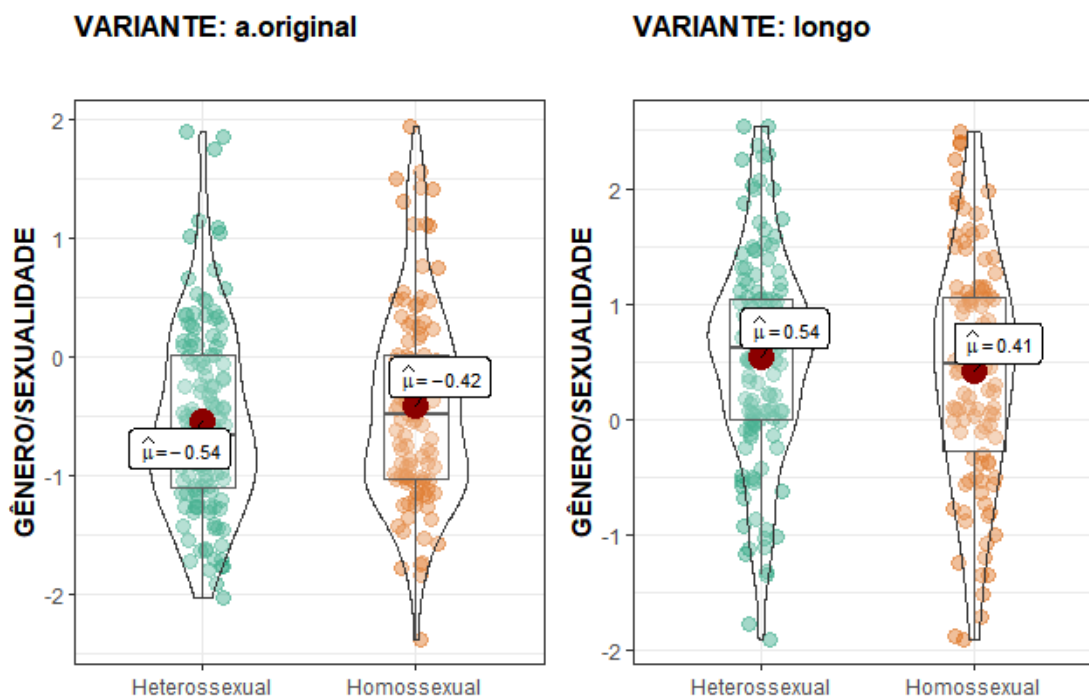


Fonte: elaboração própria

O gráfico 3.13 exibe a dispersão das respostas dos participantes do sexo masculino e feminino a partir da variante ouvida. Os gráficos de violinos são muito parecidos para os respondentes do sexo masculino e feminino. Essa semelhança implica, portanto, em medianas ($\hat{\mu}$) muito próximas: $\hat{\mu} = 0.43$ e $\hat{\mu} = 0.52$ para /s/ longo, e $\hat{\mu} = -0.53$ e $\hat{\mu} = -0.44$ para /s/ original.

A orientação sexual dos participantes também não teve efeito na variação das respostas. A estimativa de 0.186 para homossexuais indica um aumento nos scores das respostas dadas pelos falantes, mas esse aumento é irrisório, o que justifica o fato de não haver diferença estaticamente significativa ($p > 0.005$) no modo como hetero e homossexuais responderam as escalas do formulário.

Figura 3.14– Dispersão das respostas da variável orientação sexual por estímulo ouvido

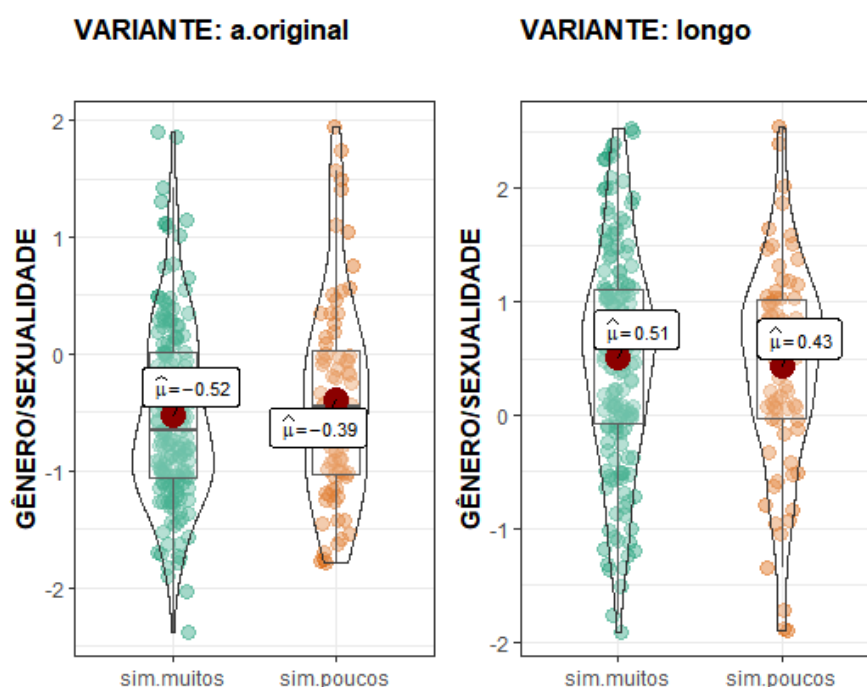


Fonte: elaboração própria

O gráfico da figura 3.14 também nos permite observar que não há efeito da orientação sexual na percepção de gênero/sexualidade dos falantes, quando seus disfarces se definem pela duração de /s/. Tanto respondentes de orientação homossexual quanto heterossexuais avaliaram que, diante de /s/ longo, os falantes soam mais gay e menos masculino, enquanto para no disfarce /s/ original, soam menos gays e mais masculinos.

No que toca à variável previsora 'se tem amigos gays', os respondentes, aqui separados em dois grupos (muitos ou poucos amigos), parecem também convergir no modo como avaliaram os falantes, uma vez que o modelo da tabela 3.2 estima, para aqueles que têm pouco amigos gays, um valor de 0.169 (uma diferença pequena e não significativa, estaticamente ($p > 0.005$)).

Figura 3.15 – Dispersão das respostas da variável 'se tem amigos gays' sexual por estímulo ouvido



Fonte: elaboração própria

A dispersão do gráfico 3.15 ilustra a mesma tendência observada nos anteriores, o que explica, então, que a percepção de quão gay e masculino

soaram os falantes, a depender da duração de /s/, não tem correlação com as características sociais dos respondentes. Tampouco há interação entre essas variáveis, ou seja, a percepção de quão gay/masculino soa os falantes não depende do estímulo ouvido em conjunto com alguma dessas características sociais. Isso indica, então, uma concordância nas percepções de diferentes grupos. Em outras palavras, os ouvintes que participam dessa pesquisa acabam compondo um certo tipo de comunidade, uma vez que compartilham uma coesão nas avaliações subjetivas manifestadas por eles.

3.3 Síntese

O experimento aqui relatado indica que a duração de /s/ em posição de coda final tem efeito na percepção de quão masculino/gay soam os quatro falantes: Carlos, Robson, Lucas e Jaime. A direção da percepção para os quatro falantes é uniforme: no seu disfarce com /s/ alongado digitalmente, todos foram percebidos como homens que soam mais gay e menos masculinos. Esses resultados atestam a hipótese aventada em Mendes (2018) de que poderia haver uma correlação negativa entre soar gay e soar masculino. Neste experimento, ela é confirmada por meio da Análise de Componentes Principais descrita na tabela 3.1.

Essa coesão social entre os respondentes no modo como eles avaliam a duração de /s/ em posição de coda final reflete que essa variável está ligada a um certo esquema ideológico de maneira que lhe confere um alto valor simbólico, tão alto a ponto de torná-la uma forma linguística socialmente identificável ou, ainda, pode-se dizer que a referida variável acaba incorporando-se a um “registro” (nos termos de Agha, 2003, 2005). Nas palavras de Agha (2005), os registros se formam a partir de processos “pelos quais formas distintas de fala passam a ser socialmente reconhecidas (ou registradas) como indiciais dos atributos do falante por uma população de usuários da linguagem.” (AGHA, 2005, p. 38)[tradução própria]⁵¹. Sendo assim, a hiperarticulação de /s/, ou melhor, a duração de /s/ alongada digitalmente em português e outras línguas que já estudaram a mesma variável como o inglês (LEVON, 2006, 2007) atestam que, por ser traço de um ‘registro’, torna-se uma pista linguística importante na construção e percepção de aspectos sociais, tais como as dimensões de gênero e sexualidade.

Além disso, o resultado apresentado já fornece um apoio para a

⁵¹ Trecho original: “processes whereby distinct forms of speech come to be socially recognized (or enregistered) as indexical of speaker attributes by a population of language users”. (AGHA, 2005, p. 38)

compreensão geral do significado social como uma propriedade emergente da linguagem (ECKERT, 2012; MENDES, 2018), já que a análise não constata correlação das macros categorias, mas sim testa a percepção situada de um grupo de ouvintes a respeito da duração de /s/ como indiciadora de significados sociais (masculino/gay). Afinal, os respondentes desempenham um papel adicional em estabelecer a relação existente entre um item linguístico específico e o significado social; isso esclarece que a significação social não é acidental, nem mesmo apenas um subproduto da estratificação social, mas sim uma constelação de significados sociais que permite a ativação de um ou de outro na medida em que se define um contexto de interação, estilístico etc. Vale destacar, ainda, que a variação sociolinguística é um processo semiótico complexo que permite que as pessoas digam coisas sem colocá-las em palavras, por essa razão os estudos de percepção sociolinguística desempenham um papel importante na compreensão da dinâmica da variação. Isso pode ser ilustrado a partir do exemplo da relação indicial entre duração de /s/ e masculinidade e 'gayness', em que o uso da variante alongada digitalmente 'pode dizer coisas', como soar menos masculino ou mais masculino, sem expressar essa questão em palavras ou efetivamente dizê-las.

Dito isso, é importante atestar que este experimento, tal como outros da literatura da área (LEVON, 2007, ECKERT, 2008, MENDES, 2018), confirma o fato de que não se deve sugerir uma ligação *sine qua non* entre determinados modos de falar e uma identidade fixa. Isso porque até aqueles falantes desta seção que soavam, naturalmente, mais masculinos (Robson e Carlos) tiveram sua percepção 'alterada' quando comparada à utilização do disfarce sem manipulação /s/ original, com o manipulado. O oposto também acontece: Jaime e Lucas, que soam mais efeminados, em comparação aos outros dois falantes, também apresentaram padrões de respostas diferentes quando diante da versão de /s/ longo.

4

Efeitos do *pitch* médio na percepção de gênero e sexualidade

A fala é constituída a partir de unidades segmentais e suprasegmentais. As unidades segmentais são as que definem as vogais e as consoantes (MASSINI-CAGLIARI, CAGLIARI, 2001). Nesse sentido, o experimento anterior concentrou-se no efeito da manipulação de um segmento presente na estrutura linguística, enquanto este trata do efeito da manipulação da frequência fundamental (F^0), unidade maior do que os segmentos, definida como prosódica (MASSINI-CAGLIARI, CAGLIARI, 2001). A respeito da prosódia, Cagliari (1992, p. 42) a define como “a essência da língua falada, de tal modo que a língua oral seria tão absurda sem a prosódia, como seria sem os fonemas”. Do ponto de vista fonético, a prosódia pode ser investigada na produção da fala e na percepção. O correlato físico da altura melódica é a frequência fundamental, que pode ser medida, do ponto de vista fonético, com auxílio de softwares como o PRAAT (BOERSMA; WEENIK, 2015). A F^0 é “responsável direta pelas características melódicas da fala” (CAGLIARI, 1992 p. 14); essa melodia é produzida a partir do número de vezes que as partículas de ar vibram em um determinado intervalo de tempo (CAGLIARI, 1991; LADEFOGED; JOHNSON, 2011).

Os falantes são capazes de realizar alterações nos parâmetros prosódicos como o da frequência fundamental e essa alternância, ao longo dos enunciados, é conhecido como entoação⁵² (AGUILAR, 2000;

⁵² Vale destacar que a variação da altura melódica na fala, conhecida como entoação (CÓRDULA, 2013), pode ter funções diferentes. Em línguas tonais, a variação ocorre em segmentos silábicos e possui função linguística distintiva de léxico (CÓRDULA, 2013).

CÓRDULA, 2013). A realização fonética dessa alternância no nível acústico é mais comumente conhecida como *pitch*. Desse modo, as vozes que se encontram dentro de uma faixa de F^0 baixa podem ser interpretadas como falantes cujos registros das vozes são graves, enquanto aquelas vozes que estão numa F^0 superior correspondem a registros de vozes mais agudas. Esses registros vocais são interpretados, do ponto de vista perceptivo, como *pitch* grave ou agudo. O termo registro vocal refere-se, de acordo com Behlau (2001), aos diversos modos de emitir sons da tessitura. A respeito da tessitura, vale mencionar que ela compreende o “espaço entre o som mais grave e o mais agudo na fala de uma pessoa” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2007, p. 120). Desse modo, as variações de tessitura podem deslocar os padrões de fala dos enunciados para níveis mais graves ou mais agudos, sem fazer qualquer alteração na configuração entoacional, ou seja, um mesmo falante pode realizar o mesmo contorno entoacional com uma tessitura alta ou baixa (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 2003).

Esse detalhe é importante para este experimento, uma vez que a manipulação da frequência fundamental não se dará de modo a alterar qualquer contorno entoacional do falante; pelo contrário, os padrões melódicos serão mantidos os mesmos, apenas haverá alteração da faixa de F^0 média de um falante cuja voz é grave para aguda⁵³. O objetivo dessa alteração é verificar se a alteração deste elemento linguístico é capaz de mudar a percepção dos ouvintes a respeito de como soa um determinado homem, mais especificamente o quão gay e masculino soaria um falante masculino cuja voz original grave fosse manipulada para aguda. Essa proposta de manipulação é motivada pelos discursos metalinguísticos apresentados na seção introdutória deste trabalho. Afinal, de modo geral, os discursos em questão fazem menção ao fato de que os homens gays ‘têm

Em línguas entoacionais, como o português, o tom não tem essa função distintiva de significado lexical ou morfológico, “mas se mantém a função sintática e semântica/pragmática” (CÓRDULA, 2013, p. 26)

⁵³ Para mais detalhes a respeito da manipulação do segmento, ver subseção 3.2.

voz fina' e 'afeminada' (cf. figura 1.1), o que equivale a dizer que os padrões melódicos desses homens são mais agudos, em comparação a outros homens que possuem padrões mais graves. Isso é bem diferente de dizer que esses mesmos homens possuem, *grosso modo*, uma 'entoação que sobe e desce' – fazendo referência ao dinamismo na frequência fundamental.

Embora homens e mulheres apresentem médias de F^0 diferentes, sendo aproximadamente 120Hz para os homens e 230Hz para as mulheres (KENT, READ, 2015, p. 46), nem sempre a anatomia dos indivíduos é o motivo que explica a alternância na frequência fundamental; outros fatores como o gênero e a orientação sexual podem ser motivadores desta variação. O trabalho com falantes transgêneros é um excelente exemplo, particularmente quando se refere às mulheres trans, dado que é possível observar, em algumas dessas pesquisas, que o F^0 é deliberadamente alterado pelo falante a fim de transmitir uma identidade de gênero particular (BROWN et al., 2000; GELFER; SCHOFIELD, 2000). Nestes estudos, assim como no de Munson (2007), que analisa falantes homens cis gêneros, o *pitch* mais alto está associado a dimensões da feminilidade, enquanto o *pitch* mais baixo a masculinidade – com base na percepção de um grupo de ouvintes. Essas considerações são importantes na medida em que, do mesmo modo que a duração de /s/ em posição de coda final, o *pitch* é uma variável socialmente complexa, dado que conteúdos não-linguísticos estão associados a este elemento e podem ser observados, portanto, do ponto de vista de vieses cognitivos, que são as associações implícitas entre estereótipos culturalmente fixados e variantes linguísticas. Tais vieses se dão a partir da experiência linguística dos ouvintes.

Dado o exposto, reitera-se, então, que o motivo pelo qual optou-se em trabalhar com o *pitch* médio é para compreender e avaliar se a referida variável tem efeito no modo como soa um determinado homem, mais diretamente se a referida variável tem efeito na percepção de gênero e de sexualidade. Vale lembrar, também, que a escolha da variável aludida se dá devido aos discursos metalinguísticos já apresentados na seção inicial

desta tese e, sobretudo, em razão das opiniões dos documentadores do *corpus* SP2010 (MENDES, 2013). No experimento anterior, Carlos e Robson eram, na opinião dos documentadores, aqueles que soavam mais masculinos, enquanto Jaime e Lucas eram mais efeminados (MENDES, 2018). Mesmo antes de qualquer manipulação da fala desses quatro homens, o que indicava, portanto, que havia algo na fala deles que particularmente indiciava noções de gênero. É fulcral destacar que os resultados do experimento anterior mostraram, mesmo que a percepção de gênero e sexualidade tenha sido afetada a partir da duração de /s/ longo, os referidos homens, em seus disfarces originais, confirmavam as opiniões dadas pelos documentadores do SP2010. Tendo isso em vista, suscitou a necessidade de testar o *pitch* para conhecer, do ponto de vista sistemático, de que modo ele ‘afeta’ a percepção. Este é um passo importante para a construção do experimento que fecha esta tese sobre as combinações de variáveis linguísticas e seus efeitos na percepção.

O experimento que aqui será reportado apresenta grandes diferenças do realizado anteriormente. A primeira delas é o fato de que novos informantes foram contactados e gravados para a execução desta pesquisa. O motivo pelo qual não serão utilizados os mesmos falantes é porque, primeiramente, o objetivo geral desta tese não é testar o que os falantes Carlos, Robson, Lucas e Jaime fazem com a linguagem e de que modo a alteração de variáveis específicas pode afetar a percepção de como eles soam. O intento real é examinar o efeito de variáveis específicas sobre a percepção de gênero e sexualidade; sendo assim não interessa, para esta tese, saber se os mesmos falantes terão suas percepções alteradas, mas sim de que modo determinados elementos linguísticos afetam a percepção de quem ouve e, ainda, como significados sociais, que estão disponíveis no espaço social (ECKERT, 2008), podem ser alterados a depender de qual elemento linguístico está sendo usado.

Outro motivo que justifica a substituição dos falantes encontra-se no fato de que o detalhe prosódico, que neste experimento é manipulado, exige uma qualidade de áudio melhor. As entrevistas do *corpus* SP2010

foram construídas a partir de um protocolo sociolinguístico em que, a princípio, as entrevistas devem ser audíveis e claras, mas não há grandes restrições sobre o controle de ruídos externos, até porque as entrevistas são feitas em vários ambientes diferentes e seria improvável o controle de barulhos externos. No entanto, para a manipulação da F^0 , qualquer sinal exterior que não seja o sinal da fala é prejudicial. Outra questão refere-se à necessidade de se controlar o tópico da entrevista, dado que no experimento anterior cada falante tratava sobre um tópico específico: bairro, viagem, cotidiano e infância. Isso não invalida o experimento, pelo contrário, a técnica de *matched-guise*, criada por Lambert *et al.* (1960), nos ajuda justamente porque criam-se pares falsos em que se altera apenas uma única dimensão da fala, então qualquer diferença no modo de avaliar os pares são provenientes do único aspecto alterado – no experimento anterior, a duração de /s/ em posição de coda final. No entanto, quando se fala em percepção sociolinguística são muitos ruídos aleatórios⁵⁴ dos quais não se tem dimensão do modo como eles impactam o instrumento de pesquisa, como é o caso do humor ou crença política, por exemplo. Com isso, quanto mais controlado, mais acurado se torna o experimento. Reitera-se, nesse sentido, que o objetivo não é controlar o conteúdo do que está sendo dito, uma vez que a percepção de trechos de fala lidos é, por vezes, fácil de ser percebida como não espontânea (CAMPBELL-KIBLER, 2006); o interesse é manter tópicos semelhantes para que não haja a influência de assuntos sensíveis como: religião e política. Feitas as considerações preambulares, apresentam-se os passos pré-experimento.

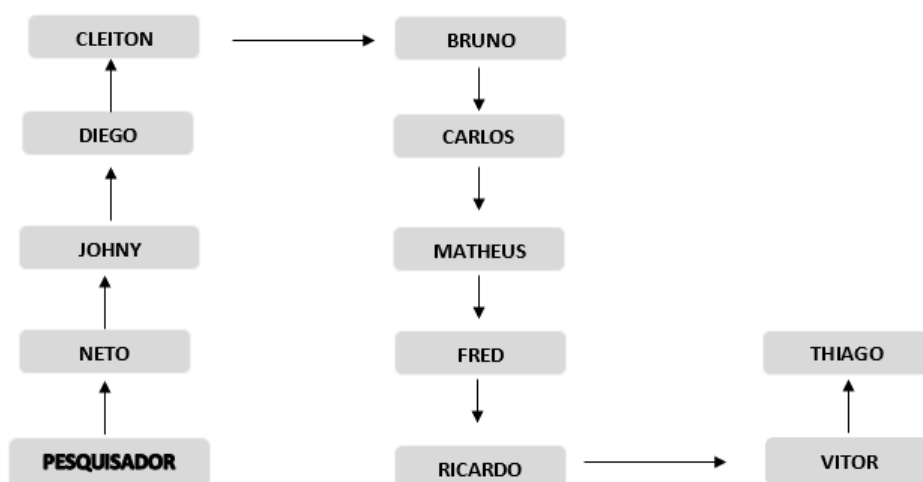
⁵⁴ Em termos experimentais, ruídos aleatórios são variações que não se relacionam diretamente a nenhuma das questões de pesquisa e, como resultado, é algo a ser minimizado.

4.1 Passos pré-experimento

A sociolinguística variacionista é conhecida pela busca da sistematização da relação entre língua e sociedade. Para essa sistematização, cria-se um instrumento que possibilita o cotejamento entre o linguístico e o social: a entrevista sociolinguística (FREITAG, 2014, 2017). Esse tipo de entrevista é um poderoso método desenvolvido com o objetivo de fazer emergir o vernáculo de um indivíduo representativo de uma dada comunidade de fala (LABOV, 2008 [1972]). Embora esse não seja um trabalho de produção linguística, no sentido de construir uma amostra em busca de generalizações, é a partir do referido método que a gravação dos informantes foi realizada. Para isso, um roteiro de perguntas pré-estabelecido foi criado com intuito de padronizar alguns tópicos e, sobretudo, para direcionar as perguntas com vistas a garantir não só a coleta do vernáculo, mas também a confiabilidade e a intersubjetividade (FREITAG, 2014).

Para a gravação, 12 vozes masculinas foram selecionadas a partir da técnica não probabilística conhecida como amostra por bola de neve. Nesse tipo de amostra, cada um dos indivíduos deve recomendar outro, de forma que a amostra cresça num ritmo linear, conforme mostra o esquema abaixo:

Figura 4.1 – Diagrama da seleção dos informantes



Fonte: elaboração própria

As gravações foram realizadas pelo aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamada de voz WhatsApp. A escolha por esse aplicativo se deu, primeiramente, em razão da pandemia da COVID-19, que inviabilizou, demasiadamente, o trabalho de campo e, além disso, por ser um aplicativo que permite entrevistas curtas, práticas e garante a naturalidade do material gravado. Além disso, vale mencionar que esse instrumento de coleta acaba se tornando um importante aliado para a pesquisa sociolinguística⁵⁵, em especial para pesquisas de natureza perceptiva, dado que permite que a fala natural seja capturada, a qualidade seja mantida e, sobretudo, possibilita que as pessoas sejam gravadas quando não estão diretamente sendo observadas pelo pesquisador. Essa ferramenta se torna, então, um importante passo para minimizar o paradoxo do observador (LABOV, 2008 [1972]), uma vez que permite isolar o sujeito pesquisador do ‘objeto pesquisado’, diminuindo, talvez, a influência do primeiro sobre o segundo, de modo a garantir a tão desejada objetividade da ciência.

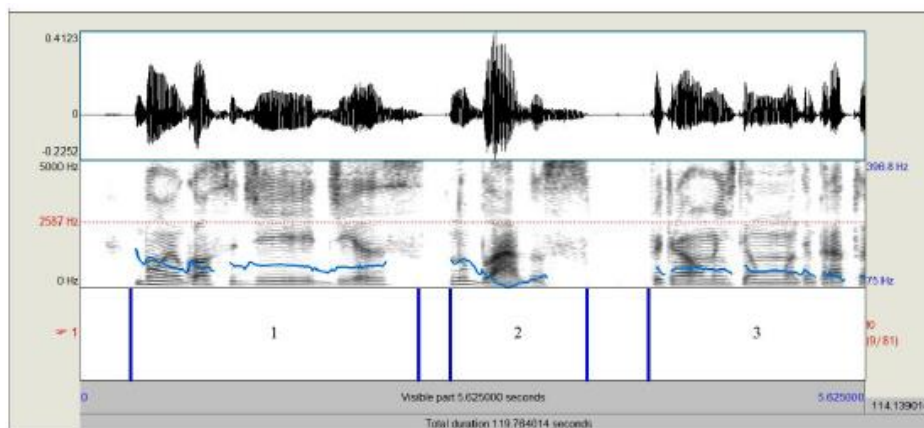
Feitas todas as 12 gravações⁵⁶, a próxima etapa foi selecionar quais informantes participariam do experimento final. Para isso, foram mapeados os valores de F^0 , para conhecer a variância das vozes. A extração das medidas foi realizada por meio de um *script* desenvolvido por Silva Jr. (2020) e adaptado para esta pesquisa. Toda a extração é realizada no PRAAT (BOERSMA; WEENIK, 2015) e o *script* em questão permite a otimização na coleta de detalhes acústicos, como a média, desvio padrão, F^0 máximo, F^0 mínimo e duração. Para isso, foi necessária a separação de um trecho de fala de um minuto de cada informante e, na sequência, o

⁵⁵ Na pesquisa de Pinto (2020), a ferramenta WhatsApp foi utilizada para a construção de um *corpus* com jovens habitantes em Muzambinho e Cabo Verde, ambas cidades em Minas Gerais.

⁵⁶ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa. (CAAE: 92934318.7.0000.5400)

mapeamento dos pontos de início, meio e fim do trecho.

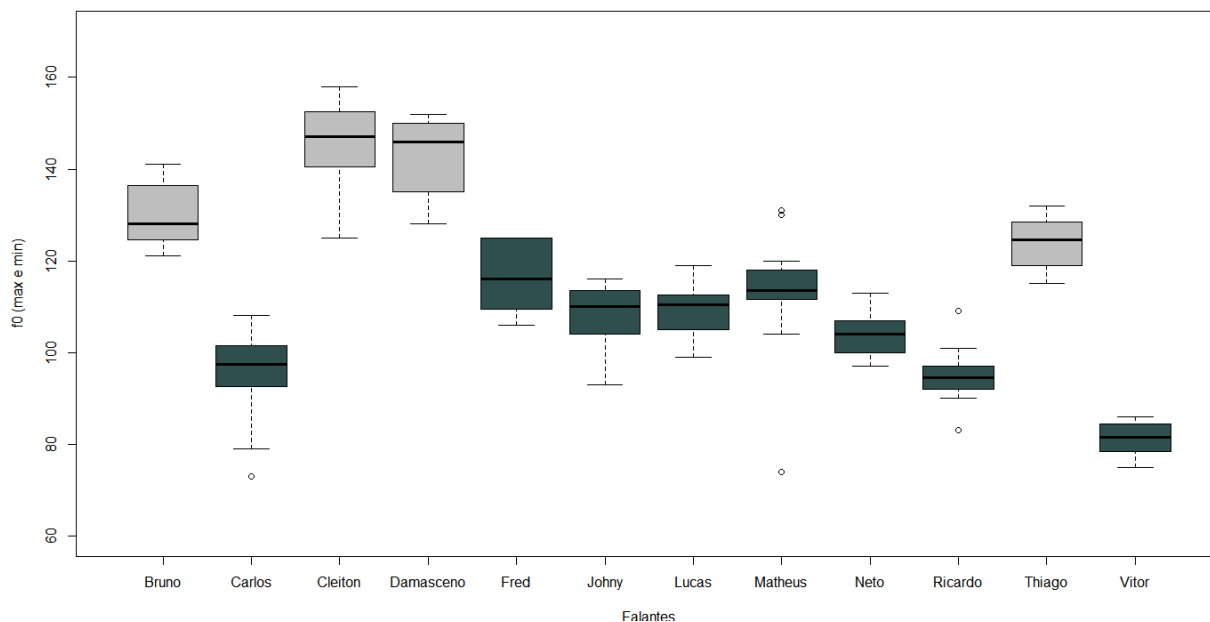
Figura 4.2 – Tela do PRAAT com exemplo do mapeamento do segmento auditivo



Fonte: elaboração própria

De posse dos dados dos informantes, organizaram-se, no Excel, todos os dados e elaborou-se um gráfico, com auxílio do R (CORE TEAM, 2020), com os dados de F^0 coletados.

Figura 4.3 – *Boxplot* com os valores da F^0 por falante



Fonte: elaboração própria

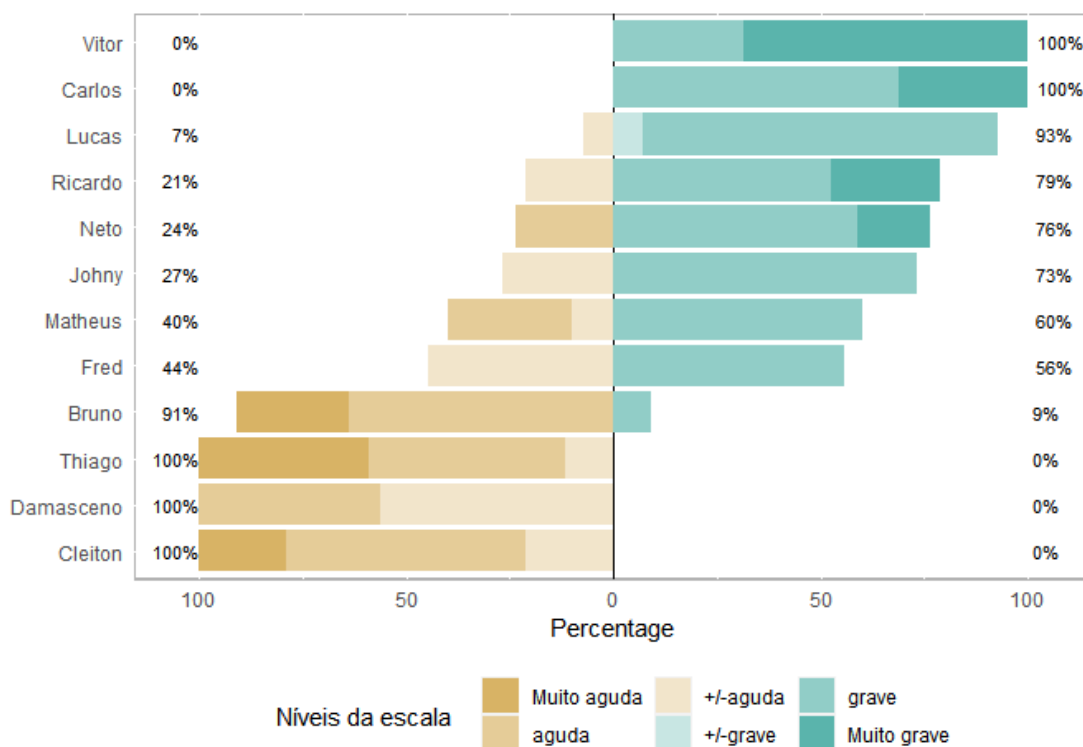
Como é possível observar no *boxplot* da figura 4.3, existe uma gama de

variação de F^0 por falante. Considerando que o valor médio da frequência fundamental de homens é de 100-120 Hz, segundo Kent e Read (2015), optou-se por selecionar os falantes de valores médios inferiores a 120Hz como os potenciais participantes do experimento e, por essa razão, eles estão de cores diferentes. Além disso, é importante destacar que como o objetivo deste experimento é examinar se a elevação do *pitch* médio tem efeito sobre a percepção de gênero e sexualidade, é plausível que os falantes selecionados já tenham medidas de F^0 mais baixas, visto que a manipulação de um trecho de fala em que os homens tendem a ter valores médios altos pode resultar na preparação de um estímulo pouco ou nada natural. Para a validação das vozes escolhidas para participarem do experimento, aplicou-se um questionário⁵⁷ simples, em que os participantes teriam que responder a três tarefas: (i) escalas do tipo Likert, que avaliariam o quão grave ou agudo soaria determinado trecho; (ii) sinalizar a possível origem geográfica do falante e (iii) apresentar as reações gerais dos participantes a cada gravação e que palavras foram usadas espontaneamente para descrevê-las⁵⁸. Destaca-se que, para esse questionário, selecionou-se um clipe de áudio de cada um dos informantes. Nestes áudios, os falantes falam sobre suas preferências climáticas; os dados foram coletados on-line por meio da plataforma *Google Form* e contou com a participação de 30 respondentes. No tocante à tarefa sobre o quão grave ou agudo soaria determinado trecho, construiu-se o seguinte gráfico:

⁵⁷ Esse questionário foi a forma encontrada que mais se aproximava da entrevista sociolinguística aberta, dado que é crucial, para o momento pré-experimento, conhecer as experiências que um grupo de ouvintes tem acerca das vozes a serem manipuladas.

⁵⁸ Esses resultados não serão necessariamente sistematizados; o intento dessa pergunta é auxiliar na preparação do experimento final.

Figura 4.4 – Síntese das respostas dadas à escala “quão aguda ou grave soa determinada voz”



Fonte: elaboração própria

O gráfico acima, realizado com auxílio do R (CORE TEAM, 2020) e utilizando o pacote *likert* (BRYER; SPEERSCHNEIDER, 2019), exibe a porcentagem das respostas dadas pelos respondentes por informante na escala de quão grave ou aguda soaria cada voz. Como esperado, os falantes com as médias de F^0 mais baixas foram avaliados como aqueles com as vozes mais graves, variando entre muito grave e mais ou menos grave. É interessante observar que o falante Fred tem uma diferença muito pequena na sua voz, entre soar agudo e grave. As respostas atribuídas ao polo soar agudo são de 44%, enquanto as do polo soar grave são 56%. Para a voz do falante Matheus, o cenário também não é diferente. No entanto, os 8 primeiros falantes soam, de acordo com as reações dos respondentes, como mais graves em comparação aos 4 últimos.

Outro aspecto que vale mencionar é que, no experimento da seção anterior, aplicou-se o teste apenas no interior de São Paulo, com receio de que outros estados pudessem identificar os falantes pelo modo de falar e

isso, naturalmente, influir de forma decisiva na percepção de como soam os quatro homens. Para este experimento, decidiu-se perguntar aos ouvintes antes se eles eram capazes de identificar, por aquele trecho de áudio, a possível origem geográfica do falante. Isso porque o interesse, para este experimento, é aplicá-lo a um número muito maior de ouvintes e, considerando que, como o anterior, ele circulará nas redes sociais, conhecer as impressões das pessoas que ouvem os áudios sem manipulação nos ajuda a direcionar a quem caberia responder ao questionário.

Figura 4.5 – Nuvem de palavras associada à pergunta “Qual a possível origem geográfica dos falantes?”

The word cloud displays the following terms in descending order of size and frequency: Sudeste, São Paulo, Minas Gerais, Interior-SP, Goiás, and Paraná. The words are arranged in a vertical stack, with 'Sudeste' being the largest and most prominent.

Fonte: elaboração própria

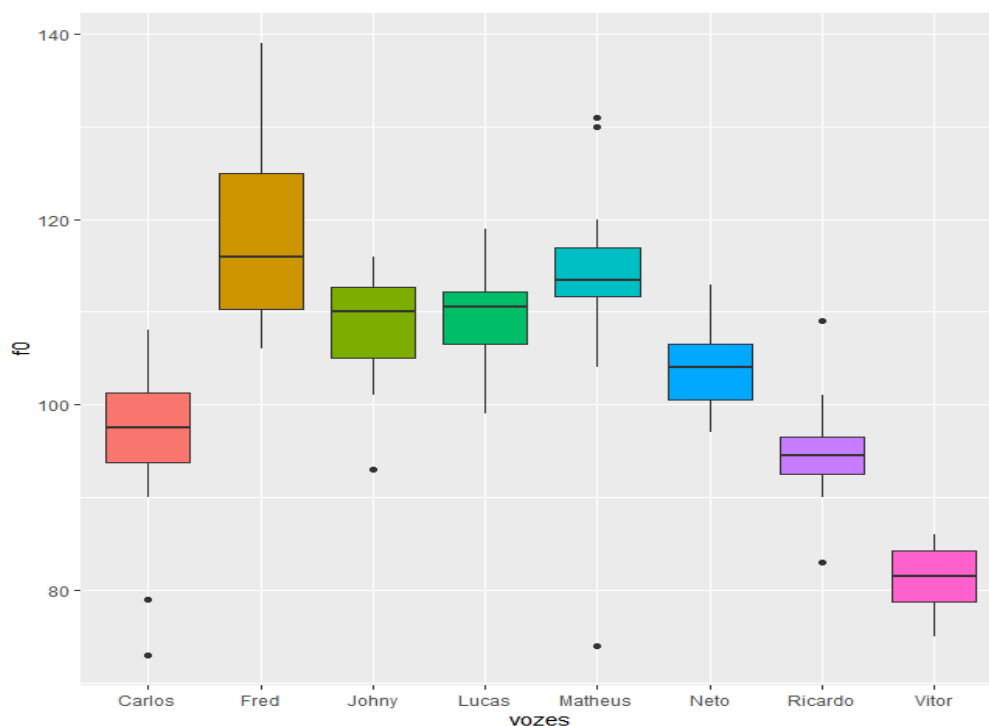
A palavra cuja frequência é maior, na nuvem de palavras, é Sudeste, seguida de São Paulo e Minas Gerais. Esse resultado é interessante na medida em que mostra que aqueles que optaram por colocar Sudeste, como um termo guarda-chuva, talvez estejam sinalizando para o fato de que não foi possível concluir, com precisão, sobre a origem geográfica do falante, mas que esse falante não está fora do que eles acreditem ser o modo como o Sudeste fala. Também equivale a dizer que, no trecho escolhido, não havia qualquer elemento linguístico saliente que pudesse direcioná-los a lugares específicos do Brasil - isso é uma questão importante para a percepção. O resultado em questão permite concluir

dois aspectos importantes para o experimento: (i) o trecho escolhido para a avaliação, neste questionário, é um potencial trecho a ser manipulado no experimento final, dado que a informação linguística presente nele não ‘colabora’ na avaliação categórica da região do falante e (ii) pelo fato de as respostas variarem entre Sudeste, São Paulo e Minas Gerais, majoritariamente, o teste de percepção pode incluir a região de onde é o ouvinte como uma variável a ser analisada, com o objetivo de examinar se ouvintes de regiões diferentes, como São Paulo e Minas Gerais, por exemplo, avaliam significativamente diferentes os trechos analisados.

4.2 A preparação do experimento

Sistematizados os resultados extraídos do questionário anterior, passa-se à preparação do experimento. Conforme os resultados explorados nos gráficos 4.3 e 4.4, os falantes selecionados para o experimento apresentam os seguintes valores de F^0 (figura 4.6):

Figura 4.6 – *Boxplot* dos valores de F^0 dos falantes selecionados

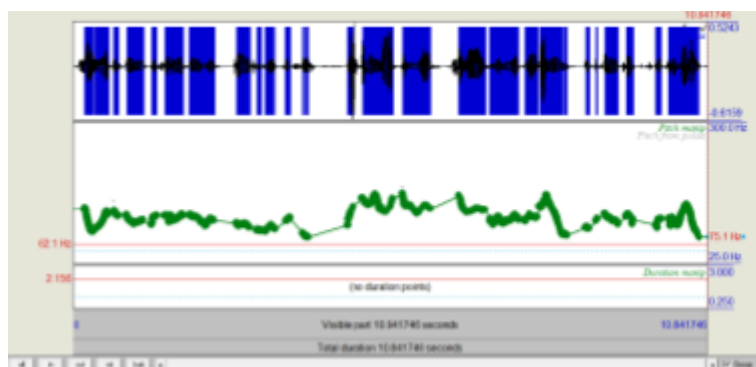


Fonte: elaboração própria

É importante lembrar que os falantes em questão, por apresentarem valores de F^0 mais baixos, em comparação aos outros 4, são os que melhor se encaixam ao intento deste experimento, que é examinar se a alteração do *pitch* médio de uma ‘voz grave’ para uma ‘voz aguda’ tem efeito sobre a percepção de gênero e sexualidade. Para isso, foi necessária a seleção de trechos para compor os estímulos. O trecho escolhido para manipulação foi aquele em que os falantes tratavam sobre suas preferências climáticas – a duração aproximada de cada trecho é de 20 a 30 segundos. A escolha por essa parte específica da entrevista se dá, primeiro, em razão da justificativa acima apresentada e, ainda, porque um tema como o clima parece estar distante de assuntos que podem ser sensíveis à percepção, como: religião, política, futebol e discussões ideológicas, por exemplo. Para esse experimento, outra diferença encontra-se no design experimental. Enquanto o anterior trabalhou com o design *between-subject*, este utilizará o design *within-subject*. Isso significa que, enquanto no design do experimento anterior o mesmo ouvinte não interagira com as duas versões do estímulo, nesta versão, *within-subject*, o mesmo ouvinte interagirá com todos os áudios, ouvindo os falantes nos seus dois disfarces. O design em questão oferece mais robustez ao experimento realizado (DRAGER, 2014), dado que o sujeito e a voz permanecem a mesma, diferente apenas no segmento manipulado, que neste caso é a elevação do *pitch* médio. Outra vantagem em potencial deste design experimental refere-se ao fato de que, nesta versão, aquilo que se conhece como ruído aleatório pode ser mais facilmente controlado, já que independentemente se a pessoa que participar do experimento estiver estressada, feliz ou triste, ela interagirá com todas as variações de estímulos existentes dentro das condições experimentais elaboradas. Vale lembrar, nesse sentido, que o *design* em questão tem também suas desvantagens, sendo a primeira delas a dificuldade em mantê-lo simples e curto, especialmente para este experimento, que conta com a participação de oito falantes.

Com a seleção dos oito trechos a serem manipulados, foi utilizado o PRAAT (BOERSMA, WEENIK, 2015) para criar os outros pares com a versão do *pitch* médio alterado, o que resulta, portanto, em 16 clipes de áudios. No *software* em questão, a manipulação pode ser realizada por meio do recurso '*To Manipulation*' (figura 4.7).

Figura 4.7– Janela de Manipulação do PRAAT



Fonte: elaboração própria

Nesse ambiente, é possível selecionar a trilha do *pitch* (*pitch track*) e manipular, no menu *Pitch > Shift Pitch Frequencies*, a frequência em Hertz que você deseja alterar. Para este experimento, todos os trechos foram manipulados em +30Hz. São dois os motivos que justificam a alteração nesse valor: (i) o fato de que todos os estímulos precisam ser representativos, o que significa dizer que cada par a ser manipulado deve representar, de forma adequada, o recurso que está sendo estudado – neste caso, o *pitch* médio, e, sobretudo, que a diferença entre os pares manipulados seja perceptível e (ii) qualquer valor acima de +30Hz, nas vozes selecionadas, soaria pouco natural ou estereotipicamente feminina. Com isso, todos os oito falantes tiveram um trecho de suas vozes manipuladas na mesma direção. Vale lembrar que a manipulação do *pitch* médio implica na alteração do estímulo como um todo, criando uma versão 'aguda' do áudio 'original'. Considerando que, para este experimento, o mesmo participante vai ouvir os 16 áudios (oito sem manipulação e oito com manipulação), o próximo passo foi segmentar o

trecho manipulado em dois trechos, objetivando construir estímulos com conteúdo informacional diferente para que o participante da pesquisa não reconheça que se trata do mesmo falante. É imperioso garantir a opacidade dos estímulos, o que equivale dizer que os ouvintes não podem estar cientes da manipulação do disfarce, de modo que eles acreditem, então, que estão julgando, supostamente, ‘falantes diferentes’⁵⁹.

Para a confiabilidade dos resultados, é fundamental que os participantes das pesquisas experienciem os dois estímulos, sem que saibam que estão sendo testados para uma variável específica e que se trata de falantes diferentes. Essa decisão permite-nos, então, comparar se e como a percepção do mesmo respondente se alterou quando ouvido o disfarce original do *pitch* médio e com a manipulação do *pitch* médio +30Hz. Feitas as ressalvas acerca da criação dos estímulos, apresentam-se, no quadro 4.1, os trechos utilizados no experimento.

Quadro 4.1 – Trechos manipulados

Falante	Trecho do áudio	
Vitor	Trecho 1	Eu também acho muito bacana né a questão do inverno ... eu acho que assim como muitas pessoas pensam ... essa é uma estação do ano em que a gente se sente ... de uma certa forma ... mais confortável ... tem a questão de se vestir melhor
	Trecho 2 Manipulado	Então ... com relação a clima ... lugares eu gosto muito que o verão predomina ... mas também acho muito bacana né ... o inverno por que a gente se sente mais ... confortável.
Ricardo	Trecho 1	Em geral ... eu prefiro cidades com clima mais ameno ... eu já morei em lugares que era muito quente ... e ventava muito pouco... então ... durante as tardes era insuportável

⁵⁹ Caso a escolha fosse manter o estímulo, com o mesmo conteúdo informacional, apenas com a modificação do *pitch* (sem alteração e com alteração), a probabilidade de que o respondente da pesquisa reconhecesse que se trata do mesmo falante e, portanto, a opacidade do estímulo se rompesse seria maior.

	Trecho 2 Manipulado	Eu gosto de cidades que tem uma temperatura amena quando faz muito calor ... eu acabo ficando mais incomodado então eu prefiro clima quente quando eu vou tirar férias porque ai a gente consegue viajá ... ir para praia ... consegue aproveitá
Neto	Trecho 1	Então ... eu sou um tipo de pessoa que tá sempre com os amigos ... sabe ... daí o clima perfeito é quando eu consigo me reunir com eles assim ... eu não gosto quando o clima tá muito quente ... sabe aquele sol do meio dia ... eu prefiro algo mais mediano aquele dia que você não fica muito incomodado se tá muito calor ou muito frio
	Trecho 2 Manipulado	Eu não sou muito fã de frio não sabe mas tipo assim um dia ou outro eu até gosto da chuva ... exceto quando eu to de férias porque eu gosto do calor ... eu gosto de viajá ... gosto de praia ... e nem preciso preocupá se vai chover ...
Matheus	Trecho 1	Eu ... detesto calor tipo assim eu não gosto de calor eu prefiro estar num ambiente mais frio e coloque uma blusa do que tá num ambiente quente ... sabe ... No calor ... eu me sinto muito improdutivo, então me sinto desmotivado ...
	Trecho 2 Manipulado	Eu particularmente gosto do frio ... mesmo quando eu vou tirar férias é que no frio eu fico mais ... sei lá disposto agora o calor me deixa lento ... indisposto ... para mim ... o ideal é que a temperatura média aqui da cidade fosse entre 18 a 20 graus
Lucas	Trecho 1	Eu particularmente prefiro muito mais dias quentes dia com sol mas também gosto de gosto de dias chuvosos e dias mais amenos ... por isso falei que prefiro o verão
	Trecho 2 Manipulado	Eu gosto do calor como um todo sabe ... mas ... eu não gosto de temperaturas ... tipo ... que deixa a gente desconfortável sabe ... eu gosto do clima que dê para trabalhá ... aproveita o dia ... curti a praia quando estou de férias ... clima frio em geral não dá muita disposição na gente

Johny	Trecho 1	Então eu particularmente ... não sou fã de calor extremo sabe eu sempre gostei do frio mas sem exagero tudo que é extremo é ruim ... então ... quando eu to de férias ... como eu gosto de saí ... viajá ... eu acho que o clima tem que favorecê para deixar a gente mais confortável ...
	Trecho 2 Manipulado	O clima que eu gosto mesmo é ... o inverno eu acho que todos acabam ficando mais ... a vontade sabe só que ... esse clima costuma me trazer problemas eu tenho sinusite e a minha respiração fica muito ruim eu queria que a temperatura aqui da cidade fosse no máximo uns 20 graus
Fred	Trecho 1	O calor me incomoda um pouco.... claro que tem dia que eu prefiro calor você quer ir num clube quer tomar um sorvete então o calor até que ... que ... tem momentos que é bom ... mas preferência minha é graus
	Trecho 2 Manipulado	Eu prefiro climas e locais de temperatura amena sabe ... nem tão frio e nem tão quente ... por que esse clima ... deixa a gente mais confortável sei lá então para mim... a temperatura média aqui da cidade poderia ser de 21 graus
Carlos	Trecho 1	Eu particularmente gosto de cidades onde predomina o clima quente até porque fui nascido e criado com esse clima ... então é um costume mesmo até quando eu tô de férias eu sempre vou para onde tem clima quente ... não sei explicar é que eu me sinto mais ... confortável
	Trecho 2 Manipulado	Eu gosto do clima quente quando eu tô de férias eu acabo optando por lugares é ... onde ... onde ... prevaleça o calor né questão de costume mesmo ... clima quente dá para aproveitá mais ir para uma praia

Fonte: elaboração própria

Vale destacar que, além de atender a recomendação de que os estímulos precisam garantir a opacidade e a representatividade, o recorte

dos trechos acima priorizou outro aspecto fundamental na criação dos disfarces pareados, que é a naturalidade dos pares, isso é, ambos os disfarces são igualmente plausíveis como algo que o falante poderia dizer. Feitos todos os passos e criados os estímulos, organizou-se o modo como os participantes interagiriam com eles. Os ouvintes que participaram da Condição Experimental 1 interagiram, primeiro, com os estímulos originais e depois com o de *pitch* médio +30Hz, enquanto aqueles que participaram da Condição Experimental 2 ouviram o inverso: do estímulo cujo *pitch* médio foi alterado em +30Hz para os estímulos originais. A escolha de incluir duas condições experimentais em que se altera apenas a ordem de apresentação dos estímulos é verificar se o efeito do *pitch* médio na percepção de gênero e sexualidade se mantém, independentemente da ordem em que eles são ouvidos.

Quadro 4.2 – Design do experimento do *pitch* médio

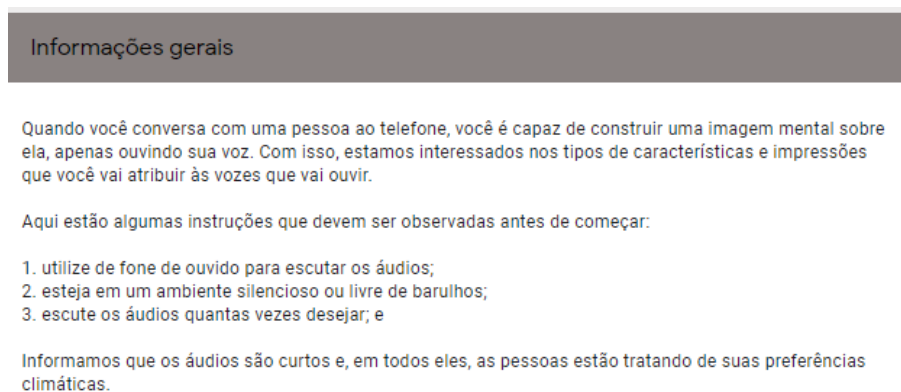
Condição Experimental 1 (CE1)	Condição Experimental 2 (CE2)
Vitor – sem manipulação	Vitor – manipulada
Ricardo – sem manipulação	Ricardo – manipulada
Neto – sem manipulação	Neto – manipulada
Matheus – sem manipulação	Matheus – manipulada
Lucas – sem manipulação	Lucas – manipulada
Johny – sem manipulação	Johny – manipulada
Fred – sem manipulação	Fred – manipulada
Carlos – sem manipulação	Carlos – manipulada
Vitor – manipulada	Vitor – sem manipulação
Ricardo – manipulada	Ricardo – sem manipulação
Neto – manipulada	Neto – sem manipulação
Matheus – manipulada	Matheus – sem manipulação
Lucas – manipulada	Lucas – sem manipulação
Johny – manipulada	Johny – sem manipulação
Fred – manipulada	Fred – sem manipulação
Carlos – manipulada	Carlos – sem manipulação

Fonte: elaboração própria

4.3 O questionário

Para a construção do questionário de coleta da percepção dos ouvintes, foi necessário conhecer quais são as reações gerais dos ouvintes e que palavras foram usadas espontaneamente para descrevê-las. Para isso, aplicou-se o questionário *online* mencionado na subseção 4.1, com objetivo de substituir a entrevista sociolinguística aberta, dado o período pandêmico. Destaca-se que, para este questionário, selecionou-se um clipe de áudio de cada um dos doze informantes. Os participantes desta rápida pesquisa precisaram responder à seguinte pergunta: (i) Após ouvir o áudio, o que você é capaz de ‘dizer’ sobre essa pessoa (características físicas e sociais), apenas ouvindo esse trecho da gravação? Destaca-se que, antes de os participantes ouvirem os áudios, havia um esclarecimento sobre o que se esperava para essa tarefa.

Figura 4.8 – Informações gerais sobre a tarefa a ser realizada



Fonte: elaboração própria

As respostas foram sistematizadas por meio de uma nuvem de palavras que ilustra, com a fonte maior, as menções mais frequentes feitas pelos participantes (figura 4.9). As lexias mais frequentes permitem concluir que aspectos da dimensão da masculinidade hegemônica são evocados espontaneamente, quando as pessoas ouvem um determinado material linguístico. Isso ocorre já que a visão hegemônica do que é ser

masculino não se assume como uma norma no sentido estatístico, mas é reconhecida e incorporada pela sociedade como a forma com que o homem deve se posicionar (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Nesse sentido, dimensões como “sério”, “alto”, “corpulento”, “hétero”, “magro” e “inteligente” são pertencentes ao campo semiótico do que é ‘ser homem’. É importante mencionar que, embora a palavra “extrovertido” destoe das demais, isso pode ser explicado devido ao que os falantes disseram no trecho da entrevista, dado que os áudios foram reproduzidos sem qualquer manipulação. Outras características menos frequentes, mas também associadas ao campo semiótico da masculinidade, são: “trabalhador”, “viril” e “robusto”. Conclui-se, então, que, mesmo de forma espontânea, questões de gênero e masculinidade podem ser evocadas, o que corrobora o fato de que os metadiscursos populares que são apresentados em vários momentos desta tese, acerca do ‘soar gay’, não são idiossincráticos, pelo contrário, atuam como evidências sociais (GARRETT; COUPLAND; WILLIAMS, 2003) importantes para o trabalho perceptual.

Figura 4.9 – Nuvem de palavras associada à pergunta “O que você é capaz de ‘dizer’ sobre essa pessoa (características físicas e sociais) apenas ouvindo esse trecho da gravação?”



Fonte: elaboração própria

Devido ao fato de que o experimento conta com 16 estímulos, o que já o torna significativamente longo, decidiu-se por inserir apenas quatro escalas de diferenciais semânticos (OSGOOD; SUCI; TANNENBAUM, 1957) que melhor representassem as respostas dadas pelos participantes. Das informações sistematizadas, foram utilizadas, para as escalas, as palavras: “sério” e “inteligente”, enquanto para a dimensão da sexualidade e gênero, seguiu-se, como o experimento anterior, o uso das escalas sobre a qualidade de soar gay e masculino. A essa altura, vale mencionar que, para esta tese, as demais escalas foram inseridas como distratoras, de modo que o foco não recaísse integralmente sobre a dimensão de gênero e sexualidade. Sendo assim, as escalas que compuseram o experimento final são as seguintes (figura 4.10):

Figura 4.10 – Escalas de diferenciais semânticos do experimento sobre o *pitch* médio

The figure displays four semantic differential scales, each consisting of a horizontal line with six points labeled 1 through 6. The scales are as follows:

- Scale 1:** "Pela voz desse cara, ele soa: *". The left end is labeled "Nada sério" and the right end is labeled "Muito sério".
- Scale 2:** "Nada gay" on the left and "Muito gay" on the right.
- Scale 3:** "Nada inteligente" on the left and "Muito inteligente" on the right.
- Scale 4:** "Nada masculino" on the left and "Muito masculino" on the right.

Each scale has a red asterisk (*) above the number 1. The scales are presented in a vertical stack, each within its own light gray bordered box.

Fonte: elaboração própria

Após responderem às escalas, todos os participantes foram convidados a responder sobre outras características que pudessem ser associadas ao estímulo ouvido. Eles deveriam preencher uma caixa de seleção e poderiam marcar quantas opções desejassem. É importante pontuar que, como alguns dos adjetivos na figura 4.9 podem ser imprecisos para um público em geral, optou-se por sintetizar algumas características específicas, evitando que se alongasse, ainda mais, o experimento, com explicações sobre, por exemplo, o que se entende sobre extrovertido.

Figura 4.11 – Caixa de seleção com características sociais

Além disso, pela voz desse cara, ele parece: *

(marque quantas características desejar, de acordo com sua opinião)

- Alto
- Jovem
- Rico
- Magrinho
- Simpático
- Bonito

Fonte: elaboração própria

Após responder a essas duas perguntas, o participante da pesquisa foi convidado a informar um pouco sobre ele, o que nos permitiu reunir informações sociais a respeito de cada um, tais como idade, sexo, escolaridade, cidade/estado, se tinha amigos gays e qual a sua orientação sexual. No que se refere à organização das condições experimentais, o formulário é o mesmo para as duas condições (CE1 e CE2); então, para garantir que os respondentes apenas interagissem com uma das duas condições, tal como no questionário anterior, optou-se pelo uso da ferramenta de caixa suspensa do *Google Forms* (figura 4.12).

Figura 4.12 – Tela inicial do experimento

Fonte: elaboração própria

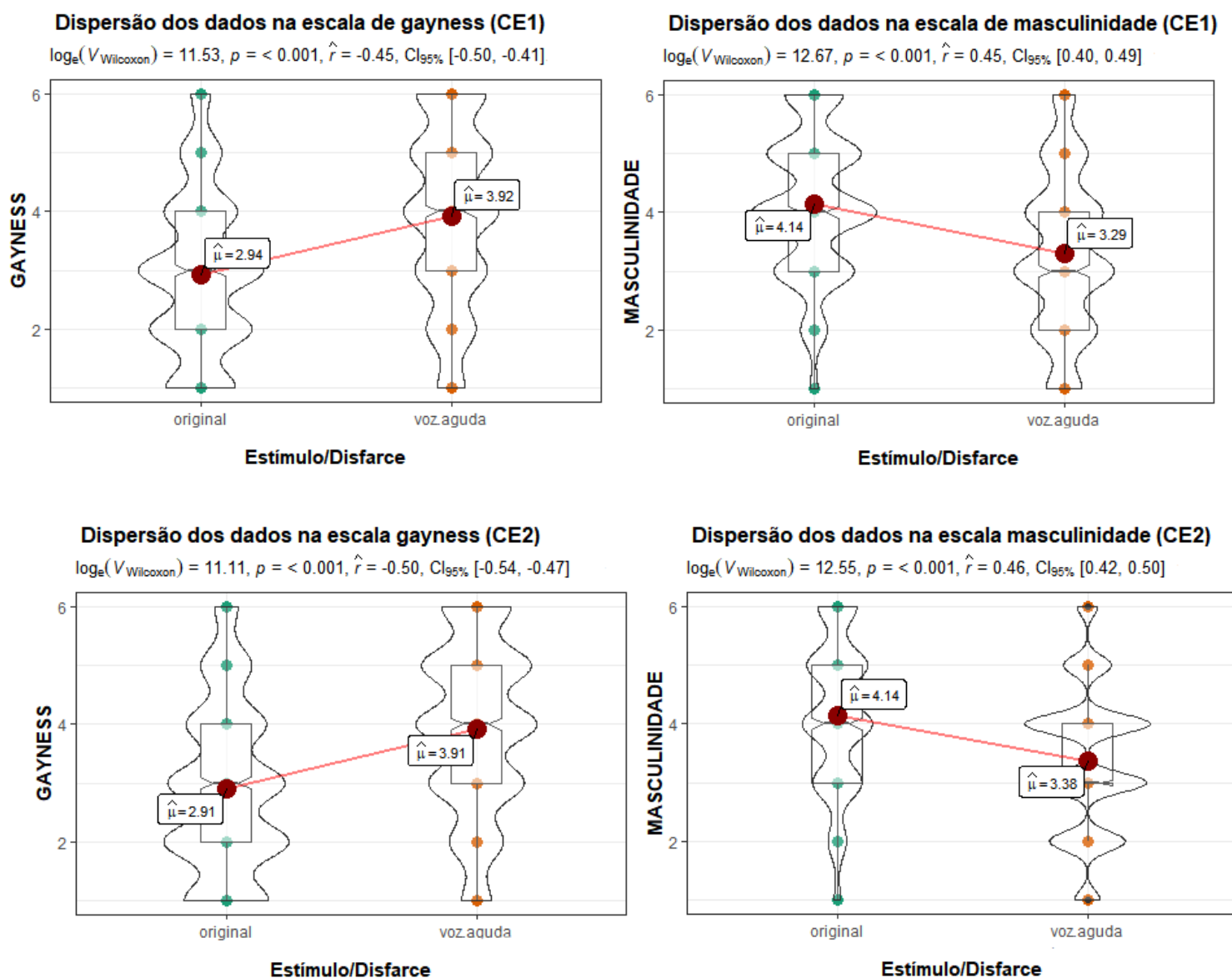
A caixa suspensa ilustra o modo escolhido para que os participantes fossem direcionados para CE1 e CE2, sem que soubessem que era o mesmo experimento com alteração da ordem – tal como no experimento anterior. O questionário foi aplicado de forma *online* e compartilhado nas redes sociais. Para a CE1, 148 participaram da pesquisa e, para a CE2, 146. Considerando que todos os respondentes ouvem 16 estímulos, foram coletados, então, 2.368 respostas para a CE1 e 2.336, para a CE2. Os dados foram modelados e analisados com auxílio do *software* R (CORE TEAM, 2020). Os pacotes necessários para as análises são: *ggstatsplot* (PATIL, 2018), *psych* (REVELLE, 2019), *GPArotation* (BERNAARDS, JENNRICH, 2005).

4.4 Modelagem do experimento

O primeiro passo é investigar se o efeito do *pitch* médio se mantém independente da ordem de apresentação dos estímulos. Essa questão é de grande importância para este experimento, uma vez que, em caso afirmativo, diminui a redundância nos dados, sem mencionar o fato de que nos dá bons indícios sobre o efeito da variável na percepção de como soam os falantes deste experimento. Para isso, é necessário realizar a

dispersão dos dados das duas condições experimentais (figura 4.13).

Figura 4.13 – Dispersão geral das respostas da CE 1 e da CE 2 nas escalas de gênero e sexualidade

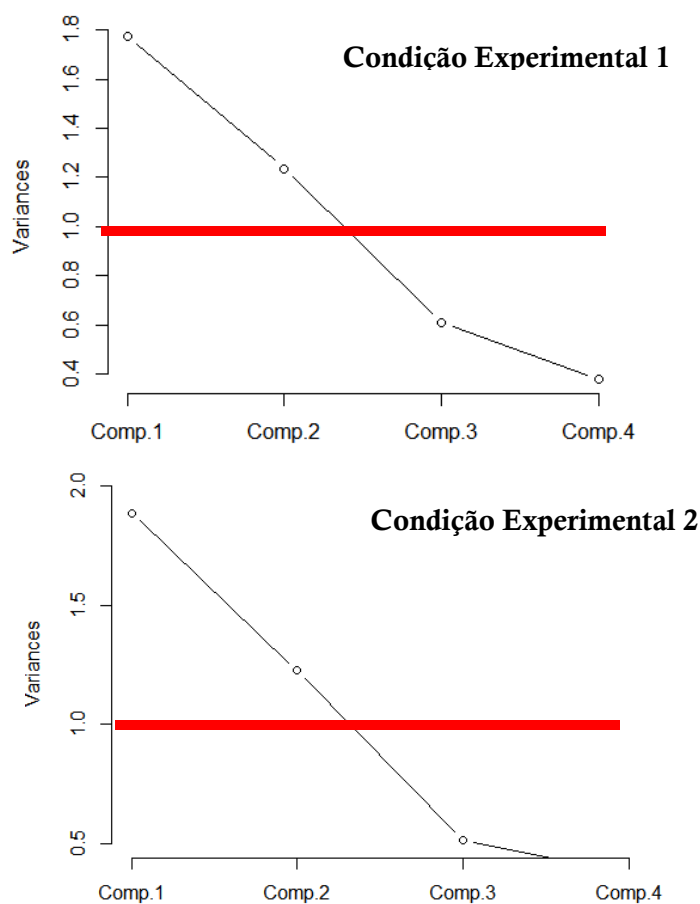


Na figura 4.13, é possível observar que, em ambos os gráficos, a escala de sexualidade (*gayness*) e a de gênero (masculinidade) apresentam padrões de respostas semelhantes. Ou seja, quando o estímulo ouvido é com alteração em +30Hz do *pitch* médio (voz aguda, no gráfico), ele é percebido como 'mais gay' e 'menos masculino' nas duas condições

experimentais. O oposto disso ocorre com o estímulo original: nesse disfarce, as respostas, para CE1 e CE2, foram ouvidas como homens que soam 'menos gay' e 'mais masculino'. Isso é confirmado por meio do teste *Wilcoxon*, versão não paramétrica do Teste T para amostras pareadas, que, para todos os casos, apresentou diferença estatisticamente significativa ($p < 0.05$).

Essa primeira inspeção também nos permite avaliar que os gráficos são inversamente proporcionais, isso é, quanto mais X, menos Y – tal como o experimento anterior. Para o caso da voz aguda, quanto mais gay, menos masculino. Essa questão mostra o primeiro indício de que as respostas atribuídas as escalas talvez não sejam independentes (ou seja, há correlação entre eles) e, sobretudo, aponta para o fato de que talvez não seja necessário analisar as respostas a cada condição experimental separadamente. Para confirmar tal aspecto, examinou-se o grau de associação entre as duas escalas nas duas condições experimentais. A técnica utilizada para esse tipo de verificação foi a Análise de Componentes Principais (*PCA*, no inglês); esta técnica é recomendada para determinar o número de fatores que respondem pela máxima variância dos dados, sendo os fatores chamados de componentes principais (MALHOTRA, 2010). Ao executar a análise, no R (CORE TEAM, 2020), ele exibe quantos componentes são necessários por meio do *scree plot*. Nas imagens, são plotados os autovalores que representam a quantidade de variância associados ao fator (MALHOTRA, 2010). Os fatores em que a variância é maior do que 1 indicam grau de associação forte. Em outras palavras, esse resultado mostra que não são necessárias as quatro escalas do experimento para explicação do fenômeno sob análise, pelo contrário, o teste em questão sinaliza que bastam dois componentes.

Figura 4.14 – *Scree plots* dos PCAs das duas condições experimentais



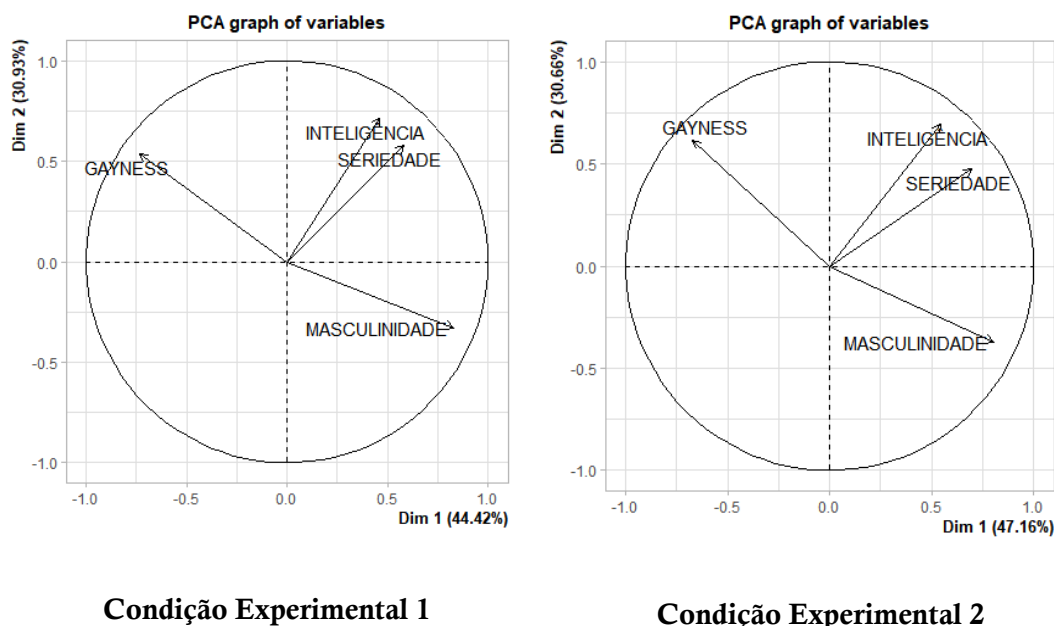
Fonte: elaboração própria

Após examinar quantos são os componentes necessários, o PCA cria um gráfico, por meio da função *graph ()* disponível no pacote *FactoMineR* (LE, JOSSE, HUSSON, 2008), que exibe quais são os componentes que apresentaram grau de associação forte e, sobretudo, qual é a direção dessa correlação. O gráfico da figura 4.15 mostra, então, que as respostas dadas nas escalas se correlacionam na mesma direção, quanto mais gay, menos masculino, enquanto inteligência e seriedade caminham para a mesma direção – em ambas as condições experimentais 1 e 2. Destaca-se que, tal como no experimento anterior, a correlação negativa entre soar gay e soar masculino não é novidade, já que foi possível encontrar esse mesmo padrão no experimento anterior. Embora seja possível soar menos masculino e não soar gay, no geral, os dados deste experimento sobre o

pitch médio mostram que, quando os ouvintes percebem um homem como alguém que soa “gay” também o percebem como alguém que soa “menos masculino”.

Esse resultado, tal como o do experimento da duração de /s/, mostra a importância de olhar para as duas escalas de forma conjunta, afinal no que se refere à sociedade e à forma como ela dá sentido as coisas do mundo, quando se trata de gênero e sexualidade, há uma tendência a encaixar as pessoas dentro de uma matriz de referência, entendida como matriz de inteligibilidade de gênero. Nessa matriz, os conhecimentos a respeito de gênero e sexualidade são imbricados de modo a só se considerar um sujeito como inteligível, quando ele mantém coerência e continuidade entre sexo e gênero (BUTLER, 2003). Sendo assim, a coesão das respostas dadas pelos ouvintes que sustentam a correlação negativa entre soar masculino e soar gay está associada à visão de que um determinado homem só é considerado como tal se as normas de coerência de sexo (ter um órgão sexual masculino), gênero (performar masculinidade por meio de práticas como ‘não chorar’, ‘não cruzar as pernas’, ‘falar grosso’) e sexualidade (ser heterossexual) forem atendidas. Logo, na medida em que uma dessas características que auxilia manter a coerência e a continuidade entre sexo e gênero não é devidamente atendida, a noção de masculino começa a ser ‘abalada’, especialmente quando o que não está sendo ‘atendido’ é o fato de a voz ‘não ser grossa’.

Figura 4.15 – Gráfico da direção da correlação das condições experimentais 1 e 2



Fonte: elaboração própria

Os resultados apresentados confirmam, portanto, que o efeito do *pitch* médio é independente da ordem de apresentação dos estímulos. Em outras palavras, duas condições experimentais foram estabelecidas com vistas a controlar se existe um possível efeito de *priming* e, também, se a direção da correlação poderia se alterar, a depender da ordem em que os estímulos são apresentados no instrumento de coleta. Sendo assim, se os resultados já mostram que tanto a dispersão como a direção da correlação são as mesmas, continuar com a análise separada dos dados é pouco produtivo, dado que não estaria reduzindo a redundância nas respostas.

Outro ponto importante a ser mencionado é que, das 294 respostas, apenas 29 eram de respondentes residentes no Rio de Janeiro, enquanto 128 eram de Minas Gerais e 137 do estado de São Paulo. Com isso, devido à baixa frequência de respostas dos fluminenses, os dados deles foram retirados das próximas análises. Sendo assim, o perfil geral dos respondentes que participaram da pesquisa é (tabela 4.1):

Tabela 4.1– Perfil social dos respondentes do questionário

Sexo	Total	Escolaridade	Total
Feminino	179	Ensino Médio	47
Masculino	86	Ensino Superior	218
Amigos Gay	Total	Idade	Total
Muitos	182	-30anos	222
Poucos	83	+30 anos	43
Orientação Sexual	Total	Estado	Total
Bissexual	74	MG	128
Heterossexual	107	SP	137
Homossexual	84		

Fonte: elaboração própria

Em muitas pesquisas de percepção sociolinguística, o questionário *online* tem sido utilizado, pela sua versatilidade e praticidade (CAMPBELL-KIBLLER, 2006, OUSHIRO, 2015, MENDES, 2018, SANTOS, 2020, BARCELLOS, 2020). Em caso de uso do questionário no modelo autoaplicável, amplia-se a forma de veiculação do instrumento de pesquisa: e-mail, redes sociais, grupos de Whatsapp e Telegram. Esse modelo é, talvez, o que mais proporciona condições favoráveis a quem vai responder, o que influi no menor número de abstenções. No entanto, a desvantagem está na dificuldade em controlar até onde ‘chega’ a pesquisa e, sobretudo, o perfil social de quem está respondendo.

4.5 Resultados

Após a modelagem dos dados e a confirmação da hipótese de que o efeito do *pitch* se mantém independentemente da ordem de apresentação dos estímulos, uma nova Análise de Componentes Principais foi realizada, desta vez sem separar os dados por condição experimental.

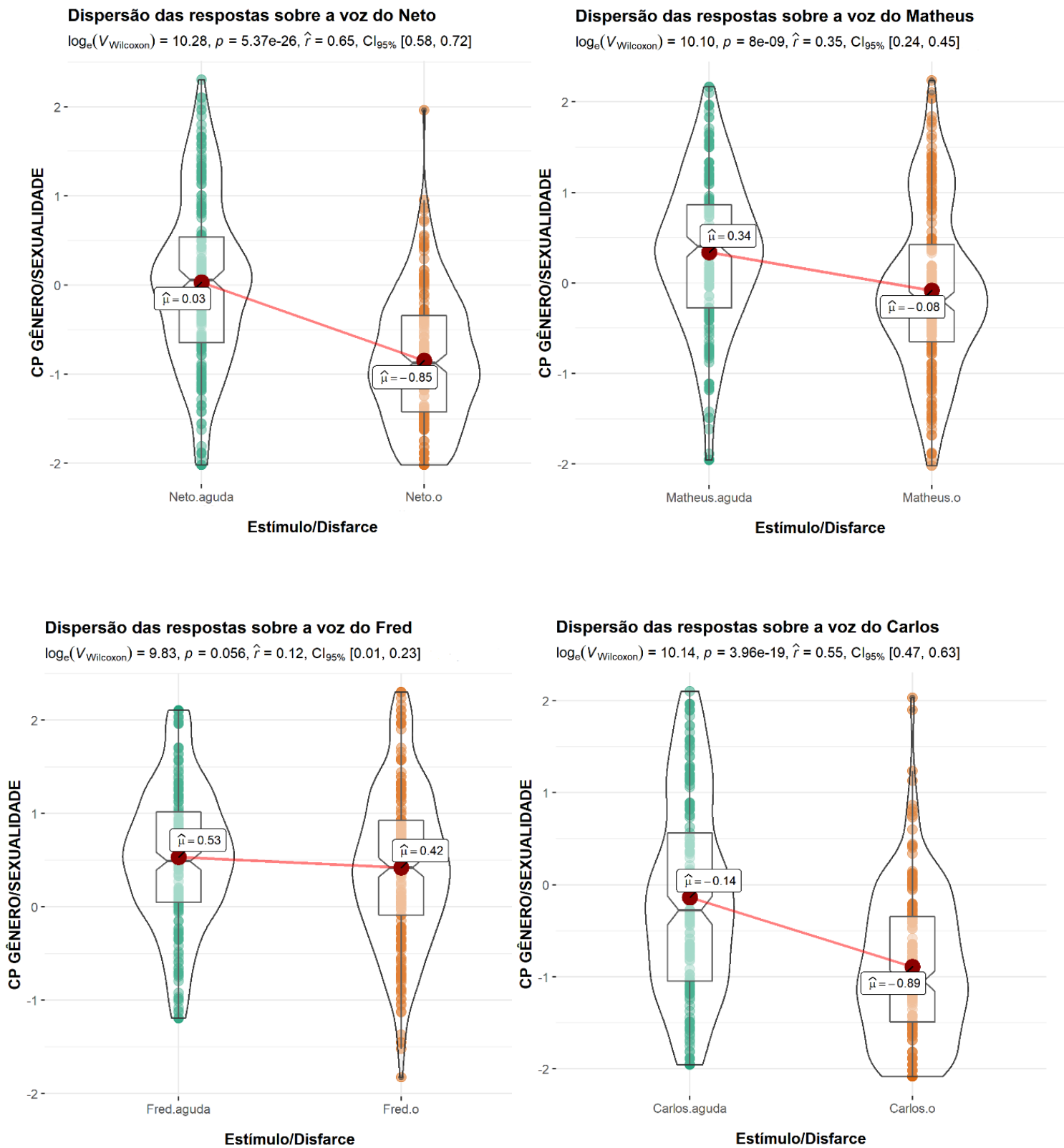
Tabela 4.2 – Componentes principais das respostas dadas pelos ouvintes ao experimento (variação Promax)

	GÊNERO SEXUALIDADE	INTELIGÊNCIA
Soar sério	-0.14	0.79
Soar gay	0.92	0.16
Soar inteligente	0.11	0.88
Soar masculino	-0.85	0.15
Eigenvalue	1.61	1.45
%Variância	0.76	0.40
%Acumulativa	0.47	0.53

Fonte: elaboração própria

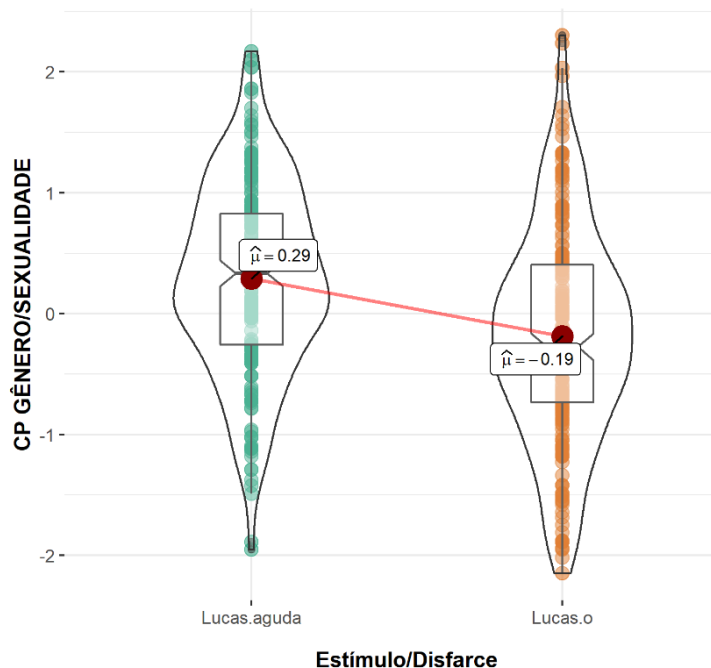
A tabela apresenta os *scores* gerados através do PCA e confirma o fato de que são necessários apenas dois componentes para explicar a máxima variação dos dados. O primeiro componente cujo nome é o mesmo do experimento da seção anterior (Gênero e Sexualidade), compõe-se da escala de soar masculino e soar gay. A correlação entre os *scores* é quase próxima de 1, o que indica uma correlação forte. A direção da correlação segue o que já se sabe: quanto mais gay, menos masculino. O outro componente cujo nome é Inteligência é composto das escalas de soar sério e soar inteligente. A direção da correlação é positiva, o que equivale a dizer que quanto mais sério, mais inteligente. Os *scores* gerados para cada um dos componentes são assumidos como variável dependente, com a qual podem se correlacionar as demais variáveis do experimento (MENDES, 2018; SENE, 2019c; SANTOS, 2020).

Figura 4.16 – Dispersão das respostas dos participantes por falante de acordo com o estímulo ouvido



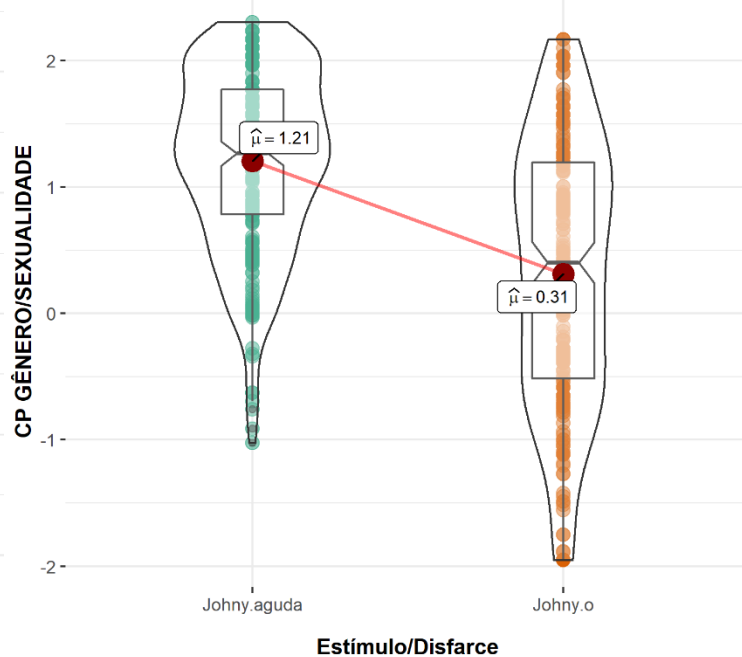
Dispersão das respostas sobre a voz do Lucas

$$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 10.10, p = 1.09e-10, \hat{r} = 0.40, CI_{95\%} [0.31, 0.49]$$



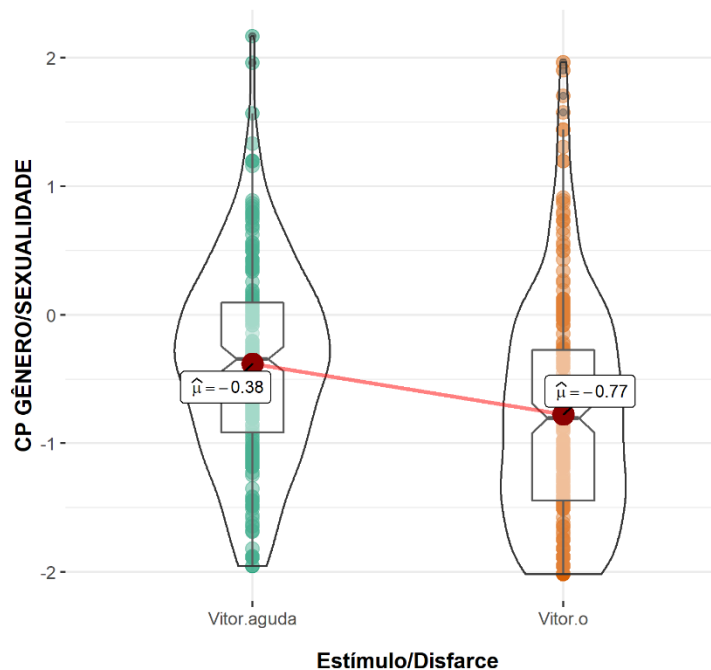
Dispersão das respostas sobre a voz do Johny

$$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 10.31, p = 2.99e-27, \hat{r} = 0.66, CI_{95\%} [0.59, 0.71]$$



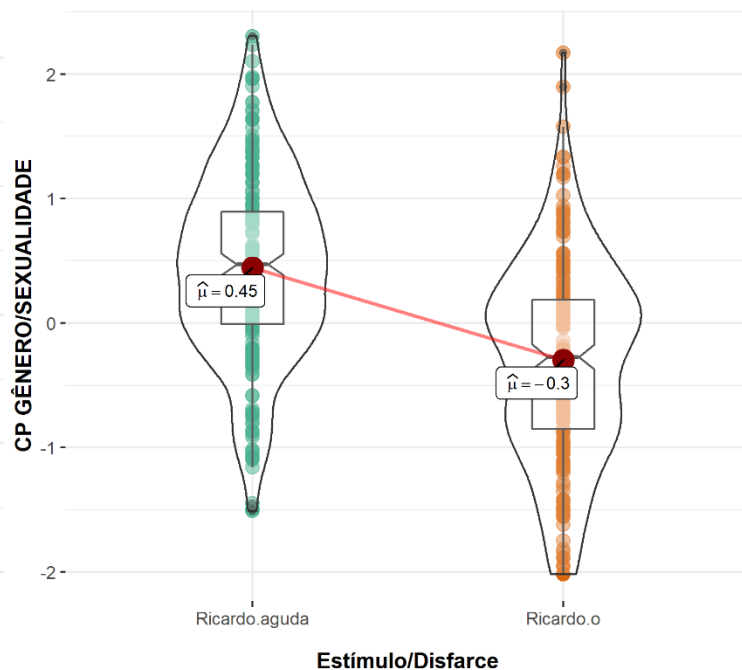
Dispersão das respostas sobre a voz do Vitor

$$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 10.10, p = 3.11e-09, \hat{r} = 0.36, CI_{95\%} [0.25, 0.47]$$



Dispersão das respostas sobre a voz do Ricardo

$$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 10.26, p = 4.28e-23, \hat{r} = 0.61, CI_{95\%} [0.55, 0.68]$$



Fonte: elaboração própria

Tal como explicado no experimento anterior, o eixo y não tem mais os valores de 1 a 6 – conforme indicava o formulário de percepção, mas sim os *scores* que variam de -2 a +2, conforme resultado do PCA. Nos gráficos,

é possível verificar que as respostas para cada falante variaram, a depender do estímulo que o respondente ouvia. Com exceção do falante Fred, para todos os outros a alteração do *pitch* médio em +30Hz teve efeito sobre a percepção de gênero e sexualidade, o que significa dizer que os sete falantes foram percebidos como falantes que soam mais gays e menos masculinos, quando ouvidos nesse disfarce. Observa-se o oposto disso, quando o estímulo é o *pitch* original: os falantes, com exceção do Fred, soam menos gays e mais masculinos.

As diferenças podem ser observadas para além dos gráficos de violino. Para os falantes Carlos, Johny, Lucas, Matheus, Neto, Ricardo e Vitor, a diferença entre ouvir o estímulo original e o com o *pitch* +30Hz é estatisticamente significativa ($p < 0.005$) e atestada por meio do teste de *Wilcoxon*. Esse teste é utilizado para amostras pareadas e visa examinar se Y (percepção de gênero e sexualidade) varia quando X (estímulo original e *pitch* médio alterado) muda. Sendo assim, a dispersão das respostas mais o teste estatístico confirmam que o ‘julgamento’ na escala de gênero e sexualidade foi diferente quando o estímulo ouvido continha o *pitch* +30Hz. O motivo pelo qual a alteração do estímulo do falante Fred não teve efeito na percepção pode estar relacionado ao fato de que ele é o único dos falantes cuja variação de F^0 é maior e, conseqüentemente, tem valor de F^0 médio mais elevado – ver figura 4.6. Essa é uma questão em aberto sobre se há um limite para a manipulação do *pitch* médio; para tal aspecto, o necessário teria sido selecionar mais falantes, em que o *pitch* médio original fosse mais alto.

O resultado acima confirma a hipótese de que a manipulação do *pitch* médio em +30Hz tem efeito na percepção de gênero e sexualidade. Após essas análises, construiu-se um modelo de regressão mais complexo, no qual foram incluídas características sociais dos respondentes, que poderiam explicar a percepção de gênero e sexualidade. O resultado desse modelo é resumido na tabela 4.3.

Tabela 4.3 – Resultados do Modelo de Regressão de Efeitos Mistos para o CP Gênero/Sexualidade com inclusão de variáveis sociais

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	p
<i>Intercept</i>	-0.509	0.202	-2.518	< 0.020 *
<i>Pitch +30Hz</i>	0.627	0.115	5.488	< 0.001 ***
Sexo Masculino	0.074	0.054	1.364	0.173
E. Superior	0.162	0.063	2.572	< 0.010 *
Heterossexual	-0.102	0.057	-1.777	0.076.
Homossexual	-0.174	0.062	-2.809	< 0.005 **
Estado SP	0.053	0.048	1.101	0.271
Poucos amigos gays	0.098	0.051	1.898	< 0.005 **
<i>Pitch+30Hz :</i> Sexo Masculino	0.026	0.056	0.474	0.635
<i>Pitch+30Hz :</i> E. Superior	-0.026	0.065	-0.409	0.682
<i>Pitch+30Hz :</i> Heterossexual	0.097	0.059	1.651	0.098.
<i>Pitch+30Hz :</i> Homossexual	0.111	0.064	1.745	0.081.
<i>Pitch+30Hz :</i> Estado SP	0.001	0.050	0.038	0.969
<i>Pitch+30Hz :</i> Poucos amigos gays	-0.138	0.053	-2.594	< 0.009 **
<i>Pitch+30Hz :</i> Idade	-0.002	0.003	-0.633	0.526

Fórmula: CP (gênero/sexualidade) ~ *pitch**Sexo + *pitch**Escolaridade + *pitch**O.S + *pitch**Estado + *pitch**O.S + *pitch**amigos.gays + (1|falante) + (1| Participante), data = PCA.*pitch*.dados.form.e)

Intercept: *Pitch* original; Feminino; Ensino Médio; Bissexual; Estado MG; Muitos amigos gays

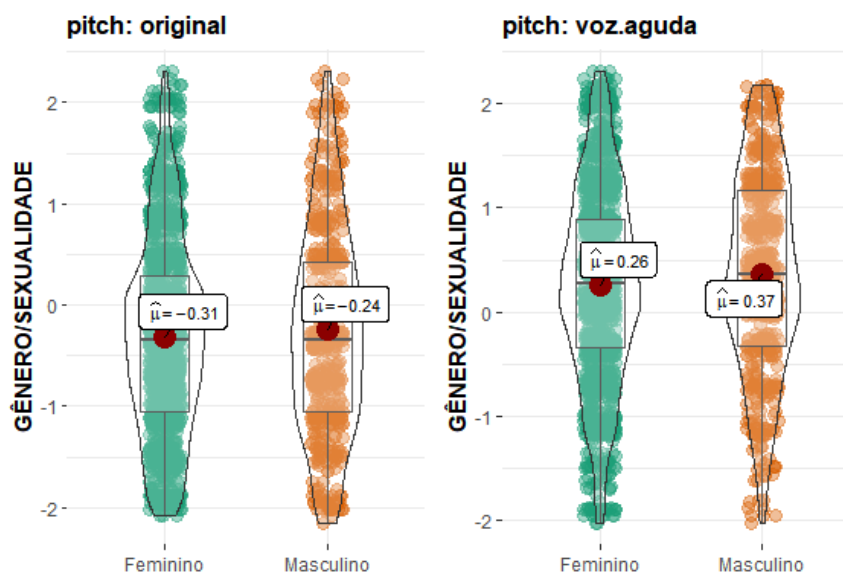
Fonte: elaboração própria

Esse modelo de regressão apresenta o resultado do Componente Principal Gênero e Sexualidade em função das variáveis independentes, bem como da interação entre elas. É preciso esclarecer que a interação é

necessária, visto que o delineamento experimental utilizado nesta pesquisa é intrasujeito, o que, como já explicado, indica que o mesmo falante ouviu os dois disfarces (*pitch* original e *pitch* +30Hz). Sendo assim, a interação permite examinar a direção das respostas; por exemplo, sexo tem efeito sobre a percepção de quão gay e masculino soam os falantes? Se sim, qual a direção? Quando interagem com os disfarces cujo *pitch* é original ou +30Hz? Essas perguntas só podem ser respondidas na medida em que se inclui a interação do disfarce ouvido (*pitch*) com todas as variáveis sociais. Além disso, a variável “Participante” e “Falante” foi adicionada como um efeito aleatório, visto que as respostas podem variar muito de ouvinte para ouvinte e, ainda, caso novos ouvintes fossem recrutados aleatoriamente, eles não seriam os mesmos desta amostra (OUSHIRO, 2017; MENDES, 2018; BARCELLOS, 2020).

Para a compreensão do modelo, os valores na coluna *Estimativa* devem ser lidos com relação ao chamado *Intercept* (ou nível de referência), que, nesse modelo, foi estabelecido pelo primeiro nível de todas as variáveis do modelo. Assim, o valor de 0.627, na linha 2, indica que, em comparação ao *pitch* original (no *intercept*), as respostas para o estímulo alterado em +30Hz soou mais gay e menos masculino – por isso não há o valor de negativo na frente do resultado dessa estimativa. Para ficar claro, vale recuperar o PCA (tabela 4.1), o qual apresenta os *scores* estabelecidos pela correlação entre as escalas e, com isso, indica uma correlação positiva para quão gay e negativa para quão masculino soavam os falantes. O sexo dos ouvintes não apresentou correlação com a variação nas suas respostas ($p > 0.005$), o que significa dizer que homens e mulheres não apresentam diferença significativa no modo como atribuíram as respostas aos estímulos ouvidos.

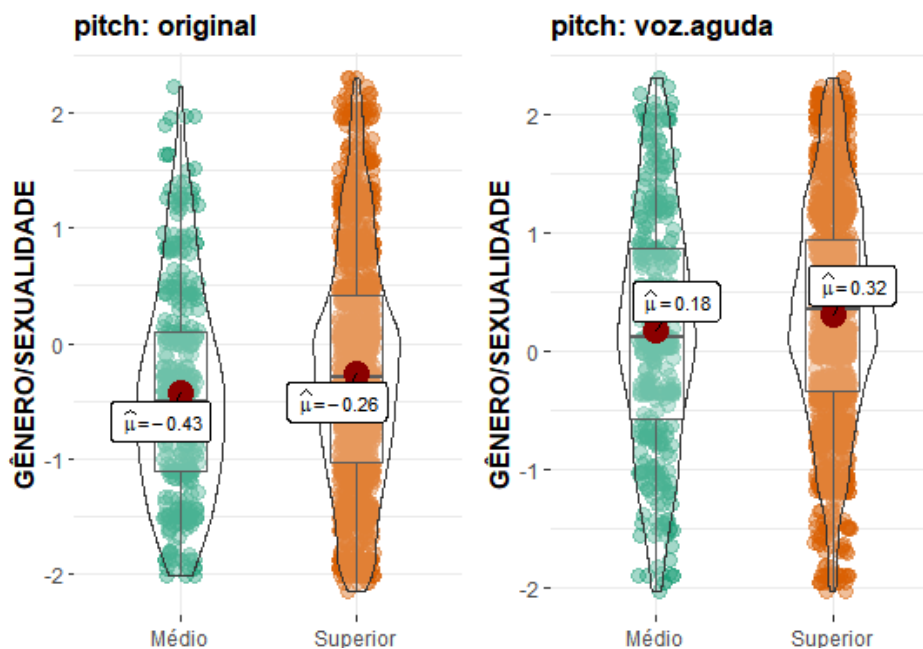
Figura 4.17 – Dispersão das respostas de homens e mulheres agrupadas por estímulo ouvido



Fonte: elaboração própria

Como se observa, os *boxplots* (fig. 4.17) apresentam dispersões parecidas tanto para as respostas dadas com base nas versões de *Pitch* Original quanto da *Pitch* +30Hz. Um olhar para as medianas também permite validar este resultado, uma vez que a concentração das respostas é uniforme: quando a versão do estímulo ouvida é a manipulada em +30Hz, as respostas indicaram que os falantes soavam mais gays e menos masculinos, enquanto o estímulo cujo *pitch* é original é o oposto disso. A partir desse gráfico, também é possível interpretar o resultado da interação entre *pitch* e sexo dos ouvintes. No modelo de regressão e no gráfico em questão, verifica-se que não há interação entre as variáveis, ou seja, a variação nas respostas dos ouvintes não é ‘afetada’ pelo tipo de estímulo ouvido. No que toca à Escolaridade do ouvinte (figura 4.18), o resultado mostra que o nível de escolaridade (se do Ensino Superior ou Médio) tem efeito nas respostas sobre quão gay e masculino soa um determinado homem.

Figura 4.18 – Dispersão das respostas da variável Escolaridade agrupadas por estímulo ouvido



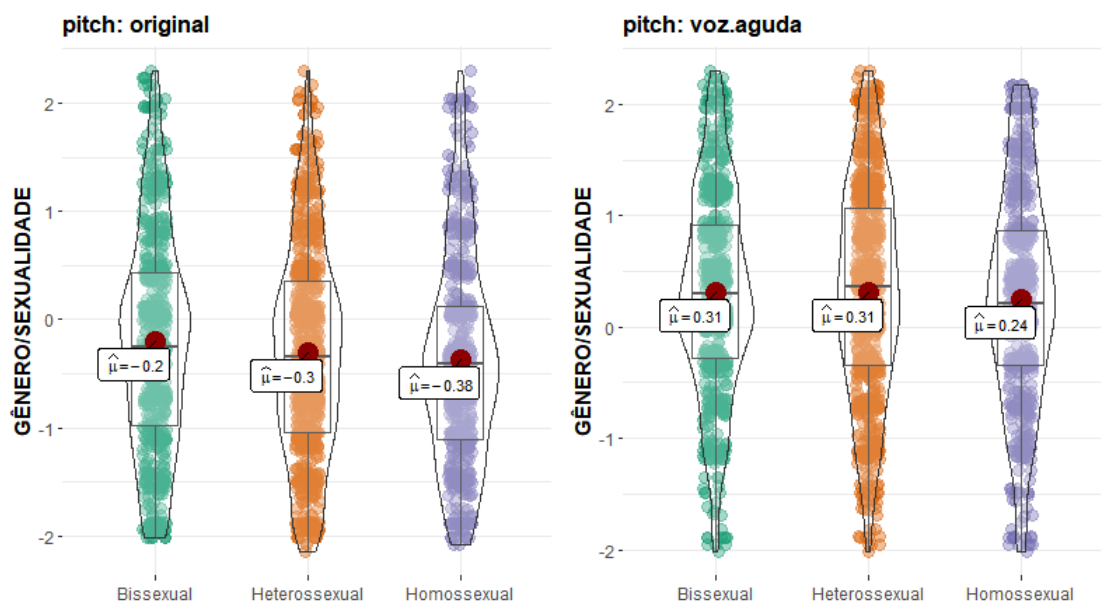
Fonte: elaboração própria

Os respondentes do Ensino Superior tenderam a avaliar os estímulos diferentemente daqueles que possuem Ensino Médio. Essa diferença é atestada pelas medianas que, diferentemente do gráfico anterior, estão distantes. Destaca-se, também, que a direção é a mesma: quando os ouvintes são do Ensino Superior, independentemente do estímulo ouvido, suas notas tendem a ser maiores, em comparação aos do ensino médio. Essa direção uniforme também nos permite concluir que não há uma interação entre a variável escolaridade e o estímulo ouvido. Ressalta-se, também, que este resultado deve ser interpretado com cautela, tendo em vista que o número de respondentes do Ensino Superior é esmagadoramente maior.

Para a interpretação do resultado do modelo de regressão no tocante à orientação sexual dos respondentes da pesquisa, é preciso analisar que, entre aqueles que são heterossexuais e os bissexuais, a diferença das estimativas é muito pequena e, portanto, não estatisticamente significativa ($p > 0.005$). O gráfico da figura 4.19 fornece um apoio para a interpretação

dos resultados. Note-se que as medianas das repostadas dadas pelos ouvintes bissexuais são muito próximas dos respondentes heterossexuais – quando eles avaliam os disfarces cujo *pitch* é original ($\hat{\mu} = -0.2$) e ($\hat{\mu} = -0.3$) – e são iguais quando estão ouvindo a versão alterada em +30Hz.

Figura 4.19 – Dispersão das respostas da variável Orientação Sexual agrupadas por estímulo ouvido



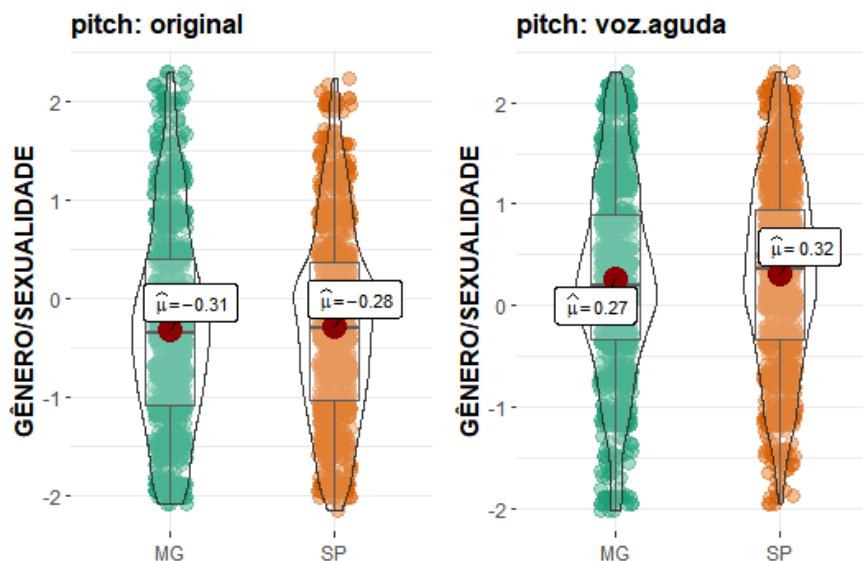
Fonte: elaboração própria

Esse resultado é diferente quando se observa a dispersão dos ouvintes homossexuais. Independente de com qual versão do estímulo eles interagiram, suas respostas divergiram significativamente ($p < 0.05$) das fornecidas pelos respondentes bissexuais (no *intercept*), mas nem tanto das dos heterossexuais. Essa diferença também pode ser concluída através da dispersão das respostas apresentadas no gráfico da figura 4.19, que exibe as diferentes medianas. É possível também observar que os indivíduos cuja orientação sexual é homossexual julgam de forma diferente os dois estímulos: tanto *pitch* original quanto *pitch* +30Hz. Isso acaba evidenciando, então, que não há uma interação entre as respostas; a avaliação do grupo em questão não é dependente do estímulo ouvido. Isso explica o motivo pelo qual o modelo não atesta a existência de uma

interação entre a variante ouvida e a orientação sexual dos participantes. Esse resultado é interessante na medida em que noções de masculinidade e *gayness* para os grupos em questão parece não convergir. Isso porque dimensões do que é ser masculino, para os bissexuais, por exemplo, mantêm características estreitas com aquilo que já tratamos, em outros momentos desta tese, da masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013), afinal tanto bissexuais masculinos quanto femininos aderem a atributos comuns: como o fato de que ser homem é ser viril e, ainda, rejeitar, para homens, a feminilidade. A rejeição desse aspecto alinha-se ao fato de que soar efeminado é uma tensão de gênero experienciada pelos homossexuais e não pelos bissexuais; no geral, a bissexualidade, masculina em especial, é fracamente constituída, já que sustenta uma tensão e uma negociação constante com práticas heteronormativas e homoafetivas (SEFFNER, 2014). Essa discussão traz à tona representações essencialistas sobre sexualidade e masculinidade, isso porque os significados de gênero e sexualidade são forjados dentro do sistema de gênero inteligível, dentro dos valores da heteronormatividade, valores estes que se correlacionam com estereótipos culturalmente fixados desde os tempos mais longínquos.

Em relação à variável Estado em que residem os respondentes, o modelo de regressão, que compara se há diferença estatisticamente significativa entre aqueles que são da região de Minas Gerais (no *intercept*) e de São Paulo, define que a diferença entre o modo que os mineiros avaliaram os disfarces ouvidos em comparação àqueles que moram em São Paulo não é significativa. O gráfico de dispersão (fig. 4.20) mostra que existe uma coesão na percepção de quão gay e masculino soaram os falantes da pesquisa para os residentes de SP e MG.

Figura 4.20 – Dispersão das respostas da variável Estado agrupadas por estímulo ouvido



Fonte: elaboração própria

Essa convergência no modo como os ouvintes examinaram as versões do *pitch* médio relaciona-se à discussão anterior que destaca aspectos que versam sobre a visão hegemônica do que é ser/soar homem/masculino. Afinal, muito embora noções de masculinidades estejam sendo interpretadas no plural e colocadas diante de um enfrentamento de uma crise, há uma visão normativa que ainda persiste, por ser fortemente difundida, de que ser homem significa não ser

[...] homossexual. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres. (BADINTER, 1993, p. 117)

Dito isso, mesmo que noções de masculinidade sejam plurais e variem dentro do território nacional, por exemplo, essa visão anteriormente mencionada, ainda disseminada, é endossada por meio de estereótipos culturalmente fixados. Aliado a esta visão, está o fato de que a voz

masculina, quando aguda (ou fina) demais, remeter a feminilidade – o que é combatido na visão normativista; e, quando grossa, é indicativa de autoridade, masculinidade e sucesso - tal como mostra a notícia na figura 4.21.

Figura 4.21 – Notícia da Revista Época - Fala grossa, bolso cheio



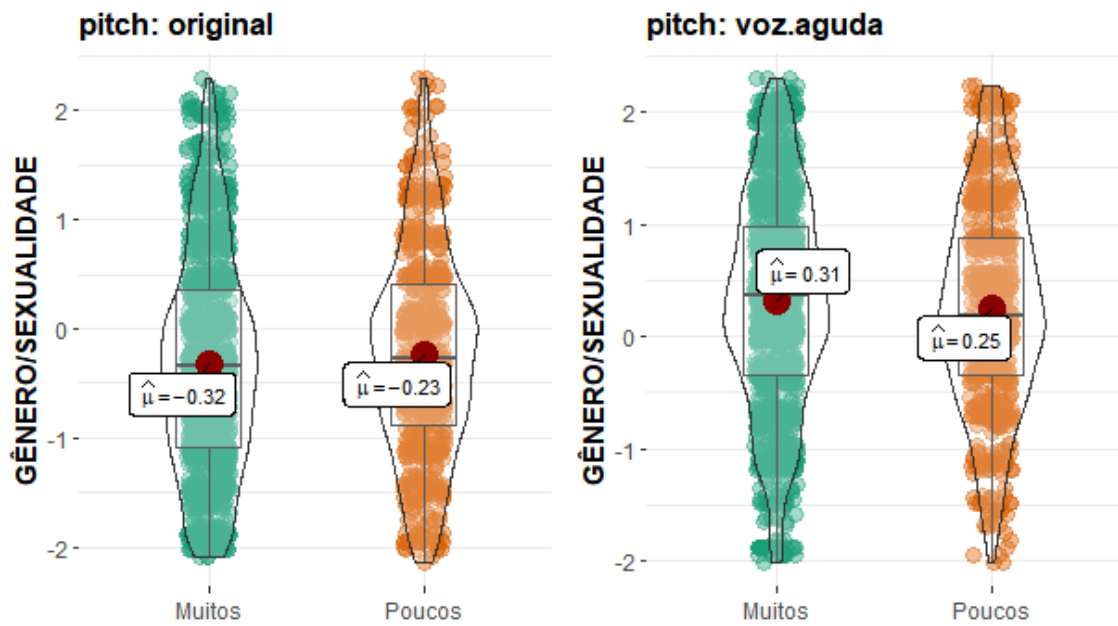
Fonte: Revista Época

A notícia veicula uma pesquisa realizada pela Universidade Duke, nos Estados Unidos, em que pesquisadores investigaram timbre de voz de 792 diretores, todos homens, de empresas presentes no índice Standard&Poor's 1500. Conforme mostra a revista, a pesquisa conclui que os cargos mais altos na hierarquia das empresas, como diretores e presidentes, tendem a ser ocupados por homens com vozes mais graves. Os que falam mais grosso tendem também a permanecer mais tempo em seus postos (151 dias a mais de estabilidade em relação a quem tem a voz mais fina), a ter melhores salários (até US\$ 187 mil a mais por ano) e a

administrar empresas de maior faturamento. Tais resultados endossam, portanto, que essa visão profundamente difundida e veiculada pelos meios midiáticos alimenta o imaginário social e, portanto, justifica não só o fato de que os ouvintes desta pesquisa de Minas Gerais e São Paulo apresentam coesão no modo como interagem com as versões do *pitch* médio (original e alterada +30Hz), bem como o fato de não existir diferença estatisticamente significativa no modo como homens e mulheres também indicaram em suas respostas.

Outra variável testada no modelo é se os ouvintes têm poucos ou muitos amigos gays. A estimativa indica, então, que existe uma diferença estatisticamente significativa ($p < 0.05$) no modo como os ouvintes que possuem poucos amigos gays avaliam aspectos de gênero e sexualidade. É importante observar, a partir do gráfico 4.22, que existe um direcionamento uniforme no modo como os respondentes estão interagindo com os disfarces. A mediana das respostas ($\hat{\mu}$) só se altera no sentido de negativo (menos gays e mais masculino) quando ouvem o estímulo original para o positivo (mais gays e menos masculino) quando o estímulo é o de *pitch* +30Hz. Também é relevante, do ponto de vista estatístico, a interação entre ouvir a versão manipulada em +30Hz do *pitch* e os ouvintes terem poucos amigos. Isso equivale dizer, então, que a percepção sobre quão gay e masculino soavam os falantes ouvidos é condicionado pelo tipo de estímulo em que os respondentes de poucos amigos gays estão ouvindo.

Figura 4.22 – Dispersão das respostas da variável Amigos Gays agrupadas por estímulo ouvido



Fonte: elaboração própria

4.6 Síntese

A relação indicial entre o *pitch* médio e a percepção de gênero e sexualidade converge com os resultados de outras pesquisas sobre o tema (GAUDIO, 1994; ROGERS; SMITH, 2003; LEVON, 2007; MUNSON, 2007). O experimento aqui reportado atesta que a alteração do *pitch* médio em +30Hz tem efeito na percepção de como soam sete dos oito falantes utilizados no experimento. A direção da percepção para os falantes é uniforme: quando os respondentes interagem com o estímulo em +30Hz, os sete falantes (Carlos, Lucas, Vitor, Matheus, Neto, Ricardo, Johny) foram percebidos como falantes que soam mais gays e menos masculinos. O único falante que não teve a percepção alterada a depender do estímulo ouvido foi Fred. Este difere dos demais no valor do *pitch* médio que, mesmo sem qualquer manipulação, já é alto em comparação aos demais – ver gráfico 4.2.

Essa coesão social atestada pelas respostas dadas pelos participantes da pesquisa reflete a existência de um modelo cultural⁶⁰ (BENNARDO; MUNCK, 2014; FELTES, 2018) que permeia a sociedade e reforça a existência minimamente saliente de que há um modelo do que é ‘ser homem’ e, portanto, este modelo é compartilhado entre os membros da sociedade. É partir desse modelo historicamente construído a respeito do que é ‘ser homem’ que se desenvolve a crença sobre como um determinado homem deve soar ao falar; dentro dessa crença o tom de voz (f^0) e o seu correlato perceptivo (*pitch*) são fortes candidatos, afinal um estereotipo comum quando o assunto é ‘o que é ser homem’ envolve o fato de que ‘homem deve falar grosso’. Com isso, sete dos oito falantes tiveram sua percepção alterada quando ouvidos no disfarce de *pitch* médio em +30Hz, ou seja, os estímulos manipulados para soarem ‘mais agudos’

⁶⁰ Modelos culturais são representações mentais compartilhadas por membros de uma cultura, “as quais funcionam no sentido de dar sentido e interpretar *inputs* sensoriais, assim como produzir e dar forma a comportamentos intencionais e comunicativos.” (FELTES, 2018, p. 194).

foram percebidos como menos masculino e mais gays.

Sendo assim, o *pitch* médio manipulado em +30Hz se torna uma forma linguística socialmente reconhecida ou, nas palavras de Agha (2003, 2005), registrada (*enregisterment*). Isso significa dizer que a relação indicial entre *pitch* médio e a percepção de gênero e sexualidade passa a ser reconhecida quase que 'de forma convencional' dentro de um modelo cultural em que se compartilham noções em comum sobre masculinidade – por isso, as respostas dos participantes convergem na mesma direção. O resultado deste experimento também nos permite concluir que uma forma linguística só tem o potencial de significar quando se relaciona com nosso sistema de ideologias e crenças e permite criar um vínculo entre a referida forma (ou a variante) e um tipo de significado social, no caso masculinidade e gayness.

5

Combinando variáveis:

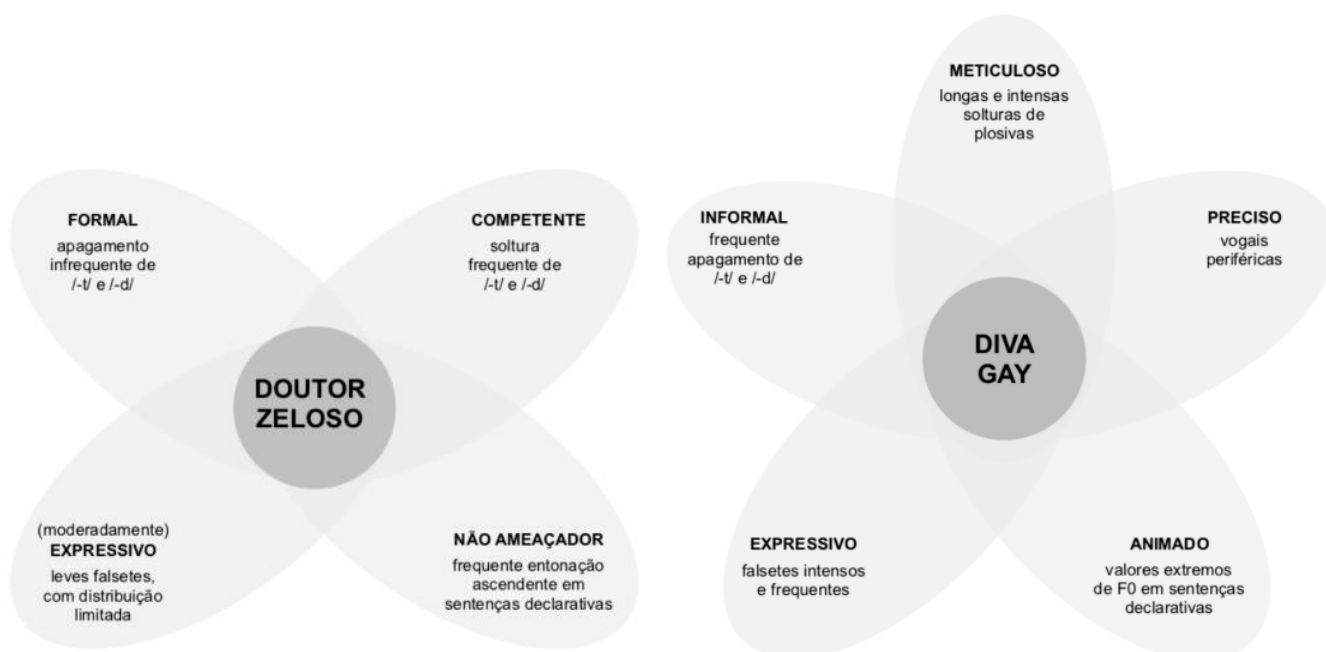
pitch médio e duração de /s/

Os trabalhos que combinam variáveis, na percepção, são relativamente raros, comparados aos que desenvolvem experimentos que testam o efeito de variáveis isoladamente. No Brasil, por exemplo, apenas o trabalho de Mendes (2018) conjecturou testar o efeito em conjunto de duas variáveis, sendo uma de natureza morfossintática (concordância nominal) e outra de natureza fonética (ditongação de /en/, como em “faz[ejn]da”). Um dos objetivos do autor, e talvez o mais promissor, envolve o fato de que, do mesmo modo que as variáveis fonéticas são salientes na percepção, as de natureza gramatical também são – tal aspecto vai na direção oposta ao que postularam Labov (1993) e Labov et al. (2011) com base no que chamaram de “Princípio da Interface”, que argumenta a respeito de que “elementos fonéticos e lexicais estratificam-se socialmente mais do que elementos ‘mais profundos’ da estrutura linguística (leia-se, aspectos gramaticais, como é o caso de (CN))” (MENDES, 2018, p. 118).

A ideia de combinar variáveis é bem representativa na produção sociolinguística, uma vez que, a partir de trabalhos da terceira onda, variantes linguísticas com significados sociais independentes parecem ser deliberadamente combinadas para a criação de um pacote significativo na construção de *personae* (PODESVA, 2006). A esse respeito, Podesva (2006, 2007a, 2007b, 2011) explora a agentividade na construção de *personae* que emergem em distintas situações (sócio)interacionais. Para isso, o autor, a partir de um olhar etnográfico, avalia o uso de três variáveis linguísticas distintas em um único falante, cujo pseudônimo é Heath. As variáveis analisadas são: (i) pronúncia variável de /-t/ e /-d/ em final de palavras do

inglês (*fat* e *bad*), (ii) a variação das sentenças declarativas (ascendente ou descendente) e (iii) o uso variável do falsete (medida a partir da intensidade e frequência). As duas situações (sócio)interacionais em que os dados de Heath foram coletados são: no consultório em que atua como médico e em um churrasco com os amigos.

Figura 5.1 - Diagramas posicionais das *personae* “doutor zeloso” e “diva gay”, construídas por Heath em duas situações – no consultório médico em que atende pacientes e num churrasco com amigos, respectivamente (adaptado de Podesva 2007b, com tradução proposta por Mendes 2018)



Fonte: Mendes (2018, p. 35)

Os principais resultados do estudo de Podesva (2006) são sumarizados em Mendes (2018) e, conforme sinalizou o pesquisador, a combinação de variantes utilizada por Heath, a depender da situação comunicativa, contribui para a construção de *personae* diferentes (doutor zeloso e diva gay, figura 5.1). Dito de outro modo, o interesse na combinatoriedade de variantes é conhecer, do ponto de vista sistemático, de que modo elas “coocorrem na composição de um todo socialmente coerente” (MENDES, 2018, p. 36). Esse novo posicionamento a respeito da análise da variação,

na produção sociolinguística, é voltado à construção de estilos que são negociados num 'sistema de distinções e possibilidades' (IRVINE, 2001, p. 24, tradução própria)⁶¹. Afinal, o empreendimento da variação linguística envolve uma análise e a interpretação contínua de categorias e das diferenças nas maneiras como falamos (e com os estudos da percepção, na maneira como ouvimos e processamos a variação). Essa interpretação contínua é motivada na medida em que se percebe a diferença linguística e/ou social, o que desencadeia, portanto, avaliações e distinções com vistas a atribuir significado a elas. Sendo assim, cria-se uma paisagem linguística por meio de uma segmentação das "práticas linguísticas" (ECKERT, 2008, p. 455), tal como é exposto no diagrama acima.

No entanto, do mesmo modo que na produção, o desafio agora é compreender, na percepção, de que modo a combinação de variáveis (ou variantes) atua na mediação e na construção de significados sociais e, ainda, na projeção potencial de *personae*. Os estudos de percepção já avançaram na compreensão da relação indicial entre variantes (ou formas linguísticas, no sentido de Johnstone, 2009), tanto que os significados sociais que compõem o 'campo indicial' (ECKERT, 2008) podem ser compreendidos a depender do esquema ideológico que lhes confere valor simbólico, bem como a partir de uma série de fatores que podem ser situacionais/contextuais (CAMPBELL-KIMBLER, 2006; 2011; HAY, DRAGER, WARREN, 2010; SNELL, 2010, SHARMA, 2011). Isso implica dizer, então, que os ouvintes, que constroem representações sociais com base no que ouvem, são capazes de fazer tal feito com essas variantes isoladamente. Desse modo, a hipótese a ser investigada é: a combinação de variantes linguísticas pode potencializar essa percepção ou o efeito das variantes é independente entre si? Em outras palavras, os ouvintes são capazes de ligar mais de uma pista linguística mentalmente na construção de significados sociais potenciais ou, a depender da combinação, os efeitos potenciais podem ser mitigados ou divergentes daqueles já encontrados

⁶¹ Trecho original: "[...] *system of distinctions and possibilities*" (IRVINE, 2009, p. 24)

nas análises das variáveis isoladas.

Para a verificação da hipótese aludida, construiu-se um experimento de percepção sociolinguística que combinou duas variáveis fonéticas, *pitch* médio e duração de /s/ em posição de coda final – as mesmas testadas isoladamente nos experimentos reportados nas seções 2 e 3. Antes de apresentar os resultados, detalham-se o *design* do experimento, a preparação dos estímulos e as novidades na aplicação do instrumento.

5.1 O desenho do experimento

O primeiro passo para verificar se as variáveis linguísticas a serem testadas se potencializam mutuamente na significação social (soar mais ou menos gay/masculino) ou se o efeito delas é independente na percepção é definir qual o melhor desenho experimental.

Quadro 5.1 – Desenho experimental



Fonte: elaboração própria

Para o cumprimento do objetivo exposto, optou-se pela construção de dois conjuntos de estímulos: um, em que os ouvintes vão interagir com os disfarces cujo *pitch* é original, mas que diferem na duração de /s/ (original e longo); e outro, no qual todos os disfarces têm *pitch* +30Hz. Ou seja, o design é intra-sujeito para a duração de /s/ (quem ouve Carlos, por exemplo, com /s/ original, também vai ouvi-lo com /s/ longo) e inter-sujeito para *pitch* (quem ouvir os estímulos com *pitch* original não vai ouvir aqueles com o *pitch* +30Hz).

O motivo para escolher este tipo de *design* envolve a forma como os experimentos foram anteriormente organizados. Na pesquisa relatada na seção 4, que testou a alteração do *pitch* médio, o *design* é intra-sujeito. Este é um desenho experimental mais robusto do ponto de vista tanto estatístico quanto no controle das respostas fornecidas, dado que são os mesmos ouvintes que interagem com as duas versões de *pitch* - isso é favorável para o controle de variáveis que podem causar ruídos aleatórios, que são impossíveis de controlar. No instrumento que investigou o efeito da duração de /s/ (seção 2) o *design* era inter-sujeito, ou seja, quem ouviu Lucas com /s/ original não o ouviu com /s/ longo. Esse é um modelo de apresentação de estímulos relativamente mais simples, mas extremamente útil em casos em que se tem poucos falantes, e colocá-los seguidamente uns aos outros pode ferir o princípio básico do experimento, que conta com a técnica de *matched-guise*: a ideia de que estão avaliando falantes supostamente diferentes. Para este experimento, decidiu-se, então, inverter a ordem dos *designs*, inter-sujeito para *pitch* e intra-sujeito para duração de /s/.

Outro aspecto que explica a escolha por este tipo de desenho experimental é que tanto a duração de /s/ quanto a alteração do *pitch* médio indiciam gênero e sexualidade, ou seja, os falantes foram percebidos como soando mais gays e menos masculinos na versão tanto de /s/ longo quanto de *pitch* +30Hz. Sendo assim, a expectativa é que, em caso de interação entre as variáveis, no conjunto com o *pitch* +30Hz o efeito

do alongamento do /s/ seja maior do que o alongamento do /s/ na condição experimental em que o *pitch* permanecer original. Isso porque, se os falantes já são percebidos como mais gays e menos masculinos, quando na versão com +30Hz, é esperado que a manipulação do /s/ digitalmente potencialize essa percepção. Posto isso, a pergunta central deste experimento é convertida em: dentro de cada condição experimental (*pitch* original x *pitch* +30Hz), como o /s/ alongado digitalmente afeta a percepção dos ouvintes?

5.2 A preparação dos estímulos

Os falantes cujas vozes se utilizaram neste experimento são os mesmos daquele reportado na seção 4. O motivo para mantê-los envolve o fato de que os resultados para a alteração do *pitch* médio em +30Hz foram robustos, apenas Fred não foi percebido como um falante que soa gay e menos masculino, com a manipulação de seu disfarce original. Além disso, o modo como os estímulos anteriores foram construídos também justifica a escolha de manter os falantes, visto que, para serem considerados apropriados para a pesquisa, todos os trechos manipulados cumpriram os seguintes aspectos:

- (i) **Representatividade** – a manipulação da variável em estudo precisa representar de forma adequada o que está sendo estudado.
- (ii) **Opacidade dos estímulos** – os ouvintes não podem estar cientes da manipulação do trecho em questão, de modo que eles acreditem, então, que estão julgando, supostamente, ‘falantes diferentes’.
- (iii) **Naturalidade** – aqui no sentido de que os disfarces criados sejam igualmente plausíveis como algo que o falante poderia dizer – mas nem sempre precisa ser o que exatamente ele diz⁶².

⁶² O trabalho com estímulo fruto de gravação natural ou entrevista sociolinguística coloca grandes desafios, uma vez que um trecho em potencial para manipulação pode ser

- (iv) **Livre de interferência** – eliminação de qualquer outra variável que possa ser saliente na percepção (o /r/ em verbos no infinitivo, por exemplo) e redução de interferências do tipo ruídos externos.
- (v) **Compatibilidade no conteúdo informacional** – foi atestado tanto teoricamente (BRADAC; CARGILE; HALLETT, 2001) quanto de forma prática (GILES; COUPLAND; HENWOOD; HARRIMAN; COUPLAND, 1990; ROGERS; SMYTH, 2003) que não é possível encontrar conteúdos verdadeiramente neutros e, ao procurá-los, provavelmente sacrificaremos percepções importantes sobre a complexa interação existente entre forma e conteúdo (CAMPBELL-KIBLER, 2009). No entanto, o que esta tese propõe é que os estímulos não sejam tão divergentes do ponto de vista do conteúdo manipulado: um trecho de estímulo que trate sobre a vizinhança, outro sobre educação, enquanto outro sobre clima. Essa mudança informacional de conteúdo pode exigir que outras variáveis sejam controladas: como o tópico discursivo.

Devido à escolha do *design* experimental, dois trechos de cada falante foram necessários para compor o instrumento final de coleta. Para a manipulação, contou-se com a técnica de *matched-guise* (LAMBERT *et al.*, 1960) e o auxílio do PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2015). Foi manipulado, primeiramente, o *pitch* médio de cada um dos estímulos, de original para +30Hz e, após, alongaram-se, digitalmente, os *tokens* de /s/ em posição de coda final. A duração do /s/ original dos falantes é de 0.10 a 0.16 milissegundos; quando alongado digitalmente, variou entre 0.28 a 0.35 ms.

interrompido por um ruído, algo que alguém diz ao fundo ou até mesmo o falante pode apresentar algum tipo de lapso que prejudicaria a confecção do estímulo. Então alguns estudos, como o de Oushiro (2015) e esta tese, preferiram recontactar o falante, solicitando que ele gravasse a mesma frase, prezando pela naturalidade; mas nem sempre é exatamente o que ele disse anteriormente que vai ser gravado, mas algo que seja plausível como uma coisa que ele poderia dizer.

Quadro 5.2 – Trechos Manipulados

Falante	Trecho do áudio	
Vitor	Trecho 1	Eu também acho muito bacana né a questão do inverno ... eu acho que assim como muitas pessoas pensam ... essa é uma estação do ano em que a gente se sente ... de uma certa forma ... mais confortável ... tem a questão de se vestir melhor
	Trecho 2 Manipulado	Então ... com relação a clima ... lugares eu gosto muito que o verão predomina ... mas também acho muito bacana né ... o inverno ... por que a gente se sente mais ... confortável.
Ricardo	Trecho 1	Em geral ... eu prefiro cidades com clima mais ameno ... eu já morei em lugares que era muito quente ... e ventava muito pouco... então ... durante as tardes era insuportável
	Trecho 2 Manipulado	Eu gosto de cidades que tem uma temperatura amena quando faz muito calor ... eu acabo ficando mais incomodado então eu prefiro clima quente quando eu vou tirar férias ... porque ai a gente consegue viajar ... ir para praia ... consegue aproveitar
Neto	Trecho 1	Então ... eu sou um tipo de pessoa que tá sempre com os amigos ... sabe ... daí o clima perfeito é quando eu consigo me reunir com eles assim ... eu não gosto quando o clima tá muito quente ... sabe aquele sol do meio dia ... eu prefiro algo mais mediano aquele dia que você não fica muito incomodado se tá muito calor ou muito frio
	Trecho 2 Manipulado	Eu não sou muito fã de frio não sabe mas tipo assim um dia ou outro eu até gosto da chuva ... exceto quando eu to de férias porque eu gosto do calor ... eu gosto de viajar ... gosto de praia ... e nem preciso preocupar se vai chover ...
Matheus	Trecho 1	Eu ... detesto calor tipo assim eu não gosto de calor eu prefiro estar num ambiente mais frio e coloque uma blusa do que tá num ambiente quente sabe No calor ... eu me sinto muito improdutivo, então me sinto desmotivado ...

	Trecho 2 Manipulado	Eu particularmente gosto do frio ... mesmo quando eu vou tirar férias é que no frio eu fico mais ... sei lá disposto agora o calor me deixa lento ... indisposto ... para mim ... o ideal é que a temperatura média aqui da cidade fosse entre 18 a 20 graus
Lucas	Trecho 1	Eu particularmente prefiro muito mais dias quentes dia com sol mas também gosto de gosto de dias chuvosos e dias mais amenos ... por isso falei que prefiro o verão
	Trecho 2 Manipulado	Eu gosto do calor como um todo sabe ... mas ... eu não gosto de temperaturas ... tipo ... que deixa a gente desconfortável sabe ... eu gosto do clima que dê para trabalha ... aproveita o dia ... curti a praia quando estou de férias ... clima frio em geral não dá muita disposição na gente
Johny	Trecho 1	Então eu particularmente ... não sou fã de calor extremo sabe eu sempre gostei do frio mas sem exagero tudo que é extremo é ruim ... então ... quando eu to de férias ... como eu gosto de sai ... viaja ... eu acho que o clima tem que favorece para deixar a gente mais confortável ...
	Trecho 2 Manipulado	O clima que eu gosto mesmo é ... o inverno eu acho que todos acabam ficando mais ... a vontade sabe só que ... esse clima costuma me trazer problemas eu tenho sinusite e a minha respiração fica muito ruim eu queria que a temperatura aqui da cidade fosse no máximo uns 20 graus
Fred	Trecho 1	O calor me incomoda um pouco.... claro que tem dia que eu prefiro calor você quer ir num clube quer tomar um sorvete então o calor até que ... que ... tem momentos que é bom ... mas preferência minha é graus
	Trecho 2 Manipulado	Eu prefiro climas e locais de temperatura amena ... sabe ... nem tão frio e nem tão quente ... por que esse clima ... deixa a gente mais confortável sei lá então para mim... a temperatura média aqui da cidade poderia ser de 21 graus

Carlos	Trecho 1	Eu particularmente gosto de cidades onde predomina o clima quente até porque fui nascido e criado com esse clima ... então é um costuma mesmo até quando eu to de férias eu sempre vou para onde tem clima quente ... não sei explicar é que eu me sinto mais ... confortável
	Trecho 2 Manipulado	Eu gosto do clima quente quando eu to de férias eu acabo optando por lugares é ... onde ... onde ... prevaleça o calor né questão de costume mesmo ... clima quente dá para aproveitar mais ir para uma praia

Fonte: elaboração própria

5.3 A plataforma de coleta

Este experimento utilizou exatamente o mesmo questionário aplicado no experimento da seção anterior (ver figura 5.3). Isso porque os ouvintes, independentemente se participaram do conjunto cujo *pitch* médio é original ou +30Hz, vão interagir com 16 estímulos, então é importante que eles não se sintam fadigados ao participar da pesquisa, já que isso pode influir negativamente no modo como eles atribuem respostas aos estímulos ouvidos. A novidade para este experimento reside na plataforma de coleta de dados; enquanto nas anteriores utilizou-se o *Google Forms*, para este experimento foi necessário criar uma plataforma, com financiamento próprio, para a obtenção de uma melhor *performance* na coleta. Para isso, criou-se um site pessoal (que pode ser acessado pelo link: www.marcussene.com.br) e incorporou-se a plataforma ao site.

Figura 5.2 – Tela do site de coleta das respostas⁶³



Fonte: elaboração própria

A plataforma do *Google Forms* é gratuita e bastante funcional e, com o auxílio de alguns *plug-ins*, é plausível desenvolver de maneira satisfatória pesquisas em que o principal método é um questionário. No entanto, para estudos de percepção sociolinguística, existem outras plataformas que são mais funcionais, só que o custo é muito alto, como é o caso da plataforma *Qualtrics*. Algumas limitações encontradas na plataforma do Google motivaram o investimento em um site que pudesse dirimi-las:

1. No *Google Forms*, é preciso hospedar o áudio (estímulo) como um vídeo dentro do Youtube, uma vez que o *Forms* não disponibiliza a opção de inserir áudio, apenas vídeos.
2. A opção de não permitir que o respondente retorne a página inicial ou refaça o experimento quantas vezes ele desejar.
3. Não saber o tempo médio gasto pelos respondentes.

⁶³ É importante esclarecer que quando os participantes interagiam com o experimento eles não visualizavam a página principal e nem havia qualquer botão disponível que os levasse até essa página. Esse cuidado é para evitar que eles saibam muitas informações sobre o responsável da pesquisa e, conseqüentemente, essas informações possam influenciar nas respostas atribuídas pelos ouvintes. O link que era disponibilizado para os participantes da pesquisa era o seguinte: <http://encurtador.com.br/gxLP4>. Com esse recurso, o participante era levado direto para a tela de pesquisa.

4. Não saber se os ouvintes de fato ouviram o estímulo disponibilizado.

Reconhecendo essas limitações do formulário do Google, foi decidido que a plataforma criada permitiria a inserção de áudios sem que seja feito via Youtube. Outra vantagem é permitir que o respondente retorne à página inicial e, também, caso feche a janela e tente acessar o site novamente, que seja redirecionado para onde parou - isso é possível através do controle do IP gerado pelo modem de internet. Outra vantagem é a possibilidade de coletar o tempo (inicial e final) que o respondente leva para responder cada um dos estímulos – a soma desses tempos permite-nos chegar em um tempo médio. A plataforma também registra a quantidade de vezes que o respondente ouviu o estímulo.

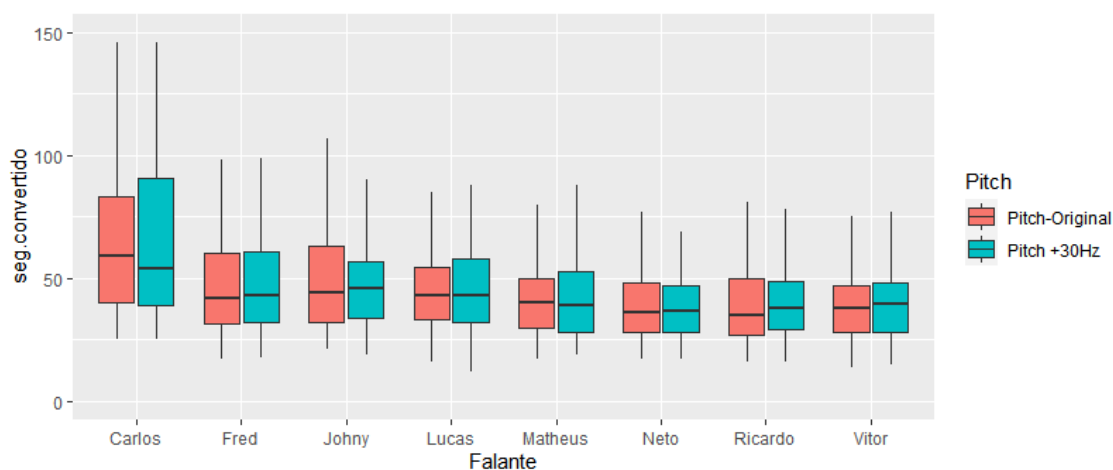
Figura 5.3 – Exemplo da coleta de tempos e quantidade de vezes que o estímulo foi ouvido

Grupo	Subgrupo	Falante	Tempo (Inicial)	Tempo (Final)	Qnt. ouvida
Pitch +30Hz	/s/ original	Carlos	14/05/2021 14:45:36	14/05/2021 14:46:23	3
Pitch +30Hz	/s/ original	Fred	14/05/2021 14:46:23	14/05/2021 14:47:05	1
Pitch +30Hz	/s/ original	Johny	14/05/2021 14:47:05	14/05/2021 14:48:31	1
Pitch +30Hz	/s/ original	Lucas	14/05/2021 14:47:05	14/05/2021 14:48:32	1
Pitch +30Hz	/s/ original	Matheus	14/05/2021 14:48:32	14/05/2021 14:49:21	1
Pitch +30Hz	/s/ original	Neto	14/05/2021 14:49:21	14/05/2021 14:50:05	1
Pitch +30Hz	/s/ original	Ricardo	14/05/2021 14:50:05	14/05/2021 14:50:46	1
Pitch +30Hz	/s/ original	Vitor	14/05/2021 14:50:46	14/05/2021 14:51:27	1
Pitch +30Hz	/s/ longo	Carlos	14/05/2021 14:51:27	14/05/2021 14:52:11	1
Pitch +30Hz	/s/ longo	Fred	14/05/2021 14:52:11	14/05/2021 14:53:00	1
Pitch +30Hz	/s/ longo	Johny	14/05/2021 14:53:00	14/05/2021 14:53:54	1
Pitch +30Hz	/s/ longo	Lucas	14/05/2021 14:53:54	14/05/2021 14:54:40	1
Pitch +30Hz	/s/ longo	Matheus	14/05/2021 14:54:40	14/05/2021 14:55:32	1
Pitch +30Hz	/s/ longo	Neto	14/05/2021 14:55:32	14/05/2021 14:56:13	1
Pitch +30Hz	/s/ longo	Ricardo	14/05/2021 14:56:13	14/05/2021 14:56:49	1
Pitch +30Hz	/s/ longo	Vitor	14/05/2021 14:56:49	14/05/2021 14:57:27	1

Fonte: elaboração própria

Uma ressalva importante é que a coleta do tempo inicial e final não é, necessariamente, para inclusão em modelos estatísticos ou sequer para uma discussão a respeito do processamento desses estímulos. O interesse principal é adotar essa medida como um valor de consistência interna do instrumento de coleta. Isso porque, a depender do tempo médio que um respondente leva para participar da pesquisa, pode implicar que a sua atenção estivesse difusa e não direcionada à tarefa. Ainda, a plataforma em questão dá o tempo médio, em segundos, gasto por disfarce ouvido. A figura 5.4 mostra que, em geral, os ouvintes gastam o mesmo tempo para responder os estímulos, independentemente de tratar do conjunto original ou +30Hz do *pitch*.

Figura 5.4 – Tempo em segundos para responder a cada estímulo



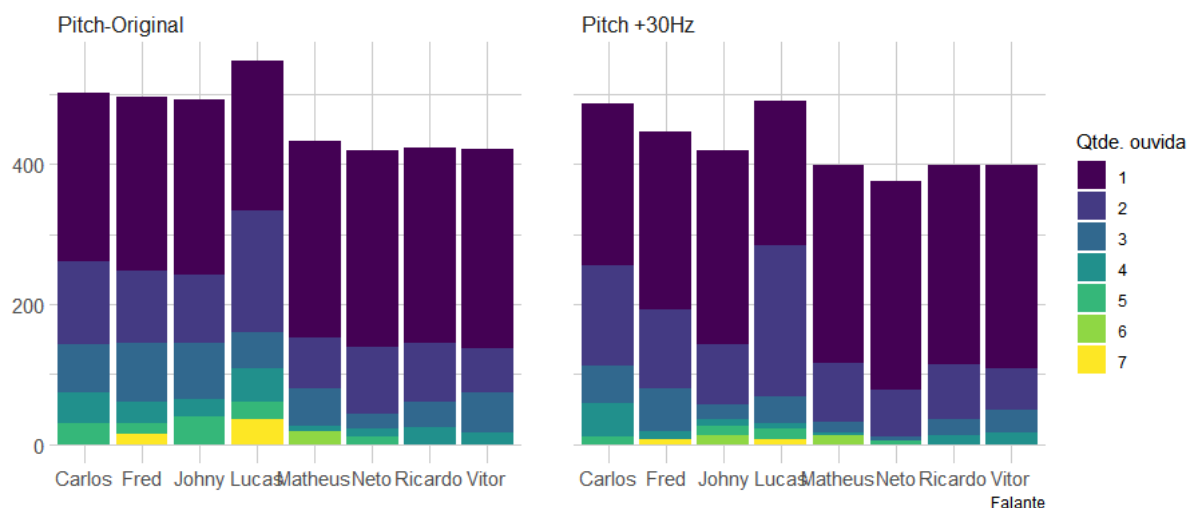
Fonte: elaboração própria

Para a consistência interna do instrumento, o importante não é exatamente saber se existe uma diferença, do ponto de vista estatístico, sobre o tempo gasto para responder aos disfarces dos oito falantes, mas sim examinar se o tempo, em segundos, não apresenta valores extremos. O gráfico na figura 5.4 também apresenta uma informação interessante a respeito do tempo gasto para responder aos estímulos do falante Carlos. Em ambos os casos, os valores em segundos são sempre maiores; talvez

isso não esteja relacionado exatamente ao fato de que os ouvintes levaram mais tempo para darem suas respostas para o referido falante, mas sim ao fato de que, por ser o primeiro estímulo, existe uma informação inicial que descreve com detalhes o que exatamente o participante deve fazer para responder o instrumento de pesquisa, incluindo detalhes do modo como devem preencher a escala de diferencial semântico (OSGOOD; SUCI; TANNENBAUM, 1957). Com isso, era esperado que os respondentes passassem mais tempo na página inicial.

Ainda com vistas a examinar a consistência interna do instrumento, tem-se a quantidade de vezes que o estímulo foi ouvido. Afinal, mais importante do que saber se o respondente repetiu o estímulo, é saber se ele, de fato, ouviu pelo menos uma única vez. Sendo assim, aqueles respondentes que não clicaram pelo menos uma vez no disfarce tiveram suas respostas excluídas.

Figura 5.5 – Quantidade de vezes que os estímulos foram ouvidos



Fonte: elaboração própria

No total, 350 pessoas participaram do questionário; desses, 29 não clicaram nenhuma vez nos estímulos, o que resultou na exclusão dessas respostas. No gráfico da figura 5.5, é possível ver que, em geral, em ambos os conjuntos (original x 30Hz), a esmagadora maioria dos respondentes

ouviu pelo menos uma vez o estímulo. Esse recurso é bastante útil também na validação dos estímulos a serem construídos, uma vez que, em caso de repetição dos estímulos, é possível perguntar ao respondente o motivo pelo qual ele está repetindo: (i) calibração das respostas dadas às perguntas disponíveis, (ii) áudio não inteligível e (iii) volume baixo, entre outros aspectos. Vale lembrar que passos semelhantes a esses foram realizados com o experimento do *pitch* médio e, por essa razão, para este não foi necessário.

Por fim, com o site, não foi preciso se preocupar em criar uma caixa suspensa, tal como realizado nas seções 2 e 3, para que os respondentes fossem direcionados adequadamente para o conjunto cujo *pitch* médio é original e aquele de *pitch* médio alterado em +30Hz. O site foi programado para que, quando um conjunto de estímulo (*Pitch* Original, por exemplo) receber uma resposta, o outro automaticamente se habilita e está disponível para receber uma resposta.

5.4 Perfil geral dos respondentes

O site foi divulgado de forma *online* e compartilhado nas redes sociais. Para o conjunto de estímulos em que o *pitch* médio não foi alterado, 170 pessoas responderam ao teste de percepção, enquanto 167 interagiram com o conjunto em que os clipes de áudio tiveram o *pitch* médio manipulado em +30Hz. Tendo em vista que todos os participantes, independentemente do conjunto ouvido, interagiram com 16 estímulos e, a cada trecho ouvido, o participante respondia a um questionário (ver figura 5.6), coletaram-se, então, 2.720 respostas para o conjunto *Pitch* Original e 2.672 para o *Pitch* +30Hz.

Figura 5.6 – Questionário

AUDIO 1

▶ Ouvir audio

Esse cara soa:

nada ○ ○ ○ ○ ○ ○ **muito**
sério sério

nada ○ ○ ○ ○ ○ ○ **muito**
gay gay

nada ○ ○ ○ ○ ○ ○ **muito**
inteligente inteligente

nada ○ ○ ○ ○ ○ ○ **muito**
masculino masculino

Além disso, pela voz desse cara, ele parece:

Marque quantas características desejar, de acordo com sua opinião

Alto

Jovem

Rico

Trabalhador

Próximo

Fonte: MGS⁶⁴

Após responder as escalas de diferenciais semânticos (OSGOOD; SUCI; TANNENBAUM, 1957), os participantes tinham acesso à segunda parte do questionário, em que deveriam apresentar informações demográficas a seu respeito: sexo, escolaridade, idade, ocupação, orientação sexual, se tem amigos gays, etc. O perfil dos respondentes é bastante variado e isso se dá, sobretudo, devido ao já apresentado na seção 4.3. Embora prático e versátil, em questionários do tipo autoaplicável é muito difícil de controlar os respondentes, visto que, mesmo enviando o questionário ao perfil pretendido, não há garantia de que os que receberam vão responder ao questionário. Nesse sentido, a possibilidade seria a aplicação presencial com alguns respondentes, mas devido à COVID-19 essa possibilidade foi inviabilizada.

⁶⁴ <https://marcussene.com.br/pesquisa>

Tabela 5.1– Perfil social dos respondentes do questionário

Sexo	Total	Escolaridade	Total
Feminino	192	Ensino Médio	78
Masculino	145	Ensino Superior	259
Amigos Gay	Total	Idade	Total
Muitos	183	-30anos	214
Poucos	154	+30 anos	123
Orientação Sexual	Total	Estado	Total
Bissexual	61	MG	155
Heterossexual	172	SP	182
Homossexual	104		

Fonte: elaboração própria

5.5 Resultados

Do mesmo modo que nos experimentos anteriores, é preciso iniciar o protocolo de análise de dados pela verificação se há correlação entre as escalas do questionário ou se elas são independentes entre si. Embora a correlação negativa entre soar masculino e gay seja esperada, esse passo é fundamental para conhecer a direção dessa associação, bem como o grau de correlação (positivo ou negativo). O resultado desse tipo de análise é possível por meio do PCA, realizado com auxílio do R (CORE TEAM, 2020).

Tabela 5.2 – Componentes principais das respostas dadas pelos ouvintes ao experimento (variação Promax)

	CP1	CP2
	GÊNERO SEXUALIDADE	INTELIGÊNCIA
Soar sério	-0.10	0.83
Soar gay	0.91	0.06
Soar inteligente	0.09	0.86
Soar masculino	-0.90	0.05
Eigenvalue	1.61	1.43
%Variância	0.77	0.41
%Acumulativa	0.54	0.46

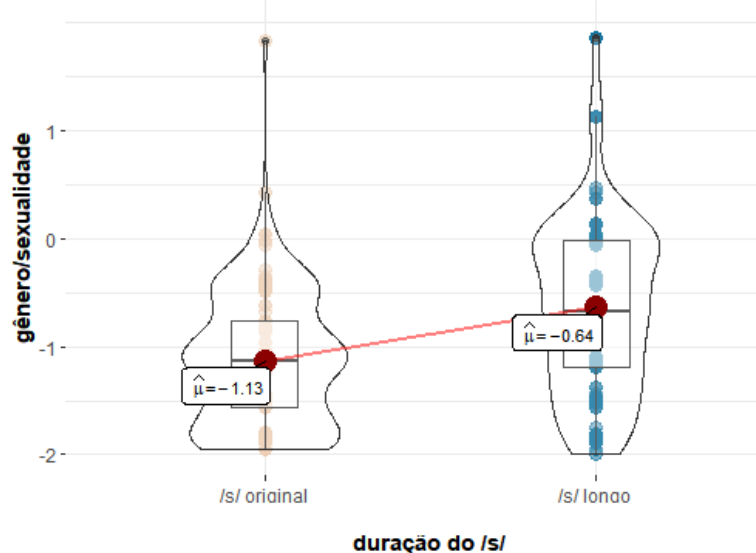
Fonte: elaboração própria

O PCA da tabela 5.2 ratifica os resultados dos experimentos anteriores: correlação negativa entre as respostas dadas às escalas de soar masculino e gay e positiva para inteligência e sério. Vale destacar, ainda, que a variância acumulativa das respostas é de 54% para o componente Gênero/Sexualidade contra 46% do componente cujo nome é Inteligência. Isso implica dizer que, nesse universo de respostas, o componente principal 1 dá conta de explicar a maior parte da variação das respostas. Esse resultado é esperado na medida em que a variável *pitch* médio e duração de (-s) é fortemente associada a estereótipos ligados a dimensões de gênero e sexualidade – conforme resultado das seções 3 e 4. O próximo passo é verificar se as respostas atribuídas aos falantes variam a depender do estímulo ouvido.

Figura 5.7 – Dispersão das respostas dos participantes por falantes de acordo com o estímulo ouvido

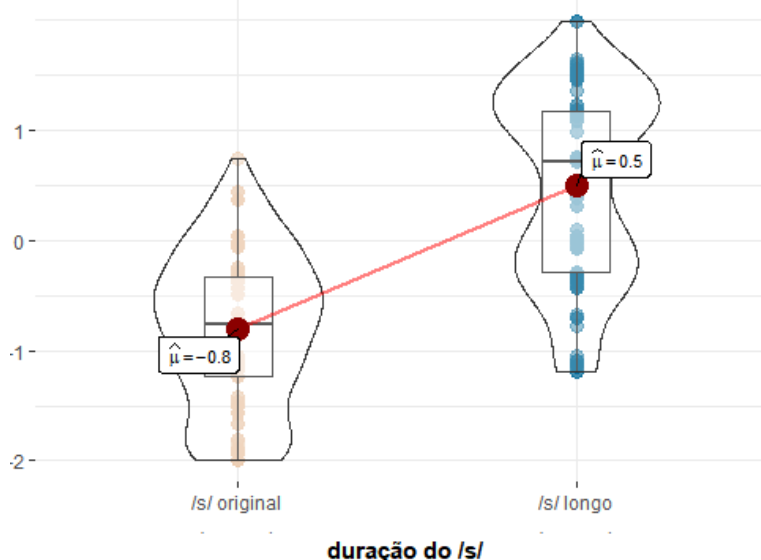
Dispersão das respostas sobre a voz do Carlos: Pitch-Orig

$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 8.09, p = 7.79e-09, \hat{r} = -0.44, CI_{95\%} [-0.56, -0.29],$



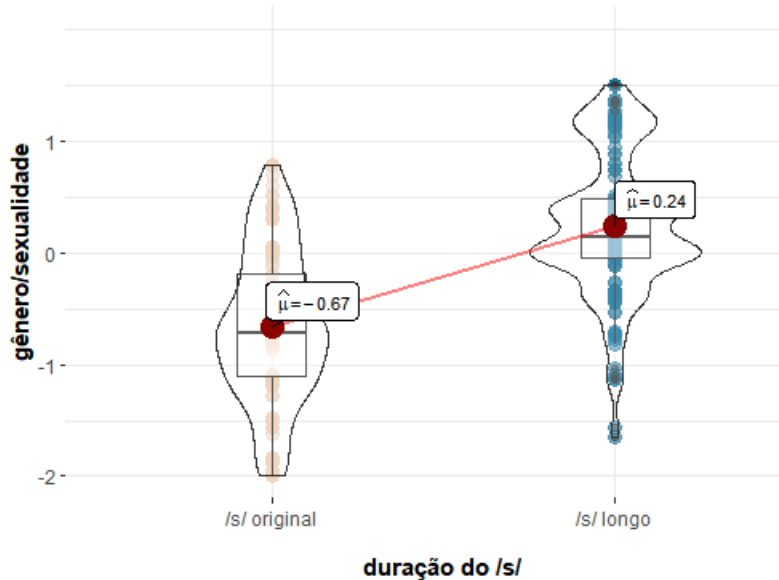
Dispersão das respostas sobre a voz do Carlos: Pitch +30Hz

$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 6.65, p = 4.6e-23, \hat{r} = -0.77, CI_{95\%} [-0.83, -0.72],$



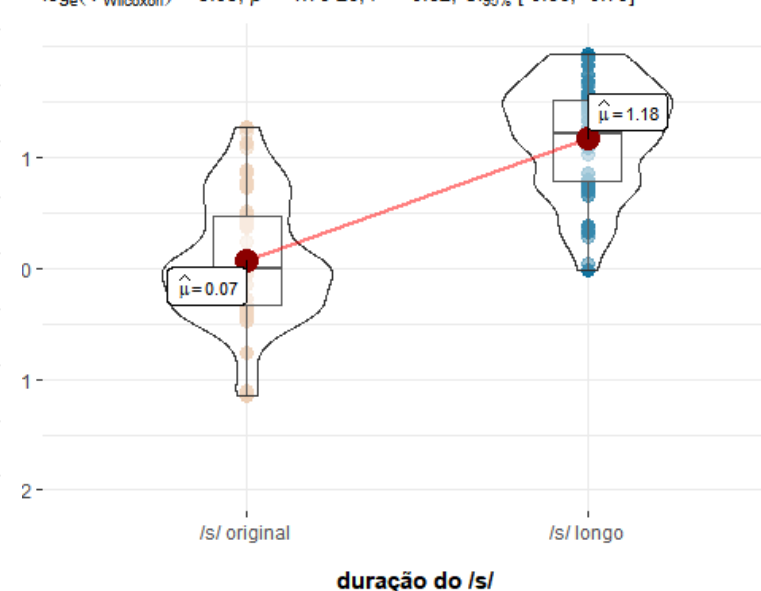
Dispersão das respostas sobre a voz do Johnny: Pitch-Orig

$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 7.01, p = 5.92e-21, \hat{r} = -0.72, CI_{95\%} [-0.79, -0.64]$



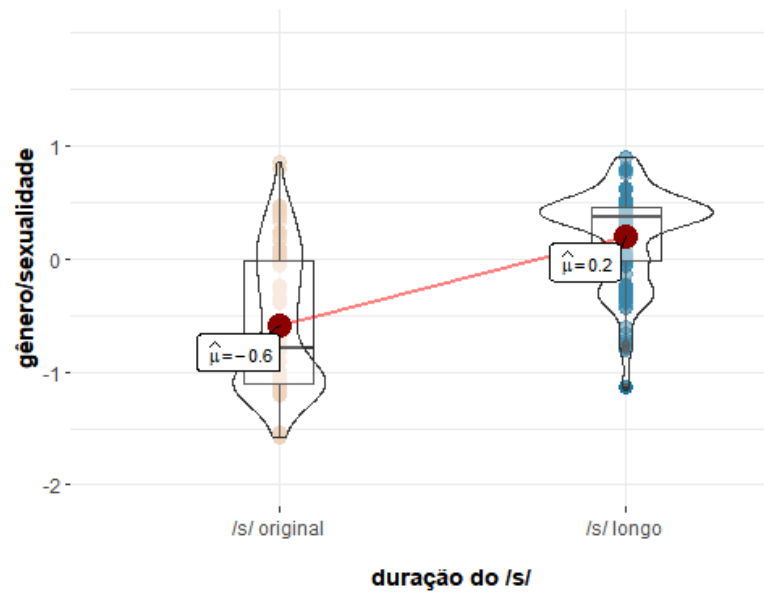
Dispersão das respostas sobre a voz do Johnny: Pitch +30Hz

$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 5.95, p = 4.7e-26, \hat{r} = -0.82, CI_{95\%} [-0.86, -0.79]$



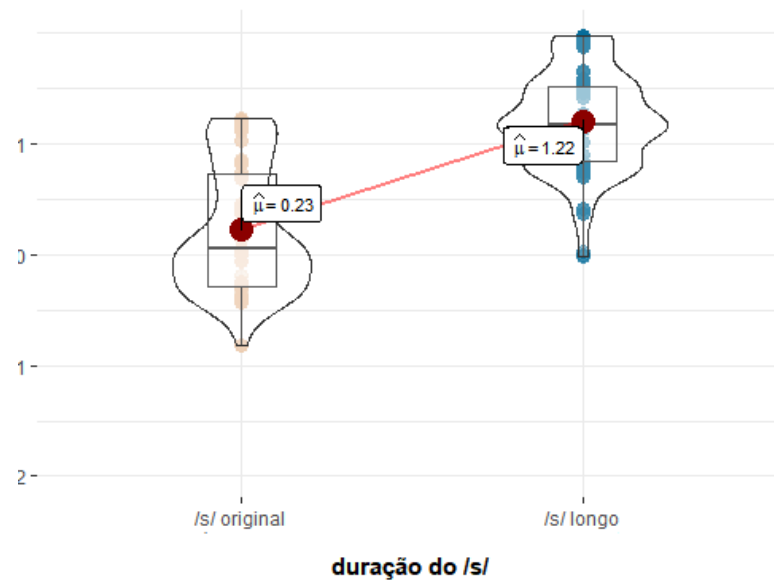
Dispersão das respostas sobre a voz do Neto: Pitch-Orig

$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 6.95$, $p = 1.4e-21$, $\hat{r} = -0.73$, $CI_{95\%} [-0.80, -0.66]$



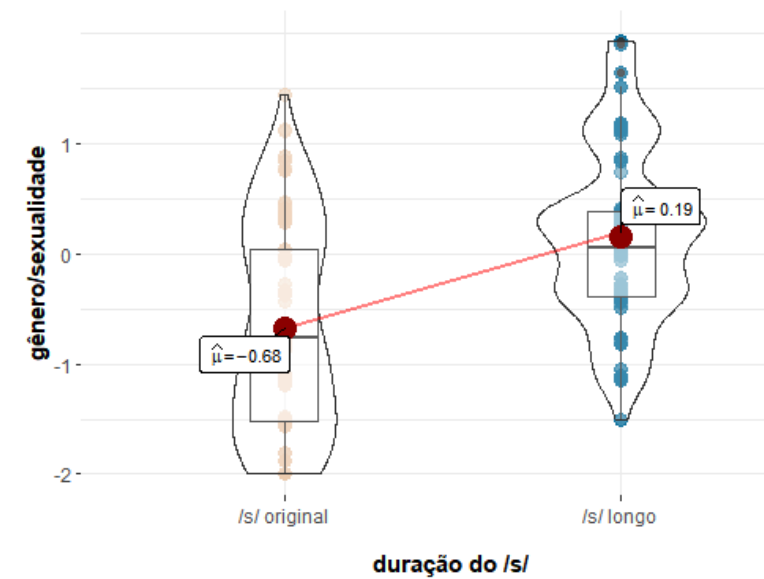
Dispersão das respostas sobre a voz do Neto: Pitch +30Hz

$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 5.37$, $p = 9.29e-26$, $\hat{r} = -0.81$, $CI_{95\%} [-0.84, -0.78]$



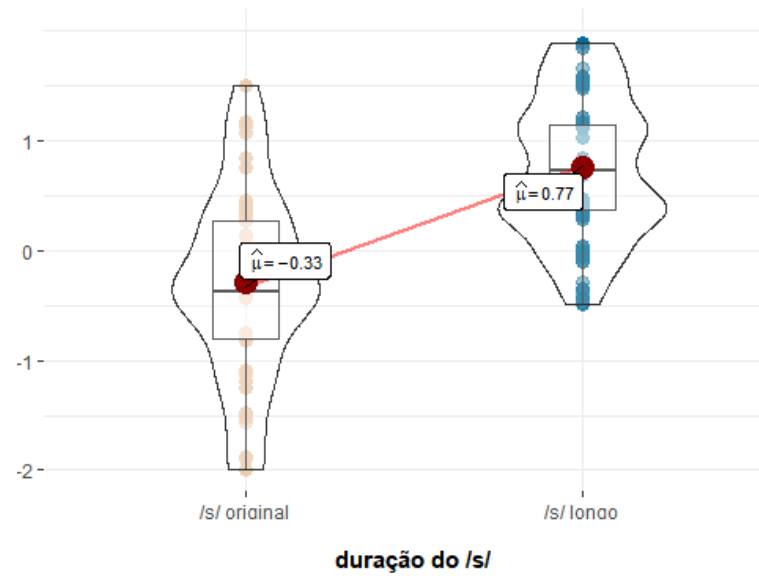
Dispersão das respostas sobre a voz do Lucas: Pitch-Orig

$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 7.76$, $p = 3.03e-14$, $\hat{r} = -0.58$, $CI_{95\%} [-0.68, -0.48]$



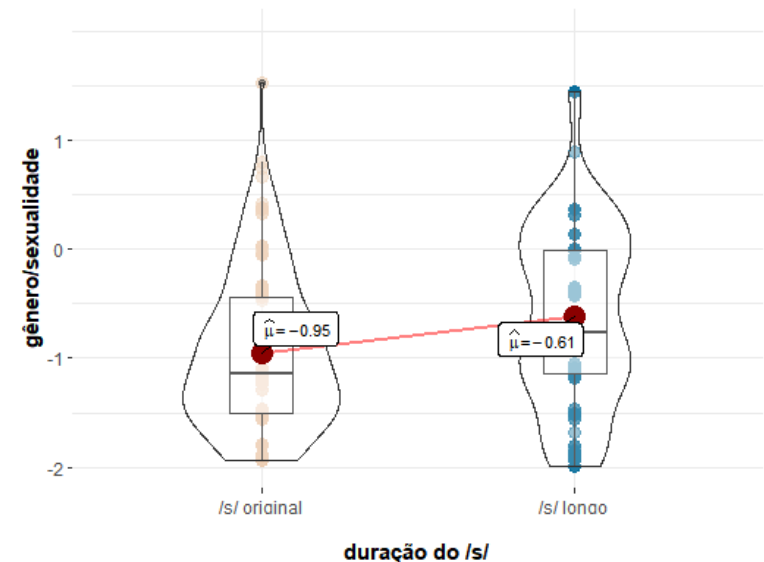
Dispersão das respostas sobre a voz do Lucas: Pitch +30Hz

$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 6.89$, $p = 1.45e-21$, $\hat{r} = -0.74$, $CI_{95\%} [-0.81, -0.67]$



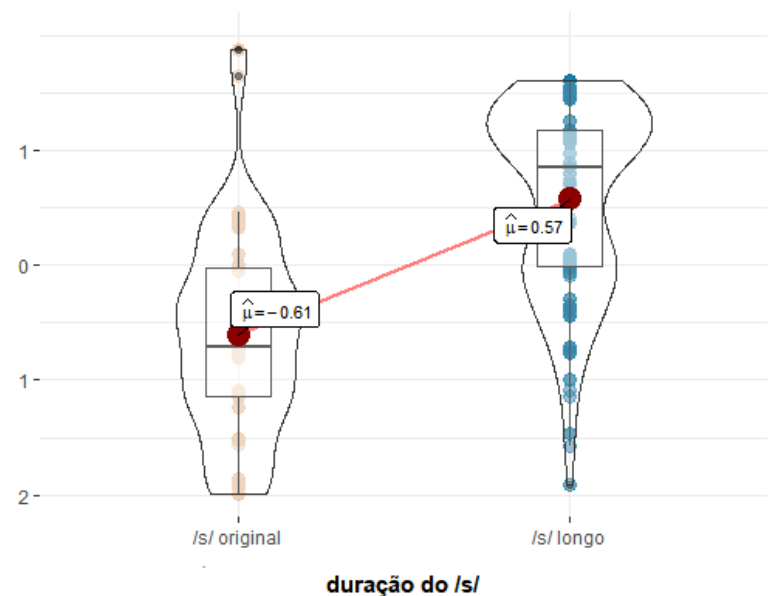
Dispersão das respostas sobre a voz do Ricardo: Pitch-Orig

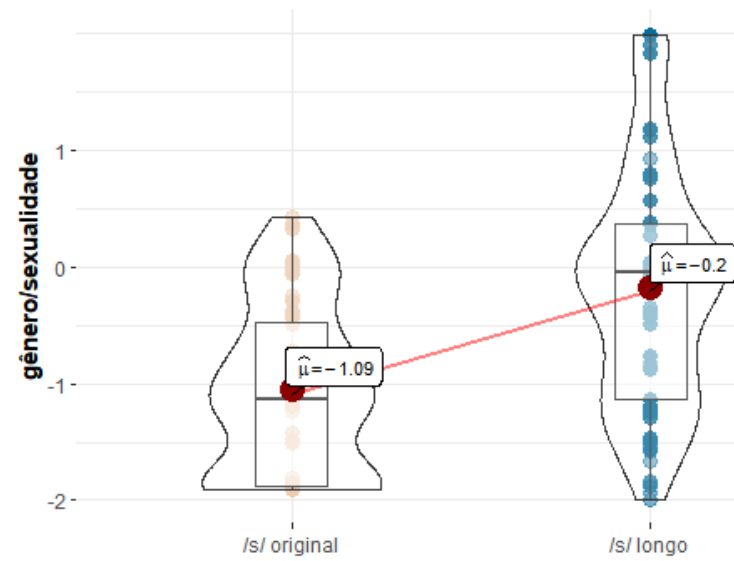
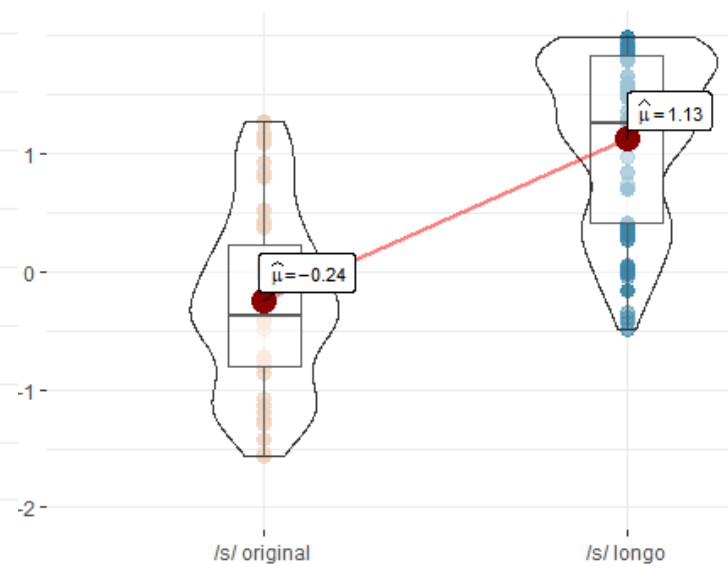
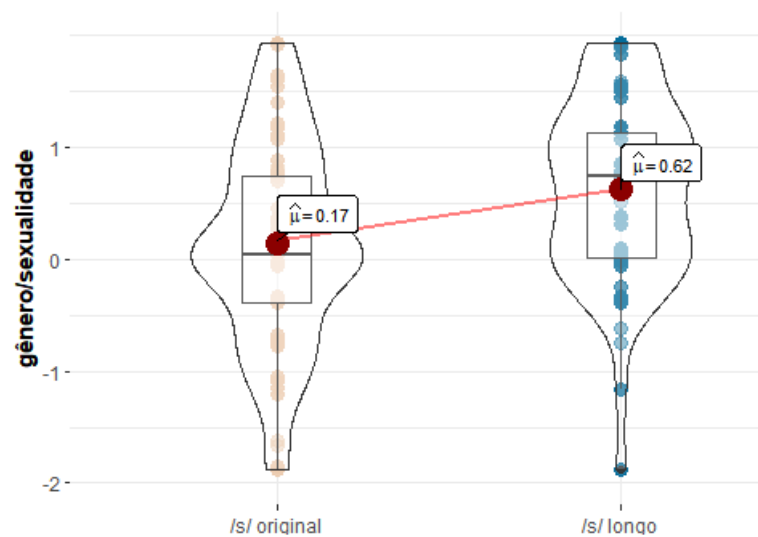
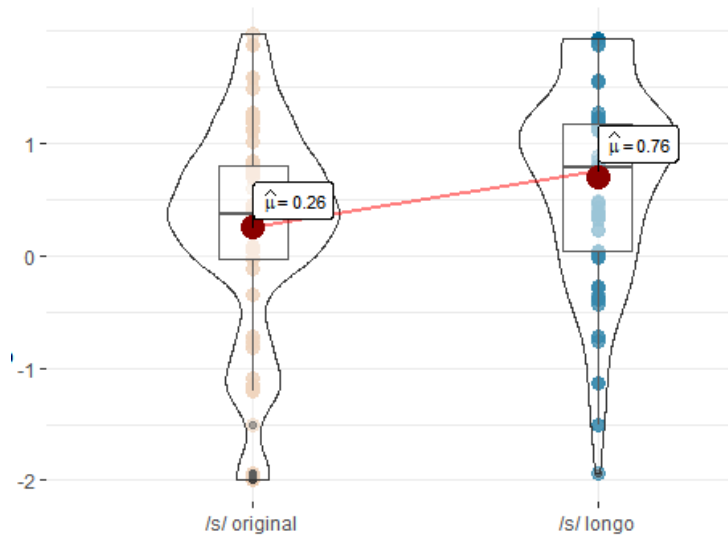
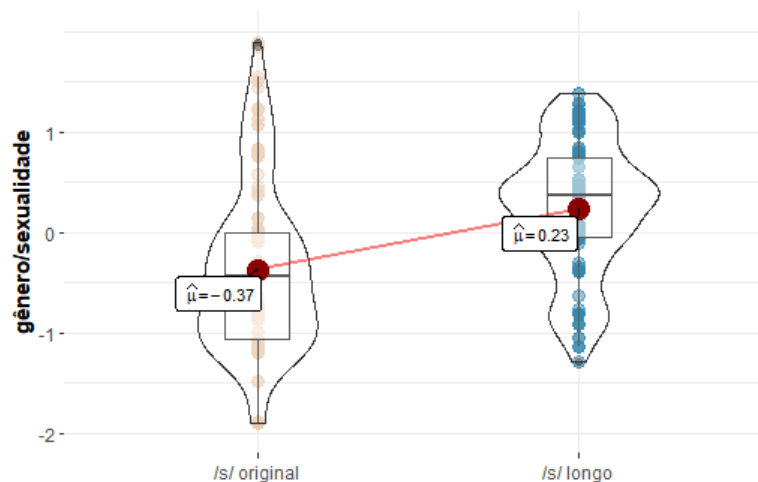
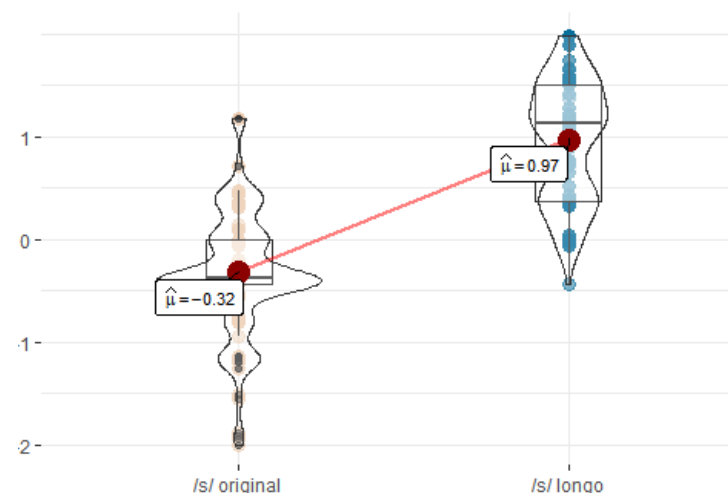
$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 8.18$, $p = 2.54e-06$, $\hat{r} = -0.36$, $CI_{95\%} [-0.49, -0.22]$



Dispersão das respostas sobre a voz do Ricardo: Pitch +30Hz

$\log_e(V_{Wilcoxon}) = 7.10$, $p = 2.98e-20$, $\hat{r} = -0.71$, $CI_{95\%} [-0.79, -0.63]$



Dispersão das respostas sobre a voz do Vitor: Pitch-Orig
 $\log_e(V_{Wilcoxon}) = 7.28, p = 2.89e-18, \hat{r} = -0.67, CI_{95\%} [-0.75, -0.59]$

duração do /s/
Dispersão das respostas sobre a voz do Vitor: Pitch +30Hz
 $\log_e(V_{Wilcoxon}) = 6.04, p = 7.4e-25, \hat{r} = -0.80, CI_{95\%} [-0.84, -0.77]$

duração do /s/
Dispersão das respostas sobre a voz do Fred: Pitch-Orig
 $\log_e(V_{Wilcoxon}) = 8.15, p = 6.85e-08, \hat{r} = -0.41, CI_{95\%} [-0.54, -0.26]$

duração do /s/
Dispersão das respostas sobre a voz do Fred: Pitch +30Hz
 $\log_e(V_{Wilcoxon}) = 7.94, p = 1.65e-11, \hat{r} = -0.52, CI_{95\%} [-0.64, -0.39]$

duração do /s/
Dispersão das respostas sobre a voz do Matheus: Pitch-Orig
 $\log_e(V_{Wilcoxon}) = 7.49, p = 1.89e-16, \hat{r} = -0.63, CI_{95\%} [-0.72, -0.53]$

duração do /s/
Dispersão das respostas sobre a voz do Matheus: Pitch +30Hz
 $\log_e(V_{Wilcoxon}) = 4.52, p = 2.85e-28, \hat{r} = -0.85, CI_{95\%} [-0.86, -0.83]$

duração do /s/

Fonte: elaboração própria

De modo geral, os gráficos da figura 5.7 já mostram que as respostas variam, a depender não só do estímulo ouvido (se /s/ original ou alongado digitalmente) como também de qual conjunto (*Pitch* Original x *Pitch* +30Hz) o participante respondeu. Para verificar se as respostas interagem ou se o efeito delas é independente, parte-se da seguinte pergunta: dentro de cada conjunto de *pitch* (Original x +30Hz), de que modo o alongamento de /s/ digitalmente ‘afetou’ os julgamentos sociais dos ouvintes?

Os gráficos da figura 4.6 apresentam a dispersão das respostas dos 8 falantes. É possível verificar que as respostas para cada um variam, a depender do estímulo ouvido. Em outras palavras, a manipulação da duração de /s/ afetou o julgamento social dos falantes, tanto no conjunto cujo *pitch* é original, quanto no alterado em +30Hz. Em todos os gráficos de violino, é possível observar que o /s/ longo (cor azul) está posicionado mais para cima do gráfico, quando comparado ao /s/ original. Isso indica, portanto, que os referidos estímulos foram percebidos como mais gay e menos masculinos – ao contrário do uso do /s/ original, que se mantém, para todos, como sendo o oposto: mais masculino e menos gay.

As diferenças podem ser observadas para além dos gráficos de violino. Em todos eles, estão reportados nos subtítulos o Teste de *Wilcoxon* para amostras pareadas. Sendo assim, para os oito falantes e em todos os dois conjuntos (*pitch* original e +30Hz), existe uma diferença estatisticamente significativa ($p < 0.05$), o que equivale a dizer que a manipulação da duração de /s/ teve efeito na percepção de gênero e sexualidade dos ouvintes. Para responder a principal hipótese deste experimento, a respeito da combinação de variáveis e seus possíveis efeitos em conjunto, é necessário verificar que o alongamento do /s/ em posição de coda não só afetou a percepção dos ouvintes nos conjuntos de *pitch* original e +30Hz, como também apresentou uma diferença no modo como as respostas foram atribuídas as escalas.

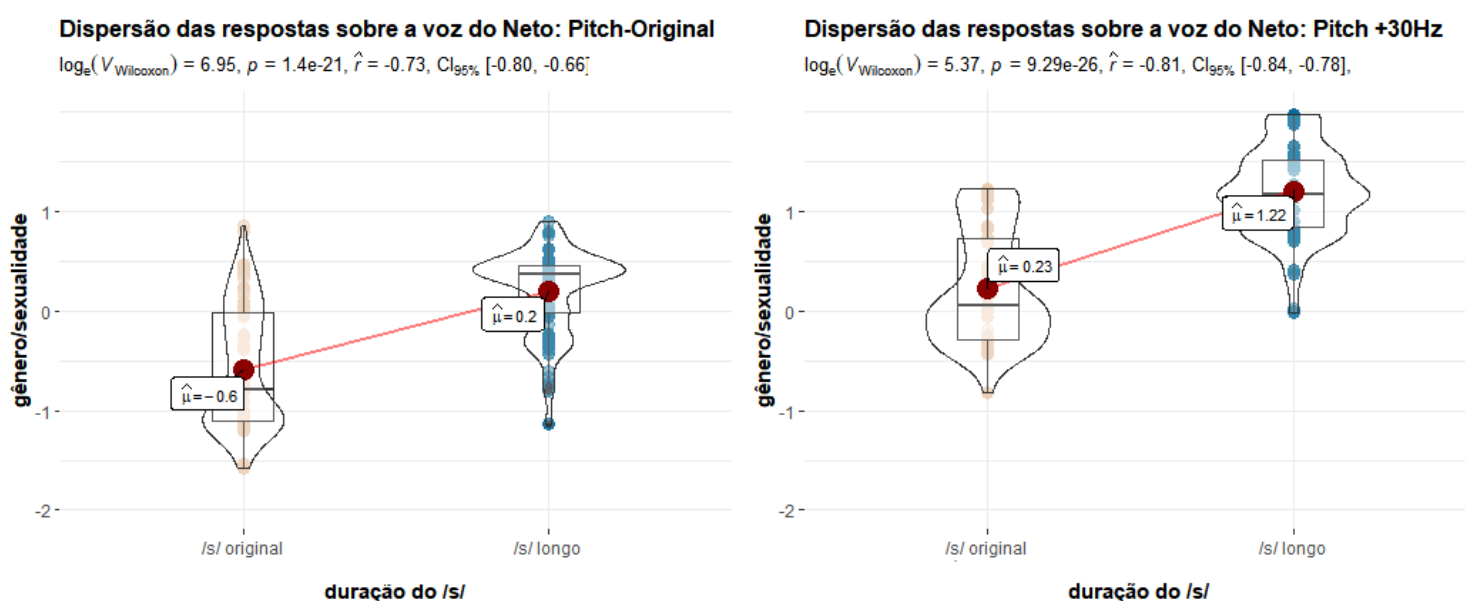
No conjunto de *Pitch +30Hz*, o /s/ longo apresentou um efeito maior para todos os falantes. Esse aspecto pode ser verificado de duas maneiras: a primeira, a partir da dispersão das respostas nos gráficos de violino e, também, a partir do tamanho do efeito (\hat{r}) reportado no teste estatístico. Note-se que, quando a versão do estímulo ouvido é o /s/ longo, as medianas ($\hat{\mu}$), em todos os casos, são superiores em comparação aos demais. Tomando como exemplo o falante Carlos, é possível atestar que a diferença entre as medianas do estímulo de /s/ longo, $\hat{\mu} = -0.64$ quando o conjunto é com o valor original do *pitch* e $\hat{\mu} = 0.5$ para *pitch +30Hz*. Adicionalmente, vale destacar que, para o mesmo falante, no conjunto de *pitch* original, o tamanho do efeito foi de $\hat{r} = 0.44$, enquanto no conjunto *Pitch +30Hz* o tamanho do efeito é de $\hat{r} = 0.77$. Esse tamanho do efeito superior se repete para os outros falantes, até mesmo para Fred, com relação a quem, no experimento anterior do *pitch* médio, não houve diferença estatisticamente significativa em ouvi-lo no disfarce de *pitch* original, em comparação com a versão de +30Hz.

Tais valores já sinalizam para a interação entre as variáveis, uma vez que, de modo geral, o tamanho do efeito indica, *grosso modo*, o quanto a percepção foi alterada, a depender da variável manipulada. Em outras palavras, quando os respondentes parecem não concordar em suas avaliações (dispersam maior das respostas), o tamanho do efeito tende a ser menor, enquanto, quando há coesão no modo como os participantes da pesquisa avaliam os estímulos ouvidos (dispersam menor das respostas), o \hat{r} é maior. Com isso, o \hat{r} é maior quando a manipulação do /s/ é ouvida acompanhada da alteração do valor médio do *pitch* em +30Hz. Dito de outro modo, a percepção dos ouvintes é potencializada a partir da combinação das duas variáveis que, nos experimentos anteriores, mostraram consistência a respeito da relação indicial de gênero e sexualidade e a forma linguística (JOHNSTONE, 2009).

Vale destacar, nesse sentido, que o *pitch* médio tem um papel crucial nessa combinação, tendo em vista a robustez das respostas encontradas no experimento anterior e o grau de registro (AGHA, 2003) da variável; o

pitch parece modelar a percepção no sentido que, mesmo quando o /s/ é original, no conjunto de estímulo em que o *pitch* foi alterado em +30Hz, os julgamentos sociais já indicam que os falantes parecem soar gay mesmo quando não alterado o /s/, e isso se potencializa quando a versão ouvida é a o /s/ longo. Tal aspecto pode ser observado em todos os oito falantes. Para fins didáticos, retoma-se, na figura 5.8, o gráfico da dispersão das respostas do Neto:

Figura 5.8 – Dispersão das respostas sobre a voz do Neto



Fonte: elaboração própria

Para ilustrar a questão, deve-se observar que o /s/ original do conjunto em que o *pitch* é original apresenta uma mediana de $\hat{\mu} = -0.6$, enquanto no outro conjunto a mediana é de $\hat{\mu} = 0.23$. O primeiro valor da mediana indica que o disfarce ouvido foi percebido como menos gay e mais masculino (por isso o sinal de negativo, tal como os *scores* do PCA), enquanto o segundo valor, de 0.23, mostra que o disfarce soou mais gay e menos masculino. Dessa forma, nos dois casos o /s/ não teve alteração na duração, apenas no valor médio do *pitch*, o que já indica o potencial da referida variável na modelagem da percepção, especialmente quando o assunto é gênero e sexualidade. Entender essa capacidade do *pitch* em

modelar a percepção nos permite depreender melhor o efeito interativo entre as variantes. Esses resultados são confirmados através da construção de um modelo de regressão linear de efeitos mistos. O resultado desse modelo é resumido na tabela 5.3.

Tabela 5.3 – Resultado do Modelo de Regressão de Efeitos Mistos

Efeitos fixos	Estimativa	Erro padrão	Valor- <i>t</i>	p
<i>Intercept</i>	-0.663	0.1200	-5.525	< 0.006 ***
<i>Pitch +30Hz</i>	0.445	0.037	11.819	< 0.0002 ***
<i>/s/ longo</i>	0.668	0.028	23.845	< 0.0002 ***
<i>Pitch +30Hz: /s/ longo</i>	0.437	0.039	10.984	< 0.0002 ***

Fórmula: CP (gênero/sexualidade) ~ *pitch**duração./s/ + (1 | Participante) + (1 | Falante), data = experimento.final)

Intercept: *pitch* original; /s/ original;

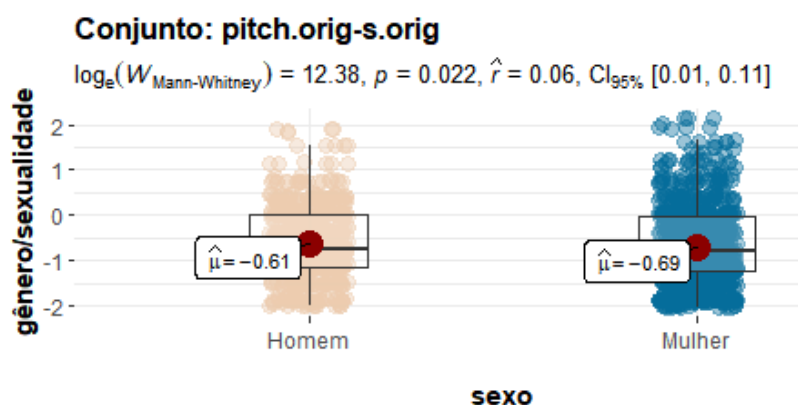
Fonte: elaboração própria

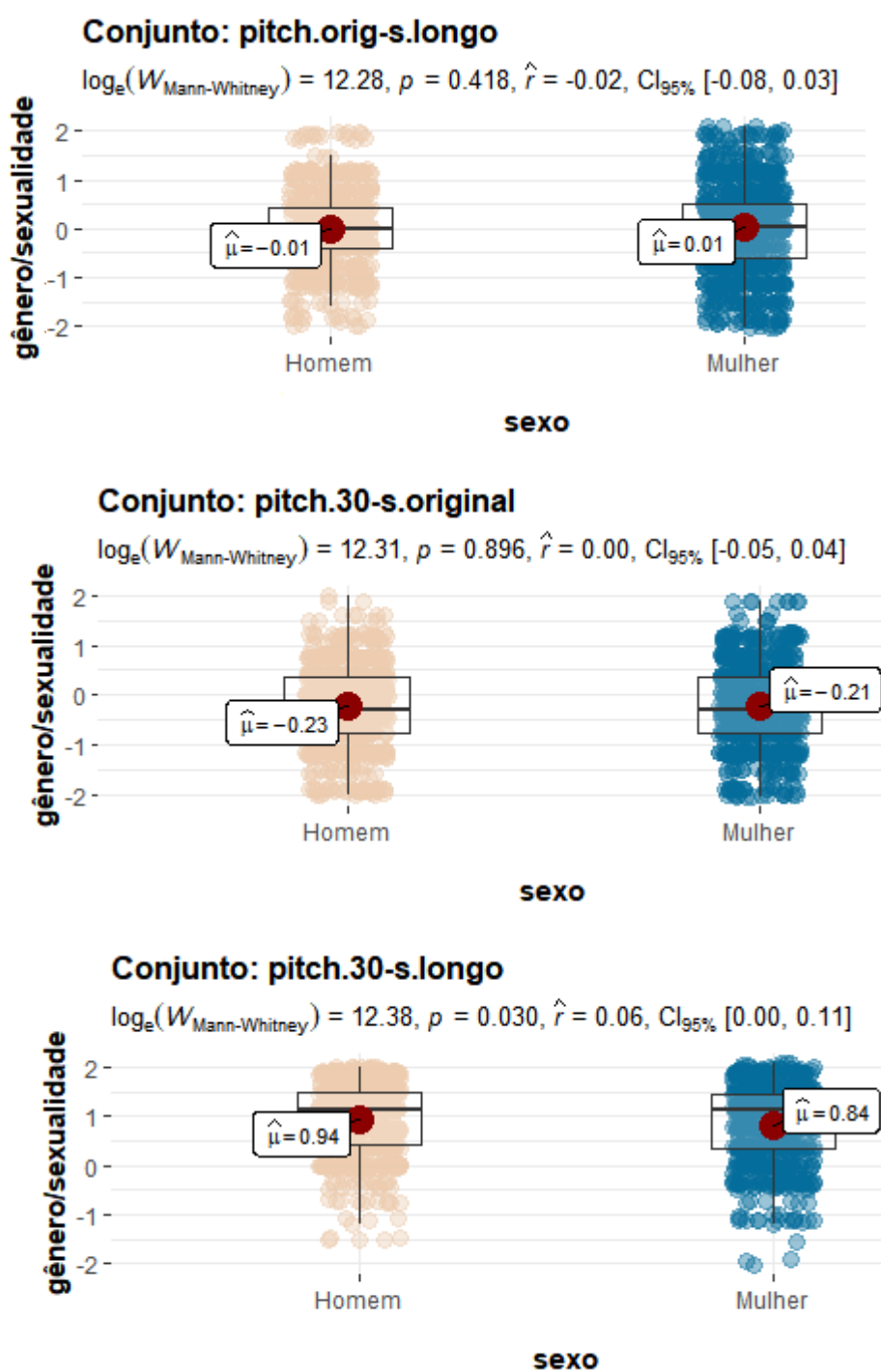
Esse modelo de regressão foi construído a partir da variável dependente, representada pelo componente principal gênero/sexualidade e os conjuntos de *pitch* original ou +30Hz. Como o objetivo principal não é saber se as respostas atribuídas no conjunto de *pitch* original se diferenciariam significativamente das relativas ao *pitch* +30Hz, foi necessário colocar uma interação entre o conjunto de *pitch* e a duração de /s/. Tendo isso em vista, em relação à diferença das respostas para *pitch*, o valor de *intercept* mostra que, para o grupo de estímulos em que o *pitch* médio é original (*Intercept*), as respostas direcionaram a percepção para menos gay e mais masculino, por isso a estimativa do *intercept* é de -0.663; o contrário acontece com *Pitch +30Hz*, em que, em comparação ao valor de referência, a dispersão das respostas sinaliza para uma percepção de soar mais gay e menos masculino (0.445, valor da estimativa). O mesmo ocorre com o /s/ longo, em relação ao qual a estimativa é positiva (0.668), enquanto para /s/ original o valor é oposto (-0.663).

No entanto, o mais interessante se apresenta no resultado da interação entre *Pitch* +30Hz e o /s/ longo. A inclusão da interação nesse modelo é fundamental, dado que ela é a responsável por mostrar o efeito em conjunto do *pitch* com a duração de /s/. O modelo retorna então que existe uma diferença estatisticamente significativa ($p < 0.005$), o que implica dizer que as variáveis, quando combinadas, funcionam interativamente. Dito de outro modo, a dispersão das respostas indica que não podemos interpretar os resultados de *pitch* e duração de /s/ de maneira independente, sem tratar do modo como o /s/ alongado digitalmente comporta-se quando os disfarces ouvidos são com o valor médio do *pitch* em +30Hz. É importante frisar que o modelo de regressão é um recurso importante para atestar se o efeito encontrado pelo Teste de *Wilcoxon* não é um efeito aparente, dado que, neste modelo, é possível uma série de controles diferentes, como o fato de adicionar o falante e o participante como variáveis aleatórias. Sendo assim, considerando que tanto as respostas podem depender de qual falante foi ouvido ou, ainda, do modo como alguns participantes respondem ao questionário, incluí-las na regressão endossa a qualidade do que ele pode prever, sem interferências de variáveis externas.

Após a verificação da interação entre as variáveis, é preciso examinar se o sexo dos respondentes tem efeito sobre a percepção de gênero e sexualidade; em outras palavras, se homens e mulheres convergem ou divergem no modo como avaliam os disfarces ouvidos (figura 5.9).

Figura 5.9 – Dispersão das respostas no tocante ao sexo dos respondentes





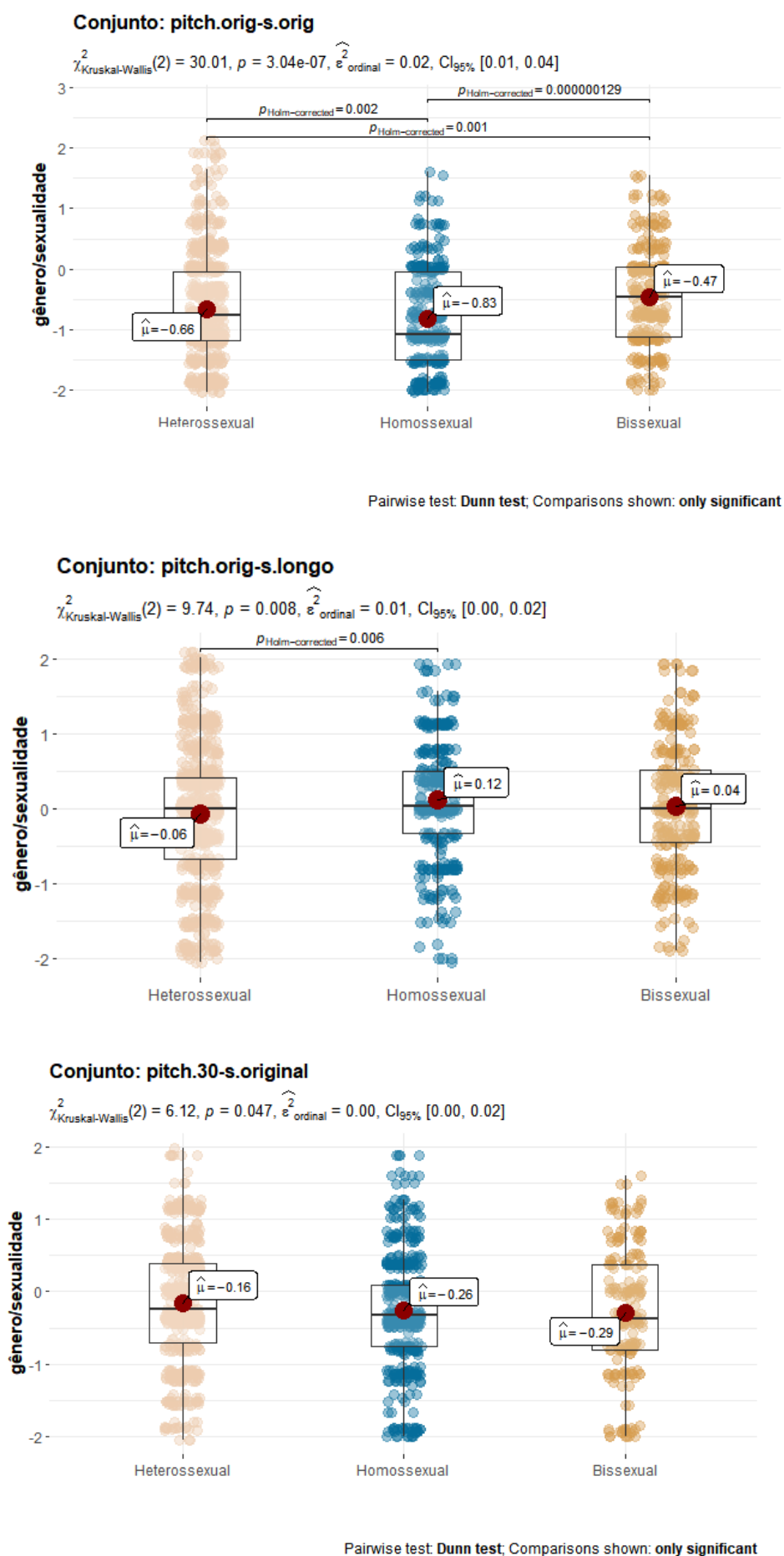
Fonte: elaboração própria

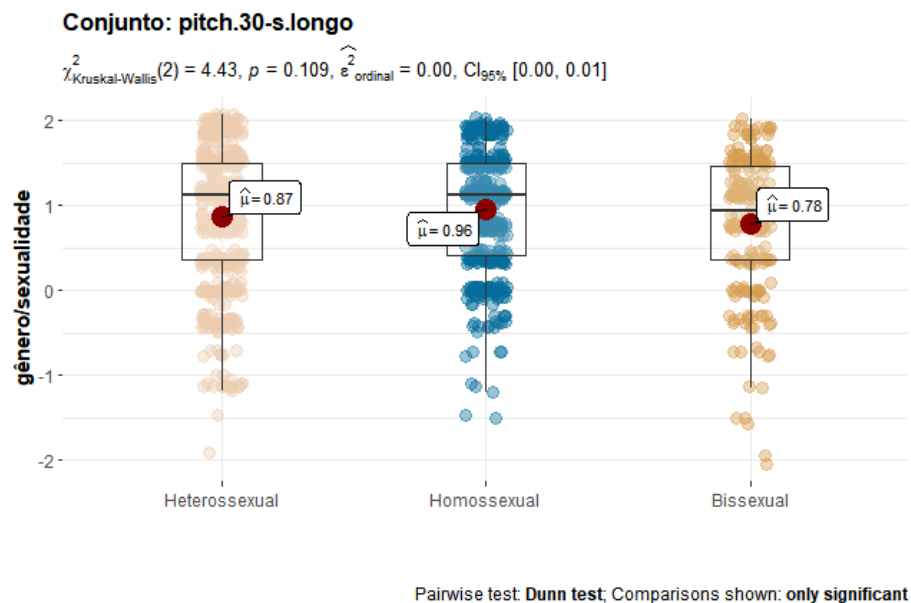
Os gráficos da figura 5.9 exibem a dispersão das respostas por conjunto (*pitch* original x *pitch* +30Hz) e estímulo (/s/ original e /s/ alongado digitalmente) ouvido. É possível verificar que os homens e as mulheres que participaram do conjunto de *Pitch* +30Hz convergem na percepção de

gênero e sexualidade, quando o disfarce ouvido é a versão de /s/ original. Isso é atestado por meio do resultado do teste de *Mann-Whitney*, que avalia se existe diferença significativa entre os grupos (hipótese nula). Nesse sentido, um valor menor do que 0.05 indica que os grupos em questão (homens x mulheres) apresentam diferença no modo como avaliam os estímulos ouvido na escala de gênero e sexualidade. No caso do estímulo de /s/ original, o valor maior do *p* atesta que não existe diferença no modo como homens e mulheres avaliaram o disfarce em questão. Para ambos, quando os falantes usam a versão original do /s/, soam menos gays e mais masculinos; por essa razão a mediana ($\hat{\mu}$) das respostas apresenta um sinal negativo antes dos valores. Em relação aos disfarces de /s/ longo, ainda no conjunto +30Hz, homens e mulheres divergem no modo que atribuem as respostas na escala de gênero e sexualidade. Embora para os dois o disfarce alongado digitalmente tenha soado mais gay e menos masculino, as mulheres tiveram uma dispersão menor ($\hat{\mu} = 0.84$), quando comparada à dos homens ($\hat{\mu} = 0.94$). *Grosso modo*, os homens parecem avaliar os estímulos de /s/ longo como mais gays e menos masculinos do que as mulheres. O resultado do teste de Mann-Whitney confirma que homens e mulheres avaliam estaticamente diferente o estímulo ouvido ($p < 0.05$).

Em relação ao conjunto de *pitch* original, homens e mulheres avaliaram o disfarce do /s/ sem manipulação diferentemente. As mulheres avaliaram os estímulos como soando menos gay e mais masculino ($\hat{\mu} = -0.69$) do que os homens ($\hat{\mu} = -0.61$). Em termos do valor da mediana ($\hat{\mu}$), essa diferença entre os sexos é bastante sutil, mas estatisticamente significativa ($p < 0.005$). No tocante ao estímulo cujo /s/ foi alongado digitalmente, ambos os sexos convergem na percepção de como soam os falantes. Homens e mulheres avaliam na mesma direção os estímulos: mais gay e menos masculino. É importante destacar que, enquanto no conjunto com o *pitch* original e /s/ longo, as medianas beiram a $\hat{\mu} = 0.01$, no conjunto em interação com o *pitch* alterado mais o /s/ longo, as medianas estão muito maiores $\hat{\mu} = 0.81/0.94$, o que mostra que a interação entre elas potencializa a percepção de gênero e sexualidade.

Figura 5.10 – Dispersão das respostas no tocante à orientação sexual dos falantes





Fonte: elaboração própria

Os gráficos da figura 5.10 exibem a dispersão das respostas dos respondentes agrupados pela orientação sexual. No conjunto em que o *pitch* médio não foi manipulado, na versão de /s/ original os respondentes parecem não concordar no modo como os estímulos foram avaliados. Embora todos avaliaram que os estímulos soam menos gay e mais masculino, os respondentes cuja orientação sexual é homossexual avaliaram os disfarces como menos gays e mais masculino ($\hat{\mu} = -0.83$), em comparação aos demais. Essa diferença no modo como a percepção dos respondentes é afetada é estatisticamente significativa ($p < 0.05$), conforme atesta o resultado de *Kruskal-Wallis*. Este teste é a versão não paramétrica da ANOVA e o objetivo é comparar três ou mais amostras independentes. O resultado do subtítulo indica que existe uma diferença entre pelo menos dois dos três grupos comparados; a direção dessa diferença estatística é dada por meio do teste *post-hoc* de *Dunn* exibido no gráfico. No conjunto em que o *pitch* e o /s/ é original, é possível verificar que, de modo geral, há uma diferença no modo como as três orientações sexuais avaliam o disfarce ouvido; essa diferença é dada pelo resultado do p corrigido em cima de cada gráfico.

Quanto ao disfarce de /s/ longo, no conjunto de *pitch* original, também existe uma diferença no modo como os respondentes avaliaram os disfarces ouvidos. Essa diferença, verificada por meio do resultado do *Kruskal-Wallis* ($\chi^2 = 9.74$, $p < 0.008$), localiza-se na comparação entre heterossexuais e homossexuais. Ambas as orientações sexuais atribuem notas diferentes nas escalas a respeito da percepção de gênero e sexualidade. Quando o conjunto em que os participantes interagiram foi o de *pitch* +30Hz, independente se o /s/ é original ou manipulado digitalmente, não existe diferença estatisticamente significativa no modo como eles avaliam os estímulos ouvidos. É preciso destacar que, quando as variáveis estão interagindo (gráfico inferior à direita), a percepção dos respondentes é uniforme, tal como no resultado anterior a respeito do sexo dos participantes. Também se destaca o fato de que, quando o /s/ é longo e o conjunto ouvido é o com *pitch* em +30Hz, a percepção é potencializada – as medianas mais altas ilustram tal aspecto. Em outras palavras, a percepção de como soam os falantes não é influenciada pela orientação sexual dos respondentes.

4.6 Síntese

Este experimento oferece resultados robustos a respeito da interação entre o *pitch* médio e a duração de /s/, o que sinaliza que, do mesmo modo que na produção sociolinguística, a interação de variáveis na percepção pode ser deliberadamente combinada para a indicialidade de *personae*. A robustez desse resultado foi verificada a partir do tamanho do efeito, medido pelo (\hat{r}). Para todos os falantes, o \hat{r} é superior quando o conjunto ouvido é +30Hz e /s/ longo. Neste caso, a percepção de gênero e sexualidade é potencializada com a combinação das variáveis aludidas, além de ser unidirecional: todos os oito falantes soaram mais gays e menos masculinos com o uso das variantes combinadas, comparado aos outros conjuntos ouvidos. Nesse sentido, do mesmo modo que na produção, talvez seja possível indiciar uma “diva gay” (PODESVA, 2006, 2011) com a combinação das variáveis *pitch* +30Hz e duração de /s/ longo. Em outras palavras, *pitch* médio e duração de /s/ são variantes com campos indiciais que se conectam, de forma ideológica, uma vez que compartilham noções de gênero e sexualidade em comum. Sendo assim, quando combinadas, elas coocorrem na composição de um todo socialmente coerente (MENDES, 2018), capaz de indiciar um construto ideológico superior aos indiciais quando usadas individualmente – por isso a menção na possibilidade de encontrar algo, na percepção, semelhante ao efeito “diva gay”, atestado no estudo de construção estilística de Podesva (2006). O potencial dessas variantes em indiciar uma *personae* nos moldes da mencionada anteriormente, é possível, também, devido à indicialidade das variantes (SILVERSTEIN, 2003), visto que os significados potenciais indiciais por esses usos linguísticos estão imbricados em significados produzidos em nível macrossocial - conforme os discursos metalinguísticos populares.

Conclusão

O ímpeto para realização desta tese é motivado por pelo menos três fatores: (i) outros trabalhos em outras línguas como o inglês que já verificaram, por meio de experimentos sociolinguísticos, que *pitch* médio e duração de /s/ em posição de coda final funcionam como índices de gênero e sexualidade; (ii) esse tipo de investigação ainda não havia sido desenvolvido no Brasil, com estímulos em português e, por fim, (iii) avaliações estereotípicas sobre como soa ou “deve soar” um homem incluem *pitch* e /s/ como formas linguísticas potencialmente significativas para a percepção de gênero e sexualidade. Para a investigação dessas características, esta tese desenvolveu três experimentos sociolinguísticos cujo objetivo é verificar se a duração de /s/ final e o *pitch* médio estão, de fato, entre as variáveis linguísticas que se correlacionam à percepção de que um homem soa mais ou menos masculino e mais ou menos gay. Para isso, essas variáveis foram testadas isoladamente e, depois, combinadas em um mesmo experimento, com vistas a compreender se elas se potencializam mutuamente na indicação de soar (mais ou menos) gay/masculino ou se elas têm efeitos independentes.

Antes de se apresentar os resultados dos experimentos, esta tese apresenta, na seção 1, informações relevantes sobre a percepção sociolinguística e o significado social da variação, além de dar ênfase no porquê estudar a percepção. Também se apresentam dois conceitos que são importantes para os estudos sociolinguísticos, que são a indicialidade e o registro. Na sequência, na seção 2, explicita-se o que se entende, nesta tese, por gênero e sexualidade, fazendo o recorte necessário para justificar o porquê elas são incluídas como escalas nos experimentos desenvolvidos nas seções 3, 4 e 5. No que se refere ao gênero, ele é determinado como uma categoria sociológica que traz, portanto, novas possibilidades para se interpretar/pensar a questão do homem e da mulher, mas também da

masculinidade e da feminilidade, relacionando tais aspectos aos sujeitos e à sociedade (CONNELL, 1995; LOURO, 2004, SCOTT, 2007), enquanto sexualidade seria um fenômeno sociocultural amplo, um conjunto de “sistemas de ideologias, práticas e identidades mutuamente constituídas que dão significado sociopolítico ao corpo como um lugar erotizado e/ou reprodutivo” (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 470). Essa definição se baseia, então, na orientação sexual que, neste caso, reduz-se à homossexualidade e à heterossexualidade.

Sendo assim, a dimensão de gênero é examinada, nesta tese, sob a luz da masculinidade (por isso soar masculino), enquanto a sexualidade é investigada a partir da orientação sexual, ou melhor, da homossexualidade (soar gay). Também vale mencionar que essas duas dimensões foram trabalhadas conjuntamente, afinal ‘masculinidade’ e ‘gayness’ são dois eixos de diferenciação social (GAL, 2016) que, ao mesmo tempo que se completam, se contrastam, isso porque são ‘qualidades’ – termo utilizado por Gal (2016) para nomear as categorias abstratas que compõem um sistema ideológico – que se definem uma em relação à outra a partir de um dado imaginário sócio-histórico ocidental construído por meio de modelos culturais. Dito de outro modo, um lado do contraste é ideologicamente definido como o que o outro não é; logo, aquilo que soa muito masculino, no imaginário sócio-histórico ocidental, soa menos gay.

Tendo isso em vista, o primeiro experimento, reportado na seção 3, analisa o efeito da variável duração de /s/ na percepção de como soa um determinado homem no tocante ao gênero e à sexualidade. Para a execução do experimento, selecionaram-se quatro falantes, Carlos, Robson, Jaime e Lucas, que são os pseudônimos dos informantes no *corpus* SP2010 (Mendes, 2013). Os estímulos foram elaborados a partir de trechos da entrevista sociolinguística de cada um dos falantes. Os trechos em questão foram manipulados no Praat (BOERSMA, WEENINK, 2015), aumentando a duração do /s/ final e criando, portanto, duas versões de cada trecho: (i) trechos com todos os *tokens* de /s/ permaneceram originais

(0.07 a 0.13 milissegundos) e (ii) a duração de /s/ foi alongada digitalmente para 0.27 a 0.32 ms.

Com base na técnica de *matched-guise* (LAMBERT *et. al.* 1960), os estímulos, organizados em duas condições experimentais, foram aplicados a partir da plataforma *Google Forms*, e os ouvintes que interagiram com a condição experimental 1, não interagiram com a 2. Participaram 122 ouvintes da pesquisa, sendo 62 para a primeira condição experimental e 60 para a segunda. Os dados, analisados com auxílio do R (CORE TEAM, 2019), confirmam que a duração de /s/ em posição de coda final tem efeito na percepção de quão masculino e quão gay soam os quatro falantes: Carlos, Robson, Lucas e Jaime. As respostas dos participantes foram unânimes: no disfarce com /s/ alongado digitalmente, todos foram percebidos como homens que soam mais gay e menos masculinos.

A seção 4 reúne os resultados do experimento que testa, isoladamente, o *pitch* médio e a percepção de quão gay/masculino soa um determinado homem. Este experimento apresentou grandes diferenças do realizado anteriormente, a começar pelo fato de que novos falantes foram contactados para o estudo. Para o experimento, oito vozes masculinas foram utilizadas: Carlos, Fred, Johny, Lucas, Matheus, Neto, Ricardo e Vitor. O trecho escolhido para a manipulação foi aquele em que todos os falantes tratavam sobre o mesmo assunto: suas preferências climáticas. A manipulação do *pitch* médio, realizada por meio do *Praat* (BOERSMA, WEENINK, 2015), alterou os estímulos em +30Hz construindo, então, dois estímulos: um em que os trechos não tiveram o *pitch* médio alterado (identificado como *pitch* original) e outro em que os mesmos trechos foram manipulados em +30Hz.

Os resultados principais indicam que a manipulação em +30Hz tem efeito na percepção de como soam sete dos oito falantes. Tal como o experimento sobre a duração de /s/, a direção da percepção para os falantes é uniforme: diante do estímulo em que o *pitch* foi alterado para soar 'mais agudo' (+30Hz), Carlos, Lucas, Vitor, Matheus, Neto, Ricardo e

Johny foram então percebidos como falantes que soam mais gays e menos masculinos. Essa coesão social entre os respondentes no modo como eles avaliam a duração de /s/ em posição de coda final e o *pitch* médio reflete que essas variáveis estão ligadas a um certo esquema ideológico de maneira que lhes conferem um alto valor simbólico, valor esse que torna as referidas variáveis socialmente identificáveis, ou ainda, se torna, nos termos de Agha (2003, 2005), um 'registro' (*enregisterment*).

Vale destacar que o único falante em que não teve a percepção alterada a depender do estímulo ouvido foi o Fred. A hipótese estabelecida para esse caso está no fato de que, entre os participantes, Fred é o único cujo valor do *pitch* médio, mesmo sem qualquer alteração, já é alto em comparação aos demais. Isso nos coloca diante da seguinte pergunta a ser respondida em trabalhos futuros: há então um limite entre *pitch* e a percepção de soar gay/masculino? Existe um limite mínimo/máximo de *pitch*, abaixo do qual não faria diferença a manipulação?

Por fim, a seção 5 discute os resultados da combinação da duração de /s/ em posição de coda final e o *pitch* médio. O interesse deste experimento é verificar se os ouvintes são capazes de ligar mais de uma pista linguística mentalmente na construção de significados sociais potenciais ou, a depender da combinação, os efeitos potenciais podem ser mitigados ou até divergentes daqueles já encontrados no experimento cujas variáveis foram analisadas isoladamente. Para esse experimento, os mesmos falantes e os mesmos estímulos do experimento da seção 4 foram utilizados para este experimento.

Com base na técnica de *matched-guise* (LAMBERT *et. al.* 1960), os estímulos foram manipulados de modo a criar duas versões do mesmo trecho: uma em que o trecho mantém o *pitch* e o /s/ sem qualquer alteração e outra em que tanto o *pitch* quanto o /s/ foram manipulados digitalmente. Para o *pitch*, alterou-se em +30Hz, enquanto a duração de /s/, quando alongado digitalmente, variou entre 0.28 a 0.35 ms.

Os resultados gerais mostram resultados robustos que atestam a interação entre o *pitch* médio e a duração de /s/ em posição de coda final.

Nesse sentido, a percepção de gênero e sexualidade é potencializada com a combinação das variáveis aludidas, além de ser unidirecional: todos os oitos falantes soaram mais gays e menos masculino com o uso combinado das variantes.

Como se pode observar, nesta tese o interesse não estava em explorar se homens gays e heterossexuais teriam vozes “essencialmente” diferentes (“homem gay fala de um jeito porque é gay; homem heterossexual fala de outro jeito porque não é gay”) – tanto que não se perguntou, em nenhum momento, qual era orientação sexual dos falantes que cederam suas vozes para a pesquisa. Caso tivéssemos optado por esse tipo de abordagem, esta tese correria o risco de construir uma interpretação parcialmente reveladora sobre o tema de linguagem, gênero e sexualidade. Isso porque a variação linguística na fala de um indivíduo não deve ser interpretada como um reflexo passivo de sua categorização social como a de gênero e sexualidade, por exemplo.

Finalmente, esta tese contribui para os estudos a respeito do significado social da variação linguística, essencialmente feito com o exame da percepção sociolinguística, ainda que situada mais especificamente no âmbito do gênero e da sexualidade. É possível perceber que os significados das variáveis linguísticas são, eles próprios, conectados ideologicamente e, na medida em que esquemas de crenças a respeito desses significados vão sendo solidificados em modelos culturais, um alto valor simbólico lhes é atribuído, o que justifica, então, o “registro” dessas variáveis – como se a propriedade de “soar menos masculino e mais gays” fosse “indissociável” das variantes *pitch* +30Hz (representante da voz mais aguda) e da duração de /s/ final alongada digitalmente. Ainda sobre o significado social da variação, os resultados dos experimentos nos permitem perceber que o significado em questão não é incidental, acessório ou até um subproduto da estratificação social,

“mas uma característica de *design* da linguagem” (ECKERT, 2006, p. 68)[tradução própria]⁶⁵.

Sendo assim, esta tese contribui para a discussão teórica a respeito da natureza do significado social da variação, que deve perpassar três propriedades que são particularmente importantes: implicitude, subespecificação e combinatoriedade (ECKERT, 2006). Em relação à primeira propriedade, diferentemente do significado denotacional, o significado das variantes é implícito, raramente construído abertamente e eminentemente negável (ECKERT, 2006, MENDES, 2020). Dessa forma, o uso de variantes linguísticas permite que os usuários da língua digam coisas sobre eles mesmo e o mundo biossocial sem dizê-los “em muitas palavras”, além de permitir que as coisas sejam deixadas como “não ditas”, mas inferidas a partir de um contexto situacional. No caso desta tese, os falantes não precisam dizer explicitamente “eu pareço (sou) gay e/ou menos masculino ao falar”, basta o emprego de elementos que indiciam essa “qualidade” - e isso está na base do entendimento de gênero como *performance*.

A segunda das propriedades tem a ver com a “característica econômica dos sistemas (socio)linguísticos em geral” (MENDES, 2020, p. 3): um pequeno número de variantes linguísticas pode servir a muitos propósitos, isso porque uma única forma linguística nunca tem um único significado social, mas sim um amplo potencial de significados. Esse é o caso, por exemplo, do *pitch* médio que, embora não analisado nesta tese profundamente, é possível perceber que uma voz cujo F^0 é mais baixo (voz grave) é indicativa de autoridade, sucesso e, indiretamente, masculinidade – conforme figura 4.21. Isso mostra, então, que, além de gênero e sexualidade, uma forma linguística pode ter múltiplos significados e esses significados se conectam ideologicamente.

Isso nos conduz, ao fim, à terceira propriedade das variantes que está relacionada com o caráter da combinatoriedade, ou seja, esses significados

⁶⁵ Trecho original: “[...] but a design feature of language.” (ECKERT, 2006, p. 68)

sociais podem ser potencializados na medida em que se combinam mais de uma variante na percepção. Este é o caso da combinação do *pitch* médio +30Hz e da duração de /s/ mais longa. Essas variantes, quando combinadas no mesmo estímulo, potencializam a percepção de que uma determina voz masculina soa ainda mais gay e menos masculina.

Por fim, dentre as contribuições metodológicas desta tese para a percepção sociolinguística, destaca-se a variedade de *design* utilizados (*between-subject* e *within-subject*), análises estatísticas que levam em consideração do tamanho do efeito (\hat{r}), dado responsável para compreender o quanto a percepção é 'afetada', a depender do estímulo ouvido e, por fim, a sistematização de alguns pontos relevantes a serem controlados quando se refere a produção de estímulos para experimentos de percepção sociolinguística, a saber: (i) representatividade, (ii) opacidade dos estímulos, (iii) naturalidade, (iv) livre de interferência e (v) compatibilidade no conteúdo informacional. Esses critérios acabaram se tornando guias relevantes para a construção de estímulos que sejam pertinentes para o propósito a ser investigado e ficam, portanto, como uma contribuição para os trabalhos futuros.

Referências

- AGHA, A. **Language and social relations**. Cambridge University Press, 2003.
- AGHA, A. **Voice, Footing, Enregisterment**. *Journal of Linguistic Anthropology*, 15(1), 38–59. 2005. DOI: 10.1525/jlin.2005.15.1.38
- AGUILAR, L. La entonación. IN: ALCOBA, S. **La expresión oral**. Barcelona: Ariel, 2000, p. 115-141.
- ALMEIDA, M. V. **Gênero, masculinidade e poder**: Revendo um caso do Sul de Portugal. In Anuário Antropológico 95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1996.
- ALVES, J. E. D. **Gênero e linguagem na cultura brasileira**: elementos para reflexão sobre uma diferença. IN: LOYOLA, M. A. (org.). *Bioética: reprodução e gênero na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro/Brasília: Letras Livres, 2005. p. 233-256.
- BADINTER, E. **XY; sobre a identidade masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BATTISTI, E; OLIVEIRA, S. G. . Significados sociais do ingliding de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre. **Revista Todas as Letras** (MACKENZIE. Online), v. 18, p. 14-29, 2016.
- BARBUIO, E. **Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, 2016.
- BARCELLOS, M. E. M. **O falar paulist[ɐ:]no e os significados sociais de (AN): correlações entre origem do ouvinte e percepção**. 147f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - FFLCH, USP, 2020.
- BASSI, A.; SEARA, I. C. A produção das fricativas alveolar, ápico-alveolar e palato-alveolar em coda silábica no PB e no PE. **Letras de Hoje**, v. 52, n. 1, p. 77, 2017.
- BEHLAU, M. **Voz, o livro do especialista**. vol. I. Rio de Janeiro. Editora Revinter. 2001
- BENOR, S. B. Ethnolinguistic repertoire: Shifting the analytic focus in language and ethnicity. **Journal of Sociolinguistics**, 14: 159-183. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2010.00440.x>. 2010.
- BERLINCK, R. A.; BRANDAO, S. M. ; SENE, M. G. Desafios e caminhos na compreensão da variação sintática: design de um teste de percepção. In: Cristina

dos Santos Carvalho; Norma da Silva Lopes; Angélica Rodrigues. (Org.). **Sociolinguística e Funcionalismo: vertentes e interfaces**. 1ed.Salvador: EDUNEB, 2020, v. , p. 23-52.

BERNAARDS, C. A.; JENNRICH, R. I. Gradient Projection Algorithms and Software for Arbitrary Rotation Criteria in Factor Analysis. **Educational and Psychological Measurement**, 65(5), 676–696. 2005 DOI: <https://doi.org/10.1177/0013164404272507>

BEKKER, I.; LEVON, E. 2017. The embedded indexical value of /s/-fronting in Afrikaans and South African English. **Linguistics**, 55(5):1109-1139. [<https://doi.org/10.1515/ling-2017-0022>]

BENNARDO, G.; MUNCK, V. C. **Cultural models: genesis, methods, and experiences**. New York: Oxford University Press, 2014.

BIASIBETTI, A. P. C. S. **Produção e percepção das fricativas sibilantes em porto alegre/rs e florianópolis/sc**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2018.

BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 23, p. 83-101, 1992

BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer, versão 5.4.18. Amsterdam: University of Amsterdam, 2015. Software.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 43, p. 441–473, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645172> . Acesso em: 28 abr. 2022.

BOTTON, A; STREY, M. N.; ROMANI, P. F.; PALMA, Y. A. “Sexo/sexismo”. In: COLLING, A. M.; TEDESCHI, L. A. (orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Mato Grosso do Sul: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 666-669.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 2.ed. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

BRADAC, J. J.; CARGILE, A. C.; HALLETT, J. S. (2001). Language attitudes: Retrospect, conspect and prospect. In W. P. Robinson & H. Giles (eds.), *The new handbook of language and social psychology*. New York: John Wiley & Sons. 137–155

BROWN, M. et al. *Pitch change in male-to-female transsexuals: Has phonosurgery a role to play?* **International Journal of Language and Communication Disorders**, v. 35, n. 1, p. 129–136, 2000.

- BRYER, J.; SPEERSCHNEIDER, K. **Likert**: Analysis and visualization likert items. 2016. Retrieved from <https://CRAN.R-project.org/package=likert>
- BUCHOLTZ, M. The Whiteness of Nerds: Superstandard English and Racial Markedness. **Journal of Linguistic Anthropology** 11(1): 84–10. 2001.
- BUCHOLTZ, M. Why be normal? Language and identity practices in a community of nerd girls. **Language in Society** 28, 203–223. 2010.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Theorizing identity in language and sexuality research. **Language in Society**, 33, 469–515. 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0047404504334020>
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003 [1990]
- CAGLIARI, L. C. **Prosódia: Algumas Funções dos Supra-segmentos**. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v.23, p 137-151, 1992
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CAGLIARI, L. C. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CAGLIARI, L. C. ; MASSINI-CAGLIARI, G. O papel da tessitura dentro da prosódia portuguesa. In: Castro, Ivo; Duarte, Inês. (Org.). **Razões e emoção: Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus**. 1ed.Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003, v. 1, p. 67-85.
- CANEVER, F. **Infinitivo flexionado em português brasileiro: Frequência e percepções sociolinguísticas**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2017.
- CHAPPELL, W. On the social perception of intervocalic /s/ voicing in Costa Rican Spanish. **Language Variation and Change**, 28(3), 2016. p. 357-378.
- CAMERON, D; KULICK, D. **Language and Sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.
- CAMERON, D. Performing Gender Identity: Young Men’s Talk and the Construction of Heterosexual Masculinity“. IN: S. Johnson and U. Meinhof (eds) **Language and Masculinity**, Oxford: Blackwell.1997 pp. 270-284
- CAMPBELL-KIBLER, K. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ING)**. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006.

- CAMPBELL-KIBLER, K. The Nature of Sociolinguistic Perception. **Language Variation and Change**, Cambridge, v. 21, p. 135-156, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954394509000052>
- CAMPBELL-KIBLER, K. The sociolinguistic variant as a carrier of social meaning. **Language Variation and Change**, v. 22, n. 3, p. 423–441, 2010a.
- CAMPBELL-KIBLER, K. New Directions in Sociolinguistic Cognition. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 31–39, 2010b.
- CAMPBELL-KIBLER, K. Intersecting Variables and Perceived Sexual Orientation in Men. **American Speech**, v. 86, n. 1, p. 52–68, 2011.
- CARRARA, S. L.; HEILBORN, M. L.; ROHDEN, F; ARAÚJO, L; BARRETO, A. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. **Caderno de atividades**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009. 226 p
- CARGILL, A.C.; GIIES, H.; RYAN, E. R.; RADAC, J. J. Language attitudes as a social process: a conceptual model and new directions. **Language & Communicatton**, 14, 211-236. 1994
- CLEARY, M.; PISONI, D. B. Speech Perception and Spoken Word Recognition: Research and Theory. In: GOLDSTEIN, B. E. (ed.) **Blackwell Handbook of Sensation and Perception**. Oxford: Blackwell Publishing, 2001, p. 499-534.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**: Knowledge, power and social change. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press. 1995.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, 2013.
- CÓRDULA, M. S. M. **Entoação e sentidos**: análise fonético-fonológica dos padrões entoacionais do português brasileiro e do inglês norte-americano no filme Shrek (2001). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.
- COSTA, R. G. De clonagens e de paternidades: As encruzilhadas do gênero. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. Campinas - SP: **Cadernos Pagu** (11) 1998.
- CRENSHAW, K. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex**: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum 1989: 139–68.
- CRENSHAW, K. **Mapping the Margins**: Intersectionality, Identity Politics and

Violence against Women of Color. *Stanford Law Review* 43: 1241–99. 1991.

CRIST, S. Duration of onset consonants in gay male stereotyped speech. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 4, n. 3, p. 53–70, 1997.

DRAGER, K. Experimental Methods in Sociolinguistics. IN: JANET HOLMES, K. H. (Ed.). . **Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide**. [s.l.] Wiley-Blackwell, 2014. p. 352.

ECKERT, P. **Variation , meaning , and social change**. Annual Meeting of the Linguistic Society of America. 2005

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, 2008.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. n. June, p. 87–100, 2012.

ECKERT, P. Variation, meaning and social change. IN: **Sociolinguistics: Theoretical debates**, ed. by Nikolas Coupland, 68–85. Cambridge: Cambridge University Press. 2016.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. New generalizations and explanations in language and gender research. **Language in Society**, v. 28, n. 2, p. 185–201, 1999.

FELTES, H. P. de M. Modelos Culturais: teoria, estudos e métodos. **Linguagem em (Dis)curso** , Tubarão, SC, v. 18, n. 1, pp. 193-213, jan./abr. 2018

FOULKES, P., DOCHERTY, G. (Eds.). *Urban Voices: Accent Studies in the British Isles*. Edward Arnold. 1999.

FREITAG, R. M. K. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. IN: EDALDO GORSKI, I. E, COELHO, A. S. (Ed.). . **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2014. p. 125–141.

FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. IN: **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. [s.l.: s.n.]. p. 17–74.

FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v. 58, n. 3, p. 445, 2016.

FREITAG, R. M. K. **Documentação sociolinguística: Coleta de Dados e Ética em Pesquisa**. Sergipe: EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2017.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Revista Alfa**, v. 56, n. 3, p. 917–944, 2012.

FRY, P. “Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”. IN: FRY, P. **Para Inglês Ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, pp. 87 -115.

GARRETT, P.; COUPLAND, N.; WILLIAMS, A. **Investigating Language Attitudes**. Cambridge: University of Wales Press, 2003.

GAUDIO, R. P. Sounding Gay: *Pitch* Properties in the Speech of Gay and Straight Men. **American Speech**, v. 69, n. 1, p. 30, 1994.

GAL, S. Sociolinguistic differentiation. IN: COUPLAND, Nikolas (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p.113-135.

GAL, S, IRVINE, J. T. **Signs of difference: language and ideology in social life**. Cambridge: Cambridge University Press. 2019. 319 pp.

GELFER, M. P.; SCHOFIELD, K. J. Comparison of acoustic and perceptual measures of voice in male-to- female transsexuals perceived as female versus those perceived as male. **Journal of Voice**, v. 14, n. 1, p. 22–33, 2000.

GILES, H. and BILLINGS, A. **Assessing language attitudes: Speaker evaluation studies**. IN: Davies, A.; Elder, C. *The Handbook of Applied Linguistics*. Oxford: Wiley. 2004.

GILES, H.; COUPLAND, N.; HENWOOD, K.; HARRIMAN, J.; COUPLAND, J. The social meaning of RP: An intergenerational perspective. IN: S. Ramgaran (ed.), **Studies in the pronunciation of English: A commemorative volume in honor of A. C. Gimson**. New York: Routledge. 191–211. 1990.

GROSSI, M. **Gênero, violência e sofrimento**. Cadernos Primeira Mão. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 1995.

HAY, J.; DRAGER, K.; WARREN, P. Short-term exposure to one dialect affects processing of another. **Language and Speech**, v. 53, n. 4, p. 447–471, 2010.

HAIR, Jr., J.; F., BLACK. W. C.,; BABIN., B. J., ANDERSON., R. E., & L.TATHAM., R. *Multivariate Data Analysis*. New Jersey: Pearson International Edition. 2006.

HEFFERNAN, K. Evidence from HNR that /s/ is a social marker of gender. **Toronto Working Papers in Linguistics**, v. 23, p. 71–84, 2004.

IRVINE J.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In:

KROSKRITY, P. (Org.). **Regimes of Language: Ideologies, politics, and identities**. Santa Fe: American Research Press, 2000. p. 35-84

IRVINE, J. T. Style as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. IN: Eckert, P. & Rickford, J. (eds.) **Style and sociolinguistic variation**, 21-43. Cambridge: Cambridge University Press. 2001.

JACOBS, G., SMYTH, R., ROGERS, H. (2000). Language and sexuality: Searching for the phonetic correlates of gay- and straight-sounding male voices. **Toronto Working Papers in Linguistics**, 18. 2000. Retrieved from <https://twpl.library.utoronto.ca/index.php/twpl/article/view/6250>

JEKOSCH, U. **Voice and Speech Quality Perception**. Assessment and Evaluation. New York: Spring, 2005.

JIMENEZ, A. L.; HARDY, E. Masculinidad y Género. **Revista Cubana Salud Pública**. v.27 n.2 Ciudad de La Habana jul.-dic. 2001. http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-34662001000200001.

JOHNSTONE, B. Pittsburghese shirts: Commodification and the enregisterment of an urban dialect. **American Speech**, 84(2), 157–175. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1215/00031283-2009-01>

KENT, R. D.; READ, C. **Análise Acústica da Fala**. São Paulo – SP: Editora Cortez, 2015. Tradução de Alexsandro Meireles. 2015.

KIESLING, S. F. Prestige, Cultural Models, and Other Ways of Talking About Underlying Norms and Gender. **The Handbook of Language and Gender**, p. 509–527, 2008.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working papers in sociolinguistics**, v. 44, p. 1–17, 1978.

LABOV, W. **Language in the inner city: studies in the black English vernacular**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1975.

LABOV, W. Phonological change. In: *Linguistics: the Cambridge survey*. Frederick Newmeyer (Ed). **Cambridge**: University Press, 1993.

LABOV, W. Review of Penelope Eckert, *Linguistic Variation as Social Practice*. **Language in Society**, 31: 277–284. 2002.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York**. 3. ed. [s.l.] Cambridge University Press, 2006. v. 3

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**, São Paulo, Parábola. 2008 [1972].

- LABOV, W. et al. Properties of the sociolinguistic monitor. **Journal of Sociolinguistics**, v. 15, n. 4, p. 431–463, 2011.
- LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. **A Course in Phonetics, Sixth Edition**. Canada: Wadsworth Publishing (CENGAGE Learning), 2011.
- LAMBERT, W. E.; HODGSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 60, n. 1, p. 44–51, 1960.
- LE, S; JOSSE, J; HUSSON, F. FactoMineR: An R package for multivariate analysis. *Journal of Statistical Software*, University of California, Los Angeles, 2008, 25 (1), pp.1-18. (hal-00359835)
- LEVON, E. Hearing “gay”: Prosody, interpretation, and the affective judgments of men’s speech. **American Speech**, v. 81, n. 1, p. 56–78, 2006.
- LEVON, E. Sexuality in context : Variation and the sociolinguistic. **Language in Society**, v. 36, n. 4, p. 533–554, 2007.
- LEVON, E. **Language and the politics of sexuality - lesbians and gays in Israel**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- LEVON, E. Teasing apart to birght together: gender and sexuality in variationist research. **American Speech**, Vol. 86, No. 1, Spring 2011. DOI: 10.1215/00031283-1277519
- LEVON, E. Integrating Intersectionality in Language, Gender, and Sexuality Research. *Language and Linguistics Compass*, 9, 295– 308. 2015. DOI: [10.1111/lnc3.12147](https://doi.org/10.1111/lnc3.12147).
- LEVON, R.; MENDES, R. M. (eds.), **Language, sexuality, and power: Studies in intersectional sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- LINVILLE, S. E. Acoustic correlates of perceived versus actual sexual orientation in men’s speech. **Folia Phoniatica et Logopaedica**, v. 50, n. 1, p. 35–48, 1998.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACK, S. Perception and identity: stereotypes of speech and sexual orientation in Puerto Rican Spanish, in **Selected proceedings of the 12th hispanic linguistics symposium**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2010a pp. 136–147.
- MACK, S. A sociophonetic analysis of perception of sexual orientation in Puerto Rican Spanish, **Laboratory phonology**, 1(1), pp. 41–63. 2010b

MACK, S.; MUNSON, B. The influence of /s/ quality on ratings of men's sexual orientation: Explicit and implicit measures of the "gay lisp" stereotype. **Journal of Phonetics**, v. 40, n. 1, p. 198–212, 2012.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Christina. (Org.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. 1ed.São Paulo: Cortez, 2001, v. 1, p. 105-146.

McDONOUGH, K.; TROFIMOVICH, P. **Using priming methods in second language research**. Routledge, 2008.

McELHINNY, B. Theorizing Gender in Sociolinguistics and Linguistic Anthropology. IN: **The Handbook of Language, Gender, and Sexuality** (eds S. Ehrlich, M. Meyerhoff and J. Holmes). 2014. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781118584248.ch2>

MALHOTRA, N. K. Pesquisa de marketing. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MELO, M. A. S. L.; GOMES, C. A. Percepção da variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro: acessando o significado social da variante fricativa posterior. In: VIEIRA, M. S. M.; WIEDEMER, M. L. (Org.). **Dimensões e Experiências em Sociolinguística**. 1ed.São Paulo: Blucher, v. 1, p. 129-148. 2019.

MENDES, R. B. What is 'gay speech' in São Paulo, Brazil. In: Santaemilia J, et al. **International Perspectives on Gender and Language**. Universitat de València; 2007.

MENDES, R. B. Diminutivos como Marcadores de Sexo / Gênero. **Revista Linguística**, v. 8, n. 1, p. 113–124, 2011.

MENDES, R. B. **Projeto SP2010: Amostra da fala paulistana**. Disponível em <<http://projetsp2010.fflch.usp.br>>. 2013. Acesso em 20/06/2022.

MENDES, R. B. 'Diminutives and masculinity in Brazilian portuguese', IN: Milani, T. (ed) **Language and masculinities: performances, intersections, dislocations**, vol. 7. Abingdon: Routledge, p. 117. 2015a

MENDES, R. B. 'Nonstandard plural noun phrase agreement as an index of masculinity', IN: Levon, E. and Mendes, R. B. (eds) **Language, sexuality, and power: studies in intersectional sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, pp. 105–130. 2015b

MENDES, R. B. 'Diphthongized (en) and the indexation of femininity and paulistanity', **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 58(3), pp. 425–444. 2016.

MENDES, R. B. **Percepção e performance de masculinidades: efeitos da**

concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal. Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, 2018.

MENDES, R. B. New Ways of Analyzing Sociolinguistic Perception / Novas maneiras de analisar a percepção sociolinguística. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, v. 27, p. 1581-1590, 2019.

MENDES, R. B.. (CN) e (EN) em percepções de competência, gênero e paulistanidade. In: Claudia Brescancini, Valéria Neto de Oliveira Monareto. (Org.). **Sociolinguística no Brasil: textos selecionados**. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020, v. 1, p. 1-25

MUNSON, B. The acoustic correlates of perceived masculinity, perceived femininity, and perceived sexual orientation. **Language and Speech**, v. 50, n. 1, p. 125–142, 2007.

MUNSON, B.; McDONALD, E. C.; DEBOE, N. L.; WHITE, A. R. The acoustic and perceptual bases of judgments of women and men's sexual orientation from read speech. *Journal of Phonetics*, London, v.34, n.2, p.202-240, 2006.

MUNSON, B.; JEFFERSON, S. V.; MCDONALD, E. C. The influence of perceived sexual orientation on fricative identification. **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 119, n. 4, p. 2427–2437, 2006.

OCHS, E. Indexing Gender. IN: Duranti, A. Goodwin, C. **Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press. p. 335-358. 1992.

OCHS, E. Linguistic Resources for Socializing Humanity. In J. Gumperz, & S. Levinson (Eds.), **Rethinking Linguistic Relativity** (pp. 407-437). Cambridge: Cambridge University Press. 1996.

OLIVEIRA, F. R. M. DE. **Análise acústica de fricativas e africadas produzidas por japoneses aprendizes de português brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2011.

OUSHIRO, L. Introdução à Estatística para Linguistas. Zenodo. 2017. Disponível em <<http://doi.org/10.5281/zenodo.822070>>.

OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

OUSHIRO, L. A computational approach for modeling the indexical field / Uma abordagem computacional para a modelagem de campos indexicais. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, v. 27, p. 1737-1786, 2019.

OSGOOD, C. E., SUCI, G. I., TANNENBAUM, P. H. **The Measurement of**

- meaning.** Illinois: University of Illinois Press, 1957.
- PATIL, I. Visualizations with statistical details: The 'ggstatsplot' approach. *Journal of Open Source Software*, 6(61), 3167, 2018. DOI :10.21105/joss.03167
- PEAR, T. **Voice and Personality.** Wiley, London. 1931.
- PEIRCE, C.S. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PINTO, L. G. "O que que nós vai fazê cuiisso?": Um estudo sobre alternância pronominal e significados sociais em Muzambinho-MG e em Cabo Verde-MG. Araraquara, 2022 159 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.
- PHARAO, N. et al. Indexical meanings of [s+] among Copenhagen youth: Social perception of a phonetic variant in different prosodic contexts. **Language in Society**, v. 43, n. 1, p. 1–31, 2014.
- PHILIPS, S.; STEELE, S.; TANZ, C. (Eds.). *Language, Gender and Sex in Comparative Perspective.* Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- PODESVA, R. On constructing social meaning with stop release bursts. **Paper presented at Sociolinguistics Symposium 15**, Newcastle upon Tyne, UK. 2004.
- PODESVA, R. J. Intonational variation and social meaning: Categorical and phonetic aspects. **Penn Working Papers in Linguistics (Selected Papers from New Ways of Analyzing Variation 34)**, v. 12, n. 2, p. 189–202, 2006.
- PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. **Journal of Sociolinguistics**, 11, 478-504. 2007a.
- PODESVA, R. Three sources of stylistic meaning. Washington D.C.: Georgetown University. 2007b
- PODESVA, R. J. Salience and the social meaning of declarative contours: Three case studies of gay professionals. **Journal of English Linguistics**, v. 39, n. 3, p. 233–264, 2011.
- PODESVA, R. J.; REYNOLDS, J.; CALLIER, P.; BAPTISTE, J. Constraints on the social meaning of released /t/: A production and perception study of U.S. politicians. **Language Variation and Change**, v. 27, n. 1, p. 59–87, 2015.
- PODESVA, R. J.; ROBERTS, S. J.; CAMPBELL-KIBLER, K. Sharing resources and indexing meanings in the production of gay styles. In: **Language and Sexuality: Contesting Meaning in Theory and Practice.** [s.l.] Center for the Study of Language and Information Publica Tion, 2002. p. 175–189.
- PIERREHUMBERT, J. B., BENT, T., MUSON, B., BRADLOW, A. R., BAILEY, M.

J. The influence of sexual orientation on vowel production. **Journal of the Acoustical Society of America** 116, p.1905–1908. 2004.

PRESTON, D. R. **Perceptual Dialectology, Nonlinguists' Views of Areal Linguistics**. Dordrecht/ Providence: Foris Publications. 1989.

RACZ, P, PAPP, V. Percepts of hungarian pitch-shifted male speech', in Levon, E. and Mendes, R. B. (eds) **Language, sexuality, and power: studies in intersectional sociolinguistics**, vol. 151. Oxford: Oxford University Press. 2015.

REVELLE, W. Package Psych V1.8.12: Procedures for Psychological, Psychometric, and Personality Research. Evanston, IL: Northwestern University. v.1.8.12. 2019

R Core Team . **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. 2021.

ROGERS, H.; SMYTH, R. Phonetic differences between gay- and straight – sounding male speakers of North American English. In: **INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES**, 15., Barcelona, Proceedings [...], Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2003. p.1855-1858

SALLES, A. C. T. da C; CECCARELLI, P. R. **A invenção da sexualidade**. Reverso [online]. vol.32, n.60, pp. 15-24. ISSN 0102-7395. 2010.

SANTOS, W. S. DOS. **Percepções Sociolinguística acerca da variação subjuntivo/indicativo em São Luis e São Paulo**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2020.

SHARMA, D. Style repertoire and social change in British Asian English. **Journal of Sociolinguistics** 15(4):464–92. 2011.

SILVA JR, L. **F0 Parameters Extractor** [version.0.02] Script for Praat, 2020.

SILVERSTEIN, M. Metapragmatic function and metapragmatic discourse. In: LUCY, J. A. (Ed.). **Reflexive language, reported speech and metapragmatics**. Cambridge: CUP, p. 33-58. 1993.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, n. 23, p. 193-229. 2003.

SILVERSTEIN, M. Pragmatic Indexing. In: Jacob L. Mey (ed.): **Concise Encyclopedia of Pragmatics**. 2nd ed. Amsterdam et al.: Elsevier, pp. 756–759. 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 1–29, 2007.

SEFFNER, F. Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar? **Teoria e Prática da Educação**, v. 17, n. 2, p. 67–81, 2014.

SENE, M. G. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. **Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura**, v. 21, n. 1, p. 304–323, 2019a.

SENE, M. G.. **Vozes masculinas: percepção, gênero e sexualidade**. In: Pesquisas em Linguagem: diálogos com a contemporaneidade, 2019, São José do Rio Preto. Pesquisas em Linguagem: diálogos com a contemporaneidade. São José do Rio Preto: UNESP, 2019b. v. 1. p. 75-75.

SENE, M. G. **Design de um experimento sociolinguístico sobre percepção de sexualidade e gênero**. In: I Fórum Internacional em Sociolinguística, 2019, Rio de Janeiro. I Fórum Internacional em Sociolinguística: Descrição, Teoria, Metodologia e Ensino. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019c. v. 1. p. 62-62.

SENE, M. G.. **O pitch médio e a indexação de gênero e sexualidade**. In: XII Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP, 2020, Araraquara. Diálogos entre a Linguística e a sociedade: perspectivas teóricas e práticas. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 2020. v. 1. p. 90-90.

SENE, M. G.. **Combinando variáveis na percepção sociolinguística de vozes masculinas**. In: XIII Seminário de Estudos Linguísticos da UNESP, 2021, São José do Rio Preto. Contribuições e desafios da ciência linguística em tempos de pandemia: reflexões e experiências, 2021. v. 1. p. 74-74

SNELL, J. From sociolinguistic variation to socially strategic stylisation, *Journal of Sociolinguistics*, 14(5), pp. 630–656. 2010. DOI: 10.1111/j.1467-9841.2010.00457.x.

SMYTH, R.; JACOBS, G.; ROGERS, H. Male voices and perceived sexual orientation: An experimental and theoretical approach. **Language in Society**, v. 32, n. 3, p. 329–350, 2003.

SMYTH, R.; ROGERS, H. Do gay-sounding men speak like women? **Toronto Working Papers in Linguistics**, v. 27, p. 129–144, 2008.

STUART-SMITH, J.; TIMMINS, C.; WRENCH, A. **Sex and gender differences in Glaswegian /s/**. Proceedings of the 15th International Congress of Phonetic Sciences. **Anais...**2003

SUMNER, M.; SAMUEL, A. G. The effect of experience on the perception and representation of dialect variants. **Journal of Memory and Language**, v. 60, n. 4, p. 487–501, 2009.

TRACY, E. C.; BAINTE SIERRA, A.; SANTARIANO, N. P. Judgments of self-

identified gay and heterosexual male speakers: Which phonemes are most saliente in determining sexual orientation? *Journal of Phonetics*, London, v.52, p.13-25, 2015.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. *Language in Society*, v. 1, n. 02, p. 179–195, 1972.

WALKER, A.; GARCÍA, C.; CORTÉS, Y.; CAMPBELL-KIBLER, K. Comparing social meanings across listener and speaker groups: the indexical field of Spanish /s/, *Language Variation and Change*, 26, pp. 169–189. 2014.

WARDHAUGH, R. **An Introduction to Sociolinguistics**. United Kindom: Blackwell. 2016.